UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS ESCOLA DE COMUNICAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

Mayka Castellano	
Sobre vencedores e fracassados: a cultura da autoajuda e o imaginár sucesso	io do

Tese de doutorado

RIO DE JANEIRO Março de 2014

Mayka Castellano

Sobre vencedores e fracassados: a cultura da autoajuda e o imaginário do sucesso

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte das exigências para obtenção do título de Doutor em Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. João Freire Filho

Rio de Janeiro Março de 2014

Sobre vencedores e fracassados: a cultura da autoajuda e o imaginário do sucesso

Mayka Castellano

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Comunicação e Cultura, sob a orientação do professor Doutor João Freire Filho.

Rio de Janeiro, 20 de março de 2014

Prof^o Dr^o João Freire Filho - Orientador
Doutor em Literatura Brasileira (PUC-Rio), ECO/UFRJ

Prof^o Dr^a Ana Paula Goulart Ribeiro
Doutora em Comunicação (UFRJ), ECO/UFRJ

Prof^o Dr^o Paulo Vaz
Doutor em Comunicação (UFRJ), ECO/UFRJ

Prof^a Dr^a Paula Sibilia Doutora em Comunicação (UFRJ) e em Saúde Coletiva (UERJ), UFF

Profo Dro Márcio Souza Gonçalves

Doutor em Comunicação (UFRJ), UERJ

Rio de Janeiro 2014

Aos meus avós, Italo e Norá, sempre.

Agradecimentos

À Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde concluí toda minha formação acadêmica, desde a graduação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação, que, em maior ou menor grau, contribuíram com a minha trajetória dentro desta Escola, especialmente o Prof. Paulo Vaz e a Prof. Ana Paula Goulart. E aos funcionários da Pós, sobretudo Jorgina e Thiago, sempre atenciosos e prestativos.

Ao meu orientador, Prof. João Freire Filho, por te acreditado em mim desde a graduação e me incentivado a sempre fazer o melhor possível. Pelos conhecimentos, pelas aulas, orientações, pelos conselhos, pelas "lições de vida que não têm preço" e pela amizade.

Aos integrantes do grupo de pesquisa capitaneado pelo Prof. João Freire, pelas leituras e contribuições. Especialmente a Julia Salgado, Henrique Mazetti e Ligia Lana.

Ao CNPq, pela ajuda financeira que permitiu a realização desta tese.

Aos amigos que conheci na UFRJ e que eu espero que me acompanhem por toda a vida: Larissa Grutes, Talitha Ferraz, Bruna Bakker, Danielle Brasiliense, Bruno Campanella, Sofia Zanforlin, Igor Sacramento, Marcelo Garson, Tatiana Galvão, Nina Quiroga e Fernanda Gomes, por tornarem esses anos todos mais divertidos.

À minha mãe, por ser a minha melhor amiga e a melhor mãe que alguém pode ter, por me apoiar nos momentos de desânimo e vibrar por mim a cada pequena conquista.

À minha família: Julio, Sérgio e Leo, por estarem sempre ao meu lado.

Ao meu amor, João Felipe, por tudo.

RESUMO

Esta tese analisa a articulação e a expansão do imaginário da vitória como um imperativo socialmente validado. A partir de um arsenal teórico formado por autores que se propuseram a pensar as transformações na moral contemporânea, avalio exemplares da literatura de autoajuda, principal materialização cultural do elogio ao sucesso. A fim de compreender os discursos que são mobilizados através desse gênero e que contribuem para a produção de subjetividade, sobretudo através das figuras do vencedor e do fracassado, privilegiei obras de duas épocas distintas. Do século XIX, foram escolhidas Ajude-se (Smiles, [1859], 2012) e Como alcançar o sucesso (Marden, [1896] 2011), precursoras do gênero. Já os representantes do bem-sucedido filão editorial contemporâneo, publicados a partir do final do século XX, são: A essência dos vencedores (Regina, 2010); Só é fracassado quem quer (Morgan, 1989); S.O.S. Sujeito ou sujeitado (Urban, 2010); Você é insubstituível: este livro revela a sua biografia (Cury, 2002); Marketing de B.A.T.O.M: atitudes que fazem da mulher uma vencedora (Sleiman, 2008) e Filho rico, filho vencedor (Kiyosaki e Lechter, 2001). As origens do imaginário da vitória são buscadas na formação da sociedade norte-americana, com suas específicas concepções, influenciadas pela ética puritana, relativas a trabalho e sucesso, e a mitos como o do self-made man. Examino, a partir daquela gênese, o contexto de surgimento dos primeiros exemplares da autoajuda, sua relação com a cultura terapêutica e com processos de individualização contemporâneos. Investigo, também, a recorrência de determinados conceitos como a autonomia e a responsabilidade, marcas indeléveis do ambiente cultural formado pelo avanço das práticas econômicas do neoliberalismo e suas respectivas concepções de sujeito. Por fim, busco entender de que forma as demandas contemporâneas a respeito da responsabilização dos indivíduos sobre suas próprias trajetórias ganham nuances significativas na autoajuda voltada especificamente para a criação dos filhos e para a mulher.

Palavras-chave: autoajuda; sucesso; vencedor; fracassado; subjetividade, individualismo.

ABSTRACT

This thesis examines the articulation and expansion of victory as a socially validated imperative. From a theoretical arsenal consisting of authors who have analized the changes in contemporary moral, I evaluate books of self-help, major cultural materialization of such imagery. In order to understand the discourses that are mobilized through this genre that contributes to the production of subjectivity in contemporary society, especially through the figures of the winner and the loser, I have chosen books from two different periods. From the nineteenth century, I have chosen Self Help (Smiles, [1859] 2012) and How to Succeed (Marden, [1896] 2011), precursors of the genre. The representatives of the successful contemporary editorial branch, that have been published since the late twentieth century, are: A essência dos vencedores (Regina, 2010); Só é fracassado quem quer (Morgan, 1989); S.O.S Sujeito ou sujeitado (Urban, 2010); Você é insubstituível: este livro revela a sua biografia (Cury, 2002); Marketing de B.A.T.O.M: atitudes que fazem da mulher uma vencedora (Sleiman, 2008) and Filho rico, filho vencedor (Kiyosaki e Lechter, 2001). The origins of the victory's imaginary are sought in the formation of the American society, with its specific conceptions, influenced by the Puritan ethic, connected with success and work, and myths such as the self-made man. I examine, from this genesis, the context of the first self-help books emergence, its relationship with the therapeutic culture and contemporary process of individualization. I also investigate the recurrence of certain concepts such as autonomy and responsibility, indelible marks of the cultural environment formed by the advance of neoliberalism, its economic practices and respective conceptions of subject. Finally, I seek to understand how the contemporary demands regarding the accountability of individuals about

their own trajectories have significant shades in self-help aimed specifically to raising children and counseling women.

Keywords: self-help, success, winner, loser, subjectivity, individualism.

SUMÁRIO

Introdução

Capítulo 1: A construção do imaginário da vitória — Winners e losers na cultura norte-americana

- 1.1 A ética protestante e a retórica do sucesso na formação da sociedade estadunidense: as diferenças para o caso brasileiro
 - 1.1.1 O self-made man e as histórias rags-to-riches
- 1.2 Meritocracia
- 1.3 Individualismo e moral contemporânea
 - 1.3.1 Da ética religiosa à moral indolor
 - 1.3.2 A ênfase no indivíduo

Capítulo 2: Cultura da autoajuda

- 2.1 As origens do gênero
 - 2.1.1 Self Help (Samuel Smiles, 1859)
 - 2.1.2 *Como alcançar o sucesso* (Orison Swett Marden, 1896)
- 2.2 Cultura terapêutica
 - 2.2.1 Cultura terapêutica no Brasil: Nova Era e desencantamento
- 2.3 O surto do aconselhamento na mídia

Capítulo 3: Produzindo vencedores e fracassados

- 3.1 A produção do vencedor (a subjetividade do sucesso)
 - 3.1.1 Responsabilidade e superação tomando as rédeas da própria vida
 - 3.1.2 Autoestima o sucesso é ser você mesmo
 - 3.1.3 Motivação e trabalho o sucesso é de quem faz!
- 3.2 A produção do fracassado (a subjetividade *loser*)
 - 3.2.1 Dependência e parasitismo social o fracasso é questão de escolha

Capítulo 4: Jovens vencedores, mulheres vencedoras

- 4.1 Juventude e sucesso
 - 4.1.1 Criando filhos vencedores
- 4.2 A mulher bem-sucedida
 - 4.2.1 Vencedora de batom: o lugar do feminino

Conclusão

Introdução

Parada em um engarrafamento na rua Barata Ribeiro, em Copacabana, avistei, na traseira de um ônibus, um anúncio do livro *O segredo*. Estávamos em meados de 2007, e, na época, o livro já despontava como o maior *best-seller* do segmento autoajuda. Sendo assim, não era uma grande surpresa vê-lo estampado em uma publicidade tão corriqueira, já que poucos meses antes ele fora considerado digno de figurar na capa da revista *Veja*, o semanário nacional de maior circulação¹. Aquela mensagem, no entanto, trazia um dado a mais. Não era apenas *O Segredo* que estava sendo oferecido, mas *O Segredo por Ana Maria Braga*. Em casa, resolvi pesquisar na Internet sobre a publicação. O que Ana Maria Braga poderia acrescentar a um livro suficientemente controverso?

A resposta logo foi encontrada. Além do apelo comercial que a apresentadora certamente possui, Ana Maria Braga havia "vencido um câncer", e isso já era qualificação suficiente para que ela pudesse ensinar os outros a vencerem na vida, "aplicando sempre a Lei da Atração", tal como consta na apresentação da obra. Mais do que uma justa preocupação com uma grave doença, a obsessão pela ideia de vencer um câncer é acompanhada, hoje, por uma simétrica fixação na própria concepção de vencer. Não se trata de encontrar a cura, sarar, melhorar, restabelecer-se...

O papel informativo que forrava a bandeja dos lanches no Mc Donald's em setembro de 2012 ratificava essa impressão. A temática do mês fazia referência à campanha Mc Dia Feliz,

¹ "Peça. Acredite. Receba. O maior fenômeno de auto-ajuda da história, 'O Segredo' revive crença no pensamento positivo". Ed. 2002, 04/04/07.

que tem como objetivo arrecadar dinheiro para o Instituto Ronald Mc Donald, que gerencia recursos para projetos que tenham como objetivos a cura e o tratamento do câncer infantojuvenil. No papel, intitulado "Um capítulo de muitas histórias felizes", quatorze pequenos quadrinhos exibiam casos de *sucesso* de quem se curou da doenca. Dos quatorze, dez utilizavam a expressão *vencer* no lugar de qualquer sinônimo para *curar*: "Quando descobriu o câncer aos 16 anos, Raíssa Oliveira Vitoreli preferiu lutar em vez de questionar. Venceu e encontrou respostas para outras questões. Segunda colocada no vestibular da Faculdade de Enfermagem do Hospital Israelita Albert Einstein, ganhou uma bolsa de estudos e mais uma vitória"; "Depois de vencer o câncer em 2007, Taís Bobato de Souza colecionou conquistas. Vice-campeã brasileira de natação paradesportiva, hoje ela tem 18 anos e é uma vencedora dentro e fora das piscinas"; "Pedrina Silva jogava no time de futebol de sua cidade, quando sentiu os primeiros sintomas do câncer que venceu com muita coragem e dedicação"; "Érica Zanetti teve a alegria de vencer o câncer aos 12 anos. Hoje, dois anos depois, sonha em se tornar médica e distribuir alegria para outras pessoas" e "Darlan Oliveira, 30 anos, é professor de matemática e biologia mas aos oito anos já dava aula de superação. Diagnosticado com câncer com essa idade, lutou por 12 anos, venceu e mostrou que é mestre em matéria de vencer desafios". O que parece estar em jogo aqui é o ubíquo conceito de superação e de busca pela vitória.

No site Submarino, dentro da categoria autoajuda, existem livros dedicados a "vencer" de tudo um pouco, de celulite à timidez, passando pelo medo, a osteoporose, o preconceito, a violência, o envelhecimento... Apesar de (ainda) não haver uma publicação dedicada à vitória sobre o fim inevitável, revistas nacionais se apressam em informar que, em breve, seremos imortais². No limite, podemos afirmar que a cultura contemporânea se esforça para transmitir a mensagem de que hoje são poucas as coisas sobre as quais os seres humanos não podem triunfar. Assim, o principal objetivo desta tese é analisar a forma através da qual o ambiente social em que estamos inseridos promove, por meio de diversos tipos de artefatos culturais e

² IstoÉ ed. 2207 29/02/12: "A caminho da imortalidade: por que a próxima geração irá viver pelo menos 150 anos – e as seguintes, ainda muito mais"; Superinteressante ed. 275, fevereiro de 2010: "Ele pode ser imortal – Em 50 anos, é possível que ninguém mais morra de velho. A ciência está preparando um arsenal de drogas e tecnologia que promete manter você vivo para sempre. E com o corpo que sempre quis". Galileu Ed. 216 - Jul de 2009: "A caminho da vida eterna. O inventor e futurista americano Ray Kurzweil defende que, graças à evolução tecnológica, nos tornaremos imortais a partir de 2045"; Istoé ed. 2073 05/08/09: "Viver 100 anos – estudo pioneiro aplica em crianças brasileiras os novos conceitos da medicina para aumentar a longevidade sem problemas de saúde"; Veja ed. 2221 15/06/11: "Longevidade - os donos do tempo: os suplementos, as dietas, os exercícios e os estilos de vida dos primeiros seres humanos que estão conseguindo retardar o relógio biológico".

pela legitimação de certos discursos em detrimento de outros, o imperativo da vitória e, paralelamente, referenda, utilizando alguns argumentos morais específicos, a classificação de indivíduos como vencedores e fracassados.

Essa delimitação, no entanto, foi sendo realizada apenas no decorrer do processo de pesquisa. A princípio, o tema da minha tese seria a cultura da autoajuda e o correlato "surto do aconselhamento" (Bauman, 1998: 222) que invadiu a mídia ao mesmo tempo em que esse filão editorial fincava raízes no Brasil, tornando-se o segmento de maior sucesso de vendas. A escolha por esse universo discursivo surgiu a partir da vontade de me aproximar da pesquisa desenvolvida pelo meu orientador.

Ao longo dos últimos oito anos, que envolveram a realização de minha monografia de final de curso de Graduação e o mestrado em Comunicação e Cultura nesta mesma Escola, estive sob orientação do professor João Freire Filho. A proximidade com suas pesquisas me permitiu entrar em contato com temas como a produção de subjetividade e a centralidade do consumo como mediação de muitas práticas, questões fundamentais de suas investigações relativas à juventude, e, mais recentemente, às transformações do popular na TV e à Felicidade como um novo "imperativo categórico". Nesta pesquisa, iniciada em 2009, ele analisa as decifrações midiáticas dos significados e caminhos da felicidade, especialmente a ênfase em conceitos como responsabilidade, autoestima e transformação individual, que traduzem valores e princípios fundamentais da governamentalidade neoliberal, temas que também servem de inspiração para as pesquisas desenvolvidas por seus demais orientandos.

Apesar de ainda figurarem como uma espécie de *macrotema* desta pesquisa, a autoajuda e o surto do aconselhamento como objeto de estudo se revelaram um plano demasiadamente ambicioso: de acordo com a Câmara Brasileira do Livro, no período de 1994 a 2002, o segmento de autoajuda cresceu mais de 700%, enquanto o mercado editorial brasileiro como um todo apresentou aumento de 35%. Só no ano de 2001, por exemplo, mais de 3,4 milhões de exemplares de autoajuda foram vendidos no país. A estimativa é que no ano de 2010, quando ingressei no doutorado, o número tenha girado em torno dos seis milhões. Uma grande livraria como a FNAC possui em seu acervo, à disposição dos leitores, um montante que supera a impressionante marca de cinquenta mil títulos de autoajuda³.

_

³ Informação retirada da reportagem "Nas asas da autoajuda", publicada na revista *Veja* (Ed. 2141 de 02 de dezembro de 2009). De acordo com o texto, quando chegou ao Brasil, no final dos anos 1990, a rede francesa de livrarias tinha em seu acervo cerca de 15 mil título de autoajuda, número que saltou para 50 mil uma década mais tarde.

A autoajuda é um gênero que comporta uma impressionante variedade de temas, que apresentam como característica comum o objetivo de aconselhar/guiar o leitor em suas práticas diárias e em suas relações consigo mesmo e com os outros. Isto é, são livros que fornecem dicas, manuais, reflexões que pretendem auxiliar os indivíduos a tomarem decisões e a pautarem seu comportamento, com o propósito de garantir um aprimoramento emocional, profissional, espiritual, intelectual, normalmente a partir da opinião abalizada de autoproclamados especialistas.

A importância desse segmento pode ser notada na atual separação proposta por jornais e revistas ao anunciarem as famosas listas de "mais vendidos". Com o propósito de evitar que os livros de aconselhamento dominem os rankings, eles criaram uma alternativa à tradicional separação entre ficção e não-ficção: a categoria "autoajuda e esoterismo". De acordo com uma matéria publicada na revista $Veja^4$ (que também estabeleceu essa "terceira via" em 1996), a estratégia não resolve totalmente a questão; o argumento se baseia na premissa de que a maior parte dos livros de ficção que alcançam grande popularidade flerta com o controverso gênero da autoajuda. Conforme a reportagem, tais histórias não se bastam como narrativas ficcionais, mas reivindicam o papel de aconselhar e consolar o leitor.

A alegação parece fazer sentido quando se olha com mais atenção o enredo dos livros que aparecem na lista desta mesma edição: *A Cabana* (2008), de Willians Young, *O vendedor de sonhos* (2009), de Augusto Cury, e *Perdas e ganhos* (2009), de Lya Luft. Estas publicações apresentam um viés muito conectado com os pressupostos de uma literatura voltada para o engrandecimento do leitor, sua "tomada de consciência", ou possuem, nitidamente, uma função motivacional. Não é coincidência que Cury e Luft possam ser vistos com frequência na lista relativa à autoajuda deliberada. Cury é um dos maiores vendedores do gênero no Brasil, com *best-sellers* como *Você é insubstituível* (2002), *Seja líder de si mesmo* (2004), *Revolucione sua qualidade de vida* (2002), *12 semanas para mudar uma vida* (2007), *O código da inteligência* (2008) dentre mais de três dezenas de títulos dedicados a questões como "qualidade de vida" e "inteligência emocional". No caso de Luft, apesar de a autora rejeitar de maneira veemente sua associação com a autoajuda, é na estante dedicada a este segmento que se encontram muitos de seus livros.

Se no mercado editorial o cenário que se desenha é o da impressionante expansão da autoajuda como geradora de "campeões de venda", na mídia, pode-se verificar um processo que

_

⁴ "Best-sellers divinos" (edição número 2081, de 08 de outubro de 2008).

Zygmunt Bauman (1998: 222) traduziu como um "surto do aconselhamento". Ou seja, a presença constante de *experts* dos mais variados tipos em programas de televisão, de rádio e em colunas específicas de jornais e revistas que incorporam, com peculiares adaptações, o tipo de linguagem propalada pelos livros. Os aspectos que aparecem como suscetíveis à intervenção variam de forma espetacular. De consultores de moda a médicos oncologistas, os peritos em múltiplos domínios da vida humana proliferam nos meios de comunicação e estabelecem diretrizes "confiáveis" para ajudar os sujeitos a se vestir, comer, educar os filhos, decorar a casa, cuidar da saúde, da beleza, da autoestima, da carreira, dos animais de estimação, a fazer amigos, economizar dinheiro, emagrecer, engordar e mais uma série de questões subjetivas, como tornar-se mais assertivo, responsável, corajoso, confiante, sexy, controlado, positivo, popular, proativo, ou menos ansioso, estressado, tímido, medroso, dependente, pessimista...

Tendo em vista a variedade de temas e a dimensão do universo da autoajuda, tornou-se evidente a necessidade de delimitação do escopo de minha pesquisa. Dessa forma, a opção pelo tema dos vencedores e fracassados surgiu a partir de um interesse pessoal por essa questão. Além da curiosidade pelo infindável espraiamento da necessidade de *vencer*, exemplificado pelo supracitado caso de Ana Maria Braga e sua doença, havia, também, de minha parte, uma disposição em avaliar algo que se desenhava no meu entorno cultural (e pessoal), mas que era de difícil demarcação em termos objetivos: a crescente influência, no Brasil, do discurso a respeito de uma figura marcante da cultura norte-americana: o *loser*.

Personagem clássica dos filmes de *high school* produzidos nos Estados Unidos, o *loser* é a representação de tudo que o americano médio aprendeu a abominar. Mais do que um perdedor, o *loser* é um fracassado no sentido mais amplo do termo, alguém que não goza de prestígio em nenhuma esfera da vida. Nos filmes, normalmente é destituído de relações sociais, julgado por sua inabilidade em vestir-se e comportar-se *adequadamente*. Já na vida real, onde se tornou uma das maiores ofensas que podem ser dirigidas a alguém, o termo possui forte relação com a condição financeira.

Se na ficção a presença dos *losers* serve perfeitamente à fórmula da cinderela, tão cara ao cinema hollywoodiano, em que alguém consegue a redenção final a partir de um processo de transformação, no mundo real, a salvação dos fracassados não parece ser tão simples. O fato é que, diante de uma massa de indivíduos insatisfeitos com a própria trajetória – e que não têm seu *turning-point* previsto em um roteiro –, surgiu uma poderosa indústria voltada

especialmente para auxiliá-los na busca pela tão sonhada vitória, e da qual a literatura de autoajuda é o ramo mais conspícuo.

Um dos principais pressupostos desta pesquisa é que o imaginário cultural do embate vencedor x fracassado é um dado recente na história do país, que sempre esteve muito mais ligado à figura do anti-herói do que ao típico *self-made man* norte-americano⁵. Essa ideia se aproxima dos caminhos buscados por João Freire Filho⁶ quando procura entender de que forma certas questões como o imperativo da felicidade e a ubiquidade da autoestima aportaram no Brasil, vindas dos Estados Unidos, e tiveram específicas adaptações ao nosso ambiente cultural. Enquanto naquele país um dos temas centrais das narrativas heroicas gira em torno da superioridade ontológica do indivíduo sobre o grupo social, no Brasil, ocorre o algo distinto: nosso herói é "antes de tudo um forte", ou seja, mais do que proatividade e atitude, seríamos marcados pela resistência. "Resistência calada e triste, como a do sertanejo e do Jeca Tatu, ou alegre e irreverente, como a do malandro e de Macunaíma" (Barbosa, 2003: 66).

Nossa sugestão é que a incorporação dessa noção na cultura brasileira se dá concomitantemente à adoção de um modelo de desenvolvimento capitalista próximo ao que marcou o crescimento da economia dos Estados Unidos, ou seja, fortemente baseado no consumo e cada vez mais impregnado pela mentalidade neoliberal e suas correlatas concepções de autonomia e responsabilidade individual.

Caminhos metodológicos

Com o campo de interesse delimitado, escolhi como objeto de pesquisa os livros de autoajuda que tivessem como principal propósito o aconselhamento do leitor no sentido da consecução de uma vida vitoriosa, ou que repelissem explicitamente comportamentos caracterizados como típico dos *fracassados*, o que muitas vezes se manifestava no próprio título das obras, em palavras-chave como "vencer", "vitória", "vencedor", "sucesso", "fracassado", "fracasso", "derrota" e suas múltiplas variações.

Durante as pesquisas preliminares, constatei a pequena quantidade de material teórico produzido no Brasil a respeito do assunto, apesar do expressivo êxito mercadológico desse tipo

⁵ Apesar de considerar o vocábulo *estadunidense* o mais adequado, ao longo do texto utilizarei diferentes termos para me referir aos Estados Unidos, com o intuito de tornar a leitura menos cansativa, dada a quantidade de vezes que tal referência aparecerá.

⁶ Refiro-me à sua pesquisa sobre Felicidade como um todo, e não especificamente a uma publicação.

de literatura e da impressionante influência que tal segmento apresenta nos mais variados veículos de mídia. À época da elaboração do projeto, realizei buscas no Google Acadêmico e em plataformas como o Banco de Teses e Dissertações da Capes que resultaram em pouquíssimas produções (nenhuma da área de Comunicação⁷). De acordo com Hazleden (2003), em publicações de língua inglesa, os livros de autoajuda também despertam pouco interesse, principalmente se levarmos em conta que, nesses países, o crescimento dos discursos psicologizantes já serve, há certo tempo, como objeto de significativa instigação acadêmica.

Da mesma forma, foi surpreendente constatar que a figura do *loser* não recebe a devida atenção nos estudos norte-americanos. O escasso material disponível sobre o tema é oriundo principalmente da área de pedagogia, e dá especial consideração à influência negativa de tal categorização no ambiente escolar e na proliferação da violência juvenil. Embora tenha realizado exaustivas buscas em banco de artigos e em sites como o *Amazon*, não encontrei nenhuma referência que trabalhasse o impacto dessa categoria específica na cultura midiática, o que parece ter sido eclipsado pela atenção dada a uma figura similar relativa ao universo juvenil, o *nerd*. A despeito da proximidade que existe entre *loser* e *nerd*, eles definitivamente não encerram o mesmo tipo de perspectiva, sobretudo recentemente, uma vez que a imagem do *nerd* vem passando por um processo de valorização, no contexto da cultura digital, o que já vem, inclusive, motivando pesquisas acadêmicas (Matos, 2012). Sendo assim, foi coerente perceber que tampouco no Brasil as imagens do fracassado e do seu antagonista, o vencedor, tenham sido dignas de investigações⁸. De forma correlata, também aqui, as poucas análises acerca do fracasso tratam, na verdade, do fracasso escolar, da repetência, e do impacto negativo desse tipo de insucesso na vida de jovens e crianças.

Quando comecei a elaborar meu projeto de doutorado, tive que lidar com o meu próprio incômodo diante deste tipo de literatura. Eu nunca havia lido um livro de autoajuda, mas, como boa parte das pessoas na mesma situação, já tinha uma opinião formada sobre o gênero. A análise dos primeiros foi bastante dificil, uma vez que o tipo de linguagem rasa e o conteúdo simplório privilegiados pelos autores eram um alvo fácil para uma apreciação carregada de preconceito. Se não posso dizer que a leitura se tornou em algum instante minimamente

.

⁷ No banco de teses e dissertações da Capes é evidente o destaque das áreas de psicologia e saúde nos estudos sobre o tema. A maioria dos trabalhos busca analisar a eficácia dos grupos de autoajuda no tratamento de uma série de doenças ou transtornos emocionais e psicológicos, de desemprego à obesidade, passando por câncer de mama, HIV e alcoolismo.

⁸ O artigo "O perfil dos vencedores em Veja", de Jose Luiz Aidar Prado (2003), foi a única referência brasileira encontrada que se dedicava especificamente ao tema.

prazerosa, certamente posso afirmar que a partir de certo momento me acostumei (não o suficiente para abandonar o necessário estranhamento) e consegui me concentrar na avaliação dos discursos que atravessavam aquelas obras, fato fundamental para a execução desta tese. Uma preocupação constante durante toda a realização desta pesquisa foi a concepção de que a despeito de ser um produto cultural de qualidade questionável, a autoajuda *importa*, principalmente porque através dela é possível enxergarmos significativas formulações da moral contemporânea.

Ao delimitar meu corpus empírico, optei pela seleção a partir do critério de "mais vendidos". Depois de descartar obras que tratavam de assuntos muito restritos (tais como "oratória de vencedor" e "vencedor nas vendas"), acabei adquirindo um total de 47 livros. A partir desta primeira seleção, cheguei ao número de 26 exemplares, listados nas fontes primárias da bibliografia. A leitura mais aprofundada dessa quantidade foi fundamental para o mapeamento deste subgênero, apesar de ter revelado quão diversificado ainda era esse grupo de livros. Ao final dessa fase da pesquisa, cheguei ao número final de oito livros, que foram analisados com maior profundidade. São eles: os dois clássicos do século XIX *Ajude-se* (Smiles, 2012) e *Como alcançar o sucesso* (Marden, 2011), e os contemporâneos *S.O.S Sujeito ou Sujeitado: definindo seu sucesso ou seu fracasso* (Urban, 2010); *Só é fracassado quem quer* (Morgan, 1989); *A essência dos vencedores* (Regina, 2010) e *Você é insubstituível: este livro revela a sua biografia* (Cury, 2002); *Filho rico, filho vencedor* (Kiyosaki, 2001) e *Marketing de Batom – Atitudes que fazem da mulher uma vencedora* (Sleiman, 2008).

Ao longo do texto, no entanto, inseri observações e comentários acerca de trechos específicos de outros livros quando julguei pertinente, como forma de enriquecer a análise e, principalmente, destacar a reincidência de certos discursos. Esses oito livros, portanto, servem como espinha dorsal da investigação, mas não foram as únicas obras avaliadas.

Um dos impasses que encontrei na delimitação do corpus foi a decisão sobre obedecer ou não a algum critério de seleção que levasse em conta a nacionalidade do livro. Depois de muitas deliberações, cheguei à conclusão de que esse fato não seria de extrema importância, uma vez que o objetivo desta tese não é analisar o circuito de produção nem o mercado dos livros de autoajuda e sim compreender um tipo específico de imaginário característico da atualidade e que comporta indistintamente produções de autores brasileiros e obras traduzidas.

⁹ Em alguns dos casos, precisei ir à ficha catalográfica e mesmo ao *Google* para descobrir a nacionalidade do autor, uma vez que essa informação não foi fornecida ao longo do livro. Tal fato demonstra uma abordagem de

Nesse sentido, todos os exemplares citados neste trabalho, a despeito de seus países de origem, estão disponíveis em língua portuguesa e possuem ampla circulação no Brasil.

Apesar de não constituírem o corpus empírico principal desta tese, também incluí como material de apoio matérias jornalísticas produzidas pela grande imprensa¹⁰ como forma de analisar as reverberações da autoajuda na mídia. A cultura da autoajuda extrapola o âmbito da literatura e por isso acredito ter sido importante utilizar esses diferentes discursos quando se dedicavam a tratar as temáticas abordadas pelos livros. Para chegar às matérias utilizadas, realizei uma pesquisa nos acervos destas publicações, utilizando como marco temporal o ano 2000, período de maior expansão da autoajuda no Brasil, e que também marca a chamada "guinada subjetivista" dos periódicos semanais¹¹.

Justificativas e Hipóteses

Além do objetivo geral de analisar a constituição do imaginário da vitória e a produção de subjetividade a partir da autoajuda, esta pesquisa levanta questões complementares que ajudam a alicerçar o quadro teórico de referência e a avaliar o corpus empírico. São elas: quais são os fatores socioculturais que favorecem a adesão aos discursos veiculados por esse tipo de produto cultural? Que versões de conceitos como autonomia e responsabilidade são acionados pelo discurso desses livros? Quais são as articulações e possíveis embates entre a construção do ideal de *self* como espaço de intervenção que permite o posterior "encontro" com o outro e o processo de individualização identificado por diversos pensadores da contemporaneidade? Quais são os traços de personalidade valorizados e desvalorizados por esse discurso? São características racionais, descritivas ou subjetivas, místicas? Existe algum sentido mais profundo na vitória, alguma dimensão ética, espiritual, ontológica, que justifique a ânsia pelo sucesso ou sobressaem-se questões materiais?

caráter supranacional, voltada para um público destacado antes por faixa de renda e interesse do que exatamente por laços compatriotas, o que será analisado com mais vagar ao longo da tese.

¹⁰ Refiro-me especificamente, aqui, às revistas Veja, IstoÉ, Época, Você S/A, Vencer e Exame, e aos jornais O Globo, Jornal do Brasil, Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, e a suas respectivas páginas na Internet.

¹¹ De acordo com Freire Filho (2011: 744): "A partir da virada do milênio, *Veja*, *Época* e *Istoé* elaboraram sucessivas matérias indicando ao leitor como gerenciar emoções, afetos, tempo e interações sociais, a fim de tornar-se mais equilibrado, autoconfiante, resiliente, produtivo, carismático... O caminho para a otimização do capital subjetivo é iluminado, em regra, por diagnósticos e conselhos dos 'engenheiros da alma' (Rose, 1999) – não só dos psicólogos (clínicos, sociais, educacionais, organizacionais), mas também de outros especialistas na 'criação de mentes calculáveis e de indivíduos administráveis' (Rose, 2008), como os profissionais de relações humanas."

Em suma, ao longo desta tese busco elucidar de que modo os valores difundidos pela autoajuda, tais como a responsabilidade individual, a liberdade de escolha, a independência afetiva e o autocontrole servem como práticas de governamentalidade na construção de homens e mulheres "responsáveis" e "livres". Nesse sentido, proponho uma reflexão, construída desde o primeiro capítulo, sobre em que medida o mito do *self-made man* norte-americano encontra um terreno fértil no Brasil, no momento de crescimento econômico verificado nos últimos anos, e sua relação com a questão do empreendedorismo. Em outras palavras, interessa-me analisar como os livros desse segmento e os produtos midiáticos que se inserem na mesma lógica incentivam — através do exercício do aconselhamento — o comprometimento com uma série de práticas de autorreflexão e autocontrole, que apresentam modelos válidos de indivíduos e estilos de vida

Parece-me evidente que o grande atrativo desse fenômeno como objeto de investigação acadêmica não reside na abordagem simplificadora de se julgar os méritos de tais produtos. Não figura entre os meus objetivos, tampouco, uma verificação da eficácia das diretrizes estipuladas por tais obras. Procuro, sim, analisar os tipos de subjetividade que são mobilizadas e os efeitos de poder associados aos padrões de comportamento estipulados como problemáticos e adequados na contemporaneidade.

Mais do que imputar a cada indivíduo a resolução de seus próprios problemas, a autoajuda indica questões ligadas ao *self* como causa para os mais distintos reveses da vida, o que serve, em última instância, a um processo de responsabilização dos sujeitos e diminuição da atribuição coletiva e política dos transtornos e aflições compartilhados socialmente. Atualmente, na vigência de um modelo neoliberal, é interessante que, cada vez mais, a responsabilidade sobre um enorme espectro de questões seja transferida para a esfera individual. Nesse sentido, creio que os valores promovidos pela literatura de autoajuda podem servir como um interessante sintoma da contemporaneidade. Trata-se, portanto, da criação de uma espécie de moralidade a partir da dinâmica circunscrita à vida privada.

Minha hipótese é que a autoajuda, dado o sucesso de público que vem alcançando, a recente aprovação que alcançou na grande mídia, e a imbricada relação que estabelece com algumas ciências, principalmente do campo psi, tem o poder de promover as noções de "indivíduo vencedor" e "indivíduo fracassado", ajudando a difundir atitudes e posicionamentos considerados característicos desses dois tipos. O vencedor seria aquele que "assume os riscos", "toma para si as rédeas de sua vida", "corre atrás dos seus sonhos", "busca sempre se superar",

e, o fracassado, aquele que imputa aos outros a responsabilidade por suas derrotas, prefere se "acomodar" na rede de proteção oferecida pelo Estado, que fica esperando as boas oportunidades aparecerem, que se contenta com pouco etc.

A noção de normalidade promovida pela autoajuda, dessa forma, aparece cada vez mais associada a uma vontade de superação, à busca por um "eu ideal", do que simplesmente a um desejo de "normalização". Acredito que um estudo sobre tal tipo de literatura pode trazer interessantes contribuições para a compreensão das formas de produção de subjetividade na contemporaneidade. Para possibilitar o entendimento da ascensão da autoajuda como um modo legitimado de produção de discursos a respeito de modelos de vida "desejáveis", no entanto, é de extrema importância a análise do contexto sociocultural que acompanha esse processo. Se não há consenso sobre a forma mais adequada de se referir a este momento específico, uma certeza parece dominar grande parte das análises feitas atualmente: estamos em uma etapa da modernidade marcada por importantes e sucessivas transformações, relativas, por exemplo, ao descrédito dos grandes esquemas que costumavam explicar (ou tentar explicar) o mundo e a sociedade (Lyotard, 2000). Um dos principais sintomas que surgem como efeito colateral dessas mudanças é a insegurança.

De acordo com Bauman, a insegurança pode ser entendida como resposta a um momento em que a solidez de instituições da modernidade é posta em xeque e sofre um processo de liquefação, metáfora dileta do sociólogo polonês. Perdidos em um mundo em que poucas coisas parecem dignas de confiança,

os homens e mulheres pós-modernos realmente precisam do alquimista que possa, ou sustente que possa, transformar a incerteza de base em preciosa auto-segurança, e a autoridade da aprovação (em nome do conhecimento superior ou do acesso à sabedoria fechado aos outros) é a pedra filosofal que os alquimistas se gabam de possuir. A pós-modernidade é a era dos especialistas em "identificar problemas", dos restauradores da personalidade, dos guias de casamento, dos autores de livros de "auto-afirmação": é a era do "surto de aconselhamento" (Bauman, 1998: 221-222).

Os autores de livros de autoajuda despontam, seguramente, como alguns dos mais notáveis "alquimistas pós-modernos". A função reivindicada pela maioria desses escritores é a de conduzir o leitor na busca por um projeto de vida coerente e bem-sucedido diante da profusão de ofertas disponíveis. Para Benilton Bezerra (2002: 233), essa "liberdade de

escolha" vivenciada pelas pessoas na contemporaneidade precisa ser acompanhada de um ambiente que possibilite um "sentimento de confiança mínimo", fornecido, por exemplo, pelos *experts*, responsáveis por estabelecer diretrizes que permitam ao indivíduo "exorcizar a incerteza que necessariamente o acompanha e a angústia que pode facilmente deixá-lo em pânico ou paralisado" devido à ausência do que antes era fornecido por uma ordem simbólica, que indicava "de modo claro e impositivo, as regras que governavam o certo e o errado, o possível e o impensável, o opcional e o obrigatório" (idem, 2010: 117). Uma das peculiaridades da autoajuda é reclamar para si a função de estabelecer práticas que permitam às pessoas realizar transformações nos mais variados domínios de suas vidas. Além das mudanças no campo da prática, o grande mote desses livros é estabelecer como fator fundamental de transformação a utilização dos recursos internos e a remodelagem da relação que estabelecemos com nossa subjetividade.

Quadro teórico de referência

Para analisar o processo que levou à transformação da identidade como área de escrutínio público e remodelação interna e à ascensão do *self* como lócus de intervenção, pano de fundo fundamental para o estudo da autoajuda, utilizo as contribuições desenvolvidas por autores como Zygmunt Bauman (1998, 2008, 2009), Charles Taylor (2005, 2009) e Nikolas Rose (1996, 1998, 1999).

A reboque, aparecem outras questões fundamentais para a compreensão de características significativas da contemporaneidade, tais como a questão da "cultura terapêutica", da tendência crescente de se psicologizar problemas de diferentes ordens, transferindo a culpa, e também as soluções, para os sujeitos, que devem desenvolver e aprimorar suas capacidades inatas, estudada por autores como Benilton Bezerra (2002, 2010), Frank Furedi (2004) e Dana Becker (2005) e o individualismo, tanto em suas origens como em suas versões contemporâneas, avaliado a partir dos trabalhos de Robert Bellah (1985, 1999), Louis Dumont (1993), Herbert Hoover (2004), Gilles Lipovetsky (2005, 2007) e Gilberto Velho (1987, 2002).

A crítica pós-estruturalista fornece, também, interessantes insumos para o desenvolvimento deste trabalho, principalmente no que se refere ao processo de desnaturalização dos aconselhamentos propostos pela autoajuda. Ou seja, as premissas

formuladas no âmbito deste tipo de produção editorial não são atemporais nem revelam padrões de comportamento que sempre foram encarados como válidos. Pelo contrário, creio que uma investigação adequada desse fenômeno pode trazer interessantes contribuições justamente para pensarmos traços peculiares da contemporaneidade.

A forma com que estão formulados os objetivos e hipóteses desta pesquisa evidencia a influência do pensamento de Michel Foucault (1988, 1995; 2001; 2006a, 2006b, 2006c) e de autores que se inserem nessa perspectiva, tais como Burchell, Gordon e Miller (1991), Frédéric Gros (2008) e Ian Hacking (2006, 2009). Ao analisar a literatura de autoajuda como foco de poder, entendo o conceito ligado à abordagem realizada pelo pensador francês, ou seja, como estimuladora de "mecanismos de poder", "relações de poder" e "efeitos de poder". Tal concepção evita a noção da autoajuda como impositora de formas determinadas de conduta, mas propõe que ela induz ao comprometimento com uma série de comportamentos através de um engajamento prazeroso e subjetivo com propostas ligadas ao engrandecimento pessoal. Nesse sentido, a ideia de "ação sobre a ação" (1995) formulada por Foucault aparece como uma noção fundamental para a compreensão da autoajuda como uma prática de "condução da conduta" e fomentadora de subjetividade, espécie de dimensão psíquica das ações de poder, pela forma com que age no sentido de nos constituir como sujeitos.

Alguns autores, sobretudo de países como Inglaterra e Estados Unidos, já vêm desenvolvendo estudos específicos sobre a literatura de autoajuda e seus desdobramentos na sociedade. Esse tipo de reflexão teórica também foi, obviamente, de grande valia para o desenvolvimento deste trabalho (Lisa Blackman, 2004; Rebecca Hazleden, 2003; Micki McGee, 2005; Toby Miller e Alec Mchoul, 1998; Heidi Marie Rimke, 2000).

Por fim, foi fundamental o acesso à produção acadêmica sobre temas correlatos que vem sendo desenvolvida por pesquisadores brasileiros da área de Comunicação, tais como José Luiz Aidar Prado (2003, 2009, 2011a, 2011b, 2013), Veneza Ronsini (2011a, 2012b, 2012), Francisco Rüdiger (1996), Paula Sibilia (2008, 2010) e Paulo Vaz (2010, 2012), além do diálogo permanente construído no ambiente do grupo de pesquisa do qual faço parte, sobretudo a partir da obra produzida pelo professor João Freire Filho (tais como Freire Filho, 2009a, 2009b, 2010a, 2010b, 2011, 2012, 2013).

Estrutura da tese

Esta tese está divida em quatro capítulos, além da introdução e da conclusão. No primeiro, apresento a gênese do imaginário ligado à vitória entendida como sucesso individual. Para isso, busco na história dos Estados Unidos a matriz do ideal de self-made man, mito fundador daquela sociedade (Catano, 2001, Nissley, 2003). Usando como base a clássica obra de Weber (1995), discuto a importância da religião na configuração de características definidoras de um tipo de personalidade bastante difundida no país e o surgimento de nocões que posteriormente chegariam a outras partes do mundo, através do espraiamento da cultura e do modo de vida americano e apresento um sucinto contraponto entre as características da formação das sociedades norte-americana e brasileira, com o apoio de autores que buscam entender as diferenças culturais entre os dois países (Souza, 1999; Moog, s/d), e também de clássicos estudos dedicados à compreensão dos traços distintivos da sociedade brasileira (Holanda, 1995; Ribeiro, 1995, Da Matta, 1978). A ideia fundamental deste tópico é mapear o que permitiu o pleno desenvolvimento dessa lógica do elogio ao sucesso individual nos Estados Unidos e o distinto cenário que se apresentava no Brasil, o que, mais adiante, vai nos ajudar a compreender as peculiaridades que marcam a chegada desse imaginário cultural ao país, principalmente com a difusão dos primeiros livros de autoajuda. É importante ressaltar, no entanto, que o quadro comparativo construído nesse capítulo é apenas uma síntese e não pretende, obviamente, contemplar todos os aspectos possíveis do assunto. Minha intenção foi apenas encaminhar a discussão sugerida pela tese, que engloba o tema do sucesso e do imaginário da vitória como realização pessoal.

Através de contos conhecidos como *rags-to-riches*, (Decker, 1997), algo como "dos trapos à riqueza", presentes na história dos Estados Unidos desde a época da colonização, discuto, ainda no capítulo 1, o ideal do homem que constrói sua própria trajetória, através da superação da realidade social e discorro sobre os conceitos de meritocracia e individualismo.

No segundo capítulo, começo apresentando as origens da literatura de autoajuda, a partir dos livros *Self Help*, de Samuel Smiles, lançado em 1859, na Inglaterra, e *How to succeed*, de Orison Sweet Marden, publicado pela primeira vez em 1896, nos Estados Unidos. Os dois clássicos da autoajuda ganharam recentemente uma publicação em língua portuguesa, pela editora Rai, de São Paulo (Smiles, 2012, Marden, 2011). Avalio, também, as noções de cultura terapêutica – principalmente a partir da obra de Frank Furedi (2004) – e identidade, analiso o contexto de ascensão do movimento Nova Era e sua conexão com a

instrumentalização da relação com o sagrado, além de propor uma análise da autoajuda no contexto da "autonomia assistida" (Ehrenberg, 1991).

No terceiro capítulo, examino a prática discursiva da autoajuda como incentivadora da distinção entre as noções de sujeitos vencedores e fracassados. Minha hipótese é que as subjetividades associadas às figuras do vencedor e do fracassado legitimadas hoje foram *produzidas* pelo imaginário do sucesso que serve como pano de fundo para esta pesquisa e aparece de forma mais clara nos livros de autoajuda. Assim, são esmiuçadas as características associadas à imagem do vencedor, tais como: autonomia, responsabilidade, atitude, trabalho, motivação, autoestima, independência e seus negativos correlatos, ligados ao fracassado.

No quarto e último capítulo, avalio de que forma tais demandas contemporâneas ganham traços distintivos quando voltadas especificamente para a mulher e para a criação dos filhos. Na primeira parte, analiso uma publicação que tem como público-alvo pais que desejam criar "filhos vencedores". Na segunda, o foco recai sobre a autoajuda voltada para as mulheres. Nesse item, investigo as representações do que tal literatura considera uma mulher vencedora, através de considerações a respeito da posição da mulher nos diversos âmbitos de sua vida

Capítulo 1 - A gênese do imaginário da vitória

Apesar da suposta ubiquidade percebida nos dias correntes, o *vencedor* é um personagem bastante novo no Brasil. Pelo menos se formos consultar os dicionários, é possível perceber que só existem referências para esse vocábulo como substantivo a partir da década de 1990. Até então, vencedor só era classificado como adjetivo, ou seja, só existiam registros para equipes vencedoras de uma competição, países vencedores de batalhas, cavalos vencedores de corridas, mas não para o vencedor como uma categoria que se encerra em si mesma. No Houaiss de 2006, o termo já é apresentado em suas duas aplicações. Como adjetivo, é definido como "que ou aquele que vence ou venceu; que ou aquele que triunfa, que comemora as honras da vitória" e os exemplos citados são "o time vencedor da copa" e "a torcida vencedora exultava". Já para a versão substantivada, a acepção dada é "indivíduo que conseguiu superar dificuldades, vencer na vida" e a aplicação em uma frase é ainda mais significativa: "começou a vida como engraxate e hoje é um vencedor". A própria definição fornecida por um dos mais respeitados dicionários da língua portuguesa corrobora o sentido atribuído à palavra pelo discurso da autoajuda ¹². É sintomática, nesse sentido, a associação entre vitória e ascensão social revelada pela contraposição entre o engraxate e o vencedor.

Na mesma linha, uma consulta ao dicionário online de Cambridge ¹³ demonstra acepções distintas do vocábulo *loser* na Inglaterra e nos Estados Unidos. Em inglês britânico, a definição proposta é "a person or team that does not win a game or competition", e o exemplo dado é "The losers of both games will play each other for third place." Já a versão norte-americana fornece a seguinte descrição "a person who is defeated, or someone who regularly fails", e a aplicação do termo deixa a diferença ainda mais clara: "When she found out she'd been accepted to the program because of her low scores, she felt like a loser."

Sentir-se como um perdedor, nos Estados Unidos, significa ir de encontro à principal imagem almejada pelos americanos, que ao longo de sua história acompanharam a formação mítica do vencedor, sujeito que constrói seu próprio caminho, e, independente do contexto social que o cerca, prospera. Parte dessa mitologia começou a ser moldada ainda na época da colonização inglesa e da formação da então incipiente sociedade norte-americana, em que desempenhou um papel decisivo a religião, como veremos a seguir.

¹² Na edição de 1999 do dicionário Aurélio, versão impressa, só existem menções a "vencedor" como adjetivo e o vocábulo "fracassado" sequer consta na obra.

¹³ http://dictionary.cambridge.org/dictionary. Consultado em 12/06/12.

1.1 — A ética protestante e a retórica do sucesso na formação da sociedade estadunidense: as diferenças para o caso brasileiro

Acredito poder enxergar todo o destino da América no primeiro puritano que desembarcou nessa costa (Tocqueville, [1835]1969: 279).

De acordo com uma pesquisa realizada pelo jornal *Folha de S. Paulo*¹⁴, os intelectuais brasileiros consideram *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, de Weber, publicado em 1920, o mais importante livro do século XX na categoria não-ficção. Essa informação confirma o argumento de Jessé Souza (1999: 17), segundo o qual o sociólogo alemão é, junto a Marx, a principal fonte de inspiração para a autocompreensão do Brasil¹⁵. Uma das obsessões dos intelectuais brasileiros, desde o início do século XX, pode ser definida como a tentativa de explicar o "atraso nacional" (Holanda, 1995; Moog, [s.d.]). Se nos últimos anos, sobretudo no período pós-governos FHC e Lula, alguns autores e parte da mídia apontam o começo da resolução de problemas históricos do país, durante mais de um século o debate girou em torno da questão: "por que o Brasil não dá certo?".

No período que se seguiu à nossa independência, boa parte da explicação para nossa dificuldade em avançar era imputada à herança lusitana. Com o passar do tempo, e aumento da influência dos Estados Unidos no cenário político e cultural, os pensadores da realidade brasileira adotaram como modelo para comparação este país, que, apesar de ter sido colonizado – em bases bastante distintas – quase um século depois do Brasil, conseguiu estabelecer um padrão de desenvolvimento muito diferente do nosso. Ao mesmo tempo em que tentavam entender o que impedia o Brasil de deslanchar, tais estudiosos procuravam compreender o que, paralelamente, impelia a nação americana a se tornar potência mundial e trilhar o caminho do progresso.

Desde o final do século XIX os Estados Unidos já despontavam como potência industrial, e suas instituições democráticas já granjeavam bastante prestígio internacional (Tocqueville, 1969). A consolidação de sua influência política, conseguida no período que sucedeu à Primeira Guerra Mundial, só fez aumentar o desconforto da intelectualidade brasileira. No entanto, a escolha desse país como nosso principal contraponto não se deu por acaso. De acordo com Jessé Souza, a escolha "deveu-se ao fato de a formação em si da

¹⁴ Folha de S. Paulo, caderno Mais!, 11 de abril de 1999.

¹⁵ De acordo com Luiz Werneck Vianna (apud Souza, 1999: 17), Weber é um dos autores mais citados em dissertações e teses defendidas no Brasil.

sociedade americana aproximar-se, como em nenhuma outra, da realização concreta do tipo abstrato de racionalismo ocidental no sentido weberiano" (1999: 32). Para Weber, o racionalismo seria um conceito abrangente, que "engloba peculiaridades das formações nacionais em favor da explicitação de traços mais básicos e heuristicamente mais significativos do que fronteiras nacionais", seria, portanto, um conceito supranacional (Idem).

Assim, as principais explanações que surgiram à época para elucidar o segredo norte-americano seguiram o caminho proposto por Weber em seu clássico *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. As bases religiosas de origem protestante encontradas naquele país formariam, assim, um terreno fértil para o desenvolvimento das práticas econômicas do capitalismo e fariam dos Estados Unidos "a nação por excelência do protestantismo ascético, onde esse pôde desenvolver-se livre de outras influências, quase que como um tipo puro" (Souza, 1999: 32).

Seguindo a lógica da explicação religiosa, por outro lado, no Brasil (e, por extensão, em toda América de colonização ibérica), a tradição católica impunha entraves à plena evolução das atividades capitalistas, como a dificuldade de superar a estrutura explicativa do mundo típica do encantamento, a valorização da hierarquia, a tendência ao assistencialismo, ao populismo, e mesmo a propensão à preguiça. A pouca disposição do brasileiro ao trabalho sempre foi apontada como um dos obstáculos ao nosso desenvolvimento, o que torna ainda mais interessante a recente classificação do nosso povo como dotado de espírito empreendedor, característica destacada pela própria presidente Dilma Rousseff, em seu discurso de posse 16.

É importante ressaltar, no entanto, que essa explanação claramente baseada no argumento de Weber só apareceu com mais força a partir da repercussão do livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, publicado originalmente em 1936 e bastante alinhado a pontos centrais da obra do sociólogo alemão. Até então, o paradigma racial – que enfatizava os

¹⁶ Trecho do discurso: "Mas, em um país com a complexidade do nosso, é preciso sempre querer mais, descobrir mais, inovar nos caminhos e buscar novas soluções. Só assim poderemos garantir, aos que melhoraram de vida, que eles podem alcançar mais; e provar, aos que ainda lutam para sair da miséria, que eles podem, com a ajuda do governo e de toda sociedade, mudar de patamar. Que podemos ser, de fato, uma das nações mais desenvolvidas e menos desiguais do mundo - um país de classe média sólida e *empreendedora*. (...) Para dar longevidade ao atual ciclo de crescimento é preciso garantir a estabilidade de preços e seguir eliminando as travas que ainda inibem o dinamismo de nossa economia, facilitando a produção e estimulando a *capacidade empreendedora de nosso povo*, da grande empresa até os pequenos negócios locais, do agronegócio à agricultura familiar". A íntegra do discurso pode ser lida em: http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2011/01/01/leia-integra-do-discurso-de-posse-de-dilma-rousseff-no-congresso. Consultado em: 10/08/12.

malefícios da miscigenação para a constituição genética e cultural do país – era fortemente acionado como raiz explicativa para nossa dificuldade de prosperar.

Um dos principais argumentos que corroboravam a importância da ética religiosa na predisposição ao sucesso estava baseado na forma com que o trabalho era encarado. Enquanto nos Estados Unidos a ascese puritana favorecia uma devoção ao trabalho, o Brasil herdara uma elite econômica que, mais do que direitos e deveres associados ao universo laboral, buscava a obtenção de privilégios. Dada uma relativa facilidade de ascensão social verificada no contexto do império português, a burguesia lusitana apresentava práticas e aspirações de nobreza, "à qual desejava equiparar-se, desfazendo os ensejos de formar uma mentalidade específica, a exemplo de outros países" (Cândido, 1995: 16).

A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios, os mesmos privilégios que tinham sido, no Velho Mundo, o alvo da luta da burguesia contra os aristocratas (Holanda, 1995: 160).

Assim, podemos afirmar que dentre as características da ética protestante, uma das mais associadas ao desenvolvimento do capitalismo é a vinculação que esta estabelece com o trabalho. E está nesse ponto uma das principais divergências possíveis de serem verificadas em relação à formação cultural de Brasil e Estados Unidos, e o que torna inteligível a explicação de por que naquele país a imagem do vencedor e a busca pelo sucesso estão presentes desde o início da história pós-colonização e por aqui este mesmo imaginário só viria a se manifestar séculos mais tarde.

O protestantismo que se estabeleceu nos Estados Unidos à época da colonização inglesa foi o de tipo puritano, caracterizado por um ascetismo que trazia como ponto fundamental um elevado grau de racionalização de diversos aspectos da vida. Para Weber (1999), teria sido esse ascetismo o responsável pela produção de trabalhadores que serviriam adequadamente à constituição de uma nova ordem social, através da execução de práticas econômicas alinhadas a uma orientação política específica.

Ao contrário da ascese monástica medieval, que significa uma fuga do mundo, temos aqui uma ascese intramundana que direciona toda a força psicológica dos prêmios religiosos para o estímulo do trabalho, segundo critérios de maior desempenho e eficiência possíveis. O elemento ascético age como inibidor do gozo dos frutos do trabalho, sendo o desempenho

compreendido como atributo da graça divina e um fim em si (Souza, 1999: 28).

A revolução protestante eleva a um fenômeno de massa uma concepção de personalidade racionalizada pela autodisciplina e pelo autocontrole que antes estava restrita ao ambiente dos monastérios através do que é analisado por Weber (1999) como um processo de "reificação da vida" em todas as dimensões. Para Charles Taylor (2005, 2010), esse movimento pode ser entendido como uma "afirmação da vida cotidiana" que muda não só a relação com o trabalho ordinário e secular como as formas de reconhecimento social e de valorização individual (Souza, 2006; Taylor, 2005, 2010; Weber, 1999).

A Igreja Católica – hegemônica como instituição, desde que se tornou a religião oficial do Império Romano – por mais que tivesse como prerrogativa ditar normas e padrões morais, nunca esteve tão fortemente envolvida com os aspectos mundanos da vida dos fiéis quanto a protestante. Dessa forma, o ascetismo católico não poderia ser encarado como um facilitador de práticas ligadas ao universo do trabalho. Uma vez que seus interesses estavam voltados para a vida pós-morte, as recompensas por uma vida ética, nesse sentido, só seriam recebidas nessa outra dimensão, o que favoreceria uma atitude resignada em relação às práticas cotidianas.

Ao falar em espírito do capitalismo, Weber ressalta que isso não tem identificação direta com a ganância ilimitada por dinheiro, e que essa vontade de ganho é anterior ao estabelecimento desse sistema como dominante, tendo sido comum "a toda sorte de condições humanas em todos os tempos e em todos os países da Terra, sempre que se tenha apresentado a possibilidade objetiva para tanto" (1999: 26). A diferença fundamental implementada pelo capitalismo seria a busca do lucro realizada por meio de uma empresa permanente e racional, cuja organização estava separada do ambiente doméstico e familiar, ou seja, através da sistematização dessas práticas, de forma pacífica, e com uso do trabalho livre. Se formas arcaicas desse modelo são identificadas pelo autor em diferentes épocas e regiões, foi a partir do século XVI, no Ocidente, que esse paradigma se desenvolveu de forma plena. O argumento de Weber (1999) é que o fator decisivo para isso foi o racionalismo peculiar e específico da cultura ocidental, que englobou a racionalização da contemplação mística e também da vida econômica, militar, da técnica, da pesquisa científica, do direito e da administração.

De acordo com Weber (1999), a maioria das cidades ricas da Europa aderiu ao protestantismo no século XVI. A explicação para o fato de os lugares com maior

desenvolvimento econômico terem sido particularmente favoráveis a uma revolução dentro da Igreja, no entanto, é complexa. A Reforma significou um aumento na regulamentação da conduta, que penetrou em todos os setores da vida pública e privada, criando, dessa forma, um sistema de controle muito mais forte do que era encontrado antes do movimento protestante. Para o sociólogo alemão (2009: 40), o grande questionamento a ser feito nesse ponto pode ser traduzido na seguinte pergunta: por que as classes médias burguesas dos países mais ricos não só não se opuseram a essa tirania inédita do puritanismo como chegaram a realizar sua "heroica defesa"?

O espírito de intenso trabalho, de progresso, ou como se queira chamá-lo, e cujo despertar se esteja propenso a atribuir ao protestantismo, não deve ser entendido, como é a tendência, como uma alegria de viver ou qualquer outro sentimento ligado ao Iluminismo. O velho protestantismo de Lutero, Calvino, Knox e Voët tinha bem pouco a ver com o que hoje é chamado de progresso. Ele era abertamente hostil a aspectos inteiros da vida moderna, que hoje não são mais contestados nem pelos religiosos mais ferrenhos. Se quisermos encontrar uma relação interna entre certas expressões do velho espírito protestante e a cultura capitalista moderna, deveremos encontrá-la, bem ou mal, não na alegria de viver mais ou menos materialista, ou ao menos antiascética, mas em suas características puramente religiosas (Weber, 2009: 45).

A correta compreensão de tais características religiosas de que fala o autor passa pelo conceito de vocação proposto pelo puritanismo, questão fundamental para o atrelamento entre religião e trabalho analisado por Weber (1999). A profissão como uma manifestação da vocação é fundamental para o entendimento do grau de racionalização das práticas religiosas vivenciada no contexto do protestantismo à época da consolidação da sociedade americana, tanto durante a colonização quanto no período posterior à independência.

Como exemplo do que se refere quando fala em "espírito do capitalismo", Weber (1999) cita um documento que, segundo ele, contém uma "pureza quase clássica" (48) na descrição desse fenômeno, com a vantagem de não conter relação direta com a religião, sendo, assim, ainda mais indicativo de como tal mentalidade havia penetrado em todas as camadas da sociedade, mesmo quando não estava revestida pelo discurso propriamente religioso. Trata-se de um trecho da obra *Necessary hints to those that would be rich*, escritos por Benjamin Franklin em 1736:

Lembra-te que tempo é dinheiro. Para aquele que pode ganhar dez xelins por dia pelo seu trabalho e vai passear, ou fica ocioso metade do dia, apesar de não gastar mais que seis pence em sua vadiagem ou diversão, não deve ser computada apenas essa despesa; ele gastou, ou melhor, jogou fora, mais cinco xelins. [...] As menores ações que possam afetar o crédito de um homem devem ser levadas em conta. O som do teu martelo às cinco da amanhã ou às oito da noite, ouvido por um credor, te o tornará favorável por mais seis meses; mas se te vir à mesa de bilhar, ou ouvir tua voz na taverna quando deverias estar no trabalho, cobrará o dinheiro dele no dia seguinte, de uma vez, antes do tempo (Franklin apud Weber, 1999:48-49).

Tal trecho, de acordo com Weber (1999) seria indicativo da formação de um ethos capitalista. A peculiaridade desta espécie de "filosofia da avareza" estaria associada à ideia de dever que cada indivíduo deveria assumir de aumentar o próprio capital e honrar o seu crédito, assumindo o controle da vida financeira como um fim em si mesmo, uma vez que o deslize no cumprimento de tais determinações não era encarado simplesmente como um erro, mas como o esquecimento do dever. Daí essa mentalidade não poder ser associada a um mero protocolo de negócios, mas sim a um ethos específico (Weber, 1999). Benjamin Franklin (1706-1790) foi um dos principais responsáveis pela criação de uma espécie de versão laica do protestantismo ascético. Seu discurso afirmava que o homem poderia usar sua riqueza para fazer o bem, ajudando aos outros, ou como forma de exercer hábitos sábios e saudáveis, a partir da decisão sobre como utilizaria o dinheiro e também o tempo livre que dele resultava.

Sua doutrina teve grande apelo junto à ascendente classe média norte-americana e, a partir daí, essa noção de servir permitiu à riqueza ser justificada em termos humanitários, cortando as amarras do sucesso com sua âncora na religião: qualquer pessoa, ainda que sem convições religiosas, poderia fazer sucesso e ainda assim considerar-se virtuosa. De qualquer forma, continuava valendo a receita pela qual as qualidades do caráter levariam o homem ao êxito material (Ituassu, 2012: 72-73).

Os escritos de Franklin – amiúde citado pelos pesquisadores de autoajuda como um dos pioneiros na arte do aconselhamento – ilustram a ideia de que o ganho de dinheiro nesta moderna ordem econômica é o resultado da virtude e da eficiência na execução das tarefas laborais, encaradas sob a perspectiva de uma "obrigação que se supõe que o indivíduo sinta, e de que de fato sente, em relação ao conteúdo de sua atividade profissional" (Weber, 1999: 52). Obrigação entendida em uma dimensão que extrapola a função do sustento de si e da família, tornando-se uma espécie de demanda moral, além do cumprimento de um dever confiado por

Deus através da vocação, ou seja, da execução de uma tarefa específica dentro da ordem econômica. Tal significado para o conceito surge como um subproduto da Reforma. A partir daquele momento, "o único modo de vida aceitável por Deus não estava na superação da moralidade mundana pelo ascetismo monástico, mas no cumprimento das obrigações impostas ao indivíduo pela sua posição no mundo. Essa era sua vocação" (Weber, 2001: 70).

A vocação é, também, mais um ponto diferenciador entre protestantes e católicos, já que para estes o exercício da fé está dissociado das práticas mundanas como o trabalho. De acordo com Angela Paiva (1999), a ideia de vocação funciona como um fundamento crucial para a compreensão do ethos protestante e da consequente inserção do indivíduo no mundo, fato de grande importância na análise da esfera social que estava em construção nos Estados Unidos, lembrando que para Weber o protestantismo ascético que se desenvolveu naquele país foi o que levou ao extremo o processo de racionalização. Para os católicos, tal processo se desenvolvia arduamente, uma vez que estes ainda não haviam eliminado o componente mágico da salvação (Paiva, 1999: 259-260).

O resultado da reforma, nesse sentido, foi o de aumentar de forma expressiva a ênfase moral e a aquiescência religiosa no que concerne ao trabalho secular organizado em torno da vocação. Para Paiva (1999), esta questão é uma das três chaves analíticas essenciais para a avaliação do contraste entre o catolicismo ibérico e o protestantismo ascético puritano, dois "tipos ideais" de visões de mundo religiosas. As outras duas seriam o ideal de salvação e a distinção entre seita e igreja.

A partir do momento em que a ética protestante aboliu os canais de mediação, o fiel puritano tornou-se o único responsável por sua própria salvação, e a experiência de alcançar a graça se transformou em uma tarefa solitária. Se o católico não se sente responsável por sua salvação, já que essa tarefa é de atribuição eclesiástica, ou seja, se sua própria adesão à igreja garante essa possibilidade, devendo o fiel apenas realizar boas obras e praticar indulgências, ou apelar para a absolvição através da confissão, em caso de desvio, a busca pela paz eterna passaria, então, por uma espécie de "transferência paternalista" (Paiva, 1999: 259). Já o protestante, especialmente o calvinista, deveria lidar, até o momento de sua morte, com a incerteza de sua salvação. Deus, dentro dessa perspectiva, tomava uma forma transcendental, cujos desígnios estavam além da compreensão humana. Dentre eles, a escolha dos eleitos, que serão abençoados com a vida eterna no reino dos céus. O dogma da predestinação, nesse sentido, pode ser considerado o mais característico da doutrina calvinista. Não há, dentro dessa

vertente protestante, uma explicação clara sobre os caminhos para se alcançar a graça, e tal decisão ganha tons arbitrários. De acordo com Weber:

Toda a criação, até mesmo o fato, indubitável para Calvino, de que só uma pequena parcela dos homens seria escolhida para a Graça, só poderia ter significado como um meio para a glória e majestade de Deus. Aplicar os padrões mundanos de justiça a Seus soberanos decretos seria desprovido de sentido e até insultuoso para com Sua Majestade. (...) Lamentar o próprio destino seria para o condenado o mesmo que seria para os animais deplorarem o fato de não terem nascido homens. (...) Sabemos apenas que uma parte da humanidade será salva, e o resto será condenado a supor que o mérito ou culpa humanos desempenhem um papel na determinação de seu destino (Weber, 2001: 86).

Se a escolha divina se dava de forma independente e imprevisível, por que os homens se empenhavam em seguir uma vida ascética? A explicação, de acordo com Weber (1999), estaria ligada à busca por uma espécie de apaziguamento – tendo em vista o sentimento de incerteza causado pelo *modus operandi* divino. Ao executar as tarefas profissionais designadas pela vocação e ao extrair desse trabalho os frutos do sucesso, o indivíduo tinha a intuição de ser um predestinado, de estar entre os eleitos, o que era visto como confiança implícita nos propósitos de Deus, o que também pode ser classificado como fe¹⁷. Como afirmou Bauman (2008: 301): "Em vez de criar a inação, a predestinação calvinista libertou um volume sem precedentes de energia humana". A religiosidade pós-Reforma, repleta de secularismo humanista, permitiu que os humanos se concentrassem em atividades que não estivessem diretamente ligadas à busca pela salvação.

Retomando a questão das três chaves analíticas proposta por Angela Paiva (1999), temos como terceiro elemento a distinção entre seita e igreja, descrita de forma bastante clara por Jessé Souza:

Por serem o país do protestantismo sectário por excelência, os Estados Unidos apresentam, no grau mais puro, as qualidades distintivas do espírito da seita. Ao contrário da Igreja, em que o pertencimento é presumido desde o nascimento (o batismo na infância é o melhor exemplo disso), as seitas pressupõem a associação voluntária do membro adulto a partir de qualificações éticas adquiríveis individualmente (1999: 48).

¹⁷ Como o propósito deste capítulo é apontar o contexto em que emergiu o imaginário do sucesso e da vitória nos Estados Unidos, a ênfase está na vertente protestante que foi mais significativa na formação deste país, por isso não me aprofundarei, por exemplo, nas diferenças entre as formas de salvação que podem ser percebidas, por exemplo, entre o luteranismo e o calvinismo. Para isso, consultar a segunda parte de Weber (1999).

A partir do século XVII, o sectarismo tornou-se uma realidade ainda mais contundente nos Estados Unidos, com a proeminência de pequenas seitas que, em conjunto, já formavam a maioria dos religiosos norte-americanos. Desta forma, o país se consolidava como o único do Atlântico Norte cuja tradição dominante era sectária e não ligada a uma igreja estabelecida. Dentre essas seitas, destacavam-se os batistas, cujo contexto da fundação é bastante esclarecedor sobre as características desse movimento.

Roger Williams, um dos precursores do grupo, deixou-o para formar uma igreja menor e mais pura. Considerando também essa inadequada, fundou outra composta apenas por ele próprio, sua mulher e mais uma pessoa. 'É de admirar que tivesse conseguido suportar até mesmo esses dois', pontua o sociólogo norte-americano Robert Bellah, (1999: 302). Williams foi o fundador da colônia de Rhode Island, sobre isso, o autor comenta: "Como Williams ignorava a sociedade secular, o dinheiro tomou conta de Rhode Island, [o que] nos dá um exemplo precoce e localizado do que acontece quando o caráter sagrado do indivíduo não é equilibrado por qualquer noção de todo ou pela preocupação com o bem comum" (1999: 303).

Jessé Souza (1999) destaca uma observação de Weber a respeito da secularização do princípio sectário nos Estados Unidos, o que pode ser percebido na importância dada nesse país à filiação aos mais diversos tipos de associação, como clubes, sociedades e universidades. O comunitarismo 18 e o localismo norte-americanos, cuja principal característica reside no forte controle que a comunidade exerce sobre o modo de vida de seus afiliados, possuem, portanto, uma raiz religiosa. Da mesma forma que o não-pertencimento a uma seita significava a perda de crédito e de clientes, o que levava muitas pessoas à exclusão da vida econômica local, ainda hoje a participação em determinadas agremiações, tais como as constituídas no ambiente universitário, ainda são decisivas no prosseguimento da vida profissional dos americanos. Mais prestigioso do que ingressar em uma universidade da Ivy League é ser convidado para integrar uma de suas sociedades. Weber, que demonstrava um especial apreço por esse traço da democracia estadunidense, destacava o fato de os Estados Unidos não serem formados por uma massa disforme de indivíduos, e sim por uma reunião voluntária de sujeitos associados. O principal ponto ambíguo dessa questão reside em seu caráter exclusivista, justificado através da

¹⁸ Refiro-me, aqui a comunitarismo como sistema ou prática de governo que enfatiza e privilegia aquilo que é feito com a participação da comunidade e não ao termo utilizado para se referir a um grupo de críticos do neoliberalismo nos Estados Unidos.

adoção de uma dupla moral, uma interna, restrita aos "irmãos de fe", e outra voltada ao público externo, o que também extrapola a questão meramente religiosa (Souza, 1999).

É interessante como essa questão do comunitarismo naquele país, diferentemente do que o termo sugere, e de forma até mesmo contraditória, pode conter um elogio ao individualismo e não à promoção da solidariedade ou de verdadeiros laços coletivos. Parece que a principal intenção de se unir a outros serve, em última instância, como forma de garantir os direitos individuais. Um exemplo emblemático desta questão pode ser observado na atuação da National Rifle Association of America, criada em 1871, que promove o direito dos americanos portarem armas de fogo, o que aparece consubstanciado pela segunda emenda à Constituição dos Estados Unidos.

Assim, vale acrescentar que o racionalismo ocidental, o tipo de mentalidade fomentada pelo puritanismo ascético de tipo calvinista, produziu muito mais do que mudanças relativas ao universo do trabalho. No caso específico da doutrina estimulada no contexto da incipiente sociedade norte-americana, o princípio normativo era o da "dominação do mundo", ou seja, "todas as dimensões do pensamento e da ação humana, nos seus aspectos de natureza subjetiva, mundo social e natureza externa, [passam a] obedecer ao critério da instrumentalidade" (Souza, 1999: 44). É compreensível, portanto, que mesmo as relações interpessoais estivessem submetidas ao uso instrumental.

Nesse sentido, a ética protestante favorece não apenas um "espírito do capitalismo" mas, de uma forma mais abrangente, um "espírito de reificação". Causas da reificação Weber identifica, antes de tudo, na não-fraternidade essencial do caminho da salvação do protestantismo ascético e na suspeita de divinização das criaturas em toda doação de valor para as relações humanas, as quais levam ao que se poderia chamar de "dominação da impessoalidade". As relações inter-subjetivas perdem, gradativamente, sua característica emocional e, com isso, a própria peculiaridade das relações entre os homens (Souza, 1999: 44).

Enquanto no modelo sectário o indivíduo possui autonomia sobre a comunidade religiosa, a partir do fato de que ele, voluntariamente, se vincula ao grupo, a Igreja católica caracterizava-se pela "prioridade ontológica e temporal" (Souza, 1999:49) sobre os indivíduos, tendo como princípio receber e aceitar a todos, estabelecendo entre eles uma hierarquia que seria construída a partir de critérios de engajamento cristão e virtuosismo espiritual. Se para autores como Robert Bellah (1985) o sectarismo pode ser considerado a maior fonte do individualismo americano, também podemos constatar as influências católicas na constituição

do tradicionalismo da sociedade brasileira, tais como o autoritarismo, a confusão entre as esferas pública e privada, o apego à hierarquia e o personalismo, uma das principais características do *homem cordial*, imagem criada por Sérgio Buarque de Holanda (1995) para ilustrar traços distintivos do povo brasileiro.

"A contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o 'homem cordial'", informa Holanda (1995: 146), para depois esclarecer que tal conceito em nada tem a ver com "boas maneiras" ou "civilidade", qualidades que deveriam ser atribuídas a outro povo, o japonês, que valorizava a polidez ao ponto de levá-la a "confundir-se, por vezes, com a reverência religiosa" (147). Nossa cordialidade, por outro lado, poderia ser considerada o contrário da polidez. Ela está diretamente associada à etimologia da palavra cordial, do latim, "relativo a coração". Ou seja, grande parte de nossas práticas e motivações sociais seriam pautadas pelo sentimento, pela emoção, pelo afetivo o pela razão e é nesse sentido que o brasileiro poderia ser apontado como o "inverso perfeito do protestante ascético como definido por Max Weber" (Souza, 1999: 34).

O atraso brasileiro, portanto, poderia ser explicado, dentre outras coisas, pela ausência entre nós da ascese puritana, norteadora de uma ética do trabalho e da racionalidade capitalista. Um dos mais significativos legados dessa ausência seria o "desprezo pelo trabalho" (Moog, s/d: 129) percebido no Brasil, onde a escravidão deixou marcas que ainda podem ser percebidas no comportamento de boa parte da elite, que enxerga o labor como atividade que deveria ser evitada ao máximo e sem a dimensão dignificante.

Estereotipada por longos anos de vida rural, a mentalidade de casa-grande invadiu assim as cidades e conquistou todas as profissões, sem exclusão das mais humildes. É bem típico o caso testemunhado por John Luccock, no Rio de Janeiro, do simples oficial de carpintaria que se vestia à maneira de um fidalgo, com tricórnio e sapatos de fívela, e se recusava a usar das próprias mãos para carregar as ferramentas de seu oficial, preferindo entregá-las a um preto (Holanda, 1995: 87).

Teríamos, além disso, uma dificuldade muito grande em lidar a contento com a vida pública, por isso tenderíamos a transformá-la em uma extensão da esfera privada, o que seria

solteiras viram Santo Antônio de cabeça para baixo, o guardam no congelador etc.

¹⁹ Holanda comenta que essas características influenciam, inclusive, na prática religiosa, o que pode ser percebido pela intimidade "quase desrespeitosa" com que tratamos os santos, que deve "parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas" (1995: 149), haja vista o uso de apelidos, muitas vezes no diminutivo – outro traço distintivo dos brasileiros – e o manejo lúdico com as imagens: crianças brincam com os bonecos do presépio,

decisivo no mundo dos negócios, onde relações profissionais ganhariam um tom pessoal, graças ao prestígio que gozaria entre nós a cultura da personalidade, herdada da influência ibérica. Para Holanda, portugueses e espanhóis têm como traço distintivo a "importância particular que atribuem ao valor próprio da pessoa humana, à autonomia de cada um dos homens em relação aos semelhantes no tempo e no espaço" (1995: 32). O resultado mais nefasto desse comportamento seria, assim, a falta de coesão em nossa vida social, sintetizada de forma lapidar pelo historiador:

É dela que resulta largamente a singular tibieza das formas de organização, de todas as associações que impliquem solidariedade e ordenação entre esses povos. Em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida (Holanda, 1995: 32).

Um dos problemas relativos à figura do homem cordial diz respeito à importância das relações de simpatia que, de certa forma, inibiriam o engajamento a outros agrupamentos. Essa seria uma das explicações para a má vontade dos brasileiros com o Estado, e sua preferência por relações marcadas pela pessoalidade, que tem como núcleo a família, em uma estrutura fortemente influenciada pelo modo de vida rural, e, consequentemente, avesso ao estilo de vida da modernidade urbana.

Em um interessante resumo dessa figura arquetípica, Candido afirma:

O "homem cordial" não pressupõe bondade, mas somente o predomínio dos comportamentos de aparência afetiva, inclusive suas manifestações externas, não necessariamente sinceras nem profundas, que se opõem aos ritualismos da polidez. O "homem cordial" é visceralmente inadequado às relações impessoais que decorrem da posição e da função do indivíduo, e não da sua marca pessoal e familiar, das afinidades nascidas na intimidade dos grupos primários (Candido, 1995: 17).

Tal cordialidade e suas características adjuntas, como uma aparente predisposição à sociabilidade, portanto, não influenciariam positivamente a "estruturação de uma ordem coletiva" (Candido, 1995: 17), diferente do que os termos poderiam sugerir. A partir dessa afirmação podemos entender o sentido com o qual o individualismo se apresentou na formação do Brasil, com características bastante distintas do tipo que iria marcar, posteriormente, a nação norte-americana.

Um dos argumentos de Holanda (1995) refere-se à importância da transição rural-urbano no Brasil como mudança do foco de influência exercido sobre o país. Ao mesmo tempo em que as oligarquias rurais iam perdendo força (por mais que muitos desses grupos tenham usado seu capital para adequar-se aos novos tempos), íamos deixando de lado uma série de características que estavam ligadas às nossas origens ibéricas, processo que acontecia de forma similar em outros pontos da antiga América espanhola. No caso do Brasil, a herança portuguesa deixava de ser o principal modelo de desenvolvimento, que, com a incipiente consolidação das cidades, buscava nos Estados Unidos (ou, pelo menos, no imaginário despertado por aquele país), uma nova fonte de influência.

É importante ressaltar, no entanto, que, por mais que se fale em uma espécie de arcaísmo português, a colonização no Brasil ocorreu em um período em que movimentos como o Renascimento e a Reforma já definiam um sistema cultural em que o individualismo se infiltrava em diferentes tipos de sociedade. O próprio processo de colonização comportou experiências ambíguas em relação a isso. Nas áreas de *plantation* existia uma sociedade tal como descrita por Gilberto Freyre em seu clássico *Casa Grande e Senzala*, de 1933, fortemente marcada pela hierarquia como princípio ordenador, com os senhores de engenho ocupando o lugar de maior destaque e os negros escravos representando a força motriz do modelo de produção. Em outras áreas do país, porém, a sociedade se organizava de forma diferente. As atividades que ficaram conhecidas como bandeiras e entradas e sua importância na expansão para o interior, onde a própria influência da Igreja católica era menos arraigada, abriram espaço para uma ideologia em que o indivíduo passou a ser encarado como a unidade social significativa, ou seja, nesse contexto começam a surgir mais possibilidades para a emergência do ator individual tanto no papel de agente econômico como de sujeito moral (Velho, 1987).

A solidariedade, nesse sentido, ficaria restrita às situações onde há vinculação de laços afetivos, no ambiente doméstico e entre amigos, o que serve de base explicativa para o especial apreço pelo nepotismo verificado entre os brasileiros. De acordo com os argumentos de Holanda (1995), empregar parentes seria quase uma obrigação moral, negar privilégios a um ente querido soaria mais contestável do que infringir a lei. A família (patriarcal) surge, inclusive, como o grande modelo seguido pela vida política do país, nas relações entre governantes e governados, o que explica o alcance que o personalismo e o populismo ainda granjeiam, a despeito dos recentes processos de modernização vividos pelo Brasil, sobretudo ligados à urbanização e ao acesso à informação. Desse ponto podemos extrair o fator

preponderante na distinção entre os ibéricos (e, por extensão, os brasileiros) e os povos de origem puritana: nossa incapacidade de "fazer prevalecer qualquer forma de ordenação impessoal e mecânica sobre as relações de caráter orgânico e comunal, como são as que se fundam no parentesco, na vizinhança e na amizade" (Holanda, 1995: 137).

1.1.1 - O self-made man e as histórias rags-to-riches

Agora é o momento em que podemos nos levantar e dizer "Eu sou americano. Eu faço o meu destino. E nós merecemos mais". (...) Na América, nós celebramos o sucesso, não nos desculpamos por isso. Ser bem-sucedido é o maior valor dos americanos" (Discurso do candidato republicano à presidência dos Estados Unidos, Mitt Romney, em 30 de agosto de 2012).

De acordo com Moog (apud Souza, 1999), existem duas figuras arquetípicas do espírito norte-americano: o pioneiro e o *yankee*. O pioneiro é caracterizado como um produtor rural, povoador, personagem de extrema importância na conquista das terras a oeste do país, habitante, portanto, da fronteira, lugar onde cada um sobrevive apenas em função de suas próprias virtudes, precisando enfrentar as mais árduas provações. Já o *yankee*, versão moderna e capitalista do pioneiro, teria sua forma mais notável na representação do empreendedor urbano. Se esta é a face da América de hoje, no entanto, no campo simbólico, é o pioneiro "quem continua no imaginário americano como um mito, como fonte de inspiração, poesia e sonho" (Souza, 1999: 38).

Embora a religião não desfrute mais do mesmo prestígio que possuía no início da história norte-americana, principalmente nas cidades mais cosmopolitas, o tipo de mentalidade forjada naquele contexto contribuiu para o desenvolvimento das práticas capitalistas que ainda hoje fazem dos Estados Unidos uma potência econômica. De forma análoga, os mitos fundadores como os dos *self-made men* e dos vencedores das sagas *rags-to-riches*, embora remetam a uma realidade um tanto desligada do contexto contemporâneo, continuam a influenciar o modo de pensar de boa parte da sociedade daquele país. Isso se torna mais relevante a partir do momento em que os Estados Unidos se transformaram em um dos maiores pólos difusores de cultura no mundo, sobretudo no ocidente, onde sua ascendência foi ainda

_

²⁰ "Now is the moment when we can stand up and say, 'I'm an American. I make my destiny. And we deserve better'. (...) In America, we celebrate success, we don't apologize for it. Be successful is the greatest value of Americans". Tradução minha.

mais significativa. Por mais que o pioneiro não permaneça como o tipo mais característico dos sujeitos americanos, ele ajudou a construir o modelo de vencedor que até hoje se propaga no *ethos* da autoajuda e na cultura massiva de uma maneira geral.

Os contos *rags-to-riches* (em tradução literal, algo como "dos trapos à riqueza") tratam de casos em que indivíduos saem de uma situação de extrema pobreza e alcançam fortuna e notoriedade. Esse tipo de narrativa é bastante popular nos Estados Unidos desde a época da colonização, mas ganhou destaque a partir de meados do século XIX, com as novelas escritas por Horatio Alger, do estado de Massachusetts, que contavam trajetórias de jovens pobres desde sua dura realidade no início da vida até o conforto trazido pelo enriquecimento e pela ascensão social. O primeiro de mais de cem livros publicados pelo autor foi *Ragged Dick*, de 1867. Todas as histórias têm como pano de fundo a valorização de aspectos como trabalho duro, coragem, determinação, esforço e honestidade, embora boa parte dos desfechos seja garantida graças à sorte deflagrada em eventos fortuitos. Ao final, além da prosperidade financeira, os protagonistas são alçados à personalidade de sua região e ganham o reconhecimento de todos, em uma típica materialização do sonho americano (Catano, 2001; Decker, 1997).

A força dessas histórias levou à criação da expressão "Horatio Alger myth", uma visão crítica do fomento à esperança na ascensão social entre as classes mais baixas, o que corrobora um aspecto fundamental da identidade norte-americana: a crença na possibilidade de se construir a própria história, corporificada na figura do *self-made man*. Jeffrey Louis Decker (1997), em um livro dedicado à análise do impacto dessa categoria no imaginário dos Estados Unidos, prefere falar em "narrativa" em vez de "mito", com o sentido de enfatizar o *self-made man* como uma figura retórica dentro da cultura daquele país, um traço ideológico que não é nem atemporal nem transcendental, mas sim historicamente localizado e socialmente construído.

Ainda nesse livro, Decker (1997) distingue três fases na história do *self-made man*. A primeira seria justamente a que ganhou força no século XIX, exemplificada pelas histórias de ascensão social fortemente baseadas na construção de personagens de caráter virtuoso. Embora o nascimento dos Estados Unidos como nação remonte ao final do século XVIII, o período que se seguiu ao final da Guerra de Secessão, na segunda metade do século XIX, é considerado decisivo na história daquele país como o do triunfo do nacionalismo e da criação das práticas institucionalizadas e do sentido coletivo da ideia de *americanidade*. A chamada "literatura do

sucesso" – composta não só pelas histórias *rags-to-riches*, mas também por biografias e autobiografias de homens eminentes, principalmente grandes industriais e políticos – foi expandindo seu público não apenas devido ao ambiente cultural que se desenvolvia, mas porque houve uma espécie de movimento político por parte de ativistas civis que se propunham a divulgar tais obras com o objetivo de incutir valores da classe média, tais como a crença na ascensão social, nas chamadas "classes perigosas" (Catano, 2001; Decker, 1997).

A passagem de um texto de Benjamin Franklin citada no início do capítulo exemplifica a forte ênfase dada à noção de caráter no contexto do século XVIII. É nesse período que o termo começa a fazer parte do vocabulário corrente nos Estados Unidos, em grande medida graças ao uso intensivo que o próprio Franklin fazia em seus escritos, de onde se pode subtrair a clássica figura do primeiro *self-made man* moderno, bastante influenciado pela noção puritana de trabalho como manifestação da graça, e do sucesso como uma espécie de sinal divino da predestinação. Esta é a explicação para o fato de os primeiros grandes divulgadores da ideia de autoajuda terem sido religiosos, que em seus sermões defendiam que os "homens poderiam servir a Deus e a Mamon²¹ simultaneamente" (Decker, 1997: xxiv).

A segunda fase surge no início do século XX, e tem a noção de personalidade como preponderante, com destaque, a principio, para questões psicologizantes como "estados mentais" e "magnetismo pessoal", e para a mudança de foco da esfera da produção para a do consumo²². A ênfase nos traços da personalidade individual, cada vez mais associada à forma de se apresentar ao mundo do que a valores morais mais arraigados – o que marca a diferença para a fase anterior, em que a concepção de caráter era predominante – surge concomitantemente à expansão da linguagem do mundo dos negócios. De acordo com Warren Susman (2003), a noção de *personalidade* é fortemente associada à então emergente cultura do consumo. Ele destaca a diferença entre a ideia de personalidade, muito ligada ao competitivo mundo corporativo, e o antigo conceito, quase religioso, de caráter moral, que evoca uma espécie de chamado espiritual, alinhado à noção de vocação, fundamental no início do

²¹ "Mamon é um termo, derivado da Bíblia, usado para descrever riqueza material ou cobiça, na maioria das vezes, mas nem sempre, personificado como uma divindade. A própria palavra é uma transliteração da palavra hebraica 'Mamom' (מְמֵלוֹן), que significa literalmente 'dinheiro'. Como ser, Mamon representa o terceiro pecado, a Ganância ou Avareza, também o anticristo, devorador de almas, e um dos sete príncipes do Inferno''. Consultado na Wikipédia, em 18/09/12.

²² De acordo com Decker (1997), essa mudança de foco foi bastante característica da chamada *Progressive Era*, compreendida entre as décadas de 1890 e 1920, período da história norte-americana marcado por diversas reformas e pelo intenso ativismo social com vistas à modernização da sociedade, tendo como paradigma o ambiente urbano-industrial.

desenvolvimento das práticas capitalistas nos Estados Unidos, como já vimos nesse capítulo, em uma fase voltada à esfera da produção (Catano, 2001; Decker, 1997; Traube, 1989).

Nessa etapa, a literatura do sucesso passa a incorporar como público-alvo mulheres, negros e imigrantes, que não tinham espaço nas narrativas do século XIX. Para Decker (1997), isso se deve justamente à ascensão da noção de personalidade, que torna possível a diferentes segmentos da sociedade o engajamento ao estereótipo do empreendedor, já nessa época a principal representação do *self-made man*. A partir do momento em que a personalidade pode ser trabalhada, treinada, moldada, um universo quase infinito de pessoas pode se dedicar à tarefa de adaptar suas próprias características ao padrão do que se imagina como o adequado ao sucesso, o que não seria possível no domínio do caráter, algo que envolve uma construção sólida e durável.

No caso da população negra, essa incorporação é especialmente problemática, pois a crença na personalidade individual como a principal força propulsora do sucesso ajudou a sedimentar a concepção de que a escravidão não havia causado um dano social tão grave, uma vez que só dependia do empenho de cada um a superação dessa questão histórica. Nessa época, começam a surgir biografias de homens negros de sucesso e livros de autoajuda voltados especificamente para eles com o argumento de que a raça era irrelevante diante de outras características como a disposição para o trabalho, o esforço e a motivação.

É visando a etapa social que começa a se configurar nessa época que Christopher Lasch (1983) constrói seu argumento crítico a respeito da cultura do narcisismo:

Em épocas anteriores, o homem que se fazia por si mesmo orgulhava-se de seu julgamento do caráter e da probidade; hoje, ele perscruta ansiosamente o rosto de seus concidadãos, não tanto para avaliar seus créditos, mas para avaliar sua suscetibilidade a suas próprias palavras lisonjeiras. Ele põe em prática as artes clássicas da sedução e com a mesma indiferença com as sutilezas morais, esperando ganhar seu coração, enquanto mete a mão em seu bolso. A alegre prostituta tomou o lugar de Horatio Alger como o protótipo do sucesso pessoal (Lasch, 1983:80).

Além disso, as narrativas da época da valorização do caráter possuíam um público muito definido: o homem branco de classe média, que além de leitor surgia como o herói das tramas, criado à sua imagem e semelhança. A mudança nesse paradigma, portanto, favorece uma abertura às outras categorias de indivíduos que também passam a desejar construir suas próprias histórias vencedoras. Decker chama a atenção para o fato de a ascensão desses novos

segmentos como reivindicadores do imaginário do sucesso acabar por destruir a imagem tradicional do *self-made man*:

Isso não ocorreu porque nesses novos rostos faltavam as qualidades do caráter. Em vez disso, suas histórias falavam o que a lógica da ascensão pessoal não permitia que fosse dito: a separação das esferas de gênero, a segregação racial e o nativismo constituíam a base do modelo das *rags-to-respectability-and-riches*. Ao fazerem isso, elas expuseram a moralidade como um discurso tradicionalmente colocado a serviço do poder normativo (Decker, 1997: 133).

A crise de 1929 e suas devastadoras consequências econômicas e sociais nos Estados Unidos trouxeram mudanças para o mercado das histórias de sucesso. Nesse contexto, as narrativas muito centradas no tema do enriquecimento e do materialismo, tal como as de Horatio Alger, perdem espaço, e há uma proliferação de manuais de autoaprimoramento que buscam questões mais subjetivas, principalmente ligadas à prescrição do pensamento positivo. É justamente nesse ambiente que surge um dos grandes clássicos da literatura de autoajuda, o indefectível *Como fazer amigos e influenciar pessoas*, de Dale Carnegie (1936), que já vendeu mais de cinquenta milhões de cópias ao redor do mundo.

A terceira fase da história do *self-made man*, por sua vez, aparece no final do século XX, e tem como especificidade o papel desempenhado pela mídia e pelas celebridades. Se a passagem da primeira para a segunda fase é fortemente marcada pela progressiva substituição da noção de caráter pela de personalidade, essa nova transformação é caracterizada pela ascensão da imagem. Mesmo a figura clássica do mito, o homem de negócios, ganha aqui ares de celebridade, ou seja, precisa ser referendado pela mídia como alguém digno de ser admirado e tomado como modelo para além de sua atuação profissional.

Este contexto tem como traço distintivo o avanço das tecnologias digitais e também pode ser notado pela ascensão de personagens que fazem fortuna da noite para o dia no ambiente virtual. A possibilidade de tornar-se alguém e de prosperar nesse lócus ganha uma dimensão ainda mais complexa, e figuras como a do célebre criador do site de relacionamentos *Facebook*, Mark Zuckerberg, podem ser apontadas como divulgadoras de um modo bastante

_

²³ Tradução da autora. No original: "This was not because these new faces of enterprise inherently lacked the qualities of character. Instead, their stories speak what the logic of personal uplift does not allow to be spoken: the separation of gendered spheres, racial segregation, and nativism on which the rags-to-respectability-and-riches model was based. In doing so, they expose morality as a discourse traditionally placed in the service of normative Power".

contemporâneo de manifestação do imaginário do *self-made man*. De acordo com Bruna Bakker (2012), a consolidação do jovem como um importante ícone dessa geração veio a partir do sucesso de público e crítica do filme *A rede social*, que busca mostrar os bastidores de criação do famoso site de relacionamentos. Para a autora,

O filme despertou curiosidade sobre os polêmicos bastidores do mais recente fenômeno da Internet. Aludido como importante "personagem da mitologia contemporânea", "Robin Hood da era digital" ou apenas o mais novo "rei dos geeks", Zuckerberg tornava-se quase indissociável de sua versão ficcionalizada e a narrativa do filme era frequentemente apresentada como representativa de uma geração que "nasceu conectada e molda dia a dia novos parâmetros para as relações sociais" (2012: 36).

Embora o esquema proposto por Decker (1997) ajude a marcar algumas passagens importantes, não podemos falar em um desenvolvimento linear das narrativas de sucesso e dos *self-made men*. Certamente, todos os modelos acima coexistiram em determinados momentos, e, mesmo ainda hoje, quando algumas questões parecem superadas, tais como a passagem da sociedade do caráter para a da personalidade, percebemos resquícios da primeira fase, que podem ser exemplificados pelo recente relançamento no Brasil de dois clássicos da literatura de autoajuda escritos no século XIX – *Self Help*, de Samuel Smiles, (1859) e *How to succeed*, de Orison Sweet Marden (1896) – cuja linguagem é atrelada a um tipo de moralidade que não desfruta de muito prestígio na contemporaneidade. Se é possível percebermos significativas mudanças nos valores associados a uma vida de sucesso e na definição do que é ser um vencedor, notamos também a permanência de certas questões, que poderão ser avaliadas com mais precisão nos capítulos subsequentes.

1.2 – Meritocracia

A discussão sobre o imaginário do sucesso e a cultura da autoajuda é atravessada por alguns conceitos fundamentais. A meritocracia é um deles. De acordo com o dicionário Houaiss, o termo possui duas concepções: 1) "predomínio numa sociedade, organização, grupo, ocupação etc. daqueles que têm mais méritos (os mais trabalhadores, mais dedicados, mais bem dotados intelectualmente etc.)" e 2) "sistema de recompensa e/ou promoção (p.ex., num emprego) fundamentado no mérito pessoal".

Para Livia Barbosa (2003), a meritocracia pode ser interpretada a partir de duas dimensões: uma negativa e outra afirmativa. A negativa seria a que representa uma recusa a todas as formas de privilégio hereditário e corporativo, e que valoriza e avalia as pessoas independentemente de suas origens. Desde a Revolução Francesa, essa dimensão da meritocracia apareceu como um "critério fundamental em nome do qual se lutou contra todas as formas de discriminação social" (Barbosa, 2003: 22) e, nesse sentido, conseguiu angariar um relativo consenso sobre sua validade, estabelecendo-se como uma noção que permite a distinção entre as sociedades baseadas no privilégio hereditário e as atuais democracias.

Já a dimensão afirmativa defende a meritocracia como um critério básico de organização social. Ou seja, o conjunto de talentos, habilidades e esforços de cada um deve ser a principal forma de se julgar sua posição na sociedade. Esse viés, diferentemente do outro, não consegue, sobretudo no Brasil, gozar de tanto prestígio. Aqui, há bastante controvérsia sobre a validade de se afirmar o mérito como estratégia de julgamento, e, também, principalmente, sobre como estabelecer uma forma *correta* de mensuração do desempenho individual. Logo, mais do que discordar da fórmula "talento + habilidade + esforço" como critério fundamental, as pessoas divergem sobre as múltiplas interpretações acerca de como avaliar o desempenho, tendo em vista as discrepâncias sociais óbvias que interferem no conceito de igualdade de condições e mesmo as distintas aptidões e competências que podem ser avaliadas. Nesse sentido, ela encerra um paradoxo, pois passa de mecanismo de combate à discriminação social a critério de distinção social nas sociedades modernas (Barbosa, 2003).

Entendida como um dos principais sistemas de hierarquização dessas sociedades, tal noção sempre esteve muito presente nos debates sobre a sociedade norte-americana, lugar onde a ideologia meritocrática encontrou o terreno mais fértil para se estabelecer como sustentáculo social. Neste ponto, cabe especificar a diferença entre meritocracia como ideologia e meritocracia como critério lógico de ordenação social. No primeiro caso, ela aparece como juízo fundamental e moralmente válido para toda e qualquer ordenação social, enquanto no segundo ela se refere especificamente ao acionamento da ênfase no mérito na designação de circunstâncias determinadas, tais como o provimento de cargos públicos. Nesse sentido, é compreensível falarmos em ideologia meritocrática ao nos referirmos aos mecanismos de hierarquização nos Estados Unidos (Barbosa, 2003).

Desde a época da colonização, em grande parte devido às questões religiosas que já discutimos neste capítulo, a crença no poder do esforço e do trabalho diligente levou amplos

setores daquela sociedade a legitimar a meritocracia como um modo adequado e justo – a partir de uma concepção bastante específica de justiça – de se estar no mundo. Nesse sentido, as histórias *rags-to-riches* ajudaram a sedimentar essa concepção de que a dedicação e a capacidade pessoal são as melhores estratégias para a ascensão social e para o progresso.

De acordo com Barbosa (2003), a especificidade da visão norte-americana está baseada em uma noção de igualdade que se refere basicamente à paridade de oportunidades legais, que denota um conteúdo estritamente civil. Ou seja, é uma igualdade de direitos, que permite o acesso de todos à competição, mas não toca na questão das discrepâncias estruturais que dificultam a caminhada de alguns. Ao pé da letra, todos têm iguais direitos e condições de alcançar o sucesso e a prosperidade, não há nenhum impeditivo legal que atrapalhe a ascensão de ninguém, tal como existia, por exemplo, no regime do *Apartheid*. Nesse contexto, há a transferência para o indivíduo da responsabilidade pelo seu destino e o Estado entra apenas como o garantidor das regras gerais de competição.

Portanto, não é intrínseca à idéia norte-americana de igualdade a busca de um estado substantivo igualitário, em termos de posses materiais, status e poder, entre todos os indivíduos. O igualitarismo norte-americano não significa que todos os homens nasceram iguais, nem que todos devem viver em pé de igualdade, mas que todos devem ter inicialmente as mesmas chances de utilizar suas aptidões como desejarem, em favor de seus interesses (Barbosa, 2003: 38).

Dentro desse contexto, as diferenças entre os sujeitos são vistas como consequência de desempenhos melhores e piores dentro do competitivo mundo forjado pela ideologia meritocrática. A sociedade norte-americana, nesse sentido, admite a *desigualdade de fato* como reflexo das diferenças individuais, e a performance social de cada um passa a funcionar como um sistema legitimado para diferenciar, hierarquizar, premiar e punir os indivíduos (Barbosa, 2003). Para Lasch (1983: 79),

[a] reputação da América como uma terra de oportunidades baseava-se em sua alegação de que a destruição dos obstáculos hereditários ao progresso havia criado as condições segundo as quais a mobilidade social dependia somente da iniciativa individual. O homem que se faz por si mesmo, personificação arquetípica do sonho americano devia seu progresso a hábitos de atividade, sobriedade, moderação e autodisciplina.

A meritocracia, assim, está intimamente ligada à ideia de competição e somente um mundo moldado a partir da lógica competitiva pode possibilitar a ascensão de uma figura como a do vencedor. Só é possível ser o vencedor no sentido subjetivado do termo quando se estabelece a competição como um modo de vida. A concepção da vitória como um fim em si mesmo, portanto, é um fenômeno recente. Para Lasch (1983), à medida que o puritano dava lugar ao *yankee*, ia surgindo uma versão popularizada da ética protestante. Enquanto o puritano baseava sua conduta no respeito que a comunidade lhe devotava e enxergava o enriquecimento como incidental em relação à boa execução de um trabalho socialmente útil, o *yankee* pensava no autocrescimento associado a ganhos materiais. O autor, no entanto, argumenta que tais recompensas ainda estavam ligadas a conceitos como autodisciplina, treinamento e cultivo dos talentos dados por Deus.

É só a partir do século XIX que a ideia de progresso pessoal e enriquecimento vai perdendo esse tipo de significado subjetivo e adquirindo o sentido atual, fortemente atrelado à noção de sucesso individual. Até esse momento, a prosperidade não estava associada a competição. As realizações individuais não eram medidas pelas proezas, mas sim por um ideal abstrato de prudência e autodisciplina. Na virada do século XIX para o XX, no entanto, o sucesso vai se tornando um fim em si mesmo, uma vitória sobre os outros e sobre si, no sentido da constante superação, em um contexto de disputa acirrada, que vai extrapolando o âmbito profissional. Nesse cenário, ser bem-sucedido passava a depender apenas da força de vontade, de autoconfiança e iniciativa, mentalidade apoiada pelos profetas do pensamento positivo, que começavam a ganhar credibilidade (Barbosa, 2003).

O auge da lógica competitiva e meritocrática nas sociedades ocidentais, no entanto, começou a ser vivenciado a partir do avanço da ideologia neoliberal, materializada de maneira mais contundente nos governos de Margaret Thatcher, na Grã Bretanha, e de Ronald Reagan, nos Estados Unidos. Tendo como contraponto fundamental o Estado de bem-estar social e suas respectivas concepções de atribuição coletiva de responsabilidade pelos mais pobres, essa doutrina econômica enfatizava um mundo em que "cada um deve receber na devida proporção de seu próprio esforço e capacidade" e reafirmava o desempenho como "o único critério legítimo e desejável de ordenação social das sociedades modernas" (Barbosa, 2003: 26).

É justamente nesse contexto que começa a se delimitar de maneira mais clara o embate entre as imagens do que venho qualificando como vencedores e fracassados, entendidas a partir do ponto de vista dos defensores da mentalidade neoliberal. Dessa forma, de um lado, surge o

homem teoricamente forjado pela conjuntura do Estado de bem-estar, classificado como reativo, despreocupado, acostumado a imputar ao Estado e à sociedade a solução de seus infortúnios, e, de outro, o sujeito neoliberal por excelência, devoto do mérito, autônomo, empreendedor, competitivo, responsável, esforçado, que tem no trabalho remunerado o eixo de sua existência. O mercado aparece como o cenário para essa disputa e fomentador de uma ética produtivista que pressupõe um modelo de relações sociais baseado na competição e na valorização do uso instrumental e racional das relações sociais e, correlatamente, da exclusão dos aspectos afetivos da natureza humana e de todas as dimensões não facilmente quantificáveis (Barbosa, 2003).

No Brasil, apesar de haver uma progressiva adesão a essa lógica – sobretudo entre as classes médias urbanas –, em grande parte devido à influência da literatura organizacional e suas reverberações midiáticas, ainda é possível se notar uma resistência à adoção da meritocracia como critério básico de organização social. Ao analisar as constituições brasileiras e a legislação concernente ao setor público, Barbosa (2003) percebeu uma progressiva legitimação institucional da meritocracia, transformada em direito²⁴, o que não correspondeu a uma aquiescência do ponto de vista da operacionalização dessa prática. A cultura do *management* foi responsável por trazer ao ambiente empresarial privado brasileiro a mentalidade que estava estabelecida nos Estados Unidos a respeito de conceitos como a meritocracia. O nosso setor público, no entanto, ainda guarda resquícios da diferença entre as formações desses dois países, o que leva ao privilégio de outras formas de julgamento da performance, fortemente influenciadas pelas relações pessoais, de simpatia e afetividade, e de senioridade, traduzida pela máxima "antiguidade é posto".

Além disso, a remanescência de questões ligadas ao sindicalismo, tais como a solidariedade de classe, favorece o enquadramento da meritocracia como indutora da

²⁴ A primeira constituição brasileira, promulgada em março de 1824 já trazia em seu texto as bases para anuência ao critério meritocrático, conforme o artigo 179, item XIV: "Todo cidadão pode ser admitido aos cargos públicos civis, políticos ou militares, sem outra diferença que não seja por seus talentos ou virtudes". Certamente, a preocupação de inserir na carta magna do país esse trecho deve-se ao histórico do país, marcado pelo apadrinhamento e nepotismo no serviço público – visíveis até hoje –, no entanto, é significativo que essa mesma constituição marcasse a permanência de restrições em relação ao direito do voto. Se do ponto de vista da ocupação profissional do aparato estatal estavam firmados os fundamentos de uma sociedade pretensamente igualitária, o acesso ao exercício da cidadania através da eleição de representantes políticos estava negado a grande parcela da população, tais como os que não tinham "renda líquida anual de 100 mil réis por bem de raiz, indústria, comércio ou empregos", os que não professassem a religião do Estado e as mulheres. As constituições seguintes passaram a estabelecer o concurso público como critério de admissão ao serviço público, o que mantém a seleção pelo mérito pessoal.

competição²⁵, vista como um mecanismo social negativo e desagregador, e de estímulo ao individualismo. É nesse sentido que Barbosa argumenta que "no Brasil, a legitimação da diferença de resultados entre as pessoas é interpretada como desigualdade ontológica entre os indivíduos, e não como diversidade de resultados" (2003: 62), o que leva a autora a afirmar que "o Brasil possui sistemas meritocráticos, mas rejeita a ideologia meritocrática" (64) graças a uma concepção de igualdade que difere da encontrada nos Estados Unidos. Aqui, mais do que a paridade de direito, busca-se a igualdade de fato. "Somos todos iguais, não porque um sistema legal assim nos define, mas porque, num sistema moral englobante, a equivalência jurídica aparece como fato conjuntural que em nada afeta ou modifica nossa equivalência moral como membros da espécie humana" (65). Meu argumento, no entanto, é que essa característica da mentalidade brasileira – um dos aspectos da herança ibérica que se transformou em algo, a meu ver, positivo – está se transformando. A adoção de práticas econômicas e motivações inspiradas pela lógica do sucesso norte-americana, com suas respectivas noções de empreendedorismo e responsabilização dos indivíduos, está legitimando, progressivamente, a ideologia meritocrática entre nós, e, diferentemente de Barbosa (2003), suspeito que isso não seja algo a se comemorar.

1.3 - O individualismo e a moral contemporânea

Um dos termos mais acionados para descrever o contexto de ascensão da literatura de autoajuda e do imaginário do sucesso é o individualismo. Esse conceito, no entanto, percorreu uma longa e sinuosa história até chegar aos moldes do que consideramos, hoje, o elogio ao indivíduo autônomo, com suas específicas e temporalmente determinadas concepções morais. Um dos pressupostos desta tese é que a autoajuda é uma das materializações culturais de um tipo peculiar de individualismo, que começou a ser formado nos Estados Unidos e chegou a outras partes do mundo ocidental principalmente através de um processo de exportação da cultura daquele país.

1.3.1 – Da ética religiosa à moral indolor

-

²⁵ É importante notar, no entanto, que algumas áreas do serviço público vêm sendo permeadas pela lógica da competição e do desempenho. O governo do Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, através da Secretaria de Educação, implementou recentemente a prática de pagamentos diferenciados (premiações) a professores e diretores a partir do cumprimento de metas estabelecidas. É significativo, também nesse sentido, a criação de parâmetros de produtividade na carreira acadêmica, através de instrumentos como o currículo Lattes e medições como o Qualis Periódicos e o Qualis Livros, que têm como objetivo atribuir notas à produção intelectual com o propósito de ranquear professores/pesquisadores e programas de Pós-Graduação e facilitar, dessa forma, a atribuição de bolsas e demais incentivos.

Nas sociedades ocidentais cristãs, no período que antecedeu o movimento iluminista, a moral estava diretamente ligada às Sagradas Escrituras e ao temor a Deus. A modernidade marca o momento em que a ciência ganha um novo status e começa a se distanciar do ensinamento religioso, ao mesmo tempo em que a vida política e jurídica passa a responder de forma autônoma, tendo como base as demandas da razão humana. Certamente, esse foi um processo longo, em que coexistiram práticas referentes a ambos os domínios. Mesmo hoje, no mundo conhecido como o do desencantamento, percebemos a permanência de práticas e aspirações associadas ao imperativo divino (Taylor, 2010).

Especialmente a partir do século XVII a moral começa a ganhar contornos cada vez mais racionais, deixando de lado uma longa história de subordinação a ideais religiosos e transcendentais. A modernidade, dessa forma, é o período em que se consolida a transição de um mundo organizado em bases místicas para uma sociedade que passa a ter um novo protagonista:

As idéias de soberania individual e de igualdade civil, parte constitutiva da civilização democrática-individualista, exprimem os "princípios básicos e inquestionáveis" da moral universal, manifestam os imperativos imutáveis da razão moral e do direito natural que não podem ser ab-rogados por nenhuma lei humana. São "verdades evidentes por si", e simbolizam o novo valor absoluto dos tempos modernos: o indivíduo humano (Lipovetsky, 2005:2).

O indivíduo humano, então, torna-se o referencial para a criação de uma moral que deveria estar conectada ao estabelecimento de direitos subjetivos tais como a liberdade e a felicidade – inseridos, inclusive, na carta de independência dos Estados Unidos de 1776²⁶ –, ou, ao menos, a procura por tais ideais deixa de ser condenada, assim como a busca pelo prazer, que, paulatinamente, afasta-se do conceito de vício, embora permaneça regido por uma série de prescrições morais. Nas esferas política e econômica, os direitos soberanos dos indivíduos vão tornando-se preponderantes, e o direito de colocar os próprios interesses acima de tudo vai se tornando um princípio básico da ordem moral, legitimado pelo pensamento econômico liberal (Lipovetsky, 2005).

-

²⁶ "(...) We hold these truths to be self-evident, that all men are created equal, that they are endowed by their creator with certain inalienable Rights, that among these are Life, Liberty and the pursuit of Happiness".

Apesar disso, ainda estávamos, àquela época, sob o domínio de uma espécie de "religião moderna do dever", nas palavras de Lipovetsky (2005:4). Ou seja, se Deus perdia espaço como fonte de organização social, permanecia uma idealização do sentido de dever, da crença nas obrigações morais do homem e do cidadão, tal como proposto por Rousseau no século XVIII. Tais noções continuariam se manifestando, por exemplo, em relação ao amor pela pátria, através das imagens do soldado heroico e do bom cidadão, sempre dispostos a se sacrificar pelo bem comum. É interessante, nesse sentido, que os Estados Unidos, que ainda hoje exaltam um tipo de patriotismo militarista, tenham sido, também, o terreno mais fértil para o florescimento do novo modelo de individualismo que se espalhou por boa parte do mundo ocidental.

O início da modernidade, portanto, se apresenta sob duas faces. De um lado, "a idolatria do imperativo moral"; de outro, "a radical negação de sua legitimidade" (Lipovetsky, 2005: 7). As duas vertentes, no entanto, cada uma a seu modo, contribuíram para a construção de um mundo emancipado do poder religioso, e, assim, para a promoção do individuo autônomo: "moralistas e inimigos da moral aclamaram em uníssono a autonomia da vontade humana" (Idem). Ao se superar a ideia de vida após a morte, fica estabelecido que tanto os castigos quanto a felicidade devem ser vividos na experiência terrena. Todo mérito moral passa a residir nas práticas e propósitos de cada indivíduo.

Se hoje a ideia de punição religiosa está restrita a uma parcela da população e não se estabelece como parâmetro geral, pelo menos em boa parte do mundo ocidental, também outras espécies de condenação moral, que séculos atrás serviam como substitutos de Deus na prescrição de ordenamentos éticos, também se afrouxam, o que explica a facilidade com que certos conceitos, como a ambição, tornam-se passíveis de reavaliação, como veremos adiante.

A cultura moral, dessa forma, passou a estar associada aos princípios fundamentais do individualismo democrático universalista. Assim como deixa de existir uma clara diferenciação entre os que crêem em Deus e os que não crêem (em relação a suas obrigações morais), outras formas de distinção, tais como a estática hierarquia social, também se enfraquecem. Ou seja, cada vez mais depende apenas do indivíduo, e do uso que este faz de sua liberdade, ter a conduta alinhada, ou não, aos padrões éticos socialmente legitimados. Os homens, deste modo, vão ganhando cada vez mais responsabilidade e autonomia em relação a seus próprios atos e suas consequências.

Nas palavras de Souza (2006):

Ao rejeitar a idéia do sagrado mediado, os protestantes rejeitaram também toda a hierarquia social ligada a ela. Este é o fato decisivo aqui. Como as gradações da maior ou menor sacralidade de certas funções é a base da hierarquia (religiosa) das sociedades tradicionais, desvalorizar a hierarquia baseada nesta ordem é retirar os fundamentos da hierarquia social como um todo, tanto da esfera religiosa em sentido estrito quanto das outras esferas sob sua influência. Desse modo, abre-se espaço para uma nova e revolucionária (dado seu potencial equalizador e igualitário) noção de hierarquia social que passa a ter por base o self pontual tayloriano, ou seja, uma concepção contingente e historicamente específica de ser humano, presidido pela noção de calculabilidade, raciocínio prospectivo, autocontrole e trabalho produtivo (Souza, 2006: 31).

Ao citar o "self pontual tayloriano", Jessé Souza refere-se a uma questão abordada por Charles Taylor em seu As fontes do self (2005). No livro, o autor busca a gênese da ideia de interioridade, principalmente a partir de certas intuições morais que chama de "avaliações fortes", e que permitem a discriminação entre o certo e o errado, a partir de critérios que soam como independentes de nossa vontade. O self pontual, nesse sentido, poderia ser representado como o "sujeito do controle desprendido e racional" (idem: 210) que, segundo Taylor (2005) encontra seu pleno desenvolvimento em Locke e nos pensadores do Iluminismo. Antes disso, o autor vai buscar em Descartes um corte definitivo da noção de interioridade, pois é a partir dele que passamos a situar as fontes da moralidade dentro de nós mesmos. Em Agostinho, por exemplo, a divisão entre homem exterior e interior mantém a premissa de que o mergulho na interioridade serve, em última instância, para se realizar um encontro com algo superior, com Deus. A noção cartesiana de "agência humana" levou à concepção de um sujeito "descontextualizado", que instrumentaliza a si mesmo em nome de uma orientação decidida anteriormente com vista a um fim externo. Mas é apenas em Locke, portanto, que chegamos a essa noção que "se tornou uma forma de construirmos a nós mesmos, da qual achamos difícil descartar-nos" (Taylor, 2005: 210).

Depois do enfraquecimento da religião, surgiu uma nova fase relativa ao dever, que correspondia a uma necessidade de se entregar a um ideal de abnegação e total entrega a uma moralidade do Bem, o que ficou conhecido como individualismo democrático, que coexistia com uma perspectiva da filosofia utilitarista que buscava conciliar a busca por felicidade e virtude, "amor de si e amor ao bem público" (Lipovetsky, 2005: 14). Os modernos, a essa época, portanto, viam-se diante de duas possibilidades de caracterização da moral, uma mais

apegada aos interesses individuais, marcada pela ascensão da liberdade como elemento fundamental da conduta humana, e outra que, de certa forma, substituía a imagem de Deus pela noção laica de bem coletivo, mas, que a seu modo, ainda pressupunha uma espécie de renúncia ascética, não mais ligada a anseios místicos. Numa perspectiva kantiana, tal ideal de virtude desinteressada chegou ao ponto de tornar o ato moral impossível de ser praticado.

Era possível de se enxergar, assim, a permanência da mensagem cristã nos valores morais laicos. Ou seja, por mais que não estivesse subordinada a ordenamentos eclesiásticos, a moral continuava impregnada do caráter religioso²⁷. Simultaneamente, crescia entre os homens uma crença no poder do conhecimento, trazida pelo Iluminismo. A necessidade de comportamento ascético associada aos ordenamentos científicos, principalmente em relação a saúde e higiene, criaram um ciclo de ordenamentos morais relativos aos costumes, que ajudariam a criar regras de conduta para os mais distintos domínios da vida cotidiana. As prescrições relativas ao sexo são, nesse sentido, exemplares da substituição da moral religiosa pelo dispositivo da ética laica de base cientificista. Se o discurso do padre continuava a ter importância nas delimitações do pecado no ato sexual, juntamente com este surgia uma exposição de médicos e cientistas prontos a apontar doenças, aberrações e outras nefastas consequências para o que antes era proibido pela Igreja.

Até meados do século XX, as sociedades modernas glorificaram os direitos do indivíduo igual e autônomo, mas em toda parte os deveres são sempre invocados a fim de conjurar os perigos do espírito individualista de gozo e anarquia. A afirmação da soberania individual e o reconhecimento do direito à felicidade caminham lado a lado com a exaltação da prioridade dos deveres em relação à coletividade. A cultura do dever circunscreveu em dimensões estreitas a cultura dos direitos subjetivos, sobrepondo as obrigações da moral social, familiar e sexual à exigência individualista de busca da felicidade (Lipovetsky, 2005: 21).

A partir do século XIX começa a ganhar espaço, também, aquilo que pode ser considerado um dos percussores da autoajuda na modernidade. Os meios de comunicação que começam a ser usados à época, tais como jornais, panfletos, manuais de higiene e palestras públicas, ajudam em uma espécie de campanha contra a "decadência moral" das massas,

recebera adesão (nem teórica nem prática) das massas" (Lipovetsky, 2005: 17).

_

²⁷ Vale lembrar que "durante esse período, a instrução religiosa nunca deixou de ser ministrada à grande maioria das crianças; a Igreja continuou a ter uma presença marcante no campo da educação e da orientação moral. (...) A autonomia da moral em face da religião, embora fosse defendida por muitas correntes de pensamento, não

imiscuindo-se em todas as esferas da vida dos indivíduos e fornecendo dicas, sugestões, quando não ordenamentos, sobre como estes deveriam agir para obter uma conduta considerada decente.

A partir de meados do século XIX, depois de mais de dois séculos sob a égide do dever, as sociedades democráticas começam a retirar dessa demanda o peso de suas atribuições morais. A liberdade de escolha surge, então, como um novo imperativo, que tem como subprodutos noções como bom senso, autonomia, direito à felicidade e busca por prazer. É a esse período que Lipovetsky (2005) se refere como o das democracias pós-moralistas. Apesar do que sugere o termo, o autor não argumenta que vivemos uma etapa em que a moral foi suprimida, mas sim que na contemporaneidade os ordenamentos morais não gozam de muito prestígio. Mesmo o que alguns insistem em chamar de retorno da moral (manifestações homofóbicas, antiaborto etc.) seriam, para ele, apenas anseios por regulamentações éticas. "Fazemos um convite à responsabilidade, mas não exigimos uma inteira imolação ao próximo, à família ou à nação" (Idem: 26). Assim, muito mais do que aos guardiões da moral, hoje recorremos aos "especialistas", sobretudo os do campo psi. Em lugar do "imperativo hiperbólico da virtude", "direitos subjetivos, qualidade de vida e realização individual" (Idem).

Os livros de autoajuda podem ser caracterizados como pertencentes a essa dinâmica, ou seja, mais do que ordenar como alguém deve viver, eles ajudam no sentido de aconselhar as melhores atitudes, as que garantem um resultado promissor, tais como a vitória, a felicidade, o sucesso, a riqueza. É uma preocupação constante dos autores, inclusive, deixar claro, logo no início das obras, que o objetivo do livro é auxiliar em um processo de autoaprimoramento, e não impor, preescrever atitudes, até porque o *leitmotiv* da maioria desses livros está na afirmação de que as soluções e respostas estão sempre dentro de nós, cabendo à autoajuda apenas despertá-las.

Uma característica marcante do momento atual no que se refere à sempre complexa relação entre indivíduo e sociedade é o principio do não-dano, cuja principal premissa seria a ideia de que você pode levar sua vida da maneira que desejar, contanto que suas atitudes não afetem diretamente outras pessoas. Daí a sistemática criminalização de atitudes como beber e dirigir ou, ainda, de fumar em lugares públicos²⁸. Diferentemente de uma sociedade amoral, o que percebemos, portanto, é a busca por justas medidas, por regulamentações. Engajamo-nos ao

-

²⁸ Devo as reflexões sobre esse tema às discussões desenvolvidas nos cursos oferecidos pelo professor Paulo Vaz na ECO/UFRJ.

senso de responsabilidade (e mesmo o apreciamos), contanto que ele não interfira em nossa liberdade individual, nosso direito de fazer escolhas, e que não lembre em nada um dever tal como concebido no início da modernidade (aquele que pressupunha a abnegação e o ascetismo). Essa questão, no entanto, a meu ver, é bem mais complexa. Afetar os outros vai muito além de causar um acidente se dirigirmos bêbados ou incomodar não-fumantes com a fumaça de um cigarro. Nesse sentido, teríamos que pensar em de que forma nos sentimos implicados em uma relação de responsabilidade com o *Outro* em uma dimensão muito mais profunda, em que, por exemplo, a plena adesão a um modo de vida adequado ao sistema econômico dominante nos tornaria responsáveis pelos excluídos por esse mesmo sistema.

A solidariedade, no entanto, ainda não caiu em total descrédito. Certamente ainda nos preocupamos com os outros, principalmente com nossos entes queridos, com os quais nos sentimos diretamente implicados. Contudo, mesmo a esse zelo, hoje, são impostos certos limites. Um dos livros de autoajuda de maior repercussão nos últimos anos foi o Co-dependência nunca mais (Beattie, 2009), voltado a pessoas que vivem a penosa situação de acompanhar, de perto, algum tipo de dependência (vício em drogas, álcool, jogo etc). Se no domínio da moral cristã seria louvável morrer pela humanidade (e mesmo à época do chamado individualismo democrático, fenecer pela pátria), atualmente, prejudicar a própria vida por causa das atitudes de terceiros é considerado patológico. O livro é bastante claro em identificar graus corretos de envolvimento com os problemas alheios (mesmo que esse outro seja um filho, o pai, a mãe...). Apesar de não pregar o total desprendimento das ocupações e cuidados, há sempre a noção de que tais inquietações só devem existir se elas não resultarem em um prejuízo à sua própria vida, como deixa claro a autora logo na introdução: "existem muitos livros bons sobre como ajudar o alcoólico. Este livro é sobre a sua responsabilidade mais importante, e talvez a mais negligenciada: como cuidar de si mesmo" (Beattie, 2009: 19, grifo meu). Tendo em vista que o maior vendedor de livros hoje em dia é o segmento de autoajuda e não de alterajuda, dificilmente concordaríamos com Beattie a respeito de tal negligência²⁹.

1.3.2 - A ênfase no indivíduo

²⁹ Cabe ressaltar que esse livro, diferente de outros do mesmo segmento, é voltado para um grupo específico de pessoas, que acompanham diversos tipos de dependência através de uma pessoa próxima. Talvez isso explique tal colocação.

De acordo com Robert Bellah (1985), as origens da ideologia individualista dominante nos Estados Unidos podem ser encontradas em quatro tradições: a bíblica – baseada na ideia de liberdade moral em uma comunidade pautada pela ética; a cívica, ou republicana – que defende o princípio da igualdade política em uma sociedade democrática; a utilitarista – relativa à concepção de que os sujeitos devem perseguir com afinco seus interesses materiais; e, por fim, a expressiva – que encoraja o cultivo do espírito e da identidade. Apesar de detectar essas quatro fontes, o autor afirma que o elemento dominante da cultura comum norte-americana é o utilitarismo, que tem suas raízes históricas na tradição utilitarista angloamericana. Esse traço específico do individualismo, no entanto, teve seu campo de influência limitado pelo expressivismo, este moldado a partir do Romantismo e na ênfase da autenticidade individual, o que, de certa forma, acabou resultando em um híbrido que pode ser chamado de individualismo utilitarista e expressivo (Bellah, 1999; Oliveira, 1999).

As tradições utilitarista e expressivista, a propósito, são as que representam uma menor preocupação com o vínculo entre indivíduo e sociedade e foram internalizadas principalmente em relação aos aspectos que priorizam os interesses particulares dos sujeitos, o que contribuiu para o espraiamento e a consolidação de "concepções que têm como referência ou ideal um indivíduo descontextualizado e totalmente independente das relações sociais" (Oliveira, 1999: 281). Para Bellah (1985), estaria aí a chave explicativa para a dificuldade de articulação de um discurso coerente sobre o compromisso social por parte dos norte-americanos, que teriam seu campo discursivo restringido pelo que chamou de "primeira língua do individualismo americano" (34), cuja ênfase está na ideia de autossuficiência, sintetizada de maneira magistral pela já clássica frase da ex-primeira ministra britânica Margaret Thatcher "essa tal de sociedade não existe, existem indivíduos e suas famílias", símbolo da ideologia capitalista liberal, da qual o individualismo é um dos principais aspectos.

Nos Estados Unidos, a fé no indivíduo pode ser entendida a partir do destaque dado ao conceito de *oportunidade*, lema do país defendido pelas correntes políticas polarizadas em torno dos dois principais partidos, que divergem apenas a respeito de qual deve ser a forma de se alcançar tais oportunidades. A questão passa a ser se o Estado deve ou não arbitrar e promover a justiça na competição entre os sujeitos, ou se deve prevalecer apenas a força do mercado, que mais do que uma instituição social, passa a ser visto como manifestação da natureza, uma entidade autônoma e transcendental, passível de humores que levam a estranhas

_

³⁰ Citado em *The revival of Britain: speeches on home and economic affairs*, 1975-1988 (1989).

colocações por parte da mídia, tais como "o mercado acordou nervoso" ou "o mercado aguarda ansioso tal decisão". O efeito colateral da ênfase nas saídas particulares para problemas coletivos é que perdem força as ideias que buscam promover uma verdadeira mudança no funcionamento da sociedade. Mais do que isso, a articulação das soluções individuais acaba obliterando a própria origem compartilhada dos problemas e impedindo um questionamento mais amplo sobre a forma como a sociedade como um todo funciona. De acordo com Ulrich Beck (1992), os riscos e as contradições são produzidos socialmente, apenas o dever e a necessidade de lidar com eles é que estão sendo individualizados, gerando uma situação em que a forma com que se vive torna-se uma espécie de solução biográfica para problemas sistêmicos. É nesse sentido que Tocqueville (1969) afirma que o indivíduo é o pior inimigo do cidadão, ou seja, concomitantemente ao processo de individualização, ocorre a progressiva desintegração da cidadania.

O que parece decisivo, nesse ponto, é a identificação do tipo de *projeto* que vai prevalecer em uma dada sociedade, os projetos individuais ou os sociais, compartilhados. Projeto, como proposto por Gilberto Velho (1987), deve ser entendido como uma manifestação consciente (e comunicável) da ação e da motivação dos indivíduos em busca de um ideal de vida. Por mais que em todas as sociedades, mesmo nas arcaicas, houvesse a possibilidade da individualização, esse processo ganha uma nova dimensão nas sociedades contemporâneas, principalmente devido ao enfraquecimento da tradição, que vai perdendo sua força delimitadora. É na nossa sociedade, portanto, que o indivíduo transforma-se no foco privilegiado de todo o discurso cultural, diferente do que verificamos não apenas em sociedades tradicionais, mas, também, em sociedades fortemente hierarquizadas como a Índia, onde a unidade mínima de vida social pode ser encontrada não no indivíduo, mas nas castas e subcastas (Velho, 1987; Dumont, 1970).

Em termos históricos, segundo Louis Dumont (1970), a própria noção de indivíduo é um dado relativamente novo, surgido por volta dos séculos XVII e XVIII e consolidado a partir do século XIX, com a sedimentação do romance picaresco na história da literatura, em que é dado destaque à problemática nitidamente individual do herói diante da sociedade, o chamado romance psicológico, cuja base é justamente a descontinuidade entre o sujeito e o entorno social. "É nesse período, portanto, que se pode encontrar, com toda a plenitude, a biografia individual colocada como problema central, como foco básico das preocupações intelectuais e morais" (Velho, 1987: 97). Cumpre ressaltar que, de acordo a perspectiva foucaultiana, no

entanto, torna-se mais complexo delimitar o momento de surgimento do indivíduo tal como ele é concebido hoje, já que a própria noção de sujeito seria um construto social, portanto algo decorrente do processo histórico.

Retomando os argumentos de Gilberto Velho (1987), projeto não é um fenômeno puramente interno e subjetivo, e sim formulado dentro de um campo de possibilidades, que é circunscrito histórica e culturalmente, já que em cada contexto há um repertório limitado de preocupações e modos de estar no mundo. O autor também fala a respeito dos "contextos individualizadores", que pressupõem uma concepção de cultura como uma rede de significados, tal como proposta por Clifford Geertz (1978), e que focalizam o indivíduo biológico como a unidade significativa em torno do qual se desenvolve um sistema de relevâncias. Todas as culturas, dessa forma, possuem contextos individualizadores, o que vai variar é sua importância e prioridade. O momento cultural contemporâneo, nesse sentido, seria aquele que fomentaria o terreno mais fěrtil para as instâncias de individualização.

Não podemos pensar, no entanto, em algo como um contexto individualizador que sufoque as demais formas de existência, assim como é inviável imaginar um projeto individual puro, uma vez que eles são elaborados e construídos em função de experiências socioculturais, de um código, de vivências e interações que demandam sempre uma referência ao outro, ao social. Há, portanto, a questão de o engajamento aos modelos de conduta e projetos de vida ser algo facultativo, ou seja, por mais que haja uma interrelação de circunstâncias que tornem certas escolhas mais lógicas ou sedutoras, é importante que esse processo permita um grau de agenciamento. É interessante, nesse sentido, a proeminência da questão da liberdade como um dos conceitos mais valorizados pela autoajuda, nesse mesmo sentido de que ela fornece dicas/sugestões para a adesão *voluntária* a um modo de vida desejável, se levarmos em consideração que, para Foucault, o poder só se exerce, justamente, sobre sujeitos livres:

entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidades onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer. Não há relação de poder onde as determinações estão saturadas (...). Não há, portanto, um confronto entre poder e liberdade, numa relação de exclusão (onde o poder se exerce, a liberdade desaparece); mas um jogo muito mais complexo: neste jogo, a liberdade aparecerá como uma condição de existência do poder (1995: 244).

Para Bauman (2008), a relação estabelecida na contemporaneidade entre a liberdade e o poder ganha uma configuração caracterizada como "bizarra". Para ele, contexto em que se verifica o plácido consentimento entre os indivíduos de jogarem o jogo no qual "os dados podem estar viciados" e onde há uma "aparente renúncia a todo o interesse de saber se (e como) as vantagens estão sendo empilhadas" soa totalmente contrário à razão e pareceria mais compreensível se tais atores fossem "forçados a se render" em vez de "indivíduos por decreto, livres para escolher" (Bauman, 2008: 18).

Mais do que uma possibilidade, a liberdade individual passa a ser encarada como uma condição para o estabelecimento de diretrizes que surgem de diferentes instituições produtoras de saber que incentivam, dentre outras coisas, o engajamento em projetos que têm como foco o sujeito, e não a sociedade como um todo. Dessa forma, o que torna um projeto distinto é sua ênfase maior ou menor no indivíduo isolado, entendido como principal força propulsora de uma determinada forma de vida. Uma das hipóteses deste trabalho é que na história dos Estados Unidos, aquele contexto específico fomentou a opção por projetos que tinham como característica principal a crença no indivíduo, e que enxergavam as forças sociais através de um prisma instrumental, ou seja, pensavam o associativismo a partir dos possíveis ganhos individuais que ele poderia fornecer.

A literatura de autoajuda, nesse sentido, é um produto dessa preferência por projetos individuais, e por isso seu sucesso naquele país, onde mais do que um gênero literário, se tornou uma espécie de ethos, na acepção fornecida por Clifford Geertz (1978), como representação de aspectos morais e estéticos valorativos de uma cultura determinada, e como uma visão de mundo, no sentido da incorporação de aspectos cognitivos e existenciais. Um dos pressupostos que utilizo nessa tese afirma que, apesar de a formação do estado brasileiro ter tido referenciais simbólicos bastante distintos dos norte-americanos, como discutimos anteriormente, nas últimas décadas, paralelamente à acolhida de práticas econômicas e políticas caras aos padrões daquele país, houve no Brasil uma decorrente adoção e legitimação social do paradigma dos projetos individuais, o que também ajudaria a explicar o êxito que a autoajuda vem conseguindo por aqui. Por mais que essa questão seja tratada com mais vagar no segundo capítulo, acredito que seja importante pontuar essas considerações nesse momento, no sentido de explicitar em que dimensão o debate sobre individualismo nos concerne.

De acordo com Velho (1987), as emoções são a matéria-prima dos projetos. Da mesma forma que há sentimentos que são valorizados, tolerados ou condenados dentro de uma

sociedade, diferentes projetos também serão legitimados a partir do uso que fazem de tais emoções, e estão sujeitos à análise dos padrões de normalidade, de um código ético-moral que o definirá não apenas como válido ou não válido, mas também como errado, inadequado, impróprio, sujo, perigoso etc. É interessante pensar, nesse ponto, sobre como mudanças nos paradigmas de valorização de determinadas emoções acarretaram transformações na validação de certos tipos de projetos. Se há algum tempo sentimentos como a ambição, o egoísmo e a ganância eram vistos de forma negativa, hoje já é possível percebermos sua sanção, prescrita em doses *corretas*.

Em primeiro de março de 2006, a revista *Veja* trouxe em sua capa a sugestiva imagem de um homem vestido de terno subindo uma escada em direção ao céu com os dizeres: "Ambição – Ela produziu maravilhas e tragédias. Agora se sabe como usá-la na medida certa na vida pessoal e profissional", Na parte de dentro da matéria, descobrimos que, como de costume, a motivação para o tratamento do assunto partiu de pesquisas científicas "de psicólogos, educadores e motivadores pessoais", que buscam "identificá-la logo cedo nas crianças" e "instilar esse magnetismo em grupos de trabalho nas grandes empresas" (55), além de investigar uma possível origem genética ou atividade cerebral peculiar para o comportamento ambicioso.

Apresentada como uma poderosa força que norteia as ações das pessoas "do café da manhã ao sono profundo, da escolha dos amigos à ida ao supermercado" (idem), a ambição, "uma das características mais desejáveis tanto na vida profissional quanto na pessoal" (idem) é associada durante toda matéria ao imaginário da vitória. No índice da revista, a reportagem é apresentada como "o que diferencia os vencedores das pessoas comuns" (9). Daniela Pinheiro, jornalista que assina a matéria, afirma que "atribui-se à ambição a persistência e a efusividade invejáveis naqueles que venceram na vida" e que "[o] ambicioso se sente a cada minuto como um vitorioso que já chegou ao topo – mesmo que tenha dado somente o primeiro passo" (55), além de associar a ambição ao ubíquo conceito de autoestima, que, a propósito, também já mereceu capa da publicação³².

Especialista em fazer biografías se encaixarem em seu argumento, *Veja* lista como ambiciosos um eclético grupo de personalidades: Newton, Napoleão, Britney Spears, Paulo

-

³¹ Para uma análise mais aprofundada desta matéria, ver Freire Filho, 2013.

³² Uma análise sobre essa matéria ("Eu me amo. O poder da auto-estima. A conquista do amor-próprio é a garantia de paz interior em um mundo de modelos inatingíveis e enormes cargas de stress"), publicada na edição de 04/07/2007, pode ser encontrada em Freire Filho, 2011.

Coelho, Cleópatra, Hitler, Martin Luther King, Adriane Galisteu e Lula, e aponta como razões para o *sucesso* desses indivíduos o fato de "saberem o que fazer com a ambição" (55). Em um trecho que se assemelha bastante a passagens de livros de autoajuda, a revista afirma que "acreditar que existe uma porção da população imune ao fascínio da ambição é um engano. Sabe-se que a energia para vencer é inerente ao ser humano. O que muda é sua meta" (60) e apresenta, ao final da matéria, um teste para o leitor identificar se é ou não ambicioso.

O mesmo tipo de abordagem também pode ser encontrado nos livros de autoajuda, que constantemente apresentam a ambição com aura de positividade, apesar de manterem a preocupação em ratificar um aspecto menos danoso do sentimento, como fica claro na apresentação de *Templo dos Vencedores*: "livro destinado às pessoas ambiciosas – no melhor sentido do termo, ou seja, imbuídas de uma vontade positiva de atingir um objetivo de ordem superior – e afeitas ao trabalho, mas que não prescindem dos valores éticos" (Ventaja, 2002).

A legitimação de um sentimento como a ambição 33 valida correlatamente os projetos de vida que têm esse conceito como sua principal força propulsora, o que é um dado bastante característico da sociedade contemporânea. É importante ressaltar, no entanto, que em uma sociedade complexa como a brasileira, coexistem diferentes modelos culturais, portanto, distintos padrões de projetos, construídos a partir de visões de mundo moldadas por contextos localizados, tais como a influência rural/urbana e os díspares graus de desencantamento. A questão a ser avaliada aqui é que, apesar de existirem múltiplas possibilidades de existência, algumas são apresentadas como modelos oficiais, através de sistemas de valores dominantes, amplamente difundidos pelos dispositivos midiáticos, dentre os quais se destaca a cultura da autoajuda.

Um dos pontos mais problemáticos dessa questão é o fato de que, apesar de ser um *ethos* formado por um campo de possibilidades relativo a uma origem urbana e de classe média, esse imaginário atravessa diferentes classes sociais e localidades, passando a ser visto como *a* forma mais conveniente de se estar no mundo. Ou seja, apesar de não podermos falar em modelos de vida exclusivos, certamente podemos anunciar a existência de modelos dominantes, sustentados pelas instituições oficiais e apoiados pelas instâncias produtoras de saber e poder, e que são individualizantes por excelência. O individualismo, portanto, produto da mentalidade liberal, é a expressão característica do modelo dominante de projetos de vida e sua influência

-

³³ Sobre a ressignificação da correlata noção de ganância a partir da análise dos filmes *Wall Street – poder e cobiça* (1987) e *Wall Street – o dinheiro nunca dorme* (2010), ver Bakker, 2011.

no desenvolvimento da autoajuda poderá ser investigada com mais vagar no próximo capítulo, a partir da análise dos clássicos precursores do gênero.

Capítulo 2: Cultura da autoajuda

2.1 – As origens do gênero

Ao buscarmos a gênese da autoajuda, frequentemente nos deparamos com menções à antiguidade clássica, às "regras de bem viver" propostas por alguns pensadores, aos livros de interpretação dos sonhos que, como nos lembra Foucault, funcionavam, nos primeiros séculos de nossa época, como "técnicas de vida" (1985: 14), "manuais de vida" (1985: 15) ou, ainda, aos numerosos tratados, manuais e documentos produzidos ao longo do século XVIII e que tinham como objetivo discutir os melhores caminhos para a boa vida e a felicidade. A maior parte dos pesquisadores, no entanto, definiu como fundador do gênero o autoexplicativo *Self-Help*, de Samuel Smiles, publicado em 1859, na Inglaterra.

2.1.1 – Self-Help (Samuel Smiles, 1859)

O livro é uma espécie de tratado baseado em um conjunto de palestras que o autor proferiu em uma associação de trabalhadores da cidade inglesa de Leeds, que estimulava a troca de informações e aulas entre operários da comunidade. A história dessa obra é bastante significativa para o debate sobre o individualismo promovido pelo gênero e para o entendimento da autoajuda como um estilo controverso e indutor de análises superficiais. Em um artigo que trata da trajetória profissional de Smiles, Robert John Morris (1981) mostra como somente a partir de uma grande pesquisa sobre a vida do autor é possível entendermos como ele chegou à produção dessa obra seminal.

As ideias expressas no livro são o resultado de um longo processo de envolvimento político de Smiles³⁴ com as aspirações da pequena burguesia inglesa, que, desde o início do século XIX, reivindicava mudanças políticas e sociais, em uma conjuntura que teve como ponto culminante o movimento conhecido como Cartismo. De acordo com Moris (1981), a obra mais conhecida de Smiles costuma ser interpretada por historiadores como veículo de divulgação,

_

³⁴ Samuel Smiles era escocês, mas passou praticamente toda sua vida na Inglaterra, onde conciliava a medicina com a função de articulista em um jornal.

entre a classe trabalhadora, do mito vitoriano da ascensão social e do ideal do *self-made man*. Ou seja, como apologética da riqueza, do poder e da iniciativa da classe média.

Para Moris (1981), porém, a biografia de Smiles revela um sujeito que durante toda a vida atuou de forma engajada na luta por ideais que contemplavam o conjunto da sociedade, mas que, ao longo de sua trajetória, viu projetos coletivos falharem por disputas internas, falhas de comunicação e insuficiência de articulação frente a um Estado aristocrático pouco disposto a fazer concessões. *Self-Help* (1859) deveria, então, ser compreendido como o resultado de uma série de desilusões no campo do ativismo político. Quando questiona a intervenção do Estado na vida dos indivíduos, por exemplo, era o Estado sectário e dominado pelos interesses das elites que Smiles teria em mente.

A atuação do autor na Associação Operária de Leeds é bastante significativa, pois um dos pontos centrais de seu argumento é a importância da educação como forma de permitir a discussão pública sobre problemas sociais e a diminuição das desigualdades. À deficiência na instrução de determinadas parcelas da população ele imputava as mazelas vividas socialmente, como a pobreza, a violência e a criminalidade. Em textos publicados na época, o autor ratifica sua visão do homem como um ser racional e que deve empregar a razão na busca pela própria felicidade e pelo bem-estar coletivo.

Conforme ia sofrendo desgostos no campo da luta política, Smiles transferia a importância da educação pública para o campo do desenvolvimento individual. Os homens, assim, deveriam ser os agentes ativos de seu bem-estar. O herói de seu *Self-Help* (1859) é o autodidata, que, através da leitura, poderia tornar-se um homem "melhor, mais forte, mais livre e mais feliz" (apud Morris, 1981). É daí que surge a própria ideia de autoajuda, ou seja, na crença de que antes de buscar auxílio em outras esferas, os homens devem ajudar a si mesmos principalmente através da educação e do autodidatismo. O culto à responsabilidade individual que vai aparecer com força em seus trabalhos posteriores revela a gênese de certas ideias que repercutem até hoje nos livros desse gênero: a ênfase no autoconhecimento, no autorrespeito, na autorrealização e o medo da perda da individualidade em meio às mudanças advindas com o estabelecimento de um modo de vida urbano. Ou seja, mais do que à promoção do otimismo da era vitoriana, a origem da autoajuda está ligada, sobretudo, a uma espécie de utopia da classe média, frustrada pelas desilusões vividas pela pequena burguesia de meados do século XIX.

A partir da descrença nas soluções políticas, os indivíduos são conclamados a buscar recursos dentro de si. "A nação é só um conjunto das condições individuais, e a civilização em

si uma mera questão de melhoria pessoal dos homens, mulheres e crianças que compõem a sociedade" (Smiles, 2011: 9), sustenta o autor. A justificativa para a escolha da autoajuda como prática baseava-se na concepção de que, com o avanço na liberdade moral e o declínio do modo de trabalho baseado no sistema de artes mecânicas (o que gradativamente tornaria os trabalhadores alheios à sua produção), os sujeitos precisariam de um estímulo externo para se dedicarem ao cultivo moral do dever. A autoajuda, então, poderia cumprir tal função. Assim, como a sociedade deixava, cada vez mais, de produzir exemplos a serem seguidos, caberia aos livros a incumbência de passar adiante os relatos biográficos de homens dignos de admiração. De acordo com Rüdiger (1996: 47),

a formação do caráter e o respeito da consciência moral, postos na dependência da força de vontade individual, transformaram-se em matéria de auto-ajuda (...). Desta forma, Smiles escreveu um tratado popular de moral que conduziu ao extremo o processo de mediação literária da formação do caráter desencadeado concomitantemente à revolução individualista moderna e conduziu ao limite conceitual a capacidade dos indivíduos responderem praticamente, com categorias morais, carregadas de conteúdo valorativo comum, aos seus problemas pessoais. A secularização da ética protestante é um processo com várias estações. Self-Help constitui um símbolo marcante do momento representado pela literatura que mediou para o indivíduo a experiência de libertação das representações coletivas dominantes no mundo pré-moderno e processou moralmente os desafios colocados ao sujeito pela desintegração das culturas tradicionais

Uma diferença significativa entre o precursor *Self-Help* e o gênero homônimo produzido atualmente é que, na obra de 1859, não havia nenhuma menção ao autodesenvolvimento como forma de alcançar o sucesso, ou de satisfazer desejos individuais. A grande inquietação do autor era com o aprimoramento do caráter, e com o estabelecimento de um padrão de comportamento moral que fosse socialmente válido.

A coroa e a glória da vida é o Caráter. Ele exerce um poder maior do que a riqueza e assegura toda a honra sem os ciúmes da fama. (...) É o resultado provado da honra, da retidão e da consistência — qualidades que, talvez mais do que qualquer outra, comandam a confiança e o respeito geral da humanidade. O caráter é a natureza humana em sua melhor forma. É a ordem moral corporificada no indivíduo (Smiles, 2011: 428).

Segundo Rüdiger (1996: 39), "Smiles sugere que o homem dotado de individualidade é aquele que, agindo por conta própria, emprega suas forças no cumprimento do dever". Para ele, "os móveis da ação humana não devem ser o prazer, a posição, e a riqueza, mas os sentimentos morais, dependentes da consciência e consubstanciados no dever" (idem). Nas palavras do próprio Smiles:

A vida de maior sucesso não é aquela na qual o homem tem mais prazer, mais dinheiro, mais poder ou lugar, honra ou fama, e, sim, aquela na qual o homem tem mais coragem e faz a maior quantidade de trabalho útil e de dever humano (2011: 351).

Ecos da moral puritana são perceptíveis na crença de que as fortunas devem ser encaradas sempre como consequências de bons serviços prestados à comunidade e da boa execução de um trabalho orientado pela vocação, nunca como um fim em si mesmo. Nesse sentido, é coerente que não haja praticamente nenhum comerciante ou industrial dentre os personagens que têm suas trajetórias narradas no livro. Mesmo no capítulo dedicado aos homens de negócio ["fontes de grande beneficio para as vizinhanças nas quais trabalharam e de um aumento de poder e riqueza para a comunidade como um todo" (Smiles, 2011: 500)], o que vemos são personagens que precisam lidar com a administração pública, ou, no máximo, empregados de determinados empreendimentos comerciais, não seus proprietários so Suas façanhas mais exaltadas, no entanto, não se referem às cifras acumuladas, mas, sobretudo, às ações beneficentes e ao engajamento em causas nobres como a luta contra a escravidão.

Em vez de empresários, ganham destaque na obra estadistas, inventores, militares, filósofos, escritores e religiosos. Em uma edição publicada no Brasil em 2011, o livro recebeu como título *Ajude-se: os grandes nomes do passado nos mostram exemplos de perseverança* (Smiles, 2011). Hoje, sob a proeminência do imaginário do sucesso, seria impensável que uma publicação com tal perfil não trouxesse dentre as figuras paradigmáticas capitalistas de sucesso

³⁵ A única história de um comerciante considerada pelo autor como digna de figurar nas páginas do livro é a de um fabricante de cerveja: "Um conhecido cervejeiro atribuiu seu sucesso à liberdade com a qual usava seu malte. Indo até o barril e experimentando a cerveja, dizia: 'Ainda um pouco pobre, rapazes, adicionem mais uma medida de malte'. O cervejeiro colocava todo seu caráter na cerveja, e esta provou ser igualmente generosa, conseguindo uma reputação na Inglaterra, na Índia e nas colônias, construindo as fundações de uma grande fortuna" (Smiles,

³⁶ Esta versão do livro, única edição em língua portuguesa lançada no Brasil, é a que está sendo analisada nesta tese.

³⁷. A propósito, não são poucos os casos em que bem-sucedidos homens de negócio resolvem lançar seus próprios livros de aconselhamento com viés autobiográfico. O caso mais recente é o de Eike Batista³⁸, autor de *O X da questão* (2011), que chegou a liderar a lista dos mais vendidos da revista *Veja*, onde ficou por 32 semanas figurando na categoria "Autoajuda e Esoterismo".

É notável, na obra de Smiles (2011), a posição defensiva do autor ao citar trabalhadores do ramo da Administração e do Comércio como condutas exemplares. Ao longo de todo o capítulo, o autor usa justificativas que transparecem a noção de que estes eram vistos por algumas parcelas da sociedade como trabalhadores de menor valor: "tem sido a falácia favorita de tolos em todas as épocas que homens geniais são inadequados para os negócios, assim como ocupações de negócios tornam os homens inadequados para as buscas geniais" (idem: 298). Aparentemente, oficio que não tinha ligação direta com arte e ciência era considerado menos digno, o que é contemporizado pelo autor: "pois não é o chamado que degrada o homem, mas homem que degrada o chamado" (idem). Alguns lugares comuns da autoajuda contemporânea, e que já circulavam naquela época, também são relativizadas por Smiles. Ao comentar a máxima "tempo é dinheiro", ele conclui: "mas o tempo é mais: seu próprio aperfeiçoamento é cultura própria e crescimento do caráter" (2011: 309).

Os demais livros publicados por Samuel Smiles e as obras de autores por ele influenciados são característicos do que se convencionou chamar de cultura do caráter, que teve seu apogeu no século XIX. Nesse contexto, a felicidade e o bem-estar são identificados como a boa execução de um trabalho e como o cumprimento do dever individual. O caráter, aqui, surge como o conceito-chave, ocupando o lugar que contemporaneamente é preenchido por sucesso, autorrealização, autoestima e demais chamarizes do gênero homônimo à obra-prima do autor. De acordo com Rüdiger,

[Em Self-Help] a perspectiva de conjunto, em essência, é pré-moderna – e não individualista. O projeto contido em suas páginas, assim como nos demais livros do autor, consiste de fato em conciliar o espírito do progresso pessoal, baseado no emprego da vontade, com a moralidade tradicional. Em última instância, o esforço em questão visa a provar que o sucesso e o bem estar individual só podem ser logrados respeitando-se essa dimensão, entendida como cimento da sociedade (1996: 37).

-

³⁷ Em um artigo em que analisa o perfil dos vencedores na revista *Veja*, Prado comenta: "Quem merece ser colocado nesse pódio de capa como exemplo de sucesso e vitória? Não é um religioso, um missionário, um professor universitário, um cientista, mas o empresário" (2003: 1).

³⁸ Sobre o empresário Eike Batista e seu processo de celebrização, ver Freire Filho e Castellano, 2012.

O livro é, portanto, um exemplar da cultura moral que se estabeleceu durante o século XIX e que, fortemente atrelada ao conceito de dever, buscava conciliar o princípio da liberdade individual com as obrigações com a coletividade. O conceito de caráter aparece como uma espécie de mediação individual da ordem moral entendida a partir de um ponto de vista histórico. Ou seja, os indivíduos também teriam como parte de seu dever a transmissão do legado das gerações anteriores.

É interessante como a ênfase no caráter aparece associada a características do universo notadamente masculino, tais como coragem e energia. O livro, nesse sentido, é voltado especialmente aos homens, a quem Smiles evoca a todo instante: "O caráter de um homem é visto nas pequenas coisas, e, de um teste pequeno, por exemplo, o modo com o qual o homem manuseia um martelo, pode-se inferir de alguma forma sua energia" (Smiles: 2011: 253); "a energia da vontade pode ser definida como o poder central do caráter de um homem— em uma palavra: é o próprio homem" (idem: 254). Ao falar em homem, fica claro que ele se refere, sobretudo, aos indivíduos do sexo masculino e não à espécie humana de maneira generalizada, o que pode ser comprovado pelo fato de só existirem homens dentre as biografias citadas ao longo das mais de 500 páginas da obra.

A retórica da superação já aparece esboçada nesta obra, mas a partir de uma perspectiva bastante distinta da que percebemos hoje disseminada pelo imaginário da vitória. No contexto de *Self-Help*, a pobreza, e as dificuldades mais gerais, são encaradas não só como um estado que pode ser transformado, como também como condição para uma existência mais digna. Isso porque uma vida muito confortável poderia levar a um comportamento preguiçoso e acomodado, de pouca disciplina, o que induziria a uma falta de compromisso com os deveres.

A importância que o trabalho possui nesse contexto social permite que tal perspectiva seja analisada com maior coerência: "É certo que nenhum pão comido pelo homem é tão doce quanto aquele comprado por seu próprio trabalho, seja físico, seja mental (...). O trabalho não é só uma necessidade e um dever, é uma benção: só o ocioso acha que é uma maldição" (Smiles, 2011: 40). O fracasso, nesse sentido, é visto não apenas como parte da vida, mas também como uma etapa da consecução de uma trajetória bem-sucedida não do ponto de vista financeiro, mas moral. A ênfase na responsabilidade individual nos rumos da própria vida já aparece de maneira forte e entremeada pela convocação constante à prática da autoajuda, entendida como a necessidade de o sujeito agir no sentido de garantir a si a melhor formação.

Nesse contexto, a responsabilidade por transformar os malogros em motivação caberia a cada um e há um julgamento por parte do autor sobre os que preferem imputar a culpa dos reveses a outrem: "Aqueles que fracassam na vida estão, no entanto, muito aptos para assumir um tom de inocência ofendida e concluir rápido demais que todos, menos eles, foram responsáveis pelos seus infortúnios pessoais" (Smiles, 2011: 304). O azar também é desacreditado como justificativa para a não consecução de uma boa vida :

Alguns acreditam que nasceram com má sorte e decidem que o mundo invariavelmente está contra eles, sem culpa de sua parte. Ouvimos de uma pessoa desse tipo, que declarou acreditar que, se tivesse sido um chapeleiro, as pessoas teriam nascido sem cabeça! No entanto, há um provérbio russo que diz que o azar é vizinho da estupidez, e, muitas vezes, os homens que lamentam constantemente sua sorte, estão, de certa maneira, colhendo as consequências de sua própria negligência, falta de administração, imprudência ou falta de dedicação (Smiles, 2011: 304).

A vitória, nessa conjuntura, ainda não aparece como um valor em si, podendo representar, inclusive, uma ameaça à integridade. Ao comentar a bela trajetória do duque de Wellington nos campos de batalha, Smiles afirma: "mas uma vitória tão brilhante não perturbou sua tranquilidade nem afetou sua perfeita honestidade de caráter" (2011: 315). O discurso do autor reitera constantemente a ideia de que o sucesso só pode ser valorizado se for acompanhado de esforço e diligência, esses, sim, entendidos como bons em si mesmos e para os quais não deveria haver limites:

O esforço, dizem, fait l'ours danser [faz o urso dançar]. A pobre bailarina precisa dedicar anos de trabalho incessante a tarefas aparentemente infrutíferas antes de brilhar no palco. Quando Marie Taglioni se preparava para sua exibição noturna, depois de uma lição severa de duas horas de seu pai, ela caía completamente exausta e tinha de ser despida, lavada e ressuscitada, estando completamente inconsciente. A agilidade e os saltos eram assegurados somente a esse preço (Smiles, 2011: 113).

A sorte, por isso, é vista com maus olhos, como o caminho escolhido por aqueles que preferem evitar o trabalho árduo, afinal "acidentes contribuem muito pouco para a produção de um grande resultado na vida (...). [A] estrada comum do esforço e da dedicação contínuos é a única segura pela qual viajar" (Smiles, 2011: 137). Nem mesmo o gênio dos artistas é motivo para a displicência: "Não importa quão generosa a natureza foi em conceder a dádiva da

genialidade, pois a busca da arte é um trabalho longo e contínuo" (idem: 181). "Alguns conseguem o que chamamos de 'golpe de sorte', mas, assim como o dinheiro ganho de apostas, tais 'golpes' só servem para atraí-lo para a ruína" (idem: 301). Os exemplos dados pelo autor, nesse aspecto, são bastante convincentes: "O trabalho', disse, Wolfgang Amadeus Mozart, 'é o meu maior prazer'. A máxima preferida de Beethoven era: 'As barreiras que podem dizer ao talento e ao esforço ambiciosos 'até aqui e nada além' não foram erguidas'" (idem: 223).

A ambição, sentimento encarado como importante combustível na luta pelo sucesso na autoajuda contemporânea, e que passa por um processo de revalidação em outras arenas, como pudemos verificar na matéria de *Veja* analisada no capítulo 1, recebe fortes reprimendas de Smiles:

Há uma ambição terrível para ser um homem "distinto" (...). Há uma luta e uma pressão constantes pelas primeiras fileiras do anfiteatro social, em meio ao qual toda abnegação nobre é pisoteada e muitas naturezas finas são inevitavelmente esmagadas até a morte. Que desperdício, que miséria e que falência resultam dessa ambição para deslumbrar os outros com o vislumbre de um sucesso mundano (Smiles, 2011: 339).

Se o sucesso é entendido como o resultado de esforço e disciplina dedicados à realização de um trabalho, e o papel da sorte é desacreditado, o mérito é exclusivo de quem o conquistou, como afirma o autor em muitas passagens, tal como a seguinte, em que cita o "exemplo notável de perseverança e esforço" (2011: 215) de James Sharples, ferreiro de Blackburn:

Depois de ter superado minhas maiores dificuldades, paciência e perseverança eram tudo que eu precisava para concluir com sucesso meus trabalhos. Não tive conselhos nem assistência de ninguém durante esse processo. Se, portanto, o trabalho tem qualquer mérito, eu o reivindico como meu próprio, e, se nesse processo eu contribuir para mostrar o que pode ser feito com esforço e determinação persistente, essa é toda honra que desejo reivindicar (Smiles, 2011: 221).

Embora não use muitos argumentos religiosos ao longo do livro, Smiles constrói uma alegação problemática a respeito da divisão de classes no final da obra, o que ressoa o conceito de predestinação que já analisamos no capítulo anterior. De acordo com o autor, a divisão da sociedade entre pessoas com e sem posses materiais dependeria dos desígnios divinos: "o fato de haver uma classe de homens que vive de seu trabalho diário em cada estado é uma ordem de

Deus, certamente sábia e correta" (2011: 331). A crença no poder individual, na capacidade de agenciamento, e no esforço e resiliência como atitudes necessárias leva-o, porém, a acreditar que a desigual distribuição de riqueza pela sociedade não precisa ser acompanhada de um abismo social: "se essa classe precisa ser outra coisa que não frugal, satisfeita, inteligente e feliz, não faz mais parte do plano da Providência, e sim de algo que brota apenas da fraqueza, do comodismo e da perversidade do próprio homem" (Smiles, 2011: 332). Para Smiles, a forma mais adequada para a elevação da classe trabalhadora passava necessariamente pela prática da autoajuda:

O espírito saudável da autoajuda, mais do que qualquer outra medida, serviria para elevá-los como uma classe, e isso não pelo rebaixamento dos outros, mas, antes pela elevação a um padrão mais alto e avançado de religião, inteligência e virtude (2011: 332).

É apenas no final do século XIX que o termo autoajuda passa a ser usado de forma corrente como uma tendência de comportamento associada a um novo gênero editorial de massa. Nesse mesmo contexto, o significado dessa expressão vai se modificando e passa a se referir cada vez mais ao desenvolvimento de determinados poderes mentais e à busca pelo sucesso através de transformações espirituais e psicológicas (Rüdiger, 1996). A formação do caráter, então, não só deixa de representar uma preocupação central como vai aos poucos desaparecendo do horizonte de interesses do grupo de leitores de autoajuda, que, concomitantemente, começa a perder sua característica de conceito moral. O descrédito do caráter é paralelo à ascensão da expressão que para muitos autores ajudaria a compor uma transformação cultural: a personalidade (Riesman, 1995; Susman, 2003). A passagem da cultura do caráter para a da personalidade, nesse sentido, seria o reflexo de mudanças significativas nas sociedades ocidentais, onde o capitalismo se desenvolveu plenamente e as relações sociais, sobretudo as ligadas ao mundo do trabalho, sofreram severas modificações (Sennett, 2007).

A preocupação, então, passa do cumprimento do dever (entendido como a perfeita execução de um trabalho com função social) para o cultivo de uma personalidade que tornasse o indivíduo dissociado da massa. A partir da virada do século XX, o medo de perder-se na multidão torna-se uma das principais fontes de ansiedade. O mesmo ímpeto que leva os sujeitos a buscarem o antídoto para a massificação acaba por favorecer o rompimento de laços

comunitários e de solidariedade e a impulsionar o individualismo, que aparece ao mesmo tempo como resposta e consequência. Os livros de autoajuda que são produzidos nessa época passam a incorporar tal transformação, e tornam-se, inclusive, um dos sintomas mais nítidos da transição que continua em curso durante todo o século. Os livros que serão analisados nos próximos capítulos, todos publicados a partir do final dos anos 1980, já trazem em seu conteúdo um elogio irrestrito à lógica da personalidade, e é sintomática a total ausência de referências à noção de caráter.

No início do século XX, a crença no poder da personalidade moldável apareceu com mais força no que, a partir daquele momento, desenhava-se como o gênero da autoajuda através do movimento que ficou conhecido como Novo Pensamento (*New Thought*). Surgida nos Estados Unidos em 1890, porém fortemente disseminada no país a partir de 1915, tal corrente preconizava a força do pensamento positivo, da mente como geradora de possibilidades infinitas, através da Lei da Atração – que voltaria à moda no início do século XXI com o livro *O Segredo*, citado na Introdução – e de práticas sincréticas que misturavam elementos das religiões orientais, do cristianismo, do esoterismo, da psicologia e da filosofia. Apesar de não se apresentar como uma religião, o Novo Pensamento pressupunha a crença metafísica em um poder supremo, que poderia ser representado pela força que rege todas as coisas, como uma espécie de "sistema". (Griswold, 1934: 309). De acordo com Rüdiger,

O Novo Pensamento, verdadeiro movimento de auto-ajuda, foi um fenômeno cultural de classe média (...), que se propunha a desenvolver o chamado *potencial humano* e se originou da reinterpretação pragmática dos conceitos mentalistas postos em circulação no final do século passado [XIX] por uma série de filósofos populares e publicistas, na esteira do surto de religiões *mind-cure* verificado no mesmo período (1996: 72).

São muito devedoras dessa corrente as crenças, bastante disseminadas atualmente, a respeito de uma origem mental para uma série de doenças, sobretudo o câncer. O acúmulo de maus pensamentos, nesse sentido, seria o causador de enfermidades que precisariam ser combatidas "de dentro para fora". Começava, portanto, a se desenhar um quadro social bastante significativo, de expansão da ideia de que estariam no interior dos indivíduos não apenas os caminhos para o sucesso, mas também a origem de seus infortúnios, mesmo que associados ao

origem e seu desenvolvimento. Não figura entre os objetivos dessa tese, no entanto, uma discussão mais demorada sobre o Novo Pensamento. Para isso, ver Griswold, 1934; Dresser, 2001; Rüdiger, 1996.

³⁹ Uma análise mais aprofundada desse movimento certamente revelará questões mais complexas a respeito de sua

padecimento do corpo. Orison Swett Marden, cujo livro será analisado mais à frente, escreveu, em 1896:

Uma mente deprimida previne a livre circulação do diafragma e a expansão do peito. Interrompe as secreções do corpo, interfere na circulação do sangue no cérebro e perturba todas as funções corporais. Escrófula e tuberculose são muitas vezes resultados de depressões prolongadas da mente. Aquele "murmúrio fatal" que é ouvido nos lobos superiores dos pulmões nos primeiros estágios da tuberculose, frequentemente, segue espíritos deprimidos após uma grande calamidade ou tristeza (Marden, 2011: 240).

O programa do movimento incluía, no entanto, mais do que o receituário para uma saúde física e mental. Estavam entre as benesses do pensamento positivo os segredos do sucesso e da realização pessoal em amplos domínios da vida, a partir de uma correta relação consigo mesmo. Ou, nas palavras de Rüdiger (1996: 78): "Os homens fracassam na vida quando não conseguem desenvolver as forças que dormitam em seu subconsciente e explorar corretamente seu magnetismo pessoal". É nesse contexto que a noção de *self* começa a se incutir na autoajuda. No Brasil, essa noção aparece normalmente através de alguma tradução como "eu interior", "verdadeiro eu", "eu íntimo" etc.

Nos Estados Unidos, berço do movimento, tais ideias serviram adequadamente à já estabelecida figura do *self-made man*. Se no contexto de uma chamada cultura do caráter, onde livros como os de Samuel Smiles eram divulgados, não era de bom tom ter o enriquecimento pessoal entre os principais objetivos de vida, no início do século XX já não existiam constrangimentos sociais que impedissem a utilização da força da mente como forma de criar fortunas. Para Griswold (1934), o que o caráter foi para os puritanos, a força do pensamento foi para os seguidores dessa corrente. Ainda de acordo com o autor:

O adágio de que a produção de dinheiro tem sido uma religião para os americanos contém uma verdade literal que passa desapercebida pra muitos que o repetem. Houve uma religião genuinamente americana devotada precisamente a esse fim: o culto do sucesso econômico. Embora isso ainda tente seguir existindo, seu auge foi há 20 anos. A isso se chamava Novo Pensamento (1934: 309).

Thought".

⁴⁰ Tradução da autora. No original: "The adage that money-making has been a religion to Americans has a literal truth unperceived by many who repeats it. There was a native American religion devoted precisely to that end: a cult of economic success. Although it still clings feebly to life, its day was twenty years ago. It was called New

Desta forma, tanto o Novo Pensamento como a cultura da autoajuda, que ganhava forte impulso neste momento, serviram como uma espécie de base moral para o homem comum norte-americano justificar sua crença no sucesso individual como um destino, como algo que ganhasse fundamento subjetivo, para além dos louros da aclamação social e dos dividendos. Com o passar do tempo, tal mentalidade foi se incorporando à própria cultura daquele país e se tornou uma das grandes marcas do binômio *winner-loser* que ganharia posteriomente o mundo, sobretudo através de sua sedutora produção midiática.

Até o advento dessa estranha religião, os homens de negócio americanos justificavam suas carreiras (sempre que isso lhes era exigido) em bases puritanas – puritana, isto é, no sentido do ascetismo puritano. A doutrina da "vocação", que Lutero desenvolveu e Calvino elaborou, tornou-se uma moralidade doméstica nos Estados Unidos. As crianças eram criadas a partir da noção de que Deus indicou uma ocupação para cada um. Obter sucesso nessa ocupação era um sinal de virtude e, reciprocamente, o jeito mais garantido de se alcançar o sucesso era ser virtuoso. Tal doutrina se articulou bem às ideias americanas a respeito da democracia – pois, se a virtude leva ao sucesso e a virtude está aberta a todos, logo, todos podem prosperar (Griswold, 1934: 311).

2.1.2 - Como alcançar o sucesso (Orison Swett Marden, 1896)

A obsessão pelo sucesso fomentada nesse contexto gerou a produção de milhares de títulos de literatura. Certamente um dos que granjeou maior notoriedade foi o clássico *How to succeed*, escrito por Orison Swett Marden, em 1896. Não por acaso, o autor foi uma das figuras proeminentes do movimento *New Thought*. A magnitude que a autoajuda alcança no Brasil hoje fez com essa obra também fosse relançada no país, em 2011, com o título *Como alcançar o sucesso* (Marden, 2011).

Além dos inúmeros livros de autoajuda de sua autoria, que, somados, venderam mais de vinte milhões de exemplares apenas até 1924, ano de sua morte, Marden também publicou durante anos a revista *Success*, que, em 1905, chegou à marca de 300 mil exemplares mensais.

⁴² A obra foi lançada na mesma coleção de *Self-Help*, de Samuel Smiles, pela editora Rai. Essa edição brasileira, de 2011, foi utilizada como corpus empírico desta tese.

73

⁴¹ Tradução da autora. No original: "Until the advent of this strange religion, American business men had justified their careers (whenever it may have occurred to them to do so) on Puritan grounds – Puritan, that is, in the sense of ascetic Protestantism. The doctrine of the "Calling", which Luther had evolved and Calvin elaborated, had become a household morality in America. Children were reared in the notion that God had appointed a business to everyone. To achieve success in that business was a sign of virtue; and, conversely, the surest way to achieve success was to be virtuous. The doctrine articulated well with Americans ideas of democracy – that, since virtue was good for success, and virtue was available to all, then all must succeed".

Formado em direito e medicina, o escritor teve livros traduzidos para mais de 25 idiomas, e nos Estados Unidos seu estrelato chegou ao ponto de centenas de pais batizarem os filhos com seu nome (Rüdiger, 1996).

A obra de Marden é exemplar do momento de transição entre a etapa em que a formação do caráter aparecia como o principal objetivo da literatura de aconselhamento e a fase em que o sucesso, desligado de anseios mais profundos, começa a surgir como meta precípua. O título do primeiro capítulo de *Como alcançar o sucesso* (Marden, 2011) é bastante elucidativo do tom que o autor imprime à obra: "Em primeiro lugar, seja homem". Para ratificar a tese, cita uma declaração de James A. Garfield, vigésimo presidente dos Estados Unidos: "Em primeiro lugar", disse o então menino Garfield, quando perguntado o que seria, 'preciso me tornar homem. Se eu não for bem-sucedido nisso, não serei bem-sucedido em nada" (Marden, 2011: 12). Ser homem, no sentido pretendido por Marden, é ter caráter. Entendido como primeiro passo para o sucesso, ele, no entanto, deixa de figurar como o grande objetivo a ser buscado pelos indivíduos, passando a *meio* para obtenção de uma boa vida.

A diferença mais significativa desta obra para a de Smiles (2011) pode ser notada no fato de o caráter surgir como objeto de uma construção baseada na educação e na força de vontade, e não mais na "prática diligente dos bons hábitos" (Rüdiger, 1996: 82). Se o conceito continua se referindo ao conjunto de virtudes que permite a distinção moral entre os sujeitos, ele também passa a ser associado a qualidades como coragem, generosidade e sinceridade, além de traços pessoais tais como magnetismo, simpatia, alegria e entusiasmo. O caráter, assim, é entendido como o resultado de uma construção cuidadosa que envolve corpo, consciência e mente. "O sentimento romântico de mal-estar na sociedade é sublimado no sentimento psicológico de mal-estar consigo mesmo, que está na base da moderna cultura terapêutica" (Rüdiger, 1996: 85). É nítida, também, uma crença cada vez maior no poder do pensamento – evidência da associação de Marden ao *New Thought* –, visível em passagens como: "acreditar que algo é impossível é o caminho para torná-lo impossível" (Marden, 2011: 153).

Se no contexto da *self-culture* promovida por autores como Smiles acreditava-se que as mazelas sociais poderiam ser resolvidas a partir de mudanças promovidas individualmente, aos poucos, as próprias questões consideradas problemáticas vão migrando da sociedade para o indivíduo. É interessante, nesse sentido, recordarmos, também, que além de uma passagem temporal, há, entre os dois livros, uma diferença geográfica. *Self-Help* foi escrito por Smiles na Inglaterra, de onde saem boa parte de seus exemplos, enquanto *How to succedd*, refere-se, o

tempo todo, ao contexto social e cultural vivido nos Estados Unidos, país de seu autor. Assim, nesse outro cenário, são sobretudo os conflitos vividos pelos sujeitos em suas vidas pessoais que se transformam em foco de preocupação social e também em objeto central dos livros de aconselhamento.

Deste modo, podemos notar que, em conexão com essas mudanças, começou a haver, pouco a pouco, uma aquisição, por parte do conceito de caráter, de conotações psicológicas de que antes ele não dispunha. (...) Na literatura de auto-ajuda emergente, o caráter começou a depender do desejo do indivíduo, embora continuasse a ser visto como expressão da individualidade (Rüdiger, 1996: 86).

No livro também é possível se perceber o início do que poderíamos chamar de uso instrumental do caráter, associado à confiabilidade que ele garante a quem o detém: "Caráter é crédito", afirma Marden (2011: 225). Ao desenvolver o argumento, o autor cita o caso de Moses Taylor, que esteve à frente do City Bank durante o "grande pânico monetário de 1857" (idem) e foi o único a conseguir aumentar o valor depositado em seu banco durante a crise, enquanto todos os outros estabelecimentos viam seus cofres se esvaírem. "Caráter fornece confiança" (idem), afirma, mas não só:

Quando a guerra contra a França parecia eminente [sic], em 1798, o presidente Adams escreveu a George Washington, na época já um cidadão aposentado em Mount Vermont: "Precisamos do seu nome, se você nos permitir. Haverá mais eficiência nele do que em muitos exércitos". Caráter é poder (Marden, 2011: 227).

Como muitas questões do livro, o tratamento do caráter e sua relação com uma vida bem-sucedida é bem contraditório, o que pode ser explicado pelo momento de transição que se vivia na época. Ao mesmo tempo em que a obra é dedicada à obtenção do sucesso (entendido de maneira bastante direta como a consecução de uma vida abastada), as referências à importância do caráter ainda são muito frequentes. Enquanto surgem usos menos ortodoxos do conceito, como vimos nas passagens acima, verifica-se a permanência de prescrições morais do tipo: "Dinheiro não é necessário; poder não é necessário; liberdade não é necessário; até mesmo a saúde não é algo necessário; mas o caráter por si só é algo que pode verdadeiramente nos salvar, e se não somos salvos nesse sentido, certamente devemos ser condenados" (Marden,

2011: 231) ou "O homem que perde o caráter, perde tudo (...). É melhor ser pobre; é melhor ser jogado na prisão ou condenado à escravidão perpétua do que não ter um bom nome ou aguentar as dores e infelicidades de uma inutilidade consciente de caráter" (idem: 232).

Uma das premissas do livro serve, ainda hoje, de *leitmotiv* para boa parte dos livros de autoajuda: o sucesso está ao alcance de qualquer um. *Qualquer um*, é importante notar, não *todos*. É a fé na possibilidade de tornar-se esse "qualquer um" que faz com que há décadas milhões de pessoas busquem na autoajuda esperança e conforto. A literatura originada no contexto do Novo Pensamento – onde se inclui a obra de Marden –, nesse sentido, reafirma uma das características basilares da sociedade norte-americana: a oportunidade. O sucesso, assim, é uma possibilidade real, mas não é garantido, restando ao indivíduo persegui-lo, seja através da firmeza do caráter, da força do pensamento ou dos meandros de personalidade radiante alinhada à mentalidade neoliberal, como veremos adiante. Todas as facetas que a autoajuda já possuiu compartilham essa questão: a crença no poder do indivíduo e em sua capacidade de construir seu caminho.

"Não há ninguém", disse um cardeal romano, "que não receba a visita da Fortuna uma vez na vida; mas, quando ela vê que não está pronto para recebê-la, ela entra pela porta e sai pela janela". A oportunidade é tímida. Os desatentos, vagarosos, desavisados, e preguiçosos não a veem, ou então tentam agarrá-la quando ela já se foi. Os espertos a detectam imediatamente e a agarram no ar (Marden, 2011: 20).

A oportunidade, assim, não dependeria de sorte e sim de se aproveitar as chances que se apresentam na vida com trabalho e dedicação. Os exemplos citados pelo livro como prova de que um determinado tipo de comportamento traz bons frutos seguem mais ou menos o mesmo roteiro. Um indivíduo toma uma atitude aparentemente banal, mas que é o suficiente para diferenciá-lo da massa de indolentes e acomodados, e, a partir disso, coisas surpreendentemente positivas começam a acontecer em sua vida, como pode ser vislumbrado nessa passagem:

"Charley", disse Moses H. Grinnell (congressista norte-americano, 1803-1877) a um funcionário nova-iorquino, "leve meu casaco para minha casa na Quinta Avenida". O senhor Charley pega o casaco, resmungando: "Não sou um entregador. Vim aqui para aprender sobre negócios", e caminha com resistência. O senhor Grinnel observa, e na mesma hora um de seus funcionários da Nova Inglaterra diz, "Eu cuido disso". "Está certo, faça isso", diz o senhor Grinnell e pensa consigo mesmo: "Esse menino é inteligente, ele quer trabalhar", e lhe dá muito serviço. Ele é promovido,

ganha a confiança de empresários e de seus empregadores e logo é conhecido como um homem bem-sucedido (Marden, 2011: 21).

Todo o conteúdo do livro é construído a partir de exemplos de sucesso extraídos de casos teoricamente reais, onde são destacadas atitudes que revelam: disciplina, entusiasmo, pontualidade, completude, coragem, força de vontade, autoconfiança, controle dos vícios, autocontrole, persistência, perseverança e até mesmo alegria. São pequenas histórias ⁴³, tais como a citada acima, que mostram sujeitos que prosperaram através da própria dedicação e de boas ideias. Se na obra de Smiles ([1859] 2011), publicada 37 anos antes, é significativa a ausência de homens de negócio dentre as biografías exemplares, aqui sobejam nomes de empresários bem-sucedidos, a grande maioria nascida em um contexto de pobreza, tal como nas histórias *rags-to-riches*, comentadas anteriormente.

Na grande maioria dos casos, há uma passagem abrupta do ato em que a pessoa consegue um emprego ou uma ocupação para o momento em que já desfruta de riqueza e sucesso. Algumas histórias são bastante inusitadas, tal como a de George Law, que, na sua época, segundo Marden (2011: 215), foi "um dos capitalistas mais notáveis da cidade de Nova York":

Quando era jovem, ele foi pra lá, pobre e sem amigos. Um dia, estava andando pelas ruas, com fome, sem saber de onde viria sua próxima refeição, quando passou por um edifício que estava sendo construído. Por algum acidente, um dos pedreiros que carregava o cocho caiu da estrutura e morreu bem na sua frente. O jovem Law, desesperado, se ofereceu para substituir o homem morto e conseguiu o trabalho. Ele começou a trabalhar e foi assim que um dos homens de negócios mais ricos e astutos de Nova York iniciou sua carreira" (idem).

O caso é narrado no capítulo sobre perseverança, e é difícil compreender sua utilização como prática de aconselhamento. A relação entre a morte do operário e a vida bem-sucedida de Law nos negócios é, no mínimo, bastante artificiosa. Ao ler pela primeira vez essa passagem, me pareceu que a palavra "desesperado" seria relacionada ao acidente em si (já que, de acordo com a narrativa, um sujeito morreu "bem na sua frente"), mas a continuação da frase revela que o desespero do jovem estava relacionado à sua própria situação de desemprego. Levando-se em conta o argumento utilizado pelo autor em comentários de eventos correlatos, o mérito do rapaz

-

⁴³ Enquanto em *Self-Help* (Smiles, 2011) as histórias de homens exemplares são narradas com detalhes, ocupando, em média, de cinco a dez páginas, no livro de Marden elas são confinadas, na maioria dos casos, a um parágrafo, tal como nos exemplos citados.

residiu em perceber uma *oportunidade* a partir da tragédia alheia. Ou a morte de um trabalhador exatamente na hora em que ele passava diante da obra pode ser creditada à *sorte*?

A relação entre oportunidade, trabalho e sorte é bastante contraditória nos argumentos de Marden. Como nos casos supracitados, por mais evidente que seja a importância do acaso, o sucesso dos indivíduos nunca é atribuído à simples sorte, caracterizada sempre de forma negativa pelo autor. Em uma passagem do livro, ele questiona "O que a sorte já fez no mundo? Já construiu cidades? Já inventou telefones e telégrafos? Já construiu barcos a vapor, universidades, asilos, hospitais?", e continua, "Foi por sorte que César atravessou o Rubicão? Qual foi o papel da sorte na carreira de Napoleão, Wellington, Grant ou Von Moltke? Qual foi o papel da sorte em Termópilas, Trafalgar, Gettysburg?" para concluir que "Atribuímos os nossos sucessos a nós mesmos e nossos fracassos, ao destino" (Marden, 2011: 163).

"A sorte está sempre esperando algo acontecer", disse Cobden, "o trabalho, com observação aguçada e vontade determinada, faz algo acontecer. A sorte deita na cama e deseja que o carteiro lhe traga novidades de um legado. O trabalho acorda às seis da manhã e, com uma caneta atarefada ou um martelo ressonante, constrói as fundações da competência. A sorte choraminga; o trabalho assobia. A sorte depende de oportunidades; o trabalho, do caráter" (apud Marden, 2011: 218).

Por mais que o enriquecimento vultuoso seja visto como algo positivo e digno de admiração, remanesce um alerta sobre os vícios que pairam à espreita de tal empreendimento. Ao lado de conselhos mais diretos a respeito de como prosperar, tais como "Se você quer ficar rico, estude a si mesmo e o que você quer. O negócio mais seguro está sempre relacionado às necessidades fundamentais do homem" (Marden, 2011: 25) e dicas sobre como fazer uma "cadeira confortável" (idem), aparecem alertas do tipo "é prejudicial ao grande sucesso empreender algo apenas por sua qualidade lucrativa", "se não for saudável se for degradante, se for restritivo: não se envolva" e "uma vocação egoísta nunca compensa. Se ela deprecia a hombridade, contamina as afeições, limita a vida mental, resfria as caridades e murcha a alma, não se envolva" (idem), ou, ainda, como eco de uma preocupação puritana do dever comunitário do trabalho: "Se possível, escolha uma ocupação que ajudará ao maior número de pessoas possível" (idem).

Como veremos nos próximos capítulos, se alguns segmentos da autoajuda contemporânea possuem certa obsessão por fórmulas simples de sucesso, que contam com

artifícios como "10 dicas", "8 passos" ou "5 leis", os escritos de Marden (2011) ainda trazem em seu discurso uma demanda maior por esforço individual. Apesar de propagar a mensagem de que o sucesso está à disposição de qualquer um, não parece fácil a vida de quem deseja prosperar:

O jovem que começa a vida determinado a tirar o máximo proveito de seus olhos e não deixar escapar nada que ele possa usar para seu próprio crescimento, que mantém seus ouvidos abertos para qualquer som que possa ajudá-lo em seu caminho, que mantém suas mãos abertas para segurar toda oportunidade, que está sempre alerta para tudo que possa ajudar sua jornada, que agarra cada experiência e faz dela tinta para a grande obra de sua vida, que tem o coração aberto para poder segurar cada nobre impulso e tudo que lhe trouxer inspiração certamente viverá uma vida bem-sucedida. Não há exceções quanto a isso. Se ele tem saúde, nada pode impedi-lo de alcançar o sucesso (Marden, 2011: 21).

Não é de se estranhar que a evolução desse tipo de mentalidade tenha resultado em um contexto social marcado pela ansiedade. Se o sucesso é algo tão palpável e ao mesmo tempo tão volátil, a vida transforma-se em um perene estado de atenção. A grande oportunidade da vida pode estar em cada detalhe que corre o risco de passar despercebido, cabendo aos indivíduos manterem olhos, ouvidos, mãos e coração abertos a qualquer sinal de que está ali a chave para uma vida bem-sucedida. Se o sucesso parece ubíquo, o fracasso anda sempre à espreita.

Na parte final do livro, Marden, em uma passagem que se assemelha muito aos livros contemporâneos de autoajuda, afirma: "Acredite em si mesmo. Você pode ser bem-sucedido quando os outros não acreditam em você, mas nunca quando você não acredita em si mesmo". (2011:253). A lembrança de que se trata de um livro escrito em outra época, porém, surge algumas páginas depois, quando o autor conclui que "um homem pode ganhar milhões e ainda assim ser um fracasso" (2011: 281). Se esse tipo de argumento dificilmente seria encontrado com tamanha clareza nos livros publicados nos dias correntes, a simples existência de uma frase como essa em um livro escrito no final do século XIX mostra que já naquela época era necessário que tal opinião fosse ratificada. Já a gênese da antítese contemporânea entre vencedores e fracassados aparece esboçada nas últimas páginas do livro, através das figuras do "homem feito" e do "homem arruinado" e da inversão de valores que tais tipos encerram:

"Dizemos que um homem é 'feito'", disse Beecher. "O que isso significa? Que ele tem controle dos seus instintos mais baixos, para que sejam só o combustível de seus sentimentos mais altos, dando força à sua natureza?

Que suas afeições são como vinhas, oferecendo por todos os lados flores e cachos de frutas? Que seus gostos são tão cultivados que todas as coisas bonitas falam com ele e lhe trazem seus prazeres? Que seu entendimento está aberto, para que ande por todos os corredores do conhecimento e reúna seus tesouros? Que seus sentimentos morais estão tão desenvolvidos e acelerados que ele faz doces negócios com o céu? Ó não... Nada disso. Ele é frio e morto em seu coração, em sua mente e em sua alma. Somente suas paixões estão vivas, mas ele vale 500 mil dólares!"

"E dizemos que um homem está 'arruinado'. Sua mulher e seus filhos morreram? Ó, não. Eles brigaram e estão afastados? Ó, não. Ele perdeu sua reputação por conta do crime? Não. Seu bom senso desapareceu? Ó, não, ele está mais são do que nunca. Ele foi acometido por alguma doença? Não. Ele perdeu sua propriedade e está arruinado. O homem arruinado! Quando iremos aprender que a vida de um homem não consiste na abundância de coisas que ele tem? (Marden, 2011: 282-283).

2.2 – Cultura terapêutica

O livro analisado no item anterior se insere no contexto de divulgação do movimento do Novo Pensamento, que, como já foi afirmado, ganhou força no final do século XIX, sobretudo nos Estados Unidos. Esse momento cultural pode ser apontado como um dos antecedentes de um quadro social ainda mais amplo, que seria conhecido a partir de meados do século XX como o de ascensão de uma cultura terapêutica. Nessa fase, mais do que apenas a influência do pensamento positivo, percebemos a disseminação de um imaginário que coloca a emoção e a subjetividade, e não apenas a força mental, como elementos primordiais à compreensão de questões relativas a todos os aspectos da vida humana.

De acordo com Frank Furedi (2004), um dos principais sintomas dessa fase pode ser medido pelo uso cada vez mais corrente do vocabulário terapêutico, que deixa de se referir apenas a problemas atípicos e estados mentais exóticos para se tornar corriqueiro em situações do cotidiano. Expressões como estresse, ansiedade, vício, compulsão, trauma, síndrome, autoestima 44 e aconselhamento passam a fazer parte do imaginário compartilhado e revelam não apenas uma mudança idiomática, mas o surgimento de novas atitudes e expectativas culturais.

A ascensão dessa cultura terapêutica pode ser considerada um dos pontos mais significativos da passagem do domínio do caráter para o da personalidade. O autor cita como bastante sintomático o fato de a audiência norte-americana não achar "bizarro" o personagem

_

⁴⁴ Sobre a ubiquidade do conceito de autoestima, ver: Freire Filho, 2011 e 2012.

principal do seriado *The Sopranos*⁴⁵, Tony Soprano, o chefe de uma família mafiosa de New Jersey, consultar-se frequentemente com sua psiquiatra, Dra. Jennifer Melfi (Furedi, 2004: 1). Nesse sentido, é interessante que um mafioso, figura que remete a um contexto cultural marcado por questões como honra, herança, palavra, e que costuma resolver os problemas a partir de um código interno que prevê assassinatos e espancamentos, e, sobretudo, um pacto de silêncio, confidencie suas agruras emocionais a uma mulher e busque a origem de seus dilemas e mal-estares na relação que mantinha, na infância, com sua mãe⁴⁶.

Tal exemplo, extraído de um produto cultural de bastante sucesso, pode soar um tanto inusitado, porém, os que o autor retira da "vida real" não são menos impactantes. Ao falar da expansão dos discursos psicologizantes nas sociedades anglófonas, Furedi cita o uso cada fez mais frequente de expressões como stress e ansiedade no ambiente escolar, e vai além:

Se crianças de 4 anos são vistas como alvos legítimos para a intervenção terapêutica, não é surpreendente saber que há uma demanda crescente pela expansão desses serviços para bebês. Nos Estados Unidos, a saúde mental infantil se tornou uma especialidade profissional estabelecida. Arautos dessa especialidade nos Estados Unidos e no Reino Unido defendem a iniciação dos serviços de saúde mental para bebês – um serviço designado a prevenir, desde cedo, danos psicológicos, através de um fortalecimento dos laços entre os bebês em risco e seus principais cuidadores, normalmente a mãe (Furedi, 2004: 9).

Furedi (2004) argumenta que a cultura terapêutica se estabeleceu de maneira definitiva na década de 1980 em países como Estados Unidos e Inglaterra, embora desde os anos 1950 algumas dessas práticas já tivessem se tornado bastante significativas na cultura *mainstream* desses países. Alguns dados estatísticos utilizados pelo autor comprovam a escalada desse fenômeno nas últimas décadas do século XX: em 1960, cerca de 14% dos estadunidenses

_

⁴⁵ O seriado foi ao ar nos Estados Unidos de janeiro de 1999 a junho de 2007, mas continua sendo reprisado regularmente em canais de TV por assinatura.

⁴⁶ Esse assunto foi discutido em uma disciplina do professor João Freire Filho, quando abordávamos a expansão do uso do termo autoestima, um dos pontos centrais de sua pesquisa sobre a Felicidade. Na ocasião, o pesquisador afirmou que tal contradição, bastante frequente no cinema hollywoodiano (em filmes como *Analyze This*, de 1999, que no Brasil recebeu o título *Máfia do divã*), é mais inteligível nos Estados Unidos do que no Brasil, onde essa contradição pode passar despercebida.

⁴⁷ Tradução da autora. No original: "If children as young as 4 are seen to be legitimate targets for therapeutic intervention, it is not surprising to hear of a growing demand for expanding such services for babies. In the US, infant mental health has become an established professional specialism Advocates of this specialism in the US and the UK argue for the initiation of a mental health service for babies – a 'service designated to prevent early psychological damage from occurring by strengthening the bond between babies at risk and their main carer, usually the mother".

haviam recebido alguma forma de aconselhamento psicológico ao longo de suas vidas. Em 1995, praticamente a metade da população daquele país havia se submetido à intervenção terapêutica, percentual que, na virada do século, chegou a incríveis 80% (Furedi, 2004: 9).

Ainda no início do desenvolvimento desse fenômeno, pelo menos três âmbitos do cotidiano já eram bastante afetados pela circulação dos discursos psicologizantes: o casamento, a criação dos filhos e a sexualidade. Como veremos mais à frente, foi principalmente a partir desse último que a cultura terapêutica aportou no Brasil. Com o passar dos anos, no entanto, é difícil pensar em uma esfera da vida que ainda não esteja impregnada de arbitrações dos *experts*. Ao falar em cultura terapêutica, Furedi (2004) e outros autores que trabalham com essa temática (Freire Filho, 2010a, 2012; Illouz, 2008; Imber, 2004; Rose, 1990, 2008, 2011) referem-se não apenas à maior dimensão tomada pela atividade dos profissionais do campo psi (onde se inscrevem psicólogos, psicoterapeutas, psiquiatras, psicopedagogos etc), mas também ao alargamento de noções utilizadas por esses especialistas em outros domínios e instituições.

De acordo com Nikolas Rose (2008), o século XX pode ser considerado o século da psicologia. Para o autor, ela "ajudou a construir a sociedade em que nós vivemos e também o tipo de pessoas em que nos transformamos" (idem: 155), o que, em grande medida, se deve à capacidade que este campo teve de não só se estabelecer como uma disciplina ou uma profissão, mas de conseguir influenciar um grande espectro de atividades, sobretudo as interessadas em lidar com "mentes calculáveis e indivíduos administráveis" (Rose, 2008: 157), tais como o exército, a indústria e a escola.

"A psicologia foi uma disciplina muito generosa, ela se doou para todos os tipos de profissões, (...) numa condição de fazê-los pensar e agir, pelo menos de alguma maneira, como psicólogos" (Rose, 2008: 156). Foi, portanto, a partir do momento em que os discursos psicologizantes começaram a ser utilizados para além da fronteira dos ambulatórios psiquiátricos e das salas de terapia que se estabeleceu no imaginário contemporâneo a chamada cultura terapêutica, que deixa de se referir a uma técnica clínica para se transformar em um instrumento de administração da subjetividade:

Práticas, da indústria ao exército, podem agora ser entendidas em termos de dinâmicas psicológicas das relações interpessoais. Problemas sociais, do preconceito e luta de grupos até criminalidade e pobreza, são abalizados em termos psicológicos (Rose, 2008: 156).

Para Furedi (2004) é interessante analisar o quão contraditório é o crescimento de discursos que valorizam aspectos emocionais em uma instituição como as Forças Armadas, que sempre se distinguiram justamente pelo espírito de estoicismo e sacrifício. Assim como a ida de Tony Soprano à psicanalista, a adesão de militares ao ethos terapêutico só faz sentido a partir de um contexto em que as emoções aparecem em primeiro plano não só na produção de subjetividade e na forma de funcionamento de muitas instituições como no próprio discurso que busca explicar as especificidades do atual sistema econômico. É nesse sentido que Eva Illouz (2008) fala da existência de um capitalismo emocional, que seria marcado justamente pela importância dada às emoções não apenas no âmbito das relações interpessoais, mas também nas manifestações midiáticas, no funcionamento das instituições, no mercado de trabalho etc.

Ainda de acordo com Eva Illouz, assim como a Reforma Protestante teria formulado os símbolos da identidade americana nos mais profundos níveis, poderíamos afirmar que, hoje, a cultura terapêutica tem o poder de agir da mesma forma. O argumento da autora é que para que se dê conta da potência de tal cultura, temos que levar em consideração suas formas, que, como já comentei, extrapolam o âmbito dos textos e teorias produzidos por organizações formais e profissionais certificados. No Brasil, onde o contato de grande parte da população com técnicas tradicionais de terapia ainda é limitado, a cultura terapêutica também se expande de forma admirável, principalmente através do conhecimento difundido em uma grande variedade de artigos culturais, tais como programas de televisão⁴⁸, de rádio, filmes, seriados, revistas – das voltadas às donas de casa às que possuem os homens de negócio como público alvo –, e, principalmente, através da enorme indústria da autoajuda, que além dos livros também conta com um arsenal cada vez mais elaborado de produtos audiovisuais, palestras, workshops, cursos, vivências, imersões, dinâmicas de grupo etc.

Uma das principais implicações políticas associadas a esse fenômeno é a tendência de se transformar questões sociais em atribulações emocionais. Nesse sentido, a subjetividade dos indivíduos se transformou no lócus onde se originam os problemas sociais, e, consequentemente, onde eles devem ser resolvidos, em um movimento que mostra a evolução da mentalidade que já aparecia de forma esboçada nos escritos de Smiles, de meados do século XIX.

⁴⁸ Sobre os discursos psicologizantes no programa televisivo brasileiro *Casos de Família*, ver Freire Filho, Castellano e Fraga, 2008.

João Freire Filho, em um contexto mais amplo de pesquisa a respeito do "anseio e da obrigação de ser feliz hoje" (2010: 13), analisa a ascensão do termo autoestima no vocabulário do senso comum. Dentro do conjunto de expressões oriundas do ethos terapêutico que ingressaram nos léxicos leigo e midiático, a autoestima é certamente um caso exemplar. Acionada, segundo o autor, para justificar do ganho de peso à gravidez na adolescência, passando por questões que envolvem não só o indivíduo como etnias inteiras e até mesmo países, a expressão se tornou uma chave explicativa para uma variedade espetacular de mazelas (Freire Filho, 2010, 2012). O racismo, por exemplo, é apontado pelo pesquisador como uma questão social que ganhou uma nova dimensão a partir da interpretação terapêutica incitada pelo uso indiscriminado deste conceito:

O termo foi introduzido no vocabulário da emergente disciplina da psicologia por volta da virada do século XX, firmando-se, a partir dos anos 1930, como chave conceitual para o desvendamento dos "mistérios interiores" do comportamento humano. Desde a década de 1970, no entanto, o *superávit* ou o *déficit* de autoestima passou a ser tratado, cada vez mais, como uma condição que transcende o individual e aflige gerações, comunidades e nações inteiras. A definição cunhada por Nei Lopes, no seu *Dicionário escolar afro-brasileiro*, é bastante reveladora a esse respeito:

Autoestima — Sentimento de amor-próprio, dignidade; moral elevado; ânimo forte; disposição para enfrentar as adversidades da vida. A atuação dos militantes negros tem se dirigido para o fortalecimento da autoestima dos afrodescendentes, seriamente abalada pela escravidão e pelo racismo (Freire Filho, 2012a: 15).

A utilização do referencial psicológico para lidar com uma questão historicamente complexa tal como o racismo é bastante exemplar do quão problemática pode ser a expansão da cultura terapêutica e de suas chaves explicativas. Se o maior dano causado à população negra está ligado à sua psique, talvez as políticas compensatórias levadas a cabo nas últimas décadas, tal como a criação do sistema de cotas em universidades e no serviço público, não sejam as mais adequadas, uma vez que elas atacam primordialmente as discrepâncias materiais herdadas do regime escravocrata e não as nuances psicológicas advindas de tal herança. Nos Estados Unidos, onde os discursos psicologizantes já circulam há mais tempo, não tardaram em surgir argumentos nesse sentido. Ainda durante o governo Reagan, o presidente da *Equal Employment Opportunity Commission* afirmou em uma carta dirigida ao *Wall Street Journal*,

que, em vez de cotas e outros dispositivos legais, o que os negros americanos realmente precisavam era de livros de autoajuda voltados especificamente para eles (Decker, 1997: xvi).

O mesmo raciocínio pode ser realizado em relação à pobreza. Frank Furedi (2004) comenta a tendência de se perceber os problemas da sociedade em termos de seus impactos nas emoções individuais — o que classifica como determinismo emocional — ao enunciar a quantidade de programas públicos voltados, por exemplo, ao fornecimento de terapias dos mais variados tipos para desempregados, crianças pobres do ensino público, ex-presidiários e demais grupos *desempoderados*. Ao citar uma matéria do *The Guardian* sobre a crise do sistema educacional britânico que afirmava que o maior dano causado pela miséria estava no campo das emoções, ele conclui: "aparentemente, a sociedade está muito mais confortável em lidar com a pobreza como um problema de saúde mental do que como uma questão social" (Furedi, 2004: 27).

O que se delineia a partir disso é o que se pode chamar de institucionalização das práticas terapêuticas. Pensando em termos foucaultianos, se o governo hoje se notabiliza pela lógica do "fazer viver e deixar morrer" – que substituiu o princípio soberano de "fazer morrer e deixar viver" (Foucault, 2002) –, cada vez mais o Estado (forma contemporânea do poder soberano) se encarrega não só da manutenção do vigor físico da população, mas também de sua saúde mental. De acordo com Nikolas Rose (1990), as capacidades subjetivas e pessoais dos cidadãos vêm sendo incorporadas no escopo e aspirações do poder público, o que significa que técnicas similares às empregadas por práticas de aconselhamento típicas da cultura terapêutica e da autoajuda têm se tornado práticas de governo, somadas aos serviços oferecidos pelo Estado como uma de suas atribuições.

Em setembro de 2012, em meio à campanha eleitoral pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, o prefeito Eduardo Paes, candidato à reeleição, recebeu pessoalmente o líder espiritual indiano Sri Sri Ravi Shankar para debater "alternativas para a paz no Rio", de acordo com matéria publicada no jornal *O Globo*. Depois de presenciar uma aula de ioga coletiva na Cinelândia, que contou com a presença de mais de sete mil pessoas, o prefeito afirmou estar convencido do poder das técnicas indianas e anunciou que pretendia adotar a meditação como disciplina das escolas públicas municipais.

Se a possibilidade de incorporação de tais práticas no ensino municipal carioca pode ter sido apenas uma promessa de campanha, a secretaria estadual de educação do Rio de Janeiro implementou em 2009 o projeto "Educação baseada na consciência", que oferece sessões de

meditação transcendental para crianças a partir dos 10 anos. De acordo com uma matéria publicada no site do governo, o objetivo do projeto era aumentar a capacidade de concentração e o desempenho escolar dos alunos:

Diariamente, o monitor (que será um professor ou aluno capacitado) vai oferecer 15 minutos de prática de manhã e o mesmo período à tarde, em horário a ser definido pela diretora de cada unidade. Futuramente, os alunos que voluntariamente tenham interesse também podem se tornar monitores.

A prática vai acontecer dentro das salas de aula, com os estudantes sentados em suas respectivas carteiras, em repouso, no chamado "tempo de silêncio". Será um exercício de autoconhecimento.

É importante ressaltar que os resultados não virão nas primeiras 24 horas, nem mesmo na primeira semana. A mesma coisa acontece, por exemplo, com os exercícios físicos. Um dia de academia não torna o praticante saudável, mas quem acredita nos benefícios futuros tem determinação e persiste com a prática.

É preciso incentivar o aluno para que, progressivamente, comece a ter o prazer de conviver consigo mesmo. A partir do autoconhecimento, ele pode se aceitar melhor para produzir resultados significativos e mais gratificantes no futuro. Assim, a pesquisa científica tem comprovado que a prática regular da técnica de Meditação Transcendental proporciona ao aluno o desenvolvimento da inteligência e criatividade, além da serenidade necessária para tirar melhores notas e diminuir os níveis de estresse, depressão e ansiedade 49.

Certamente, melhorar as notas e o desempenho dos alunos deveria ser um objetivo importante para a secretaria de educação do estado do Rio de Janeiro, tendo em vista sua penúltima colação no Ideb – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – de 2009, à frente apenas do Piauí e empatado com o Maranhão, estados que têm historicamente os piores indicadores sociais do país, junto com Alagoas.

Algumas organizações não-governamentais já aplicam, em algumas instituições, os treinamentos do guru que encantou não só o prefeito do Rio, mas também a revista *Forbes*, que o considerou um dos cinco indianos mais influentes do mundo e a Fundação Nobel, que o indicou , por quatro vezes, ao Prêmio Nobel da Paz por seu trabalho à frente da ONG Arte de Viver. Ainda de acordo com a matéria publicada em *O Globo*:

As técnicas da Arte de Viver têm sido empregadas até mesmo dentro de um presídio no Rio. No Evaristo de Moraes, em São Cristóvão, 40 detentos

⁴⁹ Disponível em:

http://www.conexaoprofessor.rj.gov.br/educacao-noticia-detalhe.asp?EditeCodigoDaPagina=2320

recebem aulas semanais de meditação e ioga oferecidas por voluntários da fundação. Cerca de 400 internos já foram beneficiados pelo programa, chamado "Prision Smart". Os cursos da Arte de Viver prometem fortalecimento individual e técnicas de respiração que ajudam os internos a eliminar emoções negativas. As aulas têm o mesmo conteúdo dos cursos realizados fora da prisão (*O Globo*, 2012).

A própria matéria de *O Globo*, embora mantenha o tom elogioso que foi a tônica da cobertura midiática da passagem do guru pelo Rio de Janeiro, destaca que o indiano não é exatamente uma unanimidade: "a entidade não escapa das críticas. Há quem diga que Shankar ficou milionário reciclando métodos de ioga há muito conhecidos na Índia e vendendo-os em nova embalagem por meio de cursos, livros, CDs e DVDs" (*O Globo*, 2012). A ressalva corrobora a ironia mais comum direcionada às personalidades da cultura da autoajuda, que, em linhas gerais, afirma que, pelo menos para elas, a autoajuda certamente funciona.

Nessa mesma tendência de institucionalização de práticas terapêuticas, Furedi (2004: 63) comenta que, na Escócia, a câmara municipal de Edimburgo adotou a política de fornecer cursos de aromaterapia e aulas sobre o uso de óleos essenciais para mulheres sem-teto, com o objetivo de "combater o stress".

A politização da emoção emergiu como um importante tema na vida política contemporânea. A intromissão no sentimento das pessoas se tornou institucionalizado sob o presente sistema de governança terapêutica. Há pouca oposição a essa tendência e dificilmente alguma preocupação com as potenciais implicações autoritárias de um sistema de governo que tem como objetivo dizer às pessoas como devem se sentir (Furedi, 2004: 64-65). 50

2.2.1 – Cultura Terapêutica no Brasil: Nova Era e desencantamento

No Brasil, as origens da cultura terapêutica podem ser buscadas ainda nas primeiras décadas do século XX, quando começaram a chegar por aqui traduções de obras consideradas clássicos da psicanálise. No país, o interesse por essa prática apareceu muito associado à temática sexual. À época, havia uma vasta produção que associava problemas da psique a desvios da sexualidade, o que levou, por exemplo, a um surto de "neurastenia sexual", relatado

people how to feel".

Tradução da autora. No original: "The politicisation of emotion has emerged as an important motif in contemporary political life. Intrusion into the world people's feeling has become institutionalized under the present system of evolving therapeutic governance. There is very little opposition to this trend and hardly any concern with the potentially authoritarian implications of a system of government that is in the business of telling

no livro *A neurastenia sexual e seu tratamento*, publicado pelo professor da clínica neurológica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Antônio Austregésilo, em 1928. De acordo com Sérgio Carrara e Jane Russo (2002), o momento cultural do Brasil, sobretudo da então capital da República, mostrava-se especialmente propício à discussão sobre o assunto:

De fato, alguma coisa parecia acontecer com a libido nacional naquele período, pois, nos anos seguintes, a capital da república iria assistir à realização de cursos populares sobre sexologia, a comemorações especiais, como o Dia do Sexo; iria ouvir emissões radiofônicas sobre sexo e acompanhar, nos jornais diários, notícias sobre campanhas de educação sexual. Periódicos especializados e novas instituições iriam ser criados especialmente para tratar do tema, que parece ter se tornado tão popular a ponto de fazer com que, no Carnaval de 1935, o tradicional clube carnavalesco Fenianos levasse às ruas um carro alegórico chamado "A educação sexual". Os primeiros sexólogos e psicanalistas iriam então abrir seus consultórios, partilhando a clientela que o professor Austregésilo dizia ser tão numerosa e carente (Carrara e Russo, 2002: 274).

O assunto, que ganhava ares de "questão nacional", era tratado principalmente a partir do ponto de vista médico, com destaque para especialidades que já granjeavam prestígio, como a medicina legal, a psiquiatria e a ginecologia, e outras que ainda buscavam reconhecimento científico, tal como a sexologia e a psicanálise, que teve seu estabelecimento oficial no país na década de 1950. Nessa época, chegaram ao Brasil os primeiros psicanalistas credenciados pela *International Psichoanalytical Association* (IPA) com o objetivo de treinar profissionais brasileiros que desejassem obter tal título. Até então, as teorias psicanalíticas, que já circulavam por aqui desde as décadas de 1910 e 1920, estavam restritas aos círculos intelectuais dos grandes centros e aos profissionais da psiquiatria (Carrara e Russo, 2002).

Paralelamente à organização da psicanálise como disciplina, o mercado editorial brasileiro começou a publicar obras voltadas para um público mais amplo, como forma de atender ao interesse que o tema despertava. Além de textos de inspiração freudiana, e traduções do próprio autor, surgiam obras que buscavam desvendar os significados dos sonhos, além de inúmeros títulos dedicados à sexualidade, que tratavam de doenças sexualmente transmissíveis à educação sexual das crianças, passando por todos os tipos de desvios e patologias, além de uma série de coleções com viés de aconselhamento.

Fundada em 1931, a editora José Olympio – uma das maiores responsáveis pela literatura de divulgação sexólogico-psicanalítica ⁵¹ – já surgiu com bastante prestígio, graças a um catálogo composto pelos maiores nomes da literatura nacional da época. O primeiro livro publicado pela casa foi *Conheça-te pela psicanálise*, de J. Ralph e o segundo título contratado foi *A moral sexual e felicidade na vida*, de J. P. Muller, embora este nunca tenha chegado a ser lançado. De acordo com Sérgio Carrara e Jane Russo, "essas primeiras escolhas de um editor iniciante parecem indicar que essa espécie de auto-ajuda psicológica era, naquele momento, um investimento seguro" (2002: 285). De fato, a orientação sexual, voltada principalmente para as elites intelectuais da época, se transformou em um interessante filão editorial na primeira metade do século XX e representou, no Brasil, o primeiro movimento de uma literatura de aconselhamento, embora com uma temática bastante específica e impregnada pela visão psicanalítica.

Se a chegada da psicanálise ao país data do início do século XX, é apenas em finais da década de 1960 e, sobretudo, nos anos 1970, que ela vai atingir seu auge em terras brasileiras. Sua popularidade entre as camadas médias e superiores das regiões metropolitanas ocorreu em paralelo ao florescimento de um movimento que também pode ser apontado como um importante antecedente da cultura contemporânea da autoajuda: a Nova Era⁵² (Duarte e Carvalho, 2005).

As décadas de 1960 e 1970 no Brasil ficaram marcadas por diferentes tentativas de resistência à ditadura militar, estabelecida no país através do golpe de 1964. Como os caminhos tradicionais de transformação social pareciam bloqueados, surgiam formas alternativas de questionamento. As duas manifestações mais significativas se apresentavam nas vertentes da luta armada de esquerda e do movimento contracultural⁵³. Enquanto os primeiros partiam

-

⁵¹ Em relação à sexologia, os autores comentam: "A história posterior da editora demonstra um distanciamento da sexologia *stricto sensu*, e uma preferência, no que tange ao problema sexual, pelos autores católicos. De fato, títulos sobre temas sexológicos só apareceram mais tarde, a partir dos anos 1940, no interior de uma coleção intitulada A Ciência Hoje. (...) Como se pode perceber, a sexologia estrangeira ou brasileira permanecia à margem da linha editorial da José Olympio nesse período. O conflito entre os sexólogos brasileiros, principalmente José de Albuquerque, e a Igreja Católica foi intenso durante as décadas de 1920 e 1930 e não devemos estranhar sua ausência, ou a de Hernani de Irajá, entre os autores publicados pela José Olympio. Tal conflito, entretanto, parece não ter atingido tão centralmente a psicanálise" (Carrara e Russo, 2002: 286).

⁵² A temática da Nova Era é um objeto de estudo muito interessante e que, certamente, merece uma avaliação mais detalhada. No entanto, optei por não me aprofundar no assunto, em primeiro lugar porque tal movimento nunca figurou entre os pontos mais importantes desta tese e, em segundo, porque o tipo de autoajuda que resolvi estudar não está diretamente ligado a esse imaginário, mais associado ao viés esotérico do gênero. Para uma visão mais completa do tema, ver: D'Andrea, 2000; Magnani, 2000 e Oliveira, 2000.

⁵³Antonio Risério (2005), no entanto, chama a atenção para o fato de a contracultura não poder ser apontada como uma espécie de subproduto do fechamento do horizonte político causado pela ditadura. Ela foi, sim, um

diretamente para a ação com objetivo de interferência direta nas questões políticas, os "desbundados", como eram pejorativamente chamados, optavam pela transformação interior, e por intervenções em práticas do cotidiano, circunscritas à vida privada (Risério, 2005).

Esse tipo de posicionamento buscava uma espécie de enfrentamento social a partir de decisões individuais, e propunha a contestação através de costumes como o uso de drogas, especialmente o LSD, o engajamento em manifestações artísticas, na defesa do amor livre, na luta pelo feminismo, no pensamento ecológico, na criação de comunidades alternativas etc. A adesão de diversos segmentos às práticas psicanalíticas também pode ser, em parte, creditada a esse momento cultural.

Dessa forma, a espiritualidade e a religião não poderiam ter passado incólumes. Nos Estados Unidos, onde a contracultura aparecia de maneira mais forte desde a década de 1950 — inicialmente com o movimento *beatnik*, ganhando força, posteriormente, com as contestações à guerra do Vietnã e com o movimento a favor dos direitos civis —, a crítica voltava-se, principalmente, contra a cultura protestante. No Brasil, a Igreja Católica era o alvo de questionamentos, e, nesse sentido, foi bastante expressiva a guinada em direção às religiões e práticas espirituais do oriente e, posteriormente, às indígenas e africanas, ligadas às raízes brasileiras (Magnani, 2000).

Taxados de alienados, drogados, vagabundos, os indivíduos ligados à contracultura procuravam dar às suas vidas um sentido que fosse além daqueles que podiam encontrar numa sociedade que se mostrava cada vez mais repressiva. O conjunto de práticas ligadas à ressignificação do ideal de sagrado, nesse contexto, serviu para fortalecer e divulgar o movimento da Nova Era, que, no Brasil, se estabeleceu sobretudo na década de 1980, quando um expressivo grupo de esoteristas começou a aparecer com frequência nos meios de comunicação, onde divulgavam práticas associadas ao movimento (D'Andrea, 2000; Cruz, 2010).

As origens da Nova Era, no entanto, são bem anteriores. Podem ser buscadas no transcendentalismo norte-americano do século XIX, na teosofia, e em correntes esotéricas e ocultistas de origem europeia. A contracultura contribuiu para que esse movimento atingisse um publico maior, e aumentou o fluxo entre correntes ocidentais e orientais na construção de um estilo de vida alternativo aos modelos vigentes na época (Magnani, 2000).

_

movimento internacional, que, no Brasil, foi fortemente influenciada por esse momento específico. A contracultura, dessa forma, de acordo com o autor, existiu, no Brasil, *apesar* da ditadura e não *devido* à ditadura.

Há uma grande dificuldade em se apresentar uma definição, mesmo que instrumental, da Nova Era, pois o movimento – também chamado de Era de Aquários – é caracterizado, justamente, por sua heterogeneidade. A própria categorização do fenômeno como religião é bastante complexa. Alguns autores preferem defini-lo como uma "nova consciência religiosa", uma espiritualidade sem religião, uma forma alternativa de se relacionar com o transcendente. A ideia norteadora do movimento é a de que se aproxima o momento em que os homens irão se reconciliar consigo mesmos depois de séculos de materialismo e alienação. A Nova Era seria, então, a manifestação mais contundente dessas espiritualidades nascidas em um contexto de declínio da tradição (Rüdiger, 1996).

Tais práticas criam a possibilidade de se vivenciar experiências religiosas de forma mais livre, sem a reivindicação de exclusividade das religiões tradicionais do mundo ocidental, que contêm uma configuração institucional mais rígida, um sistema hierárquico que pressupõe a existência de algum tipo de escritura sagrada ou ser supremo. De acordo com Anthony D'Andrea:

Para além da dimensão institucional, [as espiritualidades pós-tradicionais] apresentam um caráter individualista, flexível e dinâmico, cuja difusão expressa uma "religião invisível" nos termos do sociólogo Thomas Luckmann. Em alguns casos-limite, essas religiosidades revelam acentuado traço mágico, em que o indivíduo se volta para a resolução de problemas pessoais, sem aderir coerente ou comprometidamente a uma instituição ou a um sistema ético ou religioso definido (2000: 10).

Se é difícil definir o conjunto de práticas que formam a Nova Era, é certo que uma característica marcante do movimento, pelo menos tal como ele foi concebido em suas origens, é uma recusa à crescente secularização do mundo moderno e seu excessivo materialismo. Assim, os praticantes da Nova Era defendem a recuperação da relação primordial entre homem e natureza e o comprometimento com uma série de dispositivos relativos a um "eu divino" existente em cada indivíduo. Por esse motivo, a Nova Era é frequentemente citada como uma religiosidade do *self* (Tucker, 2002).

É nesse sentido que as atividades, premissas e aspirações da Nova Era "consciência cultural ligada a um conjunto desconexo de concepções cosmológicas e práticas espirituais" (Rüdiger, 1996: 121) se inserem na cultura da autoajuda. Tal movimento pode ser entendido como uma espécie de fonte de referência religiosa e mística da qual a cultura da autoajuda se alimentou. Durante as décadas de 1980 e 1990, esse foi o ramo mais proficuo desse gênero

editorial no Brasil, que passou por modismos tais como as publicações sobre anjos, práticas budistas, Feng Shui etc.

Assim, a vertente da autoajuda esotérica, que mistura aconselhamento e religião, um braço ainda bastante importante desse gênero, pode ser entendida como o apogeu do processo de secularização da relação com o divino, que remete a um ponto que também serve de pano de fundo a uma série de questões que vêm sendo discutidas nesse capítulo: o declínio da tradição e o desencantamento do mundo.

De uma maneira geral, nos períodos anteriores à etapa moderna, a identidade não representava, em boa parte das sociedades, uma questão com a qual os indivíduos deveriam se preocupar, pois a tradição garantia a cada um o papel social que lhe cabia. O modo de vida tradicional, marcado pela vida em comunidade, onde os laços sociais exerciam uma forte influência nas trajetórias pessoais, indicando o certo e o errado, o esperado e o impossível, também era moldado pela importância exercida pelo mágico, pelo aspecto transcendental da existência. A modernidade marca o momento em que as representações coletivas perdem força e o indivíduo, privado do auxílio que lhe era fornecido, precisa empreender um controle e uma reciclagem constantes de seu modo de agir, com o objetivo de garantir sua atuação como agente social autônomo e a preservação de sua própria identidade. Há, portanto, uma transformação da identidade em área de escrutínio público e passível de remodelação interna, características do momento que alguns autores consideram como o do declínio da interioridade e de ascensão do self como lócus de intervenção.

Se aquele sujeito das comunidades pré-modernas não existe mais em boa parte do mundo, se os valores, crenças e ideais difundidos não gozam mais do mesmo prestígio de outrora, os indivíduos buscam uma nova identidade, que não mais lhes é dada no momento do nascimento. É preciso construí-la. Os materiais disponíveis, porém, são muitos e variados, e para isso colabora o papel da mídia, responsável direta em criar a profusão de tipos com os quais os sujeitos podem agora se *identificar* e o ethos da autoajuda, que favorece a distinção entre identidades boas (vencedoras, bem-sucedidas, autônomas) e ruins (fracassadas, dependentes, estagnadas).

O declínio da tradição abriu muitas possibilidades para os indivíduos, mas também trouxe em seu bojo a angústia da individuação. Na sociedade moderna, há cada vez mais a cobrança para que os sujeitos se tornem independentes, tenham um projeto claro, descubram e definam qual vida desejam levar, e de que forma. Nas palavras de Gilberto Velho (1987: 44), "é

preciso definir o que o indivíduo sujeito moral quer e pretende. Este, de alguma forma, deve ser distinguido e destacado de unidades mais amplas". A autoajuda, nesse sentido, passa a ter um papel importante no auxílio de muitos indivíduos perplexos diante da quantidade de rotas possíveis e de seus riscos latentes.

Ao longo dos últimos séculos, algumas das mudanças trazidas pelo enfraquecimento da ordem simbólica se acentuaram e outras instituições orientadoras da conduta individual, como a família e o partido, também perderam espaço, embora isso varie bastante de acordo com o contexto social e a localização geográfica. A ligação com o divino, em especial, sofreu modificações importantes em muitos lugares. Se antigamente a dinâmica do mundo era passível de ser explicada pela lógica do encantamento — das estruturas sociais aos fenômenos da natureza —, hoje parecemos não encontrar explicações (e respostas) mesmo para questões triviais de nossa existência. Se para uma considerável parte da população o entorno social e o pastor (padre, rabino ou o que o valha) não servem mais para fornecer soluções nos momentos de dúvida, nem apresentam modelos pré-concebidos de inserção no mundo, um dos efeitos colaterais perceptíveis é a insegurança.

Para Frank Furedi (2004), a ascensão da cultura terapêutica e a proeminência dos gurus da autoajuda se devem, em grande medida, a esse processo de desencantamento do mundo e de declínio da tradição. É sintomático, nesse sentido, o uso que muitas correntes religiosas têm feito de práticas ligadas ao campo psi:

A invasão do ethos terapêutico nas outras profissões e formas de autoridade é particularmente admirável na relação com seus antigos competidores – as instituições religiosas. Recentemente, o Arcebispo de Canterbury afirmou que a terapia está substituindo o cristianismo nos países do ocidente. De acordo com o Arcebispo Carey, "Cristo, o Salvador" está se transformando em "Cristo, o conselheiro" (Furedi, 2004: 17).

Trata-se, certamente, de uma mudança importante em relação ao registro dominado somente pela magia e pelo sobrenatural. De acordo com Charles Taylor (2010), o desenvolvimento da ciência explica menos o processo de desencantamento do mundo do que as

93

⁵⁴ Tradução da autora. No original: "The invasion of the therapeutic ethos into other professions and forms of authority is particular striking in relation to its former competitor – religious institutions. Recently, the Archbishop of Canterbury has claimed that therapy was replacing Christianity in western countries. According to Archbishop Carey, "Christ the Saviour" is becoming "Christ the counsellor".

formas "instrumentais" da religião, surgidas principalmente a partir dos movimentos de reforma e contrarreforma.

Hoje em dia, na autoajuda, a instrumentalização da relação com o sagrado chega a níveis inimagináveis e passa a estar a serviço de temas como conseguir dinheiro (*Deus quer que você seja milionário*, de Thomas Anderson; *Dinheiro. Deus fornece. Você merece. Sua família agradece*, de Sergio Miranda), atuar no mundo corporativo (*Lidere como Jesus*⁵⁵, de Ken Blanchard; *Jesus: o maior executivo que já existiu*, de Charles Manz; *Lições de liderança de Jesus*, de Bob Briner), cultivar a beleza e a boa forma (*Você é linda: descubra a beleza que Deus vê em você*⁵⁶, de Jenna Lucado; *A dieta de Jesus e seus discípulos*⁵⁷, de Don Colbert), manter um relacionamento amoroso (*Relacionamentos felizes: dicas de Deus*, de Marta Almeida Lopes), buscar o bem-estar e a prometida felicidade terrena (*Mais feliz que Deus*⁵⁸ e *Conversando com Deus*⁵⁹, ambos de Neale Walsch) ou, ainda, encontrar a paz (não a transcendental, mas a psíquica, como em *Jesus, o psicólogo da luz*⁶⁰, de Cheferson Amaro; *Depressão: onde está Deus*?, de Roque Savioli; *Jesus, o maior psicólogo que já existiu* e *Como Deus cura a dor*, de Mark Baker, *Deus sabe que você anda estressado*, de Anne Smollin e *Terapia de Deus: para curar o estresse, a ansiedade, a depressão*, de Leon Hual).

-

^{55 &}quot;A cultura em que vivemos estabelece limites entre a vida espiritual e a mundana. A fé fica reservada para os domingos ou para as festas religiosas. Queremos que você vivencie Jesus de uma maneira totalmente diferente da que experimentou até hoje. Jesus quer que deixemos uma marca transformadora no mundo ao nos tornarmos líderes servidores. Esperamos que Lidere como Jesus seja o início de uma nova e empolgante etapa em sua jornada pessoal. Este é um texto sobre liderança em negócios? Sim. É um livro que visa melhorar os relacionamentos pessoais? Sim. É um guia inspirador de um relacionamento mais íntimo com Deus? Sim", de acordo com descrição fornecida pelo site Submarino.

⁵⁶ "Jenna Lucado revela como uma menina pode se transformar na mais popular e feliz das garotas apenas usando a fé, a alegria e a confiança, o que toda garota realmente precisa para se sentir confortável consigo mesma e selar a paz entre seu visual e sua personalidade".

⁵⁷ "Se o corpo humano viesse com um manual, seria muito mais fácil controlarmos nosso peso, balancearmos nossa alimentação e adequarmos nosso comportamento para melhorarmos nossa qualidade de vida. Com isto em mente, o Dr. Don Colbertt foi buscar em nosso Fabricante, ou seja, nos ensinamentos de Deus e no exemplo de Jesus Cristo, uma proposta para o cuidado com o corpo e com a alimentação".

⁵⁸ "Com uma narrativa cativante e um grande poder de comunicação com o leitor, Neale Donald Walsch explica como todo ser humano pode se tornar um mestre espiritual e chegar a ser mais feliz que Deus. São mensagens e lições inspiradoras, em que o autor mostra com simplicidade como uma nova compreensão da existência de Deus pode transformar para sempre nossa vida em uma experiência extraordinária".

⁵⁹ "Imagine que você pudesse conversar com Deus. E, nessa conversa, abordar os temas que mais o inquietam, animam, alegram e entristecem. Questões das mais íntimas às mais gerais: do amor ao sexo, da vida à morte, da família às relações com o desconhecido. Em Conversando com Deus, Livro I: Um diálogo sobre os maiores problemas que afligem a humanidade, o autor revela que essa conversa é possível".

⁶⁰ Esta obra ensina com palavras simples a Verdade dita por Cristo e como aplicá-la na vida obtendo excelentes resultados. Através de técnicas simples e eficientes, aprenda como alcançar a verdadeira liberdade de viver, com base numúnico ensinamento de Cristo: conhecer a Verdade Única de todo o Universo!".

Para Frank Furedi (2004), a cultura terapêutica também pode ser encarada como uma ideologia que tem dentre os seus objetivos proporcionar uma espécie de reencantamento da experiência subjetiva, pois supre a vivência emocional com um significado especial. Ao prometer o fornecimento de conhecimento específico sobre a vida interna dos indivíduos, o ethos terapêutico permite o encontro com o "verdadeiro eu", o *self*. O autor acredita que o "emocionalismo" ajuda a reconstruir uma forma de espiritualidade bastante *sui generis*, onde os sujeitos se tornam o foco de atenção. É nesse sentido que práticas como as fomentadas no contexto da Nova Era conseguiram unir experiências transcendentais e a valorização de atividades que propiciassem a autoexpressão e o autoconhecimento, tal como a psicanálise.

Sobre o viés individualista dessas novas formas de se relacionar com o divino, Livia Barbosa (2003) comenta que não foi só a partir do neoliberalismo que começou a circular a noção de que o desempenho deveria ser vivenciado como uma experiência pessoal. Também contribuiu nesse sentido a filosofia de sacralização do *self*, essencial aos princípios da Nova Era, que enfatiza o autodesenvolvimento como responsabilidade de cada um e destaca o "poder interior" das pessoas como fundamental para a obtenção de seus objetivos. Os resultados individuais passam a ser atribuídos a mecanismos exclusivamente interiores ao sujeito, em uma relação particularizada com suas próprias crenças — que podem ir do sincretismo *do-it-yourself* à atribuição de todo o poder à iniciativa empreendedora —, desvinculados, dessa forma, de todos de quaisquer determinantes sociais, culturais e políticos (Barbosa, 2003: 27).

A partir desta breve discussão a respeito da Nova Era e da relação entre o desenvolvimento da autoajuda e as novas configurações do sagrado, fica clara a transformação da relação entre indivíduo e sociedade que vem sendo traçada desde o início desse capítulo, quando comentei sobre os argumentos de Samuel Smiles a respeito de qual seria o papel dos homens nas importantes transformações que deveriam ser concretizadas na sociedade. A evolução dessa relação resultou em uma inversão de direção. Hoje, a ideia difundida, e que extrapola o âmbito da cultura da autoajuda, é a de que para obter os resultados que almeja, o individuo precisa colocar o mundo exterior em sintonia com o seu "eu interior":

Tudo aquilo que obtemos ao longo de nossas vidas passa a ser resultado exclusivo dessa sintonia fina. Nossos fracassos advêm de nossa incapacidade de relacionar corretamente esses dois mundos. Nessa lógica, o indivíduo surge como o único responsável pelo seu destino, pelo seu sucesso ou fracasso. Não é à toa que os princípios da Nova Era encontram acolhida no âmbito da cultura empresarial, de negócios, e de mercado (Barbosa, 2003: 27).

2.3 - O surto do aconselhamento na mídia

De acordo com Alain Ehrenberg (1995), vivemos em um momento marcado pela "autonomia assistida", em que, por um lado, noções como autonomia e liberdade são constantemente reiteradas e elevadas a uma altíssima escala na hierarquia de valores morais, e, por outro, percebemos a produção de sujeitos dependentes de todo o tipo de assistência e ajuda especializada. Essa situação, para o autor, é marcada por um intenso processo de autoexame, autorregulação e autoaprimoramento. É curioso que a mesma sociedade que valoriza tanto a ideia de "ser você mesmo", de se buscar seu "eu interior" incentive esse ideal através da cartilha de "outros", sejam esses "outros" gurus indianos, escritores de autoajuda, ou, ainda, discursos de autoridade baseados em noções concebidas como "universais", ou teoricamente inspiradas em registros como a Bíblia.

Ao comentar a falta do sentido de continuidade história verificada nas sociedades contemporâneas, Lasch afirma que é bastante sintomático que, em vez de recorrermos às nossas próprias experiências, "permitimos que especialistas definam por nós nossas necessidades e, depois, nos surpreendemos desejando saber por que essas necessidades jamais parecem ser satisfeitas" (1983: 16).

Da mesma forma que a cultura terapêutica não se restringe à prática dos profissionais do campo psi, a cultura da autoajuda não se propaga apenas através dos livros. Embora o mercado editorial continue sendo o principal responsável pela divulgação dos discursos associados a temas como autoaperfeiçoamento, autorrealização e busca por sucesso e felicidade, a mídia, principalmente nas duas últimas décadas, é palco de um fenômeno definido por Bauman (1998: 222) como um "surto do aconselhamento", caracterizado pela presença constante de *experts* em programas de televisão, de rádio e em colunas específicas de jornais e revistas que incorporam, com específicas adaptações, o tipo de linguagem apregoada pelos livros.

O dominical *Fantástico*, da Rede Globo, é um bom exemplo da incidência desses temas na grade de programação da TV aberta⁶¹. No segundo semestre de 2009, foi ao ar um dos casos

⁻

⁶¹ Na TV a cabo, canais como o GNT e o Discovery Home and Health se destacam pela enorme quantidade de atrações deste tipo. No GNT, por exemplo, há desde programas que ensinam a lidar com os animais domésticos até vários que tratam da sexualidade, passando por outros tantos dedicados a beleza, criação dos filhos, decoração, moda, alimentação, organização da casa, saúde e bem-estar.

mais paradigmáticos da profusão de aconselhamento na mídia: o quadro *Liga das Mulheres*. De acordo com a definição constantemente reiterada pelos apresentadores, a atração se propunha a "resolver todos os dilemas femininos". Além da apresentadora Renata Ceribelli, o grupo permanente de conselheiras era formado por "quatro supermulheres" (uma maquiadora, uma estilista, uma jornalista e uma advogada). Todos os domingos, um especialista relativo ao tema discutido naquele dia se juntava ao grupo para ajudar na "resolução" do caso. Na primeira exibição, quando Lucilene, uma carioca de 23 anos, queixava-se do sobrepeso e da baixa autoestima ⁶², o profissional chamado à ação foi um psicanalista. A rotina da mulher aconselhada era acompanhada 24 horas por dia por uma equipe de filmagem. Com o material editado, as "conselheiras" analisavam as principais cenas, teciam comentários e propunham atitudes que normalmente envolviam a ida ao terapeuta e a visita ao salão de beleza ⁶³. O sucesso de quadros com esse tipo de apelo pode ser medido pelo número de pessoas dispostas a expor sua vida e seus problemas: mesmo antes de a *Liga* ir ao ar, mais de oito mil mulheres haviam enviado cartas e emails contando suas histórias e pedindo ajuda.

O quadro *Liga das Mulheres* seguiu o mesmo estilo de *Manda quem pode*, *obedece quem tem juízo*, que foi ao ar de janeiro a maio de 2009 também dentro do programa dominical. Neste, uma família de classe média endividada tinha a rotina diária acompanhada de perto por uma equipe do *Fantástico*, nos moldes de um *reality show*, e pelo consultor de economia Luís Carlos Ewald, figura constante nos programas da Rede Globo. Conhecido pelo apelido de Senhor Dinheiro, o especialista encarregou a perdulária filha de 15 anos de gerenciar os gastos domésticos, controlando a lista do supermercado, as contas de luz, telefone, os passeios de fim de semana etc. Meses depois, com as contas sanadas, os participantes agradeceram efusivamente a intervenção do programa. O sucesso do quadro foi tão grande que a família Amorim estrelou, logo em seguida, uma campanha da Caixa Econômica Federal que reafirmava a importância do "crédito consciente".

No jornalismo impresso, o fenômeno não é menos significativo. Sobre a chamada "guinada subjetivista" (Freire Filho, 2010: 9) das principais revistas semanais do país, que têm um especial apreço pelo da tema felicidade e seus assuntos correlatos, Freire Filho comenta:

⁶² A reincidência dessa questão torna bastante compreensível o título "Autoestima é tudo': anotações para um *Dicionário de ideias feitas sobre a felicidade*" atribuído pelo professor João Freire Filho a um recente trabalho sobre o assunto (Freire Filho, 2012).

⁶³ No caso de Lucilene, como as "conselheiras" detectaram um caso de bulimia, ela foi encaminhada a um psicanalista. Além disso, depois de um banho de loja, foi providenciada uma sessão de fotos sensuais, para que ela pudesse sentir-se sexy e recuperar, obviamente, a autoestima.

É notável o empenho para ajustar o título e a estruturação dos textos jornalísticos a estratégias de atração recorrentes na literatura de autoajuda. Sem grande preocupação com a integridade analítica, Veja, Época e Istoé compilam as conclusões dos "mais recentes estudos" acerca das determinantes e dos empecilhos da felicidade (ou de outros conceitos empregados com espírito sinonímico, como autoestima, bem-estar subjetivo e qualidade de vida). Peritos brasileiros do campo psi se pronunciam, com brevidade, a respeito dos resultados das pesquisas internacionais (desenvolvidas, quase sempre, nos Estados Unidos, com o uso do autorrelato como principal ferramenta metodológica). A análise dos achados científicos costuma ressaltar as crenças, as atitudes e os traços de personalidade prototípicos das pessoas manifestadamente felizes, consagrando modalidades de agenciamento e formas de subjetividade (Freire Filho, 2010: 9).

Uma pesquisa no acervo da revista *Veja* mostra que nos últimos anos há uma impressionante quantidade de edições que trazem como chamada de capa reportagens do tipo "como fazer isso", "o que você deve fazer quando", "como se livrar de", "o guia para". É significativo o aparecimento de chamadas com o uso de vocativos ou com listas como "as 10 lições de quem..." ou "as 10 atitudes que você deve...". Outra tendência desse movimento que apresenta bastante força se traduz na frase "o que a *ciência* pode te ensinar sobre...". A *ciência* em questão é normalmente associada aos avanços das pesquisas na área de neurologia e do campo psi. A ascendência dessa espécie de saber dentre os discursos normalmente mobilizados é bastante expressiva em todos os tipos de mídia. Na *Liga das Mulheres*, por exemplo, apesar de afirmarem que, a cada programa, "um especialista no assunto" seria convidado, os *experts* convocados em todos os episódios eram psicanalistas.

Para Charles Taylor (2009), esse cenário, definido por ele como o de obstinada busca pela autorrealização, é característico de uma nova forma de dependência, na medida em que os indivíduos, pouco seguros de sua identidade, "se voltam para todo o tipo de auto-proclamados especialistas e guias, envoltos no prestígio da ciência ou de alguma espiritualidade exótica" (2009: 31). Uma leitura menos atenta desse movimento, no entanto, poderia passar a impressão de que, na verdade, não há nada de novo no fato de uma revista de consumo massivo usar a interpelação direta aos problemas cotidianos dos leitores e seu posicionamento como "auxiliar" na solução destes imbróglios como forma de atraí-los. No entanto, uma análise quantitativa revela que, a despeito de qualquer tentativa de naturalização, é evidente a escalada desse

fênômeno na mídia impressa⁶⁴: do início de 2007 até a edição de 16/09/2009, 30 capas⁶⁵, dentre as 140 do período, traziam esse tipo de apelo. Vinte anos antes, entre as 140 capas do período de 07/01/1987 a 10/09/1989, foram identificadas onze⁶⁶ com essa característica. Por fim, dentre as primeiras 140 edições de *Veja*, (publicadas no período de 11/09/1968 a

_

⁶⁴ A presente análise se refere à *Veja* simplesmente por ser esta a revista semanal de maior circulação no país. 65 São elas: Enfim a ciência entendeu a mulher: uma revolução muda (quase) tudo na forma como a medicina trata o corpo feminino (ed. 1998, 07/03/07); Comer certo. O que fazia mal agora faz bem. Por que as dietas falham. A ciência da nutrição faz 30 anos e responde com certeza a essas e muitas dúvidas sobre alimentos, saúde e beleza (ed. 2000, 21/03/07); Peça, acredite, receba: o maior fenômeno de autoajuda da história, O Segredo revive a crença no pensamento positivo (ed. 2002, 04/04/07); Como aproveitar o real forte: o dólar em queda barateia viagens, compras, estudos no exterior e muda (para melhor) o rosto da economia (ed. 2004, 18/04/07); Como desligar o vício. Novos remédios facilitam a cura da dependência química que escraviza milhões de brasileiros (ed. 2009, 23/05/2007); Eu me amo. O poder da auto-estima. A conquista do amor-próprio é a garantia da paz interior em um mundo de modelos inatingíveis e enormes cargas de stress (04/07/07); Metabolismo; como regular a máquina humana (ed. 2016, 11/07/07), Cuidado: perigo na tela. Como proteger seus filhos dos riscos da Internet (ed. 2017, 18/07/07); Paz no coração: como os remédios e as pequenas intervenções estão curando pacientes sem a necessidade de cirurgias (ed. 2023, 29/08/07); Falar e escrever certo: como o domínio da língua impulsiona a carreira, os 10 erros de português que arruínam as suas chances (ed. 2025, 12/09/07); A mente e o espírito: como o cérebro processa as emoções, o prazer estético e a linguagem (ed. 2027, 26/09/07); Os segredos do sono: como o cérebro em repouso prepara o corpo e a mente para o dia seguinte. Pequenos ajustes no sono melhoram a memória e o aprendizado (ed. 2035, 21/11/07); Humanos e Caninos, uma história de amor: a ciência explica por que essa parceria de 12000 anos dá tão certo (ed. 1992, 24/01/07); Força na Fé; a ciência explica como o cérebro produz o pensamento mágico (ed. 1994, 07/02/07); Emoções e saúde: como a nova medicina psicossomática trata ansiedade, asma, gastrite, fibromialgia, alergias, úlceras e outras doenças do corpo e da alma (ed. 2037, 05/12/07); Regras: por que a vida passou a ser regulada por elas e como saber quais que funcionam para: liderar, educar filhos, se dar bem no trabalho, superar uma separação, melhorar a vida sexual, não abandonar a dieta (ed. 2042, 09/01/08); Sol: modo de usar. A medicina conclui que a exposição à luz solar faz mais bem do que mal. A dosagem ideal para produzir vitamina D, as verdades sobre os filtros solares e o câncer de pele (ed. 2043, 16/01/08); A supereconomia: as lições de quem triunfou no boom econômico que produz 164 milionários por dia (ed. 2044, 23/01/08); Assim é demais? Saiba quando o exercício físico em excesso vira compulsão e prejudica a saúde (ed. 2046, 06/02/08); Saúde sem neurose: por que não baixar o colesterol, a pressão e a glicemia a níveis extremos pode ser bom para o coração (ed. 2048, 20/02/08); Você é o que você come? Sim, mas saiba por que é um erro escolher os alimentos como se fossem remédio (ed. 2058, 30/04/09); Beleza: a perfeição existe, mas é desejável? (ed. 2084, 29/10/08); Remédios: o que há de errado com eles? Saiba se o remédio que você toma está na lista dos suspeitos (ed. 2085, 05/11/08), Especial dinheiro: como não ser o pato da vez? 10 maneiras de escapar da crise e manter vivas suas finanças pessoais, a alfabetização financeira e a neurociência ensinam como não se separar do seu dinheiro (ed. 2095, 14/01/09); O Brasil e a crise: dez razões para otimismo e uma para preocupação (ed. 2102, 04/03/09); Transplantes: como você ganha com eles? (ed. 2107, 08/08/09); Vestibular: mudou, e agora? Veja responde às 16 dúvidas principais sobre o novo sistema de seleção (ed. 2108, 15/04/09); Emagrecer pode ser uma delícia. Como pensar "magro" (ed. 2114, 27/05/09); A geração sem idade: 6 receitas de pessoas entre 35 e 50 anos que parecem ter parado de envelhecer (ed. 2121, 15/07/09); Alcoolismo: é possível prevenir a doença sem cortar a bebida. Como a medicina identifica o "bebedor de risco" (ed. 2129, 09/09/09).

⁶⁶ São elas: O arrocho dos salários: como calcular a pancada do pacote (ed. 981, 24/06/87); O medo do contágio: como se prevenir nas transfusões de sangue (ed. 996, 07/10/87); Casamento: como mantê-lo, como terminá-lo (ed. 1004, 02/12/87); Coluna: o combate à dor (ed. 1014, 10/02/88); Pais e filhos: confusões na educação sexual na era da AIDS (27/04/88); Por que o cigarro vicia? Como a nicotina provoca uma dependência igual a das drogas, as pesquisas para quebrar os mecanismos do vício (ed. 1029, 25/05/88); Com 50 anos de experiência, o psicanalista Bruno Bettelhein tem um grande conselho para os pais: deixem seus filhos em paz (ed. 1036, 13/07/88), Um guia para enfrentar a inflação (ed. 1043, 31/08/88); Dor de cabeça: os novos avanços contra um velho mal (ed. 1050, 19/10/88); Planos de saúde: o que eles oferecem, como escolher o mais adequado, como escapar das armadilhas (ed. 1057, 07/12/88); Matemática. Enfim, a boa notícia: todos podem gostar e aprender (ed. 1094, 30/08/89).

05/08/1970), apenas duas capas⁶⁷ apresentaram um viés conectado com as ideias de aconselhamento e de divulgação científica com objetivo de aumentar o bem estar dos indivíduos⁶⁸.

As edições especiais publicadas por Veja também são bastante indicativas da mudança de paradigma da revista. A primeira foi lancada em 1972 e tinha como objetivo uma retrospectiva de aniversário do próprio veículo; as que se seguiram, até meados de 1998. apresentavam grandes reportagens e análises políticas, entrevistas com presidentes da República ou cobertura de eventos esportivos, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Em maio de 1998, foi lançada a edição "Sua criança", que se apresentava como um guia "do nascimento até os cinco anos" e abordava temas como nutrição, sono, disciplina, afeto e educação, além dos testes "você é superprotetor?", "seu filho é superativo?" e "o que ele vê na TV?". Aparentemente bem-sucedida, a produção se tornou a primeira de uma série que inclui "Sua carreira" (outubro de 2000), "Sua saúde" (março de 2001), "Sua segurança" (junho de 2001), "Seu investimento" (novembro de 2001) e mais 25 outras que foram publicadas até 2012, concernentes a temas como saúde, mulher, homem, juventude, moda e estilo, turismo e até mesmo um "Guia para fazer o Bem", publicado em dezembro de 2001, que trazia, dentre outros ensinamentos, "o caminho para se transformar em um voluntário" e "como escolher uma instituição séria para ajudar". Todas essas publicações misturam uma espécie de análise conjuntural, que visa à identificação dos principais problemas encontrados em cada tema, e a mobilização dos saberes especialistas — amiúde transmitidos através de listas, testes, exercícios e boxes explicativos — como forma de apresentar ao leitor uma saída segura para os dilemas contemporâneos. Nas palavras de José Luiz Aidar Prado (2009:40):

O mapa cognitivo nunca aparece sozinho, mas sempre acoplado a uma modalização de dever fazer: o que o leitor deve fazer para conseguir os valores imantados de brilho, reconhecimento e pertença? São as receitas, os diagramas, as dicas. Você quer se transformar, quer ser feliz, ter sucesso? Faça o que o enunciador indica e mapeia para você, apoiado pela opinião dos cientistas, dos especialistas. Nas mídias impressas segmentadas esse contrato comunicacional é mais aprofundado do que na mídia semanal, pois o enunciador além de mapear os temas do prazer, do sucesso, da beleza, da moda, também constrói programas para o leitor realizar suas metas passo a passo, com exemplos vivos.

_

⁶⁷ São elas: O seu dinheiro apertado (ed. 52, 03/09/69) e Vestibular: a difícil competição (ed. 73, 28/01/70).

⁶⁸ Em percentuais, esses números significam 2,4% das capas no período relativo aos anos 1960-70, contra 7,8% nos anos 1980 e 21,4% nos anos 2000.

A mídia desempenha, portanto, um papel fundamental na indústria da autoajuda, e essa participação só tende a crescer. De acordo com o estudo elaborado pelo instituto de pesquisa americano Marketdata, *The U.S. Market For SelfImprovement Products & Services*, publicado em 2010, a tendência para os próximos anos é o de surgimento de novas plataformas online, que oferecerão serviços individualizados, além da mudança, verificada também em outros segmentos, da mídia tradicional, o livro impresso, para veículos digitais tais como e-books, audiolivros, além de produtos especiais criados no formato audiovisual, como DVDs, o que já vem, na prática, ocorrendo.

O estudo, que trabalha com dados oficiais e projeções, compreende o período de 2003 a 2014 e revela números impressionantes: o mercado do autoaprimoramento movimenta, atualmente, cerca de 10 bilhões de dólares ao ano somente nos Estados Unidos. A expectativa é que em 2014, apenas os livros em formato tradicional gerem um lucro de mais de 850 milhões de dólares. De acordo com o diretor da pesquisa, John LaRosa:

Não há falta de demanda por produtos e programas que atendam ao desejo dos americanos de ganhar mais dinheiro, perder peso, melhorar seus relacionamentos e habilidades de negócios, lidar com o estresse, ou obter uma rápida dose de motivação. Uma elite formada por um punhado de celebridades tem aproveitado seus nomes para construir impérios multimídia compostos por: livros, fitas, CDs/DVDs, seminários, workshops, sites e "universidades" online, treinamento pessoal, infomerciais, e consultoria (Marketdata, 2010).

Os Estados Unidos, nesse sentido, continuam sendo o principal polo difusor de autoajuda. A mentalidade veiculada por esse imaginário cultural, no entanto, já está sedimentada no Brasil, em grande medida, graças à própria influência exercida pela cultura norte-americana por aqui, sobretudo entre as camadas médias. Por mais que seja prudente evitar a tentação de atribuir qualquer fenômeno brasileiro que guarde semelhanças com o que se passa nos Estados Unidos a alguma espécie de "colonização cultural", seria miopia não levar em

"universities", personal coaching, infomercials, and consulting".

-

⁶⁹ Tradução da autora. No original: "There is no shortage of demand for products and programs that cater to Americans' desire to make more money, lose weight, improve their relationships and business skills, cope with stress, or obtain a quick dose of motivation. An elite handful of celebrities have leveraged their names to build multi-media empires consisting of: books, tapes, CDs/DVDs, seminars, workshops, websites and online

consideração a forte ascendência que esse país exerce não só no Brasil, mas em todo mundo ocidental. Nas palavras de Bellah (1999: 296):

Alasdair MacIntyre sugere que, assim como a maioria dos americanos tem duas nacionalidades, a de seus antepassados e a americana, os membros do setor modernizado de todas as sociedades no mundo têm duas nacionalidades: a própria e a americana (...). A globalização, como se observa, é a americanização em uma medida não negligenciável.

O terreno fértil encontrado hoje pela autoajuda no Brasil pode ser creditado, em parte, a uma incorporação de diversos valores estadunidenses, em maior ou menor grau. A aproximação entre os dois países se fortaleceu no início do século XX, com a implementação do movimento conhecido como panamericanismo, que defendia a união política e econômica do continente para defesa e desenvolvimento da região, e também com a política da boa vizinhança levada a cabo pelo presidente Herbert Hoover, eleito em 1928. Com o objetivo de manter os países da América Latina sob sua área de influência política e garantir, também, acesso a um mercado consumidor com bastante potencial, os Estados Unidos mantinham uma constante atenção à área (Ituassu, 2012).

Paralelamente a isso, nas décadas de vinte e trinta, a música, a literatura e o cinema norte-americanos se popularizaram no País. Em 1939, a New York World Fair teve grande repercussão mundial, ao apresentar diferentes nações e novidades tecnológicas, abrindo novas possibilidades para o progresso material e exibindo uma imagem positiva do futuro. Um de seus efeitos, no entanto, foi vender eficazmente o American way of life. A década de quarenta é um marco de inflexão nessa história, quando o Brasil, antes influenciado por Portugal, em seguida pela Inglaterra e depois pela França, pendeu definitivamente seu eixo de influência, junto ao restante da América Latina, em favor dos Estados Unidos que, à época, se preocupava em afastar seus vizinhos de continente das potências do Eixo. Órgãos oficiais foram então criados com esse objetivo, como o Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA), coordenado pelo milionário Rockfeller com o intuito de exportar sistematicamente cultura e referenciais norte-americanos para a região. Dependendo a segurança da nação das boas relações com os países latino-americanos, os Estados Unidos passaram a divulgar imagens favoráveis de si via meios de comunicação, em especial, o rádio, mas contando também com instrumentos como o cinema, jornais, revistas, a música e outras artes. Mais do que isso, o OCIAA gerenciou um esforço concentrado de cooperação técnico-científica que incluiu programas de intercâmbio de professores e estudantes, fomento do ensino do idioma inglês, programas de modernização tecnológica e missões de capacitação. O Brasil era alvo estratégico nesses planos, dadas a aproximação de Getúlio Vargas com a

Alemanha e a produção de ferro e borracha, essencial ao processo de produção norte-americano (Ituassu, 2012: 31-32)

Por volta dos anos 1950, as instituições norte-americanas já gozavam de bastante prestígio por aqui, quando, dentre outras coisas, a moral fundada no culto ao trabalho começou a desfrutar de maior reputação. Esse momento, na verdade, aponta uma transição marcada pela diminuição da força da tradição ibérica, muito ligada ao componente agrário. O rápido processo de urbanização verificado no Brasil no século XX – quando em apenas 40 anos deixamos de ser uma sociedade rural para nos tornarmos um país majoritariamente urbano – também marca o começo de uma influência norte-americana, que começa a ocupar essa lacuna (Soares, 1999).

Nos próximos dois capítulos, examinarei a materialização dessa influência, através da análise de exemplares da literatura de autoajuda que contribuem para o estabelecimento, no Brasil, do imaginário do sucesso e da complicada divisão dos indivíduos entre vencedores e fracassados.

Capítulo 3 – Produzindo vencedores e fracassados

3.1 – A produção do vencedor (a subjetividade do sucesso)

Em dezembro de 2011, em meio às festas de fim de ano, estive em uma formatura de ensino médio de um colégio da Zona Sul do Rio de Janeiro, especializado na preparação para o vestibular. À época eu já me dedicava à pesquisa de doutorado e, certamente influenciada por isso, me impressionou a quantidade de vezes em que foi mencionada a palavra "vencedor". De acordo com a fala de professores e coordenadores, todos que estavam ali eram vencedores por

estarem completando aquela etapa da vida e tinham tudo para, na universidade e, posteriormente, na vida profissional, ratificarem a vitória. O momento catártico do evento foi quando os alunos, dispostos em um palco com o "canudo" em mãos foram conclamados a gritar "eu sou um vencedor!". Tendo em vista a reação dos presentes, preocupados em capturar o melhor ângulo dos jovens nas fotos, apenas eu estava surpresa com a cena.

Apesar do apelo sedutor que tal conceito parece desfrutar hoje em dia, nem sempre esteve entre as aspirações dos sujeitos ser um vencedor ou ter um filho vencedor. Decerto, séculos atrás, era desejável ter um filho socialmente respeitado, de caráter ilibado, trabalhador, inclusive bem-sucedido financeiramente, mas não um *vencedor*. Da mesma forma que não era possível ser um emo na *Belle Époque* ou um neurastênico no Renascimento, não era viável ser um vencedor, sobretudo no Brasil, antes do estabelecimento de algumas práticas econômicas e de suas reverberações culturais que ajudaram a criar esse modelo, difundido ao ponto de figurar entre as aspirações de jovens que ainda nem ingressaram na faculdade.

Algumas concepções de sujeito, portanto, são construtos típicos de uma época, inventados pelas relações sociais que são estabelecidas e pelo entrecruzamento de saberes e poderes engendrados, principalmente, por instituições como a Universidade, sobretudo através das ciências sociais, as do campo psi e a medicina. Essa ideia se aproxima da concepção de Ian Hacking (2009) a respeito da *produção de pessoas*. Para o autor, as ciências criam tipos de pessoas que, em certo sentido, não existiam anteriormente:

Há muito tempo eu tenho me interessado pela classificação de pessoas, em como elas afetam as pessoas classificadas e em como o fato disso afetá-las muda, por sua vez, as classificações. Nós pensamos de muitas formas em pessoas como objeto de investigação cientifica, às vezes para controlá-las, como no caso das prostitutas, às vezes para ajudá-las, como aos potenciais suicidas. Às vezes para organizá-las e ajudá-las, mas, ao mesmo tempo, manter-nos seguros, como em relação aos pobres e sem-teto. Às vezes para modificá-las para seu próprio bem e para o bem do público, como com os obesos. Às vezes apenas para admirá-los, entendê-los, encorajá-los ou mesmo emulá-los, como (às vezes) com os gênios (2006: 1)⁷⁰.

^{7/}

⁷⁰ Tradução da autora. No original: "I have long been interested in classifications of people, in how they affect the people classified, and how the affects on the people in turn change the classifications. We think of many kinds of people as objects of scientific inquiry. Sometimes to control them, as prostitutes, sometimes to help them, as potential suicides. Sometimes to organise and help, but at the same time keep ourselves safe, as the poor or the homeless. Sometimes to change them for their own good and the good of the public, as the obese. Sometimes just to admire, to understand, to encourage and perhaps even to emulate, as (sometimes) geniuses".

Embora seja equivocado afirmarmos que o que ocorre com a nocão de vencedor seja a produção de um tipo específico de sujeito, tal como proposto por Hacking (2009), uma vez que não há – até então – o desenvolvimento de um discurso especificamente científico sobre o que caracteriza esse tipo especial de pessoa, creio que podemos utilizar o pensamento do autor como paralelo para entendermos os interesses envolvidos na classificação dos indivíduos de uma maneira geral. No caso dos vencedores e dos fracassados, ou dos winners e losers, já que tal denominação nasce no contexto norte-americano, os termos aparecem, a princípio, como designação de sucesso estreitamente ligada à condição financeira. O winner é o self-made man que prosperou, que se tornou exemplo para sua comunidade, que venceu as condições muitas vezes adversas e sagrou-se campeão não em uma prática esportiva, mas na dinâmica social transformada em competição. O *loser*, como veremos mais a frente, origina-se, da mesma forma, de uma denominação diretamente ligada à falência nos negócios. É compreensível, nesse sentido, que formem uma dupla opositiva: o que deu certo, e o que não deu. Tais expressões, no entanto, vão se transformando em protótipos para além das relações comercias, e é a partir disso que é possível se falar de uma espécie de produção de indivíduos vencedores e fracassados.

Usando a citação acima como referência, podemos dizer que se essas designações serviram, a princípio, para estabelecer parâmetros de distinção social. Hoje, com sua introdução em outras esferas, sobretudo na mídia e na cultura da autoajuda, elas se disseminam e ganham novos usos, que ajudam, a partir da classificação, a se dispor de um lado os que serão exaltados, admirados, seguidos e, de outro, os que serão excluídos, humilhados, desprezados.

No caso citado no início do capítulo, é interessante que o *vencedor*, versão nacional do *winner* norte-americano apareça justamente em uma formatura do ensino médio. A cultura do *high school* nos Estados Unidos é bastante antiga, e serve de pano de fundo para uma série de produtos culturais, como filmes e seriados, que costumam abordar, dentre outras coisas, as disputas por poder, popularidade e aceitação, normalmente desfechadas no grande evento da juventude daquele país: o *prom*⁷¹, baile de formatura que ocorre ao final do último ano do ensino médio. Para Amy Best,

O *prom* é um evento icônico na cultura americana, consistentemente mobilizado pela mídia contemporânea para exibir os triunfos e angústias da juventude. Juntamente com a conclusão do ensino médio, o baile é

.

⁷¹ Abreviatura da palavra *promenade*.

constantemente proclamado com uma das mais importantes experiências nessa etapa da escola, e talvez, mesmo, de toda adolescência. As imagens do *prom* como um rito de passagem permeiam nossa cultura (2000: 2).

Uma das características destacadas pela autora é o fato de estas festas contarem com a simbólica figura das *prom courts*, formadas, basicamente, por uma rainha e um rei, escolhidos entre as figuras mais populares da escola, normalmente indivíduos brancos, de classe média, heterossexuais e considerados suficientemente belos, ou seja, os *winners*. É compreensível que a adesão à expressão *vencedor* ocorra no Brasil no mesmo momento em que alguns aspectos dessa cultura do *high school* começam se estabelecer por aqui, como a realização de festas de formatura para o ensino médio nos mesmos padrões das que se existem nos Estados Unidos. Até a década de 1990, no Brasil, eram raros os estabelecimentos de ensino que organizavam festas de entrega de diploma de conclusão do que na época era chamado de "segundo grau" nos mesmos moldes das formaturas universitárias. A tendência atual é que as festas escolares⁷³ sigam o mesmo modelo das que ocorrem nos cursos de graduação: além do baile de gala, com exigência de terno para os rapazes e vestido longo para as meninas, a própria colação de grau envolve a distribuição de canudos (normalmente fictícios, já que a entrega do documento oficial, tal como ocorre no ensino superior, costuma ocorrer em outro contexto), o uso de becas, "chuva de prata" etc.

No cinema norte-americano, os *proms* normalmente são acionados como o momento de passagem onde ocorre a redenção do personagem caracterizado como *loser* durante a narrativa. É no baile que a menina feia e desengonçada se transforma em uma cobiçada princesa, ou o jovem que foi preterido em nome do *quarterback*⁷⁴ do time mostra seu valor e ganha a mocinha. São comuns também as tramas em que típicos *winners* construídos como vilões – patricinhas esnobes ou fortões encrenqueiros – são desmascarados justamente na festa. Na vida real, porém, os embates entre vencedores e fracassados não são tão previsíveis, principalmente

_

⁷² Tradução da autora. No original: "The prom is an iconic event in American culture, one that is consistently drawn upon in contemporary media to show the triumphs and travails of youth. Along with high school graduation, the prom is often heralded as one of the most important experiences in high school, perhaps even of all adolescence. Images of the prom as a coming-of-age rite permeate our culture".

⁷³ Algumas escolas estão indo além: em uma pesquisa no *Google* foi possível perceber que certos estabelecimentos de ensino brasileiros estão realizando festas de formatura também para os formandos do ensino fundamental, antigo primário, com direito a baile de gala, distribuição de diplomas e uso de becas.

⁷⁴ Quarterback é a figura central do time de ataque no futebol americano. Normalmente, são os jogadores mais célebres da equipe.

quando esse tipo de designação deixa de aludir apenas ao contexto de disputa por popularidade em uma escola e passa a se referir à hierarquia estabelecida na sociedade como um todo.

Em um livro intitulado *Juvenile violence in a winner-loser culture*, Oliver James (1995) analisa a violência difundida em um contexto de pobreza e desigualdade na Inglaterra, percebido a partir de 1980, com a implantação de práticas econômicas neoliberais e, concomitante, no país, à expansão da qualificação dos indivíduos como *winners* e *losers*. De acordo com Cristiana Ituassu (2012), é possível afirmarmos que tal conjuntura foi marcada pela emergência da "cultura do empreendedorismo" como um tema central da renovação moral e econômica do governo de Margareth Thatcher, quando se instaurou um ceticismo em relação ao poder do Estado em prover as demandas básicas da sociedade. A partir daí, indivíduos, empresas, comunidades, organizações, escolas, pais – todos – deveriam tornar-se parceiros do governo, assumindo para si grande proporção da responsabilidade por essas questões.

Isso envolveu um duplo movimento de responsabilização e autonomização, e cada um desses personagens deveria cuidar de sua própria sobrevivência e bem-estar. Imbuída nesse programa estava, assim, uma ética particular de pessoalidade, que determinava a autonomia, responsabilidade e liberdade/obrigação dos indivíduos de ativamente fazerem suas escolhas. A ideia era valorizar não apenas as empresas como empreendimentos comerciais, mas também uma espécie de atitude empresarial, ou qualquer tipo de projeto ou ação de indivíduos ou grupos com qualidades e características empresariais: ousadia, vigor, autoconfiança, energia, disposição para correr riscos e perseguir metas (Ituassu, 2012: 46).

Para James (1995), a crescente atribuição aos indivíduos da plena responsabilidade quanto a seu destino foi especialmente nociva aos jovens, que, além de crescerem em um ambiente de acirrada competição, precisavam lidar com as consequências da introdução dessa lógica no ambiente familiar, o que muitas vezes levava a um quadro de desestruturação e desespero:

Enquanto anteriormente as pessoas de baixa renda eram vistas com respeito e nenhuma culpa era associada ao seu baixo status, uma nova cultura as julgava como inadequadas intelectual, emocional e moralmente. A palavra *loser* substituía termos como desfavorecidos para caracterizá-las. A cultura *winner-loser* pode ter interpretado as novas desigualdades: quando se sentiam frustrados e com raiva, isso pode ter feito com que respondessem com violência física (James, 1995: 2).

-

⁷⁵ Tradução da autora. No original: "Where previously people of low income were regarded with respect and no blame attached to their low status, the new culture judged them inadequate morally, intellectually and emotionally.

Para Scott Sandage (2005), nos Estados Unidos, matriz desse fenômeno, a prova mais cruel dos efeitos provocados pela expansão de tal mentalidade pode ser comprovada no sistema educacional. O caso do massacre na escola Columbine High⁷⁶, de Littleton, no Colorado, é citado pelo autor como indício de que mesmo crianças e adolescentes se veem capturados pela cultura do sucesso e do fracasso, que possui inclusive um vocabulário próprio quando associado ao universo *teen*. A "linguagem da exclusão", nesse sentido, comportaria sinônimos contemporâneos para o fracasso: "nerd⁷⁷, dork, dweeb, geek, wimp, freak, jerk, slacker, weirdo, e mesmo fag. 'Loser', no entanto, continua como o epíteto de escolha" (idem: 275)⁷⁸.

Os sobreviventes de Columbine afirmaram à imprensa que os outros estudantes percebiam os dois atiradores como "losers": eles se vestiam de maneira esquisita e ouviam músicas estranhas. "Esta é uma escola muito formal, conservadora", disse uma jovem. "Os alunos usam Abercrombie, Tommy Hilfiger, American Eagle". (...) Os conselhos de especialistas após o tiroteio na escola se concentraram em sugerir reforço na segurança, com detectores de meta e outras formas de vigilância, além de técnicas de criação de perfis, para identificar *losers* antes que sua raiva matasse (Sandage, 2005: 275-276).

Nos próximos itens, veremos como se dá a materialização da figura dos vencedores nos livros de autoajuda. A partir da análise de exemplares que se dedicam a enaltecer as características daqueles que "chegaram lá" e a sugerir comportamentos favoráveis a uma vida

_

The word 'loser' replaced words like 'disavantaged' as a common way of denoting them. The winner-loser culture may have interpreted the new inequalities: when feeling frustrated and angry, it may have made them more likely to respond with physical violence".

⁷⁶ O caso ocorreu em 20 de abril de 1999. Dois jovens estudantes do último ano do ensino médio, Eric Harris e Dylan Klebold, de 18 e 17 anos, respectivamente, assassinaram a tiros 12 alunos e um professor e depois cometeram suicídio.

Mais recentemente, graças à ascensão de uma cultura juvenil pop-tecnológica, o nerd, principalmente o que desfruta de intimidade com o ambiente virtual e com as tecnologias da informação, vem sendo objeto de uma reavaliação. Nas palavras de Matos (2011: 12): "Antes estereotipados e considerados apenas indivíduos inadequados socialmente, hoje os nerds começam a ser vistos como consumidores privilegiados e criadores de tendências. O que antes era um xingamento passa a ser levantado como bandeira, estampado em camisetas e motivo de orgulho para alguns. Este novo cenário aponta para o surgimento de uma cultura juvenil centrada no consumo talvez mais do que qualquer outra e que traz a disputa simbólica para o primeiro plano".

⁷⁸ Optei por manter essas palavras no original em inglês, pois qualquer tentativa de tradução poderia incorrer em imprecisões que, neste caso, alterariam o significado pretendido pelo autor. Tradução minha. No original: "nerd, dork, dweeb, geek, wimp, freak, jerk, slacker, weirdo, and even fag. 'Loser', however, remains the epithet of choice".

⁷⁹ Tradução da autora. No original: "Columbine survivors told the press that other students regarded the two shooters as 'losers': they dressed oddly and listened to strange music. 'This is a pretty preppie, conservative school,' said one young woman. 'Kids wear Abercrombie, Tommy Hilfiger, American Eagle.' (...) Expert advice after the school shootings centered on tightening security with metal detectors and other means of surveillance, along with "profiling" techniques to identify losers before their rage kills".

bem-sucedida, será possível apontarmos os principais sentidos norteadores do sucesso e suas correlatas demandas, tais com a superação e a responsabilidade, apresentadas a seguir.

3.1.1 – Responsabilidade e superação – tomando as rédeas da própria vida

S.O.S Sujeito ou Sujeitado é uma abordagem simples e direta que trata, especificamente, do poder que nem sempre é conhecido pelas pessoas, embora esteja dentro delas. O poder de escolha, de ser o criador de seu destino! De construir seus castelos e seus infernos, seus sucessos ou fracassos, sua felicidade ou infelicidade... (Urban, 2010: orelha).

O trecho acima é oriundo do livro homônimo à citada "abordagem": *S.O.S Sujeito ou Sujeitado*, que tem como subtítulo "Definindo seu Sucesso ou seu fracasso!", assim mesmo, com maiúscula para sucesso e minúscula para fracasso. A obra tem a autoria de Marisa Urban, psicóloga "com especialização em Filosofia", que se apresenta como diretora executiva e sócia da empresa de consultoria com o sugestivo nome Human Capital e como dotada de "larga experiência em Coaching, Executive Assessment e Desenvolvimento Gerencial". Apesar de a autora estar inserida no mundo corporativo, o livro não tem como público-alvo apenas executivos

A proposta da obra é promover o que classifica como "posturas de Sujeito" no lugar de "atitudes de Sujeitado". Todo o argumento é construído em torno dessas duas figuras identificadas pela autora ao longo de sua trajetória como consultora organizacional. De um lado, o Sujeito, que "sabe que é livre e que, portanto, é capaz de fazer suas escolhas. Tem clareza de que é o timoneiro de sua vida, o construtor de seu 'destino'. Ou criador de sua 'sorte' ou fracasso" (Urban, 2010: 10). Do outro, o Sujeitado, que "se sente preso, amarrado, e ainda considera que o outro o amarrou, não percebe que as amarras foram feitas por ele mesmo (...)" (idem). A principal diferença traçada entre esses dois protótipos é o padrão de atitude tomada em relação ao conceito de *responsabilidade*, *leitmotiv* do texto.

"Ser responsável é ser capaz de dar respostas frente ao que se lhe apresenta, independentemente de ter sido o causador ou não" (Urban, 2010: 10). É a partir dessa concepção de responsabilidade que o argumento é construído. A ideia de que os indivíduos devem ser os únicos responsáveis pela condução de suas vidas aparece aqui de forma bastante clara, e é enunciada inúmeras vezes. A ênfase na questão de "sermos ou não os causadores" dos problemas que nos acometem ganha aqui um relevo importante e serve para embasar a alegação

de que nenhum contexto social é justificativa para a acomodação em uma posição de "Sujeitado". Ou seja, mesmo que tenhamos nascido em uma situação de extrema pobreza e sem o amparo de qualquer tipo de arranjo familiar que forneça um mínimo de segurança, cabe a nós, e somente a nós, adotar a postura de "Sujeito" e, assim, tomar as rédeas da própria vida.

O "Sujeito" tem clareza de que sua responsabilidade é muito maior do que só sobre aquilo que faz ou fez e sim sobre o que pode ou poderá fazer sobre o que se lhe apresenta também. O "Sujeitado" nem conhece ou reconhece suas responsabilidades (Urban, 2010: 10).

Por mais que busque promover uma mudança de atitude radical, o livro afirma que tal transformação pode ocorrer de forma bastante rápida. Na apresentação da obra, a sócia da autora, Selma Paschini, elogia o método criado por Marisa Urban, que pôde conhecer durante uma palestra:

Fiquei surpresa com os resultados que foram se apresentando desde os primeiro 15 minutos da apresentação. Com uma abordagem pragmática e uma linguagem direta, simples e não ameaçadora, Marisa colocou o conceito e despertou imediatamente o engajamento e a motivação dos participantes para discutir o tema (idem: 3).

Aparentemente, Selma se engajou de maneira fervorosa ao método criado pela sócia, já que utiliza os modelos criados pela autora como forma de distinguir, inclusive, seu âmbito de sociabilidade, o que fica perceptível no último parágrafo da apresentação que escreveu para o livro:

Certamente, a leitura deste livro provocará no leitor alguma reflexão e autocrítica, e acredito que os leitores com postura predominante de "Sujeito" terão muita dificuldade em aceitar passivamente a convivência com pessoas que apresentam predominantemente posturas de "Sujeitados". Ou tentarão ajudá-las a mudar ou as afastarão de sua convivência" (idem: 4).

Buscando aproximar sua abordagem de uma aplicação prática, a autora constrói uma tabela que visa identificar os melhores "talentos" para um empresa, baseando-se nas figuras do Sujeito e do Sujeitado associadas à variável alto ou baixo "potencial intelectual". O resultado é a formação de quatro tipos: *Sujeitado de alto potencial intelectual*: o desagregador ("comumente visto como um profissional questionador, contestador do status quo, corajoso, inquieto por mudanças e melhorias. Na verdade, mais destrói do que constrói" 2010: 42); *Sujeitado de baixo potencial intelectual*: o peso morto ("como não representam ameaça ou

sombra para seus colegas ou supervisores, são muitas vezes tolerados, se 'disfarçam' com suas desgraças e vitimação" 2010: 40); *Sujeito de baixo potencial intelectual*: o agregador ("costuma estar com clara aderência às regras e regulamentos da empresa" 2010: 43) e *Sujeito de alto potencial intelectual*: o talento ("mais do que salários, beneficios ou carreiras, são muito motivados por lideranças justas, honestas, competentes e exemplares" 2010: 45). Não é dificil concluir que Urban acha preferível um tipo agregador a um desagregador. Dessa forma, afirma que é melhor contratar um indivíduo de baixo potencial intelectual mas com atitude de "sujeito" a um "sujeitado" de alto potencial. Os processos seletivos de grandes empresas, hoje, parecem partilhar dessa opinião, tendo em vista que a maior parte da seleção é feita a partir de dinâmicas de grupo e de avaliação de características subjetivas do candidato em detrimento de provas que meçam conhecimentos específicos e da formação intelectual dos postulantes. As justificativas dadas pela autora para tal escolha são muitas. A maioria refere-se aos riscos envolvidos na contratação de "liderados sujeitados":

Muitas vezes, aparecem nas reivindicações politicamente corretas como heróis. Algo tipo sindicatos ou partidos com nome de trabalhistas. Outras vezes, aparece o "Sujeitado" nas ações que move contra aquele estado que o remunerou, que o possibilitou de ter todas as conquistas que teve e tem, onde permaneceu a vida inteira, e, mesmo assim, move ações contra. Parece cuspir no prato em que comeu durante todo o tempo... Em algumas situações, aparece o "Sujeitado" na busca desenfreada de pensões, seguros médicos por supostos direitos adquiridos em seus trabalhos onde foram "Sujeitados" por muitos anos de suas vidas. Outra forma de "Sujeitado" é ser vítima de assédio moral só relatado após sua saída da empresa. E, depois disso, mover ação contra ela (sic) (Urban, 2010: 56).

Urban (2010) também lista as características que distinguem o Sujeito vencedor do Sujeitado fracassado: enquanto o primeiro "foca-se no futuro; age, faz escolha; não reclama; não espera acontecer; toma iniciativa, cria alternativa e possibilidades; é responsável; não usa desculpas; foca-se no seu poder de ação" (idem: 14), o outro "não reconhece suas responsabilidades; usa e abusa das desculpas; tem explicação para tudo; vive se justificando; culpa o outro; sente-se vítima, prisioneiro e sem saídas, é um reclamão" (idem).

Apesar de basear seu discurso na necessidade de uma mudança de comportamento, a autora lança mão de uma ideia comum na literatura contemporânea de autoajuda: a crítica à reclamação: "O "Sujeito" não reclama, pois reclamar é uma postura infantil (...). O Sujeito aceita a realidade, aceita os limites e os transforma por vontade própria" (idem: 11). Além de

promover uma postura de aceitação irrestrita do entorno social, tal posicionamento corrobora o elogio à ação, entendida como única forma de se portar diante das dificuldades. Qualquer ato anterior à ação, como o pensamento, a analise conjuntural, a reflexão e a crítica são desvalorizados, restando ao papel do "Sujeitado" tal função: "O Sujeitado por outro lado é um reclamão (...). Reclama da realidade – reclama dos limites e os conserva. Tem a clara postura de vítima, de coitadinho" (idem: 11). É interessante como tal argumento inverte a questão da conservação dos limites: reclamação, para a autora, é sinônimo de acomodação e "aceitar os limites e a realidade" é encarado como uma atitude "proativa", o que soa no mínimo contraditório.

O acionamento de justificativas para a dificuldade em prosperar é classificado como "desculpa". Nesse ponto, ela lança mão do pensamento do psicanalista Paulo Gaudencio⁸⁰: "Quando você tiver uma boa desculpa, não a use; pois a pior desculpa do mundo é a desculpa verdadeira" (Urban, 2010: 10). A partir desta concepção, todos os fatos elencados como empecilho para o sucesso são caracterizados como desculpa. Para ratificar essa ideia, ela usa o exemplo clássico de superação: o portador de deficiência física. A história que passa a ser narrada, segundo a autora, foi extraída de um livro de Gaudêncio. Douglas Badder, um promissor piloto que vivia na Inglaterra, tinha como grande sonho voar: "Ele faria qualquer coisa por isso, era o seu sentido de vida" (idem: 11), porém, "num belo dia de sol, em um voo rasante, Douglas não conseguiu controlar o avião e este caiu" (idem). O resultado do acidente foi que o jovem piloto perdeu as duas pernas e passou vários dias em coma: "Douglas se viu assim: um jovem tão promissor, aposentado precocemente, com um bom salário e sem futuro" (idem). Mas, como era de se imaginar, "ele não desistiu" (idem). Depois de desenvolver duas pernas de alumínio, ele reaprendeu a andar, voltou a trabalhar e a pilotar. Quando começou a Segunda Guerra Mundial, ele quis defender o seu país e acabou conseguindo participar de uma ofensiva na Alemanha. Lá, durante um bombardeio, seu avião foi abatido e ele ficou com as pernas presas nas ferragens enquanto a aeronave caia. "O que fez? O que nenhum outro piloto poderia! Largou as pernas e pulou de paraquedas... 'Seu azar foi sua sorte!'" (idem: 12).

Se Douglas Badder usasse a "Desculpa Verdadeira" de não ter as duas pernas, poderia dizer que era um infeliz, uma pessoa azarada, poderia justificar ser alguém incapaz de poder amar, ou de voltar a trabalhar, poderia simplesmente ficar em uma cama e não mais trabalhar. Poderia se sentir uma grande vítima. Mas ele não a usou. (...) Usar a "Desculpa

_

⁸⁰ De acordo com seu site oficial, o psiquiatra é especializado em terapia empresarial, clínica, educacional e esportiva. (http://www.paulogaudencio.com.br/gaudencio.html#)

Verdadeira" é ficar paralisado. É tentar se esconder atrás dela. É ter justificativas para explicar limitações, dificuldades e justificar seus fracassos ou baixas performances" (idem: 12-13).

Mais à frente, Urban usa outro exemplo envolvendo portadores de deficiência: elogia um vídeo na Internet onde um casal aparece dançando balé, apesar de ela não ter um braço e ele não ter uma perna. No mundo *online*, no entanto, há espaço também para a crítica ao imperativo da superação. Em um vídeo que contabiliza mais de vinte milhões de visualizações⁸¹, desde 2006, o grupo de humor Melhores do Mundo narra a saga de Joseph Climber, um sujeito que passa por uma série de provações ao longo de sua vida. A seguir, transcrevo a íntegra do texto encenado pelos atores:

Existem pessoas que não se abatem por nada. Até mesmo os mais terríveis obstáculos são encarados como novos e maravilhosos desafios. Hoje conheceremos a história de Joseph Climber. Joseph Climber, 17 anos de idade, campeão mundial de luta livre, no auge de sua carreira e de sua forma física.

Mas a vida é uma caixinha de surpresas e numa bela manhã de sol, Joseph Climber estava de namoricos com sua pequena Amy, pela qual ele era absolutamente apaixonado. Acontece que, de estômago cheio, Joseph Climber foi se envolvendo com as carícias de sua pequena e, sem conseguir se controlar, foi acometido por uma terrível congestão. Isso deixou-o paralisado de todo o lado esquerdo do corpo. Qualquer um de nós ficaria chateado, desmotivado, mas não este homem! Não Joseph Climber!

Ele abandonou a carreira de lutador e arranjou emprego como telefonista. Por motivos óbvios, ele só podia atender um telefone de cada vez e sem anotar os recados. Isso fez com que seu cérebro fosse substituindo seus músculos de lutador e em pouco tempo ele inventou um multiatendedor automático de telefones. Um exemplo de perseverança. Um exemplo de que não devemos desistir não fácil

Mas a vida, a vida é uma caixinha de surpresas e numa bela manhã de sol um terrível acidente aéreo faz com que Joseph perca completamente sua voz. Juntamente com a voz ele perde seu emprego como telefonista. Qualquer um de nós ficaria chateado, desmotivado, abatido. Mas lembre-se que estamos falando de Joseph Climber! Que passou a se comunicar através de gestos feitos com a sua mão direita. E vejam o que é a perseverança, vejam o que é a força de vontade: graças à fantástica habilidade adquirida com a sua mão direita ele se tornou maestro da orquestra de sua cidade.

-

⁸¹ Considerei a soma de visualizações no *Youtube* das versões do esquete em vídeos de shows do grupo e de apresentações dos humoristas nas atrações Programa do Jô e Altas Horas.

Mas nem tudo são flores na vida de Joseph. Numa bela manhã de sol, Joseph Climber descansava tranquilamente à sombra de uma árvore, quando uma bombinha de São João estoura ao seu lado e isto o deixa completamente surdo. Surdo. Qualquer um de nós ficaria chateado, abatido quem sabe até desmotivado, mas, por Deus, este é Joseph Climber.

E neste período da vida, resolveu abandonar a cidade. Mudou-se para o campo, para ter contato com a natureza. Mas não ficou parado, não. Lá, numa velha fazenda, arranjou emprego como operador de uma máquina de moer cana. Um exemplo de perseverança! Um exemplo de que não devemos desistir tão fácil.

Mas a vida é uma caixinha de surpresas e numa bela manhã de sol trabalhava de vento em popa quando a máquina tritura o seu braço direito. O mais impressionante é que, mesmo sem poder falar, neste momento Joseph Climber solta um urro desesperado de dor! Qualquer um de nós ficaria chateado, desmotivado, mas este é Joseph Climber: o maior exemplo vivo de perseverança já visto sobre o planeta Terra!

Joseph Climber voltou para a cidade. E em uma noite especial, fechado em seu apartamento, envolto em uma aura de magia e por um estranho vento que soprava do leste, Joseph Climber incorpora o espírito de Van Gogh e passa a pintar belíssimos quadros com sua perna direita. Logo é convidado a expor em todas as grandes galerias do mundo: Estados Unidos, Europa, Ásia...

Mas a vida, a vida, esta sim é uma caixinha de surpresas. Pois numa bela manhã de sol, ao tentar invocar o espírito de Van Gogh, Joseph Climber acidentalmente incorpora o espírito de Hagar, o Terrível, e numa horrenda luta mediúnica, amputa as próprias pernas. Qualquer um de nós ficaria chateado, desmotivado, sem vontade de cantar uma bela canção, mas, por Deus, este é Joseph Climber!

Que em pouquíssimo tempo se tornou o mais importante funcionário da agência dos correios, selando milhões de cartas por dia [o ator que interpreta Joseph faz gestos de lambida]. Eu disse milhões de cartas por dia! Um exemplo de que não devemos desistir tão fácil. Não devemos desistir nunca!

Mas a vida...

Hoje em dia, este incrível homem que aqui está ganha a vida como feliz e bem-sucedido peso para pape!! 82

O esquete é uma clara paródia de palestras motivacionais que adotam o mesmo tom do supracitado trecho sobre portadores de deficiência do livro S.O.S Sujeito ou Sujeitado⁸³

-

⁸² http://www.youtube.com/watch?v=zJsQR2YMip0 (link para o vídeo da apresentação no programa Jô Soares)

⁸³ Adquiri esse livro em um sebo da cidade de São Paulo. Para minha surpresa, ele veio autografado para o cantor e apresentador Ronnie Von: "Caro Ronnie Von, você que já superou tantos limites, certamente apreciará esta leitura, reconhecendo-se imediatamente como 'SUJEITO'. Um grande abraço". Desconheço detalhes da biografía

(Urban, 2010). A ideia que subjaz é a do elogio à performance. É interessante notar a semelhança entre a introdução da história narrada no livro de Urban "num belo dia de sol, em um voo rasante, Douglas não conseguiu controlar o avião e este caiu" (2010: 11) e passagens do caso humorístico de Joseph Climber que antecedem suas tragédias: "numa bela manhã de sol trabalhava de vento em popa quanto a máquina tritura o seu braço direito"; "numa bela manhã de sol um terrível acidente aéreo faz com que Joseph perca completamente sua voz" etc. Vale lembrar que o vídeo do grupo Melhores do Mundo⁸⁴ é anterior à publicação do livro.

Não proponho aqui, obviamente, a discussão a respeito da existência de papéis válidos ou não a serem desempenhados por pessoas portadoras de deficiência, mas acredito que seja no mínimo questionável estabelecer como modelo a ser seguido a sistemática negação das limitações físicas e incentivar como meta o sobrepujamento de todos os problemas com a finalidade de se tornar útil à sociedade, ser produtivo, admirável, mesmo que como um "feliz e bem-sucedido peso para papel", como sugere a mordaz esquete de Joseph Climber. Bem sucedido, pois não parece haver outra escolha hoje em dia, e feliz, já que, atualmente, a felicidade "compulsiva e compulsória" não está limitada por nenhum tipo de condicionante (Freire Filho, 2010).

Embora use as categorias "Sujeito" e "Sujeitado" como proposta de intervenção no comportamento dos leitores com vistas a uma transformação, a autora sugere que tais características são inatas: "a visão de mundo, as crenças, os valores e paradigmas independem de tempo, localização geográfica, raça, credo ou origem social" (idem: 15). Como ocorre em outros livros, aqui o indivíduo surge como uma força superior a qualquer realidade histórica. Sua biografia, nesse sentido, só depende dele mesmo e da força que dispõe para intervir em seu entorno.

de Ronnie Von, mas, aparentemente, de acordo com a autora, ele também pode ser apontado como exemplo de superação. Eu já estava me preparando para escrever a frase "não seria surpreendente se Ronnie Von lançasse um livro de autoajuda", mas preferi ir ao *Google* me certificar se isso já não teria acontecido. De fato, em 1995, foi lançado *Mãe de gravata* (editora Maltese), uma autobiografía apresentada como "A história de um cantor popular que não aceitou imposições e que mostrou perseverança em tudo o que se propôs a realizar, principalmente a criação dos filhos depois que ele obteve a guarda após a separação".

⁸⁴ No site de relacionamentos Orkut, há a comunidade "Joseph Climber mudou a minha vida", que conta com mais de sete mil membros e com a descrição "Se você também teve sua vida mudada por esse exemplo de perseverança, que não desiste nunca, de seu testemunho! Junte-se a nós!". O tom de ironia é dominante na comunidade, embora isso não fique tão claro em alguns momentos da interação entre os membros. Em um fórum intitulado "Influências de Joseph Climber em sua vida", há desde relatos gaiatos como "eu aprenndi (sic) a ter medo de 'Belas manhãs de sol'" (sic) até depoimentos dúbios como "Eu aprendiii (sic) ter Força de vontade", "Me fez tornar uma pessoa melhor... O modo como não desistiu da vida me fez refletir ainda mais sobre a minha!" e "Ele é o cara!!!Aprendi que o mais unutil (sic) tem sua utilidade!!".

Para colaborar em sua argumentação, a autora utiliza algumas histórias que exemplificam posturas de sucesso. Tais casos teriam sido ouvidos dentre as mais de cinco mil entrevistas que fez pessoalmente ao longo de sua carreira: "Foram oportunidades para que eu conhecesse vários Joãos e Josés nesse diverso processo de Desenvolvimento Organizacional" (idem: 16).

João vivia na "Roça", em um pequeno pedaço de terra que foi de seu avô e que seu pai herdou. Sabia que seu avô e seu pai não mudaram de vida, mesmo trabalhando arduamente de sol a sol, e por duas gerações era sempre aquela situação de muita escassez. (...) Ele ajudava seu pai desde pequeno, pois via o sacrifício dele para conseguir sustentar a família. E João decidiu que não queria esse futuro para ele, que faria diferente. Assim, quando tinha 11 anos, foi fazer sua 5ª série em uma escola a 5 km de sua casa. A primeira coisa que fez foi trabalhar em uma feira aos domingos, dia de folga que não trabalhava com seu pai, para comprar um tênis e poder ir para a escolar mais rapidamente e com mais conforto. (...) E assim concluiu o ensino fundamental e médio. Conversou com o pai, dizendo que iria para a cidade vizinha, que tinha uma grande fábrica, para tentar arrumar um emprego e fazer uma faculdade. O pai não o apoiava nesse assunto de escola, de estudo e disse-lhe que não poderia ajudá-lo com dinheiro. João falou-lhe que não contava com isso, e por esse motivo tinha feito um pezinho-de-meia durante todos estes anos. Foi para a cidade, arrumou um emprego de operador de produção, juntou-se a uns conhecidos e fizeram uma república bem simples com fogão, duas panelas, copos, pratos, talheres e um colchão para cada. Pronto, já estava vivendo na cidade, empregado e esperando o resultado do vestibular. Entrou para o curso de Engenharia e conseguiu 70% da bolsa de estudo. Hoje, está na empresa há cinco anos e é coordenador da Produção. Não paga mais aluguel, pois construiu sua casa e mora nela (sic) (Urban, 2010: 18-19).

Na mesma seção em que cita essa história, Urban também conta a trajetória de "José", um sujeito que vivia nas mesmíssimas condições de João, mas não conseguiu mudar seu destino, terminando como seu pai e seu avô. A diferença entre as duas narrativas está no momento em que João decide, antes dos 11 anos de idade, "que não queria esse futuro para ele, que faria diferente" (idem: 18). Toda a responsabilidade pela condução de uma vida recai em uma escolha feita nessa idade. Não há menção a respeito da falta de transporte público até a escola. João não precisava disso, ele trabalhou e comprou seu próprio tênis para caminhar os 5 km até lá. José falhou nesse sentido, pois "não tinha condições de comprar tênis, só chinelo" (16). A falta de merenda escolar, que para José também foi empecilho ("o lanche, tão dificil para ele ter, e se o tivesse, teria que carregar, e se o carregasse, poderia estragar devido ao sol"),

não parece ter afetado a vida de João, já que não há menção a isso. Se fosse preciso, certamente, João daria um jeito, pois havia escolhido ser bem-sucedido, diferente de seu vizinho. "É uma questão primeiramente de ESCOLHA!" (idem: 19), reitera a autora, que vai além: "Uma das definições de 'loucura' mais impactante e ilustrativa para mim, é a incapacidade de escolha" (sic) (idem: 21).

Em outras passagens do livro, Urban (2010) dá continuidade à tradição da autoajuda iniciada ainda nos tempos de Swett Marden, no final do século XIX: a citação aleatória de histórias motivadoras inusitadas e de pouco compromisso com a verossimilhança. "Breves situações de vida pautadas em escolhas para a superação de seus limites, restrições, obstáculos, dificuldades, perdas e dores" (idem: 28) que em vez de modelos de perseverança, mais parecem tramas resolvidas através do recurso *deus ex machina*:

[Alguns] que decidiram aos 11 anos de idade, para ter algum dinheiro, trabalhar no cemitério de sua cidade no interior de Minas Gerais, lavando lápides, cuidando das flores dos vasos, tirando as folhas mortas e regando-as com água carregada em baldes de uma torneira muito distante. Esses são presidentes de empresas multinacionais (idem: 28).

3.1.2 – Autoestima – o sucesso é ser você mesmo

Se boa parte dos livros de autoajuda fornece exemplos edificantes e conselhos com o objetivo de tornar o leitor um verdadeiro vencedor, alguns partem do princípio que tal receituário não é necessário, uma vez que todos já somos vencedores natos, cabendo a cada um, apenas, fortificar a autoestima e reconhecer em si mesmo a insígnia do sucesso. Esse é o caso de *Você é insubstituível: este livro revela a sua biografia*, de Augusto Cury (2002). Logo no prefăcio, o autor avisa:

Este livro fala do amor pela vida que habita em cada ser humano. Ele conta a sua biografía. Se até hoje sua história nunca foi contada em um livro, agora ela será, pelo menos em parte. Você descobrirá alguns fatos relevantes que o tornaram um dos maiores vencedores do mundo (2002: 5).

Nessa obra, a vitória é entendida como algo inato ao ser humano, portador de uma essência atribuída por Deus. Da mesma forma, a felicidade também não deve ser buscada como algo externo ao sujeito, mas sim encarada como um atributo intrínseco: "procurou a felicidade

em todo o universo e não o encontrou. Perceberá que Deus a escondeu no único lugar em que ele não pensou em procurá-la: dentro de si mesmo" (2002: 11).

A tônica do livro, nesse sentido, difere bastante da que foi encontrada no conjunto de exemplares analisados para esta tese. Enquanto a maioria associa sucesso e felicidade à consecução de uma vida financeira bem-sucedida, aqui o discurso é fundamentalmente sentimental. Embora este caso chame a atenção por destoar da maioria dos representantes do estilo, é importante percebermos que, mesmo em um gênero que normalmente é tratado como um bloco monolítico, há espaço para a diversidade:

Os magnatas tentaram comprá-la. Construíram impérios, amealharam fortunas, compraram jóias. Mas a felicidade os deixou perplexos, pois ela jamais se deixou vender e disse-lhes: "O sentido da vida se encontra num mercado onde não se usa dinheiro!" Por isso há miseráveis que moram em palácios e ricos que moram em casebres (Cury, 2002: 14).

É interessante como o discurso "dinheiro não traz felicidade" aparece, também, em livros com um viés completamente avesso a essa ideia. Em algumas obras, depois de muitas páginas com aconselhamento no sentido de tornar alguém mais rico, poderoso e bem-sucedido surgem inserções isoladas com dizeres moralizantes do tipo "mas a verdadeira vitória é ser você mesmo" ou "a felicidade, no entanto, está nas pequenas coisas", o que vai de encontro ao que é propalado ao longo de todo o livro.

A narrativa de *Você é insubstituível* (Cury, 2002) é integralmente conduzida a partir do clichê do espermatozoide vencedor, que também pode ser encontrado em outras obras:

Um dia você foi inscrito para participar do maior concurso do mundo, da maior corrida de todos os tempos. Acredite, você estava lá! Eram mais de quarenta milhões de concorrentes. Pense nesse número. Todos tinham potencial para vencer e só um venceria. Será que você era mais um número na multidão ou tinha algo de especial? Analise quais seriam as suas chances. Zero, zero zero, zero, zero, zero, zero, zero, quatro (0,000.000.04). Você nunca foi tão próximo de zero. Suas chances eram quase inexistentes. Tinha tudo para ser mais um derrotado, tinha todos os motivos para ser um grande perdedor. Qualquer um acharia loucura participar dessa corrida. Mas você participou e ainda achava que iria vencer (Cury, 2002: 27-28; 31).

A ideia que subjaz é a de que a vitória é um fato tão natural na vida dos seres humanos que mesmo a concepção deve ser vista como uma bem-sucedida participação em uma

competição. "Que disputa era essa? A disputa do espermatozóide para fecundar o óvulo" (Cury, 2002: 31). Com o intuito de tonificar a autoestima dos leitores — não é a toa que na capa, logo abaixo do título, aparece a frase "Sua auto-estima nunca mais será a mesma..." — são elencados fatos que comprovam o ato da fecundação como algo a ser comemorado: "Seria mil vezes mais fácil vencer as eleições para presidente de seu país. É incrível, mas você venceu!" (idem). Imaginando que não tenha ficado claro, o autor vai além: "Você foi surpreendente! Sinto-me honrado em tê-lo como leitor" (idem).

Toda a continuação do livro consiste em propor uma análise aprofundada de cada elemento ligado à vitória primordial e tem como objetivo convencer o leitor dos feitos dos quais nem ele se julgava capaz. "Somente alguém com uma força descomunal como a sua poderia vencer uma corrida com milhões de concorrentes, pisoteando-o, pressionando-o, ultrapassando-o" (Cury, 2002: 32). Para vencer na vida hoje, você precisa "voltar às origens", lembrando da tal "força descomunal" que o impeliu no momento da fecundação. Afinal de contas, você é "o maior aventureiro da História", pois nenhuma aventura se aproxima da saga da concepção; você é o maior alpinista do planeta, "Lembre-se de que, comparando o tamanho do espermatozóide com as montanhas que teve que escalar dentro do útero de sua mãe para fecundar o óvulo, você escalou centenas de montes Everest" (Cury, 2002: 43); você foi o "maior nadador do mundo", pois "Sua pontaria foi incrível! Você bateu todos os recordes imagináveis de nado livre" (Cury, 2002: 46); você foi o "maior chutador e o maior malabarista" já vistos, "Virou mais de quinhentas cambalhotas e chutou mais de mil vezes por dia sua mãe" (Cury, 2002: 49). Parece não restar dúvidas de que "Seu destino era vencer" (Cury, 2002: 47).

Além de tudo isso, você também viveu o maior romance da história. "E foi correspondido" (Cury, 2002: 75). O romance, "genético, instintivo, incontrolável" foi protagonizado, como era de se imaginar, pelo "Romeu espermatozóide, profundamente solitário e apaixonado pela Julieta-óvulo" (idem). A metáfora do caso amoroso representado pelas duas metades do que viria a se tornar o indivíduo prossegue: "Você cometeu loucuras de amor para viver esse romance. Nunca ninguém foi tão apaixonado pela vida. Nunca ninguém teve uma auto-estima tão sólida" (Cury, 2002: 76).

O objetivo do autor ao regozijar os leitores com suas proezas é declarado a certa altura do livro: "Conhecer os perigos enormes que você correu e as façanhas que você fez para estar vivo hoje é fazer um laboratório de auto-estima" (Cury, 2002: 45). A obra, no entanto, não vive só de insuflar o ego de quem está lendo. Há, também, a apresentação de uma técnica para lidar

com as emoções despertadas pela descoberta do próprio valor, que, de acordo com texto, deve ser colocada em prática diariamente por "pelo menos seis meses" (Cury, 2002: 62):

Aplique a técnica do DCD (duvide, critique e determine). Duvide de tudo aquilo que controla sua emoção e conspira contra sua vida. Critique cada pensamento negativo. Critique seu conformismo e reflita sobre as causas de seus conflitos. Determine ser alegre, seguro, feliz. Dê um choque de lucidez em sua emoção, arquive novas experiências! Seja autor e não vítima de sua história (Cury, 2002: 61).

Nesta obra, ser autor e não vítima da própria história ganha uma nuance em relação ao livro analisado no item anterior — *S.O.S Sujeito ou Sujeitado* (Urban, 2010). Em Cury (2002), surgem vestígios da crença no pensamento positivo e na capacidade de programação da mente com o intuito de filtrar fluxos negativos e incentivar o desenvolvimento de sensações consideradas boas. É a partir de tal crença que é possível entendermos imperativos como "Determine ser alegre, seguro, feliz" (Cury, 2002: 62). O sujeito autodeterminado ganha, aqui, contornos definitivos. "É possível treinar a emoção para ser feliz" (idem), afirma o autor em outra passagem. Além da problemática de se atribuir ao indivíduo não só o total controle de suas emoções como também a capacidade de realizar um uso instrumental delas, há, também, a questão de se categorizar emoções como boas/positivas e ruins/negativas em si mesmas.

A forma com que se lida com as emoções aparece na obra como distinção entre vencedores e perdedores. "Os perdedores vêem os raios. Os vencedores vêem a chuva e com ela a oportunidade de cultivar" (Cury, 2002: 96), afirma o autor, ratificando a importância do pensamento positivo na maneira de encarar o mundo e engrossando o coro sobre o poder da superação: "Os perdedores paralisam-se diante das perdas e dos fracassos. Os vencedores vêem uma oportunidade para começar tudo de novo" (idem).

A grande "moral" fornecida pelo livro é justamente ligada à ideia de superação via autoestima. Se você passou pelo episódio da fecundação, transformada no livro em uma saga de aventura e romance, e conseguiu vencer, não há nada na vida que você não possa conquistar confiando em si mesmo e se amando. Afinal, como conclui o autor, "Você nasceu vencedor" (2002: 98), logo "merecia o Oscar, o Nobel e todos os prêmios do mundo" (2002: 99).

3.1.3 – Motivação e trabalho – o sucesso é de quem faz!

Se o universo laboral tem se reconfigurado de modo expressivo, muito se deve a outras transformações, ainda mais significativas e abrangentes, ocorridas na sociedade ocidental ao longo dos últimos séculos. Muitos livros de autoajudam utilizam esse cenário, indutor de incerteza e ansiedade, como pano de fundo para seu discurso. Boa parte das obras analisadas para esta tese começa, justamente, com a descrição de um contexto social marcado pela precariedade das relações de trabalho, pela dificuldade de manutenção de um emprego e pela necessidade constante – e muitas vezes cruel – de autoaprimoramento. O discurso, todavia, não é de contestação. O quadro é apresentado como imutável, cabendo a nós buscar a maneira mais adequada de nos adaptarmos. Mais do que isso, a composição do mercado de trabalho não é apresentada necessariamente como ruim, mas como um mar de *oportunidades* para quem adota o comportamento *correto*:

Não existe mercado parado. Existe gente parada. O mercado não erra. Se você não está tendo sucesso é porque está errado. Mude você e o mundo mudará também, a seu favor (Regina, 2010: 26).

O trecho acima é do livro *A essência dos vencedores*, de 2010, escrito por Gilclér Regina, apresentado, na orelha da publicação, da seguinte forma:

Bacharel em Administração de Empresas e Marketing, formado em Dinâmica Humana pelo National Value Center (Texas, EUA) e em Total Quality Manager (TQM) pela American Society for Quality Control (Wisconsin, EUA). Graduado também em Tecnologia de Desenvolvimento Humano pelo Graves Technology. (...) Gilclér Regina é palestrante de sucesso e de grande atuação em convenções de empresas e programas internos de motivação. Nos últimos anos, fez mais de 2.000 palestras e treinamentos, no Brasil e no exterior, para um público superior a um milhão de pessoas. Seus CDs motivacionais fazem parte de mais de mil programas de rádio no Brasil e em países de língua portuguesa, atuando ainda como colaborador de vários programas de TV nacionais e como articulista de vários jornais, sites e revistas. Seus CDs e DVDs já venderam 4 milhões de cópias.

Além da impressionante penetração de seus conceitos, demonstrada pelos números superlativos de seu currículo, chama atenção a ênfase dada à sua formação realizada nos Estados Unidos. Além de comum entre os autores de autoajuda, tal referência vai além de agregar capital cultural ao perfil do autor, mas ajuda a consolidar a ideia de que o mesmo panorama social e de mercado de trabalho que se apresenta naquele país serve de base para que

tracemos conjecturas sobre o que vem ocorrendo no Brasil, sobretudo nas últimas décadas, como vimos argumentando desde o primeiro capítulo. Não é por acaso que praticamente todos os exemplos fornecidos pelos autores venham daquele país. Casos de sucesso, personalidades e empresas vencedoras estadunidenses são apresentados como transponíveis ao Brasil sem grandes adaptações.

O livro de Regina (2010) que será analisado neste item não foge à regra de começar apresentando um cenário complexo, porém rico em oportunidades: "Nos dias atuais ficamos obsoletos a cada segundo que passa. A regra é: Ver o que todo mundo vê, mas enxergar diferente" (Regina, 2010: 16). O discurso é voltado tanto para empresas, "Hoje o mercado exige que a empresa seja competitiva, tecnológica, que navegue num mar de incertezas oferecendo certezas" (Regina, 2010: 9), quanto para funcionários que buscam dicas sobre *motivação*: "muitas pessoas me perguntam se é possível uma pessoa motivar a outra? Eu sempre respondo que a motivação está dentro do ser humano e que nosso trabalho é despertar esse gigante" (sic) (Regina, 2010: 13).

Aqui, a história do espermatozoide vencedor se transforma em uma explicação genética para a motivação:

Homens e mulheres são motivados e vencedores vindos de uma fusão de equipe, o pai e a mãe, cada um entrando com 23 cromossomos. Dessa fusão acontece uma verdadeira explosão de 300 bilhões de genes. Nasce aí o ser mais motivado do mundo, vencendo uma concorrência em gens equivalente a 50 populações do Planeta Terra. O ser humano nasce, cresce e vive num ambiente global e competitivo onde uns tem mais sucesso que outros. É a competição da vida (sic) (Regina, 2010: 20).

A competição, dessa forma, é apresentada como um dado da natureza. Se desde antes da concepção somos obrigados a disputar, devemos aceitar com normalidade vivermos em um mundo tão competitivo. Da mesma forma, a união homem-mulher, que poderia ser caracterizada como um laço de amor ou desejo, aqui é retratada como um "trabalho em equipe" tão importante quanto o que aparece no ambiente corporativo. A paixão, no entanto, não fica de fora do discurso do autor, mas é enaltecida como "pré-requisito para a alta performance e combustível para a inspiração" (Regina, 2010: 24).

Se a genética não for o suficiente para explicar nossa vocação para o sucesso, os desígnios divinos são logo acionados: "Esforce-se para alcançar seus melhores resultados com

qualidade de vida. Fazer isso é, no mínimo, cumprir o propósito divino, afinal Deus não fez você para ficar se arrastando ao chão. Deus te fez para voar alto!" (Regina, 2010: 24).

A ideia de que a motivação associada ao trabalho intenso leva ao sucesso é o principal argumento do livro. Todos os exemplos de pessoas bem-sucedidas apresentados no texto são explicados por esse protocolo. Bill Gates, figura recorrente em livros de autoajuda, é descrito como um sujeito que soube usar sua "paixão" para prosperar nos negócios. Aqui, Sam Walton, fundador do Wal-Mart também desponta como líder admirável por, dentre outras coisas, ter proferido a frase: "Ouvi falar muito ultimamente sobre recessão. Fiz uma reunião com minha diretoria e resolvemos não participar" (apud Regina, 2010: 58), citada duas vezes ao longo do livro, e que recebe comentários entusiasmados do autor: "Isso é ser vendedor. Isso é ser líder" (Regina, 2010: 58). No entanto, mais do que pela "motivação" de seu CEO, provavelmente o Wal-Mart tenha escapado dessa crise utilizando seu *modus operandi* predileto: a exploração dos empregados da base hierárquica da empresa. A rede de lojas é conhecida por pagar salários abaixo da média dos Estados Unidos, além de ser acusada de práticas monopolistas, e de causar o fechamento de pequenos estabelecimentos por todo o país graças à concorrência desleal.

A motivação, descrita como "atitude com altitude", "questão de sobrevivência", "chave para abrir as portas de um mundo novo" não é apontada apenas como responsável pelo sucesso profissional, mas também como atitude fundamental para a vida dos indivíduos em todos os setores, principalmente quando combinada à "positividade". Em uma demonstração de leviandade com os fatos históricos — bastante comum na autoajuda—, o autor atribui a esse sentimento a sobrevivência de soldados americanos na guerra do Vietnã:

Os prisioneiros norteamericanos que sobreviveram às brutais condições das prisões vietnamitas foram aqueles que combinaram a habilidade de encarar a crueldade do momento (realistas) com a fé de que sobreviveriam (otimistas). Eles não fugiram da realidade, mas também nunca perderam a esperança de que tudo poderia acabar bem. Os pessimistas e, por conseqüência, os desesperançosos nunca saíram de lá, não sobreviveram (sic) (Regina, 2010: 27).

A gestão do tempo também é apontada como uma questão de extrema importância na busca pelo sucesso. "O melhor que você pode fazer é ser dono do seu tempo" (Regina, 2010: 41). O frágil equilíbrio entre vida privada e vida profissional é apresentado como uma questão

_

⁸⁵ Para uma análise sobre o caso Wal-Mart, ver o documentário "Wal-Mart: The High Cost of Low Price" de 2005, do diretor estadunidense Robert Greenwald.

de organização, e a decisão sobre o que fazer com cada minuto disponível se torna fundamental, também, na distinção entre vencedores e fracassados: "O dia tem 24 horas para ricos e pobres. Ninguém tem mais nem menos horas por dia. A diferença é o que cada um escolhe para fazer do seu tempo" (idem). A autonomia dos indivíduos em relação ao próprio tempo reflete a conviçção na possibilidade de cada um decidir, de fato, tudo que se passa em sua vida, negligenciando, dessa forma, fatos como o tempo gasto em deslocamento (muito maior entre as camadas populares, que costumam morar em áreas periféricas, longe do local de trabalho), as cargas horárias a que são submetidos os que desempenham funções precárias etc. Se o tempo é igual para todos, faz sentido que o autor incentive que haja nas empresas um mesmo comprometimento "do porteiro ao presidente, com os mesmos ideais, objetivos e metas" (Regina, 2010: 63). Nenhuma menção, no entanto, à paridade entre as remunerações.

Apesar de isso não ser afirmado em nenhum momento, aparentemente o livro é uma coletânea de palestras proferidas pelo autor, pois só isso explica o fato de ele se despedir dos leitores em três momentos ao longo do texto com os dizeres "um forte abraço e esteja com Deus" (Regina, 2010: 122, 149, 178). Um dos trechos mais contraditórios do livro é o capítulo em que o autor resolve abordar a questão "Quem merece ser chamado de herói?" (Regina, 2010: 44). Depois de começar afirmando que as pessoas que merecem o título de herói são aquelas que "abrem mão do seu conforto para servir aos mais necessitados" (idem), que os verdadeiros heróis "não são celebridades, são pessoas comuns. Profissionais, amadores, enfermeiras, médicos, faxineiros, voluntários, simplesmente voluntários, heróis com causas" (idem), adotando, aparentemente, um tom mais humanista no discurso, ele logo volta ao falatório de elogio à lógica corporativa: "Heróis são os empresários que pagam impostos e dão emprego num país onde, reconhecidamente, os tributos estão entre os mais caros do mundo" (idem). É sintomático que "pagar imposto" seja considerado um ato heroico, tendo em vista que se trata de uma obrigação, como o próprio termo revela. Não é uma opção. No entanto, no discurso conservador, a frase "eu pago meus impostos" virou quase um mantra, uma forma de distinção em relação àqueles que vivem às margens e que, não por escolha, mas por contingência, estão excluídos de diversos processos, e não apenas do pagamento de tributos.

O tom discrepante do texto, no entanto, prossegue: "Heróis são funcionários com causa, que se preocupam com o trabalho, que pensam, agem, buscam o melhor para o local sagrado que aposta no seu talento, a empresa" (Regina, 2010: 44-45). Depois de se referir à empresa como um local sagrado, o autor afirma que "heróis são aqueles que acreditam que outro mundo

é possível, mais humano, com mais amor" (idem). A aparente contradição, no entanto, parece se adequar a uma lógica bastante recorrente na autoajuda: apesar de o foco recair sempre sobre a transformação individual, muitos livros partem do pressuposto de que ao modificar cada indivíduo chegaremos a uma sociedade melhor, o que vai de encontro a um dos julgamentos mais comuns que costumam ser feitos à autoajuda, a da total obliteração do aspecto social da vivência humana. Acredito, no entanto, que mais do que negar a dimensão social, a autoajuda divulga modos específicos e *adequados* de inserção dos sujeitos na sociedade e padrões *desejáveis* de relacionamento com o Outro.

Um mundo "mais humano e com mais amor" (idem), nesse sentido, seria um mundo onde todos, individualmente, tivessem condições de lutar pelo seu próprio sucesso, em um contexto em que a empresa e todos os outros elementos do modelo neoliberal pudessem funcionar livremente, já que em momento algum é identificada no sistema econômico a causa estrutural dos problemas que impedem que uma vida mais "humana" chegue, realmente, a todos. Se as diferenças de base são negadas, é criada uma situação hipotética de igualdade de condições, que considera justa a competição ubíqua, referendada pela ideologia meritocrática.

Conforme comentei anteriormente, por se tratar, imagino, de uma coletânea de palestras, muitos parágrafos são repetidos ao longo do texto – tal como: "Existem pessoas que não sabem. E não perguntam. Existem pessoas que ensinam. E não fazem. O sucesso é de quem faz" (Regina, 2010: 10), repetido ao longo de todo o livro, sete vezes –, outros mudam de assunto abruptamente, por introduzirem conselhos aleatórios como "Cuide de sua saúde, tenha fé e esperança e *no mínimo* você será alguém rico e feliz" ([grifo meu] Regina, 2010: 49), "Precisamos ser capazes de enxergar numa xícara de café mais do que apenas um saboroso café, e sim um foguete espacial" (Regina, 2010: 168) ou trechos de músicas – "Quem sabe faz a hora, não espera acontecer" (Regina, 2010:63). Além disso, algumas passagens se tornam de difícil compreensão, por misturarem vários assuntos, como a seguinte:

Acho que o dever de todos nós, escritores brasileiros, é saber trabalhar os sonhos e não deixar de falar sobre a realidade, mesmo que ela seja dura e cruel, pois um sonho mais belo e mais alto pode mover um povo. Penso que, para ser cidade, em vez do número de eleitores, os critérios deveriam ser: biblioteca com milhares de livros, teatro em boas condições, cinema, hospital. Com isso ganha o título e tem de batalhar para mantê-lo. Se a biblioteca sucatear, perde o título. Penso que esse é o caminho para construir conteúdo nas crianças do interior do Brasil. Quando há conteúdo,

há respeito e consistência. Neste século chinês, a única saída é a reafirmação da própria identidade. Nós, aqui, vivemos num país de muitos países desconhecidos. Penso que o Bolsa Família pode estar ajudando os mais pobres, mas o país precisa pensar em "bolsa trabalho" para ensinar as crianças de hoje a construir um futuro onde se sabe quem paga a conta. Se perdermos até a esperança, não há caminho, não há construção de nada (Regina, 2010: 51).

Embora conjugue um cipoal de assuntos disparatados, o parágrafo contém uma mensagem final, sobre o programa Bolsa Família, que reitera uma famosa ideia, citada pelo próprio livro mais a frente: "Precisamos reduzir a pobreza não apenas dando o peixe, mas ensinando a pescar" (idem). Como afirmamos em outra ocasião: "Nenhuma palavra a respeito do custo do equipamento de pesca ou do fato de que águas do rio, amiúde, têm dono" (Freire Filho, Castellano e Fraga, 2008: 15). A valorização do trabalho realizada por esse tipo de autoajuda é bastante complexa, porque não se refere à crença puritana, analisada nos dois primeiros capítulos (a respeito da importância do labor a partir da ideia de vocação, mas, também, como fonte de caráter), mas a uma noção bem menos "elevada", que se refere tão-somente à responsabilidade individual com o autossustento. A capacidade de se manter financeiramente, de não depender para isso de nenhuma outra pessoa ou instituição, muito menos do Estado, é, assim, vista como o suprassumo do dever humano.

Além de deixar de ter um significado mais complexo, o trabalho também não é relacionado em momento algum à ideia de exploração. Muito pelo contrário, há uma necessidade constante em se afirmar a atividade laboral como fonte de satisfação: "Há os que consideram o trabalho um prazer, transformando a vida numa alegria. E os que consideram o trabalho um dever, fazendo de sua vida uma escravidão" (Regina, 2010: 111). É interessante, nesse sentido, lembrarmos que, para Foucault (1994), o poder só se exerce sobre sujeitos livres, que possuem diante de si inúmeras possibilidades de conduta (tal como se engajar prazerosamente no oficio): "Ali onde as determinações estão saturadas, não há relações de poder. A escravidão não é uma relação de poder quando o homem está encadeado (então se trata de uma relação física de coerção)" (idem: 238).

O trabalho como alegria e a empresa como "local sagrado" (Regina, 2010: 45) compõem um cenário típico do que Deleuze (2008) descreveu como sociedade do controle, ou seja, aquela em que as relações de poder se dão de mais forma fluída e dissimulada quando comparadas às da sociedade disciplinar analisada por Foucault (2008). O modelo da disciplina

é caracterizado pelo autor como uma tecnologia do poder típica de instituições como escolas, conventos, exércitos, fábricas e, sobretudo, prisões e se tornou no decorrer dos séculos XVII e XVIII a fórmula geral de dominação. Tal manifestação pressupõe um "controle minucioso das operações do corpo" (idem: 118), através da sujeição constante de suas forças e da criação de uma relação de "docilidade-utilidade".

No contexto das sociedades do controle, formas rápidas e eficientes de monitoramento ao ar livre, "substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado" (Deleuze, 2008: 220). Nesse sentido, não é necessário que uma figura como a do "chefe" ou do supervisor imponha normas rígidas ou turnos longos de trabalho, já que o próprio trabalhador, apesar de sentir-se teoricamente mais livre do que em outros tempos, engaja-se prazerosamente às metas da empresa, comportamento fortemente incentivado pela autoajuda:

Você trabalha aos domingos? Sei que isso não é a oitava maravilha do mundo, mas olhe ao seu redor. Companhias aéreas, hospitais, farmácias, táxis, hotéis, restaurantes, shoppings centers, polícia militar, e civil, companhias elétricas, médicos, praticamente todas as profissões do mundo estão trabalhando aos domingos. Ajuste o foco! (...) Lute para ganhar um bom dinheiro e prosperar nos domingos em que for trabalhar. Não relaxe... O seu cliente não o perdoará. Se você tiver que trabalhar aos domingos, então dê um show (Regina, 2010: 174).

Trabalhar no dia que deveria ser consagrado ao descanso é encarado como uma realidade. Em vez de contestar a quantidade de tempo dedicada ao exercício profissional, devemos nos integrar de forma entusiasmada, "dar um show". É nesse sentido que a vida profissional vai, também, dominando a esfera da vida pessoal. Propor qualquer tipo de delimitação entre esses dois domínios é visto como algo ultrapassado, equivocado: "As pessoas costumam encarar a vida profissional separada da vida pessoal como se isso fosse possível! Essa é uma visão de curto alcance porque não se pode desenvolver alguém pela metade" (Regina, 2010: 145). No contexto da sociedade do controle, as horas dedicadas à empresa nunca são suficientes — como talvez tenham sido as destinadas à fábrica no modelo disciplinar. Aqui é requisitado todo o tempo do indivíduo, todo seu corpo e sua alma, não alguém "pela metade". Lembro-me, a propósito, de uma propaganda da operadora de telefonia Vivo, que foi ao ar recentemente, em que, depois de um narrador anunciar que com a Internet móvel você pode ficar disponível todo o tempo, um sujeito sentando em um bar com os amigos ouve o celular tocar e, abrindo um imenso sorriso, exclama: "email do patrão!".

Ao falar do poder disciplinar, Foucault (2008) destacou a apropriação do tempo das existências singulares, questionando "como capitalizar o tempo dos indivíduos, acumulá-lo em cada um deles, em seus corpos, em suas forças ou capacidades, e de uma maneira que seja susceptível de utilização e de controle?" (2008: 133). As disciplinas, então, poderiam ser enxergadas também como "aparelhos para adicionar e capitalizar o tempo" (idem). O discurso da autoajuda mantém a ênfase na necessidade de se gerir o tempo dos sujeitos; mas apresenta, novamente, uma aproximação maior com a ideia de controle do que com a disciplina, pois já não é necessário o confinamento do corpo para que haja a captura do tempo.

O livro analisado neste item apresenta a fórmula do sucesso como trabalho mais "[a] vitamina do triunfo chamada, em letras maiúsculas: 'MOTIVAÇÃO'" (Regina, 2010: 67). Além de importante conceito disseminado pela literatura de aconselhamento, a motivação também serve de inspiração para um dos produtos mais bem-sucedidos da cultura da autoajuda, que responde, não por acaso, pelo nome de "palestra motivacional". Sobre essa questão, Deleuze afirma:

Muitos jovens pedem estranhamente para serem "motivados", e solicitam novos estágios e formação permanente; cabe a eles descobrir a que estão sendo levados a servir, assim como seus antecessores descobriram, não sem dor, a finalidade das disciplinas. Os anéis de uma serpente são ainda mais complicados que os buracos de uma toupeira (2008: 226).

Frequentes não só no mundo empresarial e esportivo, onde já parecem fazer parte da rotina, as palestras motivacionais são cada vez mais comuns, também, em ambientes, como escolas e hospitais A lista de palestrantes que oferecem seus serviços através da Internet é vastíssima. De psicólogos, os mais presentes, a atores, passando por ex-detentos, ex-jogadores de futebol, ex-usuários de drogas, pastores evangélicos e políticos, são variados os perfis daqueles capazes de motivar⁸⁶.

-

⁸⁶ Na página do Dr. Jô Furlan, apresentado, dentre outras coisas, como "médico, professor e pesquisador na área de Neurociência do Comportamento", são oferecidos, além de palestras motivacionais que têm como objetivo "conscientizar e desenvolver nos seus participantes os princípios da Superação e Máxima Performance", livros audiobooks e DVDs. De acordo com o site: "A Palestra Motivacional com Dr. Jô Furlan é contagiante, envolvente e altamente dinâmica. Ele pode ajudar sua empresa a atingir os resultados desejados. Seus métodos são reconhecidos como inovadores e eficazes. Muita emoção com conteúdo TRANSFORMADDDDDOR. Inspira, Influência (sic), Transforma e Gera Grandes Resultados". São apresentados, também, alguns pensamentos do palestrante: "Não conheço liderança sem motivação. A disposição em fazer o que for necessário e assumir o controle da própria vida exige grande motivação. Uma equipe com motivação baixa pode levar uma empresa a sérios problemas. Já uma equipe extremamente motivada pode levar uma empresa a grandes realizações. Assumir o controle da própria vida; direitos e deveres, sonhos, objetivos e metas. Tornar-se aquilo que temos o potencial

Por mais diversos que sejam os estilos e temáticas, o principal objetivo é incentivar um maior comprometimento com o desempenho. Em empresas, essa lógica serve para o aumento da produtividade. Nas equipes esportivas, para induzir à vitória, embora seja possível afirmar que a maioria dos times derrotados também tenha passado por esse ritual. Nas escolas, para estimular o engajamento com o estudo, com vistas a boas notas e, principalmente, aprovação em concursos vestibulares. Em ambientes onde a competição não é tão disseminada, como em hospitais, tais conferências servem de estímulo no tratamento dos doentes, principalmente em doenças como o câncer, que, como já comentei na introdução, costuma ser abordado através de um vocabulário que lanca mão do campo semântico ligado ao binômio vitória/derrota, ou seja, é preciso lutar contra a doença, sair vencedor dessa batalha. De acordo com Sontag, "a personalidade do canceroso é vista de modo mais simples, e com condescendência, como a de um perdedor na batalha da vida" (1984: 34). Em um livro em que analisa as metáforas associadas a algumas doenças, como a tuberculose, a sífilis e o câncer, a autora afirma que esta última a partir do século XX começou a ser encarada como consequência de uma vida sofrida, esvaziada de paixão, resultado de uma perda (morte ou rejeição) ou de falta de autoconfiança, embora, tais situações e sentimentos sejam compartilhados por pessoas que nunca desenvolveram a enfermidade: "a isso se chama condição humana", afirma (1984: 33). Sontag destacou em sua análise o uso de uma linguagem ligada à guerra para se referir à doença, com expressões como batalha, vitória, ataque, derrota, ofensiva etc.; além de ter destacado a imputabilidade ao doente do desenvolvimento de sua mazela e da recuperação: "Teorias psicológicas da doença amplamente difundidas atribuem ao infeliz canceroso tanto a responsabilidade de ter caído enfermo quanto a de curar-se" (1984: 38).

Deste modo, seja qual for o contexto, a mensagem "motivacional" tem como base a ideia de que o indivíduo pode e deve transformar o próprio destino – da carreira profissional à manutenção da saúde –, contanto que esteja estimulado e perenemente atento à própria performance. Arrumar um bom emprego, ser financeiramente independente, livrar-se do câncer, de um vício, vencer uma disputa esportiva, todas essas ações passam a ser vistas como conquistas, como o resultado da junção entre diligência e estímulo totalmente subordinados à vontade e escolha dos sujeitos.

de ser. Influenciar pessoas e o ambiente em que vivemos, trabalho, família, comunidade, baseado naquilo que acreditamos. Quanto mais motivados, maior é o nosso poder de influencia. A influencia não é fruto da verdade, mas sim da crença no que pensamos ser verdadeiro".

Link: http://palestramotivacional.com.br/

3.2 – A produção do fracassado (a subjetividade *loser*)

"A história é escrita pelos vencedores". A célebre frase atribuída a George Orwell poderia certamente ser reelaborada sem perder seu tom de constatação: a história dos vencedores é que é escrita. Toda a literatura de autoajuda que venho analisando nesta tese, dos livros de Samuel Smiles e Swett Marden aos contemporâneos, os contos *rags-to-riches*, a maior parte das biografias e cinebiografias narram trajetórias de sujeitos que prosperaram. O mundo, no entanto, está repleto de fracassados, que também têm uma história para contar. Foi baseado nessa ideia que Scott Sandage escreveu o livro *Born losers: a history of failure in America* (2005), fruto de sua pesquisa de doutorado. Na obra, o autor se dedica justamente a revelar as histórias de vida daqueles que sucumbiram, vítimas de um sistema econômico onde o jogo pressupõe poucos vitoriosos. "Esse livro conta a história de fracassados desconhecidos da América: homens que falharam em uma nação que venera o sucesso", (2005: 3), resumiu.

Desde a publicação das primeiras edições baratas da autobiografía de Benjamin Franklin, na década de 1840, milhares de manuais de autoajuda, folhetos inspiradores, e estudos têm brindado o sucesso. Livros sobre perdedores são poucos e intermitentes. Estagnado politicamente na década de 1850, Abraham Lincoln lamentou: "Os homens são gananciosos por publicar os sucessos dos [seus] esforços, mas mesquinhamente tímidos quanto à publicação das falhas. Homens são arruinados por essa prática da ocultação de erros e fracassos" (Sandage, 2005: 8).

A pesquisa se concentrou basicamente no século XIX, quando o empreendedorismo se tornou o modelo principal de identidade norte-americana e o *self-made man* sua epítome, e, ao mesmo tempo, crises econômicas levaram à bancarrota milhões de empresários⁸⁹. Foi nessa

_

⁸⁷ Tradução da autora. No original: "This book tells the story of America's unsung losers: men who failed in a nation that worships success".

⁸⁸ Tradução da autora. No original: "Since the publication of the first cheap editions of *The Autobiography of Benjamin Franklin* in the 1840s, thousands of self-help manuals, inspirational tracts, and learned studies have toasted success. Books about losers have been few and far between. Stalled politically in the 1850s, Abraham Lincoln moaned, 'Men are greedy to publish the successes of [their] efforts, but meanly shy as to publishing the failures of men. Men are ruined by this one sided practice of concealment of blunders and failures".

⁸⁹ "Cálculos acadêmicos oferecem avaliações diferentes, embora não menos graves, de tempos dificeis. Peter J. Coleman, em sua história das relações devedor-credor, estima que 'no início do século XIX, um em cada cinco chefes de família, durante a sua vida de trabalho, faliu completamente, e não apenas adquiriu uma dívida em particular'. Peter Decker descobriu que metade a dois terços dos comerciantes de San Francisco faliram na década de 1850, e muitos mais evitaram a falência formal refugiando-se em uma lei que foi considerada 'desonrosa'. Da mesma forma, Clyde Griffen e Sally Griffen avaliaram que de 30 a 60 por cento das pequenas empresas em Poughkeepsie, Nova York, fecharam em três anos. Todos esses estudiosos enfatizam que, para além dos que

época, segundo o autor, que o fracasso deixou de significar apenas a falência nos negócios e passou a designar o resultado de toda uma vida. Mais do que um problema financeiro, se transformou em uma falha de caráter. No dicionário da língua inglesa Webster publicado em 1828 a definição de *failure* fornecida era "a breaking or becoming insolvent", já na edição de 1857, o vocábulo já aparecia como "some weakness in a man's character, disposition or habit" (Sandage, 2005: 11-12).

O fracasso havia se tornado o que continua sendo no novo milênio: a encarnação mais contundente da conexão entre realização e identidade pessoal. "Eu me sinto um fracasso". A expressão é tão natural que nos esquecemos que é uma figura de linguagem: a linguagem dos negócios aplicada à alma (Sandage, 2005: 5).

As próprias designações *winner* e *loser* se popularizaram nessa época, já que eram esses os termos utilizados por instituições burocráticas como agências de crédito, comissões de falência e escritórios de caridade para classificar as pessoas de acordo com o tipo de demanda. Se em português essas expressões soam um tanto fortes, é importante notar que, em inglês, o caminho seguido por elas foi justamente esse: de expressões ligadas às finanças passaram a integrar o léxico do dia a dia. Nesse sentido, vale lembrar que a palavra *fail* refere-se, ao mesmo tempo, a falir e fracassar, vocábulos que, na língua portuguesa, preservam sentidos expressivamente distintos⁹¹.

O século do destino manifesto foi o palco de muitas tragédias não narradas, analisadas por Sandage (2005) através de diários, correspondências, relatos de descendentes e outros documentos que trazem a constatação de que o número de suicídios crescia expressivamente

-

quebraram, milhares de empresários viveram à beira da falência durante anos". Tradução da autora. No original: "Scholarly calculations offer different but no less severe measures of hard times. Peter J. Coleman, in his history of debtor-creditor relations, estimates that 'by the early nineteenth century one householder in every five would, during his working lifetime, fail outright rather than merely default on a particular debt.' Peter Decker found that half to two-thirds of San Francisco merchants failed in the 1850s, and many more avoided formal bankruptcy because taking refuge in the law was considered unmanly. Likewise, Clyde Griffen and Sally Griffen judged that 30 to 60 percent of small businesses in Poughkeepsie, New York, folded within three years. All these scholars emphasize that, in addition to those who went broke or bankrupt, thousands of businessmen teetered on the brink for years" (Sandage, 2005: 7).

⁹⁰ Tradução da autora. No original: "Failure had become what it remains in the new millennium: the most damning incarnation of the connection between achievement and personal identity. "I feel like a failure." The expression comes so naturally that we forget it is a figure of speech: the language of business applied to the soul". ⁹¹ No dicionário *Houaiss* de 2006, no entanto, o termo *falir* apresenta *fracassar* como uma de suas acepções ("1. suspender os pagamentos aos credores por impossibilidade de satisfazê-los; ter declarada judicialmente a falência; quebrar; 2. faltar, minguar; 3. não obter sucesso; fracassar, malograr"). Já *fracassar* não aparece diretamente ligado à ideia de falência e possui os seguintes significados: "1. produzir fracasso, som estrepitoso; 2. fazer em pedaços, de forma ruidosa; despedaçar, destruir, arrasar; 3. não ter êxito; falhar, frustrar-se, malograr-se".

nos momentos em que o sonho americano se transformava para muitos em pesadelo. Essa máxima se manteve durante o século XX, quando, durante a crise de 1929, muitos sucumbiram. A explicação para tais tragédias pode ser encontrada no fato de que o fracasso ressoava cada vez mais como um problema interno do indivíduo, logo, tempos difíceis e crises econômicas não serviam como desculpa suficiente, como justificativa para não ter conseguido "chegar lá".

É sintomático, nesse sentido, que a própria expressão "sonho americano" tenha surgido e se popularizado justamente nos anos que se seguiram ao colapso financeiro da década de 1920^{92} . Sobre isso, o autor comenta: "o pior fracasso do nosso país gerou o nosso melhor provérbio nacional sobre o sucesso" $(2005: 260)^{93}$. Para ele, no entanto, essa situação não é contraditória: "O fracasso não é o lado negro do Sonho Americano, mas sua fundação. O Sonho Americano dá a cada um de nós a chance de ser um fracassado nato", $^{94}(2005: 278)^{95}$.

Durante o período de elaboração do livro, Sandage (2005) reuniu depoimentos de pessoas que se autointitulavam *losers* e de parentes de indivíduos que sofreram com esse estigma. Em uma das cartas que recebeu, um homem, morador do estado do Colorado, lhe confidenciou: "Por falta de ganância, crueldade, agressividade, carisma e outras 'qualidades' norte-americanas exigidas, estou condenado a. . . acordar aterrorizado todas as noites" (idem: 260)⁹⁶. Para o autor, esse tipo de história evidencia a consolidação da cultura da personalidade nos Estados Unidos do século XX. Como já vimos em outros pontos deste trabalho, a passagem da cultura do caráter para a da personalidade começou ainda no século XIX, e, em relação a isso, foram bastante emblemáticos o movimento *New Thought* e obras como as de Sweet Marden. No entanto, é ao longo do século XX que essa transição vai ganhando contornos definitivos, embora sempre seja difícil apontar o momento que algo tão complexo se apresenta

-

⁹² "James Adams Truslow definiu 'o sonho americano' em 1931, em seu popular livro de história *The Epic of America*: "Não é um sonho a respeito de automóveis e altos salários apenas", escreveu ele, "mas o sonho de uma ordem social em que cada homem e cada mulher possam alcançar o desenvolvimento mais completo de que eles são naturalmente capazes, e ser reconhecidos pelos outros por aquilo que são". Tradução da autora. No original: "James Truslow Adams defined 'the *American dream*' in 1931, in his popular one-volume history *The Epic of America*. 'It is not a dream of motor cars and high wages merely,' he wrote, 'but a dream of a social order in which each man and each woman shall be able to attain to the fullest stature of which they are innately capable, and be recognized by others for what they are." (Sandage, 2005: 260-261).

⁹³ Tradução da autora. No original: "our worst national failure spawned our best national byword of success".

⁹⁴ Tradução da autora. No original: "Failure is not the dark side of the American Dream; it is the foundation of it. The American Dream gives each of us the chance to be a born loser"

⁹⁵ Em uma resenha publicada sobre o livro na *London Review of Books*, Morone (2005) afirma que o fato de o autor definir o sonho americano como um mito ou uma mentira foi um dos pontos mais criticados na obra, principalmente pelos comentadores ligados à direita conservadora.

⁹⁶ Tradução da autora. No original: "For lack of greed, ruthlessness, extreme aggression, charisma and other required US 'qualities,' I am doomed to . . . wake in terror every night".

de forma categórica. Certamente ainda hoje, no momento em alguns autores já trabalham até com a passagem da personalidade à imagem (Decker, 1997), é possível encontrarmos pontos de ressurgência do culto ao caráter. O fato é que, especificamente ao que concerne à busca pelo sucesso, podemos afirmar que o século XX decreta de forma cabal o que Sandage (2005) definiu como a passagem da era Horatio Alger para a geração Dale Carnegie (idem: 260).

Assim sendo, é făcil compreender que o sucesso venda mais que o fracasso. Faz sentido que a maior parte dos livros de autoajuda consagrada a essa temática apele, no título, para o campo semântico ligado ao vencedor, e não à sua antítese. Poucos livros sobre o sucesso trazem o fracasso no título, mesmo que seja para se referir a ele como algo a ser evitado a todo custo. No próximo item, me dedicarei a um exemplar que foge a essa regra e se empenha em aconselhar a partir da construção da imagem opositiva do fracassado.

3.2.1- Dependência e parasitismo social - o fracasso é questão de escolha

Como temos visto na análise dos exemplares de autoajuda, é muito comum a crença de que uma vida bem-sucedida é questão de escolha. Algumas obras, no entanto, levam essa noção às últimas consequências. Esse é o caso de *Só é fracassado quem quer*, de Thomas Morgan, publicado em 1989 (o mais antigo dos títulos analisados neste capítulo).

Assim como em Cury (2002), Morgan inicia o livro com história do espermatozoide, aparentemente consagrada entre os escritores de autoajuda:

[O] homem no momento do ato sexual, quando ejacula, descarrega milhões de espermatozóides no canal vaginal da mulher, e apenas um único é que conseguirá agarrar-se ao óvulo, para daí transformar-se após nove meses em um novo ser humano. Isto não é incrível? Em qualquer livro de Biologia, você poderá saber mais sobre este fascinante assunto. O mais fantástico em tudo isso é que você resulta deste milagre. Você foi o óvulo e o espermatozóide destinados a vencer a impressionante batalha da vida. Milhões de outras células morreram por não conseguirem o propósito da criação, mas você foi vencedor do primeiro concurso da sua existência. Parabéns por este feito (Morgan, 1989: 9-10).

O contorcionismo retórico serve novamente para transformar o fenômeno natural da concepção em mais do que algo "incrível", "fantástico", "fascinante", "impressionante", mas em prova irrefutável de que você está fadado ao sucesso. *Você*, pois, embora essa seja uma das

questões comuns a todos os seres humanos, aqui ela é tratada como algo individual e digno de congratulação.

Como está explícito no título, o objetivo do livro é provar que "só é fracassado quem quer", "principalmente depois de ter nas mãos este livro", completa Morgan (1989: 10). Esta obra segue uma tendência verificada em diversas obras do gênero, que não se constrangem em gastar parágrafos em autolisonja. "Você é uma pessoa destinada a vencer e triunfar, pois nem todos terão a oportunidade de ler este livro, mas você está tendo agora" (idem), "Este livro é como se fosse um mapa do tesouro" (Morgan, 1989: 15), ratifica o autor.

Logo nas primeiras páginas, Morgan (1989) apresenta uma história que marcará a tônica do livro. Ele conta que estava hospedado em um hotel frequentado por "turistas endinheirados" quando foi abordado por um "rapaz maltrapilho" (1989: 12). Indignado com o fato, em vez de dar dinheiro ao homem, preferiu ouvir sua história, que ele narra da seguinte forma:

O rapaz se chamava Miguel, tinha 34 anos, 6 filhos menores e seu pai falecera quando completara 11 anos. A mãe, incapaz de sustentar 8 filhos, obrigava os meninos a pedir esmola, para não morrerem de fome. O tempo passou, Miguel acostumou-se a pedir esmola desde os 11 anos, até que conheceu uma outra mulher que também esmolava no mercado público e com ela teve 6 filhos, os quais também pediam esmolas pelas ruas da cidade. Viviam amontoados num barraco imundo, sem conforto, e a maior parte do tempo perambulavam pelas ruas, estendendo a mão e recebendo sobras de comida alheia. Miguel culpava a mãe por tê-lo ensinado a esmolar desde pequeno, e ao governo que não ajudava os pobres. Provavelmente seus filhos o culparão no futuro, e os netos acharão alguém para ser responsabilizado pela vida miserável e fracassada que tiveram (Morgan, 1989:12).

É notável como neste livro a figura do mendigo é eleita como o Outro preferencial, o protótipo mais bem acabado do fracasso. Não é à toa que a certa altura do texto o autor ache de bom tom fazer a seguinte ressalva: "Não são os mendigos os únicos fracassados" (Morgan, 1989: 13). Na história acima citada, uma das inúmeras que têm um pedinte como protagonista, fica clara, mais uma vez, a crença no poder individual e na capacidade de o sujeito transformar a própria trajetória, a despeito do cenário que o cerca e dos antecedentes que marcaram sua vida. Imputar a culpa pela miséria aos outros, seja ao governo ou aos pais, é encarado como algo absurdo e fortemente condenável, além de configurar como uma incontestável insígnia do

fracasso: "Nunca encontrei um único mendigo que culpasse a si mesmo pela vida fracassada. Ser fracassado na vida é viver culpando os outros da própria infelicidade" (Morgan, 1989: 13).

A ideia da construção de uma divisão da sociedade entre vencedores e fracassados, que vimos esboçando desde a introdução desta tese, surge aqui sem rodeios: "No mesmo restaurante que você almoça ou parque infantil onde passeia com a família, existem dois tipos de pessoas: as fracassadas e as de sucesso" (Morgan, 1989: 13). É interessante como o termo fracassado já é usado aqui com tanta naturalidade, antes mesmo de sua maior circulação no Brasil, que só vai ocorrer a partir do final dos anos 1990.

Em uma descrição que ressoa uma leitura enviesada da noção de distinção proposta por Pierre Bourdieu (2007), o autor afirma que é possível identificar os fracassados através de alguns sinais, observáveis através de sua postura, de seus modos de consumo e estilos de vida: "são pessoas que usam roupas de terceira categoria", "ao escolherem uma refeição no cardápio, olham primeiro o lado direito, onde estão os preços, para em seguida fazerem a escolha", "andam cabisbaixos, ostentam um sorriso amarelado de desânimo e fracasso", "a família dos fracassados anda com timidez e vergonha de estarem num lugar público", "os filhos dos fracassados olham com inveja para os filhos dos ricos e suspiram de infelicidade por não terem os patins, skate ou bicicleta com que tanto sonham" (Morgan, 1989: 13).

Em *A distinção – Crítica social do juízo* (2007), Bourdieu, com base em dados levantados por pesquisas empíricas sobre padrões de consumo na França, nas décadas de 1960 e 1970, desenvolve uma complexa tese que salienta a centralidade do consumo nas práticas sociais. Bourdieu relativiza a importância das propriedades materiais e situa a posse de capital simbólico (cultural) como principal fator de distinção dentro da sociedade. Desta forma, o consumo passa a desempenhar um papel central na criação e manutenção de relações sociais de dominação e submissão e é justamente nessa disputa por poder e status — que ocorre tanto no interior das classes quanto no conjunto da população — que o autor francês está interessado.

Cultura, desta forma, é entendida como uma economia onde os indivíduos investem e acumulam capital. Da mesma forma que no mercado econômico, no cultural alguns gostos são mais valorizados que outros, e determinadas atitudes ajudam certos grupos a obter prestígio no convívio social. Um conceito de extrema importância na obra de Bourdieu é o *habitus*, um sistema de disposições que funciona como uma matriz de percepções, apreciações, julgamentos e ações que torna possível a realização das mais diferentes tarefas. Reproduzido entre gerações,

o *habitus* estabelece esquemas por meio dos quais os objetos são diferenciados e classificados (Bourdieu, 2007).

Assim como a noção de capital cultural, o *habitus* começa a ser moldado ainda na fase da infância, de acordo com o conjunto de condições materiais disponíveis, e opera abaixo do nível de consciência do indivíduo, que faz escolhas pautado por uma falsa impressão de "naturalidade". Assim, a predileção de determinados sujeitos por específicos objetos considerados de "bom gosto" é encarada como uma espécie de "dom", quando, na verdade, trata-se da ativação de uma série de mecanismos engendrados pela construção constante do discernimento de práticas valorizadas ao longo de toda sua vida (Bourdieu, 2007).

O *habitus* é, com efeito, princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação (*principium divisonis*) de tais práticas. Na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, ou seja, capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida (Bourdieu, 2007: 162).

O *habitus* é, portanto, um dos princípios fundadores da ideia de gosto. A maneira com que os sujeitos vão dispor as distinções dicotômicas (bom/ruim; elegante/brega, refinado/popularesco, de alto/baixo nível) ajuda a compor a noção de gosto aparentemente pessoal, mas, na verdade, reflexo de um quadro de referência que dá conta de uma experiência social específica (e, por isso, passível de disputas).

É oportuno, nesse ponto, resgatarmos o uso que Jessé Souza (2006) faz desta obra. O pesquisador brasileiro entende que a principal contribuição da sociologia de Bourdieu consiste na sistemática desconstrução da ideologia que serve de base ao consenso social e político das sociedades centrais ocidentais, sociedades que, nas palavras do autor "hierarquizam implicitamente o tempo todo, mas possuem explícito 'horror à hierarquia' e que têm na igualdade seu valor máximo" (Souza, 2006: 87). Em outras palavras, ao revelar a desigualdade que subjaz sobre a crença na lógica do desempenho e da meritocracia, expondo como pré-construídas por origem e herança qualidades que se pretendem inatas, o sociólogo francês atinge no âmago a "hierarquia legítima" (idem) afiançada pela mentalidade meritocrática.

A "ideologia do desempenho" funcionaria assim como uma espécie de legitimação subpolítica incrustada no cotidiano, refletindo a eficácia de princípios funcionais ancorados em instituições opacas e intransparentes

como mercado e Estado. Ela é intransparente posto que "aparece" à consciência cotidiana como se fosse efeito de princípios universais e neutros, abertos à competição meritocrática (Souza, 2006: 170).

Em uma notável junção das obras de Charles Taylor (2005), Max Weber (2009) e Pierre Bourdieu (2007), Jessé Souza (2006) destaca que o binômio Estado/mercado não é citado aleatoriamente, mas sim por configurar o principal integrante de um complexo que acabou por produzir o que Taylor (2005) chamou de *selves* pontuais, e que já definimos em outro momento. A ideia é que o mesmo tipo de sujeito produzido anteriormente, com base em estímulos religiosos no contexto da revolução protestante seja agora moldado "plasticamente" segundo as necessidades de seus próprios imperativos funcionais e, também, por práticas disciplinadoras fomentadas por esse conjunto Estado/mercado. Nesse sentido, não seria mais necessária a existência de uma religião ascética para a manutenção de determinado tipo de mentalidade na sociedade contemporânea, pois essa já se estabeleceu como fonte moral, para usarmos uma expressão prezada por Taylor (2005).

Estado e mercado, diz Weber no final da ética protestante, produz o tipo de indivíduo que lhe convém: plástico, moldável, flexível, disciplinado, autocontrolado, responsável por si próprio, orientado para o futuro e para o cálculo prospectivo. Estas são precisamente as qualidades do self pontual para Taylor. Ele é a incorporação de um tipo humano altamente improvável e contingente que, para o propósito de dominar e transformar o mundo social e natural externo, instrumentalizará a si próprio (Souza, 2006: 83).

Voltando à análise do livro de Morgan, em determinado momento ele elabora um roteiro com o objetivo de ajudar os fracassados a se passarem por vencedores: "Esqueça seu rosto por enquanto. A aparência do rosto de uma pessoa representa aproximadamente 20% do total da importância que se atribui ao sucesso" (Morgan, 1989: 84), alerta, sem revelar como chegou a tal percentual. "Algumas pessoas esmeram-se em cuidar do rosto esquecendo-se do resto do corpo e particularmente das roupas. São elas que representam 80% de você, da sua aparência total diante dos outros" (idem). Anos antes de o programa Esquadrão da Moda se propor a reformular a vida de candidatos à repaginação através da mudança no guarda-roupa, Morgan aconselhava seus leitores a investirem no vestuário para passar uma imagem vencedora: "Arranque [do armário] tudo que for ultrapassado e esteja fora de moda. Apegue-se à boa aparência, nunca a roupas antigas ou muito usadas (...). Faça com que sua aparência de sucesso lhe atraia sucesso" (Morgan, 1989: 85). Além das roupas, é necessária também uma mudança

de atitude: "Adquira uma postura de quem venceu na vida. Ande com os ombros nivelados, a cabeça aprumada, o olhar para frente" (Morgan, 1989: 86).

O trecho mais complicado do livro, no entanto, aparece quando o autor desenvolve a tese de que "algumas pessoas acham que pedir esmolas é um bom negócio" (Morgan, 1989: 14). O argumento aqui é rasteiro. A mendicância é encarada como uma escolha, como se as pessoas a elegessem, diante de inúmeras possibilidades, como se optassem, por exemplo, entre ser médico, engenheiro ou mendigo. A alegação usada por Morgan baseia-se em uma espécie de "lenda urbana" bastante difundida, sobretudo entre as alas mais conservadoras da sociedade: a existência de pedintes ricos.

Cheguei a comprovar a existência de um homem aos 42 anos de idade, morando numa casa bem mobiliada, com televisão em cores, videocassete [vale lembrar que o livro é de 1989], aparelho de som moderno, sem falar no modesto mas conservado carro de passeio que mantinha na garagem, cuja atividade nada mais era que de MENDIGO. Sofria de paralisia de membros inferiores , e isto foi suficiente pra que se atirasse à mendicância até os dias de hoje. Entretanto, para pedir esmolas, veste-se com trajes sujos e rasgados, arrastando-se pelas ruas, a implorar com as mãos e o olhar piedoso: "uma esmolinha pelo amor de Deus..." (Morgan, 1989: 14).

Apesar de ser apresentada como um caso específico, tal realidade é expandida na análise do fenômeno da mendicância, e serve de justificativa para validar a opinião de que ser fracassado/pobre é uma escolha. Essa concepção pode ser verificada, também, numa espécie de mantra repetido por pessoas que compartilham a mentalidade do autor, quando, diante de um pedinte, sugerem, mesmo que mentalmente, coisas como "vai lavar uma roupa, arrumar um emprego", embora seja difícil imaginar que algum deles estivesse disposto a oferecer, de fato, um serviço ao mendicante. "Implorar por uma esmola é algo tão humilhante e deprimente que só os fracassados de verdade se submetem a esta prática" (1989: 14), afirma o autor a certa altura, para depois ir além:

Nem os próprios animais, desprovidos de inteligência, ficam à espera de quem lhes dê esmolas. Os gatos saem à caça dos ratos e não há ninguém que tenha visto um rato ou gato numa esquina pedindo esmola. Os ratos são vaidosos e orgulhosos demais para adularem a caridade alheia. Os seres humanos entretanto se humilham e rastejam na lama por um prato de comida suja (Morgan, 1989: 14).

-

⁹⁷ O falso mendigo, de tão bem sucedido, provavelmente tinha condições de adquirir um carro adaptado para portadores de deficiência física, já que possui um automóvel, embora tenha paralisia nas pernas.

Sendo uma atitude tão desprezível, é natural que sirva como critério de escolha para sociabilidade. Assim como já vimos em outros livros, aqui não há espaço para a solidariedade e a convivência plural, pois e é aconselhado não só a distinção, como o total afastamento de pessoas em situações sociais inferiores: "Fuja dos indivíduos fracassados ou em vias de fracassar. São *contagiosos* e perigosos" (Morgan, 1989: 21, grifo meu).

Assim como os portadores de deficiência física são motivados a serem úteis a todo custo – o que pôde ser apreciado na supracitada sátira do Joseph Climber –, os idosos também são incitados à lógica do desempenho: "O falso sucesso é achar que um minguado salário de aposentado significa ter vencido na vida. O verdadeiro sucesso é manter-se produtivo *até os últimos dias de vida*" (Morgan, 1989: 26, grifo meu). A preguiça, em qualquer faixa de idade, é encarada como o pior pecado capital, como o "agente empobrecedor mais poderoso que se conhece em todos os tempos" (Morgan, 1989: 79). O termo aparece aqui, no entanto, com uma definição bastante elástica, tendo em vista o exemplo fornecido pelo autor:

Um homem que trabalhe das 5 da manhã às 5 da tarde numa pedreira com um martelo não pode ser taxado de preguiçoso total. Talvez a preguiça dele esteja no fato de não buscar o auto-aperfeiçoamento, para, a partir daí, executar um trabalho mais produtivo e compensador (Morgan, 1989: 79).

Trabalhar por doze horas em uma pedreira não é o suficiente para livrar o sujeito da alcunha de preguiçoso. É preciso buscar sempre mais. Acomodar-se em um emprego, seja ele qual for, é uma atitude sempre denunciada como um erro crucial. A mudança, nesse sentido, é vista como boa em si mesma; é preciso estar sempre em busca de desafios e crescimento. Os próprios limites corporais são lamentados pelo autor como impeditivos da performance:

O desgaste da energia corporal obriga o corpo a parar o esforço para acumular novas forças, e este acúmulo é feito durante o sono. Assim sendo, o ser humano só deveria sentir sono quando estivesse totalmente esgotado, ou chegasse ao limite máximo de sua resistência. De certo modo, a sociedade moderna criou leis que limitam o período de trabalho para certas atividades. No passado, um trabalhador era obrigado a executar serviços por 10 ou mais horas seguidas. Nos dias atuais, este período diminuiu ainda mais, passando para 8 e 6 horas regulamentadas (...). Seu corpo [também] precisa ser alimentado corretamente e exercitado para produzir muito (Morgan, 1989: 102-103).

A mensagem passada pelo autor é que sempre é possível ir além do que julgamos ser nosso limite. "Se você sentir cansaco no final de um dia de trabalho, e achar que foi o máximo de suas energias, engana-se redondamente. Você será capaz de muito mais. Experimente!" (Morgan, 1989: 107), afinal de contas, como diz o título do capítulo 18, "O trabalho nunca matou ninguém", Ao longo dessa seção, o autor, de forma resumida, se dedica a fornecer dicas de como trabalhar muito sem morrer: "Para sua informação, saiba que cada pessoa tem um limite de energia diária, e ainda que esta fosse obrigada a trabalhar, chegaria o momento em que desmaiaria de cansaco" (Morgan, 1989: 110). Depois de ficarmos aliviados com a "informação" que o desmaio precederia nossa morte por exaustão, o autor continua: "Antes de morrer de tanto trabalhar, uma pessoa precisa ser completamente extenuada, levada ao extremo de suas forças" (idem), para completar com detalhamento fisiológico: "Neste caso, haverá um colapso do sistema nervoso, respiratório, cardíaco, etc." (idem).

A produtividade, ademais, não está associada apenas à execução de um trabalho, mas aparece ligada a todas as esferas da vida. As relações de amizade e amor são pautadas por esse critério. Fazer amigos é, antes de tudo, uma forma de aumentar o círculo social com vista a ganhos financeiros: "Mostre-me uma pessoa sem amigos e eu lhe mostrarei uma fracassada. Ninguém pode alcançar o sucesso sem a ajuda de outras pessoas" (Morgan, 1989: 88); "Direi a você como conseguir fazer o bom uso das suas amizades para ajudar-se e prosperar e atingir o sucesso desejado" (Morgan, 1989: 89); "Através de uma amizade, você pode ser indicado para um emprego, receber algum tipo de informação útil, ou, quem sabe, transformar seus amigos em clientes" (idem). Isso quando os amigos não se transformam em potenciais prestadores de serviço (não-remunerado):

> Convide os outros a ajudar você. Quer bater o recorde da eficiência e do sucesso? (...) Quando se tratar de tarefas que possam ser executadas em

⁹⁸ Diferente do afirma o autor, apenas em 2011, no Brasil, 2.884 pessoas morreram em acidentes de trabalho, de matéria da versão online Globo(http://oglobo.globo.com/economia/acidentes-mortes-no-trabalho-aumentaram-em-2011-6535094). um comentário publicado na sequência do texto, é perceptível como questões ligadas aos direitos trabalhistas ainda despertam opiniões no mínimo equivocadas: "O número aumentou e vai continuar aumentando porque, como se diz nos EUA, 'monkey see, monkey do'. O povão vê o sucesso de um que arrancou um dedo e diz: é isso que quero para mim, ficar bilionário sem trabalhar.". O direito à aposentadoria por invalidez é encarado como esperteza, como uma artimanha para evitar o trabalho e os acidentes de trabalho como ação intencional. A carga de preconceito desse comentário específico, no entanto, também pode ser explicada por se tratar de um detrator do ex-presidente Lula, a quem faz óbvia referência, comportamento bastante frequente entre os leitores do jornal, que mantém uma linha editorial contrária ao governo petista. Tal situação pode ser percebida claramente na seção "cartas dos leitores", onde comentários desse tipo são comuns, sobretudo quando o assunto tratado são os programas sociais do governo federal, normalmente entendidos como "incentivos à vagabundagem".

conjunto, convide outras pessoas para ajudar você a realizá-las. Seja o trabalho de pintar uma cadeira ou datilografar um livro. Use sempre a mão-de-obra alheia e por vezes ociosa dos amigos, colegas ou parentes (Morgan, 1989: 112).

A noção de "proatividade", tão frequente no discurso corporativo, já aparece esboçada por aqui, mesmo em atos prosaicos incentivados pelo autor: "Não espere que as outras pessoas venham até você cumprimentar-lhe – tome a iniciativa de fazê-lo antes", "Não fique à espera de que apertem a sua mão ou beijem o seu rosto. Tome a iniciativa sempre", " Quando, no seu trabalho, for pedido um trabalho extra, ofereça-se para executá-lo. Seja sempre o voluntário" (Morgan, 1989: 48). Essa lógica é aplicada, também, aos relacionamentos amorosos: "Se deseja ter sucesso com o seu cônjuge, tome mais iniciativa nas relações sexuais, nos convites para saírem, enfim, adote uma postura entusiasta e diligente", assim você conseguirá "bons resultados na vida conjugal" (Morgan, 1989: 49).

A iniciativa, no entanto, não é valorizada apenas no que se refere às coisas comezinhas. Em uma determinada passagem, o autor afirma: "Talvez você tenha uma boa idéia para acabar com a poluição ambiental da sua cidade. Quem sabe até você tenha uma porção de idéias para revolucionar o mundo", prossegue, "para acabar com a mendicância" — na sua concepção, certamente o maior dos males —, para acabar com "a fome, a guerra, as doenças". O autor, então, sugere: "Que tal tomar a iniciativa de apresentá-las às autoridades?", sem, no entanto, alertar: "Primeiro cuide para registrar as suas fórmulas, teorias e inventos, num departamento de patentes e invenções, pois deste modo assegurará que ninguém as roube" (Morgan, 1989: 51). O que aparentemente soava como um momento de incentivo ao compromisso com a sociedade termina com a ratificação da supremacia dos interesses individuais. A mensagem é: revolucione o mundo, mas cobre direitos autorais.

Uma das características mais marcantes dos livros de autoajuda analisados para esta tese é a falta de objetividade dos conselhos. Embora se apresentem como um guia para melhorar, de fato, a vida dos leitores, tornando-o um vencedor, tais obras são repletas de mensagens vagas como "acredite em você", "seja o responsável pela sua vida", "nunca desista" etc. Às vezes, no entanto, eles partem para recomendações mais categóricas, como faz Morgan (1989) no capítulo O poder da sugestão:

Escolha um aposento livre de ruídos, onde possa se isolar por 10 minutos; Deite-se no chão ou numa cama e feche os olhos; Mantendo os olhos fechados, olhe pra cima. (Ao fazer isto, você colocará sua mente em estado de alta concentração, entrando no estado Alfa); Mantendo os olhos fechados e voltados para cima, repita para si mesmo frases afirmativas e positivas, de acordo com os seus desejos. (Veja alguns exemplos.) "Minha força de vontade é poderosa. Sou capaz de realizar todas as coisas que desejo. Tenho uma grande capacidade de iniciativa e realizo imediatamente todas as coisas que me trazem o sucesso" (...); "Estou atingindo todos os meus ideais. Sou persistente e determinado. Nada pode abalar minha determinação." Você pode permanecer por 10 minutos repetindo essas frases para si mesmo, entretanto é preciso que acredite nelas (Morgan, 1989: 63).

A força do pensamento já aparece aqui atrelada à cultura terapêutica. O autor incentiva o tratamento psicológico através da prática da análise, com vistas ao autocontrole: "Muitas pessoas fracassam na vida conjugal, profissional e social por não saberem controlar as emoções negativas. (...) Existem bons profissionais que podem lhe ajudar a controlar suas emoções" (Morgan, 1989: 94-95). As emoções categorizadas como "negativas" são o ciúmes, a raiva, a irritação, a impaciência, a desconfiança e o medo, e a ideia transmitida é que estas devem ser evitadas a qualquer custo. Em nenhum momento é considerado o fato de todos esses sentimentos serem normais no comportamento humano, ou a importância que têm no sentido, por exemplo, de autopreservação (no caso do medo). As emoções passam a ser divididas entre boas e ruins, a partir de um ponto de vista puramente instrumental: se ajudam a alavancar o seu sucesso, são boas, se podem prejudicar sua caminhada rumo a uma vida bem-sucedida, são ruins.

O autocontrole surge, então, como o primeiro passo para o êxito: "Todas as oportunidades que tiver para dominar suas emoções, você deve aproveitá-las. (...) Se você não quer fracassar em seus objetivos na vida, controle-se" (Morgan, 1989: 97-98). Como é de praxe, o livro fornece um sucinto questionário como forma de propor o autoescrutínio e descobrir se você está ou não fazendo um uso *correto* das emoções. A partir de cinco perguntas simples como "Você se irrita com facilidade?", o autor sugere um "gabarito": "Caso suas respostas SIM tenham sido dadas mais de três vezes, isso pode significar um descontrole" (Morgan, 1989: 96). A solução para este caso passa, novamente, pela força do pensamento: "Repita para si mesmo que é uma pessoa CALMA, PACIENTE, TRANQÜILA, CONTROLADA, e procure imaginar-se agindo conforme as sugestões" (idem).

São inúmeros os efeitos colaterais da falta de controle. Além do pior de todos, o fracasso, o autor lista as consequências que acometem pessoas que "não aprenderam a controlar

a raiva": 1) "provocaram sérios acidentes de trânsito", 2) "Causaram sérias lesões nos filhos ao espancá-los", 3) "Agrediram violentamente outras pessoas", 4) "Romperam uma relação conjugal de muitos anos", 5) "Cometeram crimes e acabaram presos", 6) "Adoeceram ou ficaram inválidos para sempre, 7) "Perderam um emprego ou um bom cliente" (Morgan, 1989: 97). Depois de colocar o espancamento de um filho, a invalidez e a perda de um cliente no mesmo patamar, o autor aconselha de forma cabal: "Livre-se do desprazer de cair em desgraça por falta de autocontrole. O sucesso está nas mãos das pessoas sensatas e equilibradas emocionalmente" (Morgan, 1989: 98).

No capítulo 12, intitulado "Comece (sic) a Gostar de Dinheiro", o autor usa como epígrafe uma citação de Joseph Murphy que afirma, em outras palavras, que *você* (o livro é todo escrito em forma de vocativo) nasceu para ser rico, uma vez que Deus é o rico "dono deste planeta com tudo quanto existe nele, jazidas de ouro e diamante, riquezas infinitas" (Morgan, 1989: 71) e você é seu legítimo herdeiro. "Basta que use o poder existente em si mesmo para atrair tudo que é seu por direito" (idem). Nesta seção, o autor se dedica a disseminar uma mensagem muito frequente nos livros, a ideia de que as pessoas não devem se envergonhar ou se culpar por gostar de dinheiro e sim assumir esse sentimento e fazer disso um incentivo para buscá-lo incessantemente. Gostar de dinheiro aparece, assim, como condição sine qua non para obtê-lo: "as pessoas que menos gostam de dinheiro são os pobres. (...) As pessoas fracassadas financeiramente parecem detestar as riquezas e dizem, de boca cheia, que não gostam de muito dinheiro" (Morgan, 1989: 72); "Afirmo que gostar de dinheiro é o primeiro grande passo para aumentar a conta bancária". E quando se refere a dinheiro, o autor não está pensando apenas nos bens materiais que são adquiridos a partir dele. Em uma passagem que nos faz visualizar o Tio Patinhas mergulhando em sua piscina de moedinhas de ouro, Morgan faz questão de explicitar que o sentimento deve ser dirigido, também, ao dinheiro propriamente dito: "Esqueça, portanto, as outras coisas, pense no dinheiro em si. Goste dele, ache bonito as notas, as moedas. Colecione-as aos milhões" (Morgan, 1989: 73).

Embora não chegue a afirmar, tal como fez Nelson Rodrigues, que o dinheiro compra tudo, até amor verdadeiro, Morgan ratifica sua confiança no poder do capital em muitos trechos:

Quer ser uma pessoa vencedora de ponta a ponta? No amor, nos negócios, nos estudos, no relacionamento social? Então comece a gostar de dinheiro, muito dinheiro. Você não poderá comprar o amor de um homem ou mulher

com dinheiro. Mas será que um belo presente não ajudará a demonstrar o seu amor por ela? Será que o dinheiro não ajudará você a melhorar sua aparência e deste modo chamar muito mais a atenção da pessoa desejada? Quando você estiver com a pessoa querida, não será importante ter dinheiro para pagar a conta do restaurante, do clube, do sorvete de baunilha? Bem, acho que poucos continuarão achando tolice gostar de dinheiro, após uma profunda reflexão deste nível (Morgan, 1989: 73).

O que o autor chama de "profunda reflexão" é, na verdade, apenas a demonstração da crença em um total atrelamento entre vida amorosa e hábitos de consumo, tais como presentes e idas a restaurantes e clubes. O relacionamento amoroso, assim, só faz sentido a partir de tais práticas mediadas pela compra de produtos ou prestação de serviços. Em nenhum momento é citada a importância dos sentimentos ou das paixões. Curiosamente, o único momento do texto em que o tom se mostra mais passional é quando ele se refere, novamente, ao dinheiro: "Aprenda a gostar de cada moedinha que ganha. Sinta-se bem guardando e juntando muito dinheiro. Deseje-o ardentemente todos os dias" (Morgan, 1989: 74). Embora defenda essas ideias ao longo de muitas páginas, Morgan parece duvidar da pertinência, ou no mínimo, da aceitação social de tal mentalidade, uma vez que alerta os leitores no sentido de pensarem dessa forma, mas não demonstrarem-na enfaticamente: "Você não precisa sair gritando aos quatro ventos que adora dinheiro, que morre de amores por ele. Isso fará de você uma pessoa visada e vista como gananciosa" (Morgan, 1989: 73).

Capítulo 4 - Jovens vencedores, mulheres vencedoras

4.1 – Juventude e sucesso

As transformações sofridas pelo gênero da autoajuda, que pudemos avaliar a partir da comparação entre as obras do final do século XIX e as recentemente publicadas, demonstra que o atual sucesso desse filão editorial pode ser explicado, em grande medida, por essa conjuntura contemporânea, moldada a partir de demandas de um sistema político e econômico específico. Com o objetivo de formar sujeitos hábeis a lidar com o competitivo cenário neoliberal, tais livros buscam aumentar cada vez mais seu público alvo, com títulos que visam os mais diferentes grupos sociais. Dentre eles, chamam a atenção os livros voltados ao aconselhamento de pais na criação dos filhos.

A incessante busca por eficiência pessoal, que extrapola o âmbito da vida profissional, ganha aqui contornos ainda mais taxativos. Para prosperar em um mundo extremamente competitivo, passam a ser não só desejáveis, mas necessárias, também aos indivíduos em formação, características como autonomia, flexibilidade e responsabilidade. Além disso, como uma espécie de panaceia para esse contexto incerto, surge o conceito de empreendedorismo.

Se no Brasil a relação entre trabalho e infância é fortemente marcada pelas graves condições encontradas no trabalho infantil desempenhado por crianças oriundas de famílias pobres, nos Estados Unidos, embora também lá essa questão esteja presente, a ideia aparece muitas vezes associada à prática de atividades comerciais por crianças de diferentes classes sociais. Em vez de dar mesada, uma atitude bastante comum entre a classe média brasileira, muitos pais norte-americanos estimulam seus filhos a embrenhar-se em práticas empreendedoras, tais como a clássica venda de limonada na porta de casa, bastante presente em filmes e seriados daquele país, ou as tradicionais *garage sale* (vendas de garagem) para objetos usados, como roupas que não servem mais e brinquedos em desuso.

A lógica da inserção infantil no universo do trabalho, no entanto, parece estar em vias de transformação no Brasil. Durante o período que antecedeu sua queda, o *empreendedor* Eike Batista era vendido por parte da grande mídia como o exemplo a ser seguido ⁹⁹, como sinônimo

-

⁹⁹ Sobre a ascensão da figura midiática do empresário Eike Batista, ver Freire Filho e Castellano, 2012.

de empresário de sucesso, com faro para os negócios, uma espécie de Midas brasileiro. De acordo com uma matéria publicada na *Folha de S. Paulo*¹⁰⁰, Eike cultivava o hábito de levar seu primogênito, desde os nove anos de idade, para participar de suas reuniões de negócios, com o objetivo de "prepará-lo para o mundo empresarial". Provavelmente deu certo:

Naquele mesmo ano o garoto montou seu primeiro empreendimento: pela bagatela de R\$ 1, os colegas de colégio não precisavam se molhar, em dias de chuva, no caminho entre a sala e a cantina. Esse era o preço da carona no guarda-chuva do "pequeno empresário". "Ali ele sentiu o gostinho de bolar um bom negócio, sem passar ninguém para trás. Empreender está no DNA dele", diz Luma.

Em um mundo ordenado por preceitos ligados aos negócios, faz sentido o orgulho de Luma de Oliveira, mãe do menino. Onde algumas mães enxergariam falta de companheirismo ou solidariedade, Luma viu esperteza, "tino comercial". Eike certamente não discordaria. A própria escola, palco da ação, provavelmente também não recriminaria tal atitude. A visão empreendedora tem cada vez mais figurado na pauta de disciplinas escolares, mesmo no nível fundamental. As tradicionais feiras de ciências começam a ceder espaço para feiras mirins de negócios. Saem os vulcões de isopor, entram pequenas empresas, criadas e gerenciadas por crianças de 9, 10 anos. Por que não um serviço de aluguel de guarda-chuva? Preparar para o futuro, de acordo com alguns educadores contemporâneos, significa desenvolver a criatividade. Mas não qualquer criatividade, é preciso que ela seja instrumental, e, sobretudo, lucrativa.

Ao longo deste trabalho, já comentamos a presença da ansiedade como uma emoção cada vez mais presente entre os indivíduos contemporâneos, que precisam lidar com uma série de demandas, muitas delas de difícil execução. É compreensível, portanto, que tal sentimento seja estendido às preocupações com a criação dos filhos. Isso provavelmente explica a profusão de livros como *Além do nana nenê: como iniciar o aprendizado e a disciplina a partir dos seis meses de vida do bebê*, de Gary Ezzo e Robert Bucknam, publicado em 2012. Já pelo ponto de vista das escolas, incorporar a noção de empreendedorismo ao ensino talvez seja a saída encontrada para driblar a descrença na formação escolar e acadêmica tradicional, bastante explícita na obra que analiso a seguir.

4.1.1 – Criando filhos vencedores

¹⁰⁰ Whitaker, Luciana. Partidão. Perfil Thor Batista. Folha de São Paulo, Mercado, 13 fev. 2011

O livro *Filho rico, filho vencedor* (2001), meu objeto de análise neste tópico, está atualmente em sua 15ª edição. A publicação foi escrita por Robert Kiyosaki e Sharon Lechter os mesmos autores do *best-seller Pai rico, Pai Pobre* (1997), que já passou da marca de 50 edições e, até 2009, havia vendido mais de 30 milhões de exemplares ao redor do mundo, consolidando-se como um dos livros de autoajuda mais vendidos de todos os tempos.

É bastante sintomático que, no original, *Filho rico, filho vencedor* chame-se *Rich kid, smart kid.* Ou seja, na tradução para o português, a palavra *inteligente* foi substituída por *vencedor*. Poderíamos, a partir disso, sugerir apenas que a inteligência não goza de muito prestígio mercadológico no Brasil, no entanto, embora o termo *vencedor* sirva como chamariz, o título brasileiro é mais fidedigno ao conteúdo da publicação. Ao longo de mais de 300 páginas, os autores constroem um enorme elogio à ação empreendedora e ao senso de oportunidade nos negócios e, ao mesmo tempo, direcionam duras críticas à formação escolar tradicional.

O livro apoia-se na história de *Pai rico, pai pobre* (1997), que, com caráter pretensamente autobiográfico, narra as trajetórias de dois homens que teriam servido de exemplo ao autor Robert Kiyosaki: seu pai biológico, um funcionário público (superintendente de educação do estado do Havaí nas décadas de 1960 e 1970), que, apesar do alto grau de instrução e da qualificação profissional, permaneceu "pobre", e o pai de um amigo, apresentado como um rico empresário (embora não fiquem claras quais eram, de fato, suas atividades), o típico *self-made man* americano, responsável pela *educação financeira* do autor. Os dois personagens representam, de maneira bem esquemática, as figuras do fracassado e do vencedor. É significativo, nesse sentido, que o pai pobre seja chamado em algumas passagens de "pai instruído". O autor, no entanto, em um arroubo de sinceridade, supõe que seu progenitor não ficaria exatamente emocionado com tal homenagem:

Depois de ler Pai rico, pai pobre, muitas pessoas comentam: "Gostaria de ter lido esse livro há 20 anos". Algumas perguntam: "Por que você não o

-

Apesar de na capa constarem como autores Robert Kiyosaki e Sharon Lechter, o livro é escrito em primeira pessoa por Kiyosaki, que a cita como uma espécie de revisora e conselheira. Sharon assina, apenas, dois apêndices do livro, intitulados: "Dar ou não dar mesada: uma antiga batalha" e "Excursões financeiras: exercícios sobre dinheiro para pais e filhos".

¹⁰² A palavra *smart* também pode ser traduzida para o português como esperto ou perspicaz; no entanto, o contexto do livro sugere que sua melhor tradução seja inteligente. Kiyosaki desenvolve um longo argumento a respeito dos diferentes tipos de inteligência, chamando a atenção para a necessidade de se valorizar outros tipos de inteligência (como a empreendedora) além da *tradicional* (que ele chama de "acadêmica").

escreveu antes?". Minha resposta é: "Porque esperei meu pai morrer para escrevê-lo". Esperei cinco anos em respeito a (sic) sua memória. Sei que o livro o teria magoado se o lesse em vida... mas, em forma de espírito, acredito que ele apóie as lições que todos podemos tirar de sua vida (Kiyosaki, 2001: 33).

Filho rico, filho vencedor (2001) representa apenas um dos vários desdobramentos suscitados pelo sucesso de *Pai rico*, *Pai pobre* (1997). No livro voltado para a educação infantil, e que nos serve como objeto, Kiyosaki ensina "como preparar seu filho para ganhar dinheiro", tal como define o subtítulo da obra. Mais do que um guia prático de como inculcar nas crianças lições sobre o trato com as finanças, a publicação se encaixa na categoria autoajuda financeira, transmitindo o que chama de *modos de pensar* característicos dos ricos. Ou seja, tem como objetivo orientar o leitor no sentido de, em última instância, torná-lo mais próspero. De acordo com o próprio autor, a obra procura responder a uma inquietante pergunta: "Será que a escola está preparando seu filho para o mundo?".

A premissa do livro, como já era de se imaginar, é que não. Os argumentos usados por Kiyosaki remetem ao quadro de caracterização que vimos descrevendo desde a introdução. Nas palavras do autor:

As regras mudaram. Agora, as regras são estudar, tirar boas notas, encontrar um emprego e depois se preparar para esse emprego. Encontrar uma nova empresa e um novo emprego e tornar a se preparar. Encontrar uma nova empresa e um novo emprego e se preparar mais uma vez e esperar e rezar para conseguir economizar uma quantia que dure até depois dos seus 65 anos, pois você viverá mais do que isso (Kiyosaki, 2001: 11).

A excessiva (e despropositada) formação profissional se anuncia como o principal alvo das críticas de Kiyosaki. "Esperar", "rezar" e estar em constante "preparação" conformam uma trajetória de vida que o autor veementemente rechaça. Afinal, tamanha passividade não pode levar ninguém a enriquecer (ação apresentada como inquestionável – e generalizado – objetivo de vida). Mais do que a educação formal, os indivíduos deveriam aprender desde a infância a exercer o pleno domínio sobre suas vidas, sendo capazes de gerir, por si mesmos, suas capacidades e aptidões.

Assim, "pensar como os ricos" significa deixar de delegar ao Estado ou à escola a função de nos preparar para enfrentar a dura realidade do mercado. Não devemos "vender" nossa força de trabalho, mas sim investir o único capital que temos disponível: nós mesmos.

Como veremos adiante, as lições de vida do pai rico muito se assemelham à proposta da teoria do *capital humano*, desenvolvida nos anos 1960 por economistas da chamada Escola de Chicago.

Intimamente relacionada ao modelo neoliberal americano, esta teoria traduz bem a adoção da forma econômica do mercado como um "princípio de inteligibilidade", ou seja, como "princípio de decifração das relações sociais e dos comportamentos individuais" (Foucault, 2008: 334). Assim, tudo o que remete à vida do sujeito perpassa a noção de investimento. A própria prevalência da expressão "investimento" no lugar da tradicional palavra "preço", bastante corriqueira nos dias atuais, é sintoma deste momento. Por exemplo, as despesas em educação que os pais dedicam ao filho são convertidas em renda salarial futura para a criança. Para os pais, há um ganho em "renda psíquica", ou seja, uma satisfação em cuidar da prole e "ver que seus cuidados tiveram sucesso" (*Idem*: 335). Logo, transmite-se aos filhos não tanto uma herança no sentido clássico do termo, mas "capital humano", ou seja, a capacidade de eles, por si mesmos, conseguirem reverter em renda seus potenciais profissionais, sejam eles de ordem educacional ou cognitiva (Castellano e Bakker, 2014).

Inicialmente contemplando as relações entre os investimentos realizados durante a vida em educação e formação profissional e os padrões de renda obtidos pelos indivíduos, a teoria do capital humano foi reelaborada com o passar do tempo. O conceito tornou-se mais elástico e agregou também "toda a gama de condutas e emoções humanas que agregariam valor social para o sujeito e, simultaneamente, poderio econômico para as corporações" (Coelho & Freire Filho, 2011: 7).

O que se torna paradigmático neste conceito de capital é o fato de ser praticamente indissociável de quem o detém: "a aptidão a trabalhar, a competência, o poder fazer alguma coisa, tudo isso não pode ser separado de quem é competente e pode fazer essa coisa" (Foucault, 2008: 309). No lugar daquele que depende do salário deve estar o administrador de sua força de trabalho, "que providencia sua própria formação, aperfeiçoamento, plano de saúde, etc." (Gorz, 2005: 10). Dessa forma, cada trabalhador passa a ter a incumbência de ser seu próprio vendedor e/ou empregador: "obrigando-se a si mesmo a constrangimentos necessários para assegurar a viabilidade e a competitividade da empresa que ele é" (*Idem*, p. 23; Castellano e Bakker, 2014).

Consoante esta perspectiva, a separação entre indivíduo e capital já não seria absoluta, uma vez que a inserção do trabalhador no mercado ocorreria pelo reconhecimento de si mesmo

como capital, através do valor de mercado obtido por seu "capital humano". Deste modo, investir em seu capital humano significa investir em si mesmo de modo integral. Assim, as preciosas dicas de *Filho rico, filho vencedor* (2001) podem ser traduzidas como um manual para o pleno enriquecimento do leitor, ou seja, como uma aplicação futura para melhorar e aperfeiçoar o capital humano dos leitores.

Seguindo a receita clássica da literatura de autoajuda, a obra começa esmiuçando um cenário sombrio, para, em seguida, propor a adoção de uma mentalidade que saiba reconhecer *oportunidades* escondidas nesses momentos de mudança: "hoje em dia, pessoas de 20 anos ficam bilionárias porque executivos de 45 anos não enxergaram as oportunidades que as de 20 enxergam" (Kiyosaki, 2001: 13). Fica explícita nessa passagem uma crença muito comum no discurso que associa empreendedorismo e juventude. De acordo com uma ideia que parece consolidada, os jovens teriam uma predisposição quase natural, fisiológica, para prosperar no mundo contemporâneo, pois já nasceram em um contexto em que a tecnologia imperava, tendo, por isso, maior facilidade e destreza para lidar com os desafios que se apresentam.

Em um artigo em que analisam os sentidos relacionados aos emblemas geracionais que conformam a juventude contemporânea, tais como "Geração Digital", "Geração Pontocom", "Geração On-Line", "Geração Conectada", João Freire Filho e João Francisco Lemos (2008) argumentam que os modelos de conduta privilegiados por esses rótulos "prefiguram ou sintetizam um padrão exemplar de subjetividade, afinado com premissas e interesses do atual estágio do capitalismo" (2008: 16).

Eles partem do princípio de que a própria ideia de juventude e adolescência devem ser tomadas não como simples fenômenos biológicos, mas sim como artefatos de governamentalidade, que, através da conjunção de determinados discursos – oriundos tanto de instituições acadêmicas, governamentais e políticas, como também, cada vez mais, mercadológicas – ajudam a construir parâmetros a partir dos quais a população jovem será avaliada (Freire Filho e Lemos, 2008; Freire Filho, 2006). Nesse trabalho, os autores se dedicam a avaliar como as representações da chamada Geração Digital, identificadas na mídia impressa, trazem implicações políticas e sociais que extrapolam as questões ligadas à tecnologia.

Assim, ao enfatizarem a destreza com que os nascidos a partir de meados da década de 1980 apresentam no trato com objetos tecnológicos, tais como celulares e computadores, e sua facilidade em vivenciar experiências no ambiente virtual, atravessado, principalmente, por

questões de sociabilidade e consumo, os discursos a respeito desse jovem conectado privilegiam características ligadas a uma forma específica de lidar com o mundo. Constantemente, tais representações destacam como a juventude hoje em dia é muito mais informada e sabe responder com maior eficiência e rapidez às demandas colocadas por um mundo que exige, cada vez mais, criatividade e, principalmente, flexibilidade, justamente por se apresentar gradativamente instável e sem garantias.

Percebemos, nesse sentido, um tipo de constatação que corrobora o discurso de (Kiyosaki, 2001), pois este também cria uma associação direta entre uso de novas tecnologias e formas mais "práticas e diretas" de aprendizado e aptidão para a vida. Não por acaso, alguns dos expoentes desse segmento despontaram muito cedo, antes mesmo de completarem uma formação tradicional, e acumularam grandes fortunas ainda muito jovens, como é o caso de Bill Gates e de Steve Jobs. Tais ícones inauguram, portanto, uma espécie de "novo modelo de performance no mercado de trabalho" (Freire Filho & Lemos, 2008).

Assim, é compreensível que, ao longo da leitura de *Filho rico, filho vencedor* (Kiyosaki, 2001), percebamos no discurso do autor que, para ele, a conjuntura *não é lá tão ruim assim*; a questão depende apenas de saber *adaptar-se* a essa nova configuração. O principal argumento é que as crianças continuam sendo educadas para a "Era industrial", e, hoje, na "Era da Informação", as referências precisam ser outras.

A falta de sintonia entre a instituição escolar e o modo de vida contemporâneo também serve como objeto de investigação no mundo acadêmico. É interessante que a pesquisadora Paula Sibilia (2012), embora tenha propósitos bastante distintos, comece um artigo dedicado ao tema com uma indagação muito parecida com que a Kyiosaki abre sua obra. Enquanto o autor de autoajuda nos oferece a questão: "Será que a escola está preparando seu filho para o mundo?", Sibilia propõe como ponto de partida para sua reflexão a pergunta "nesta era digital em que estamos cada vez mais imersos, a escola estaria se tornando uma instituição obsoleta?" (2012: 195).

Se Kiyosaki fala da passagem da "Era Industrial" para a "Era da informação", a pesquisadora traduz essa transição para uma análise intelectual sobre o desgaste da escola entendida como uma tecnologia – "como um dispositivo, como uma ferramenta ou um intricado artefato destinado a produzir algo" (Sibilia, 2012: 195) – típica de um sistema disciplinar, tal como foi descrito por Foucault, logo, relativo a um período histórico específico. Se pensarmos em termos deleuzianos, a "Era da informação" de que fala o autor de *Filho rico, filho*

vencendor poderia ser descrita como a era das sociedades de controle, já citada no capítulo 3. A respeito desse tipo de organização social, afirma Sibilia:

Outra característica desse novo mapa é a entronização da empresa como uma instituição modelo, que impregna todas as outras ao contagiá-las com seu espírito empresarial. Inclusive a escola, é claro, assim como os corpos e as subjetividades que por ela circulam. Essa nova mitologia propaga um culto à performance ou ao desempenho individual, que deveria ser cada vez mais destacado e eficaz (2012: 201).

O incentivo ao empreendedorismo entre os jovens que venho discutindo desde a introdução deste capítulo e que ficará mais claro ao longo da análise que construo neste tópico deixa claro que a escola por que anseiam os pais da classe média conectada e os autores que compartilham a visão de Kiyosaki deve ser uma tecnologia do controle, e não mais da disciplina, embora isso não seja, obviamente, algo que esteja no campo consciente desses sujeitos. Nesse sentido, não só não haveria lógica na existência de uma instituição moldada para produzir corpos úteis e dóceis para uma configuração histórica que já não existe mais como as próprias subjetividades contemporâneas, forjadas a partir de parâmetros bastante distintos, também não se adaptariam a esse tipo de instituição.

Se é certo que a sociedade contemporânea precisa, também, de corpos dotados de utilidade e docilidade, está claro que não é a escola tal como foi pensada em meados do século XVII que está preparada para produzi-los. Para Paula Sibilia, mais do que inabilidade para produzir sociabilidades adaptadas à nossa época, tal escola seria, inclusive, contraproducente, tendo em vista sua "vocação uniformizadora, homogeneizante e normalizadora" (2012: 202).

O título da introdução da obra de Kiyosaki, nesse sentido, é bastante significativo: "Por que o gerente do banco não pede seu boletim escolar?". A resposta também é clara: "Meu gerente nunca perguntou se eu tirava boas notas. Para ele, bastava minha demonstração financeira. O problema é que a maioria das pessoas sai da faculdade sem saber o que é uma demonstração financeira e lucros" (p. 16). O que torna essa linha de raciocínio ainda mais contestável é que ela é expandida para além do espaço do banco, e é considerada pertinente em outros domínios da vida dos sujeitos. Ou seja, você é aquilo que sua *demonstração financeira* diz sobre você.

Samuel Smiles ([1859] 2012) na obra inaugural do gênero autoajuda, *Self-Help*, analisada no capítulo dois, apresenta uma opinião bastante distinta sobre o mesmo assunto:

"O homem de negócios entra em uma rotina e, muitas vezes, não olha além dela. Se vive só para si mesmo, torna apto a ver outros seres humanos à medida que atendem seus fins. Pegue uma folha de livro de contabilidade desse homem e você verá sua vida" (Smiles, [1859] 2012: 348). É interessante como algo que no livro de Kiyosaki aparece como um grande lampejo (analisar alguém a partir de sua demonstração financeira), em Smiles surge como índice de amesquinhamento, algo a se lamentar.

Ao longo do livro de Kyiosaki, a educação formal é duramente questionada, em detrimento de outras formas de aprendizado. A reflexão, o poder de abstração e o pensamento teórico são descartados, e em seu lugar a ação prática surge como a única atitude correta no tempo corrente: "o mundo da educação está repleto de pessoas que podem lhe dizer tudo o que você precisa saber sobre o jogo de beisebol, mas que não conseguem jogar beisebol" (2001: 47); "os jogos muitas vezes são melhores professores do que um professor em pé na frente de uma sala de aula, lendo" (2001: 80); "muitas vezes, pessoas com um QI acadêmico alto não sabem lidar muito bem com o mundo real" (2001: 41). As críticas à escola e ao ambiente escolar são recorrentes:

Pessoalmente, considero a escola muito lenta, chata e desinteressante. Não me interessava pela maior parte dos assuntos que precisava estudar, mas descobri uma maneira de aprender essas matérias e passar nas provas. O que me motivou foi saber que, depois de me formar na faculdade, começaria minha verdadeira educação (2001: 43).

A *verdadeira educação*, como fica claro no decurso do livro, baseou-se nos ensinamentos recebidos do "pai rico", (os mesmos ensinamentos que são passados através de todos os produtos vendidos pelos autor):

Quero que as pessoas saibam que elas têm o poder e a capacidade de ter todo o dinheiro que desejam... é só querer. E esse poder não está no dinheiro. O poder não está fora delas. O poder está em suas idéias. (...) Meu pai rico muitas vezes dizia: "As pessoas pobres são pobres simplesmente porque têm idéias pobres". (...) [Ele] queria que eu

Tudo indica que o tal "pai rico", de fato, nunca tenha existido. É possível encontrar na Internet várias

edição de fevereiro de 2003 da revista americana *SmartMoney*, Kiyosaki recuou quanto a afirmação de que ser 'pai rico' era uma pessoa real, dizendo, 'O Harry Potter é real? Por que vocês não deixam pai rico ser um mito, como Harry Potter?'."(sic) (http://pt.wikipedia.org/wiki/Pai_Rico,_Pai_Pobre)

referências a essa suspeita, que podem ser condensadas na seguinte passagem, extraída do verbete sobre o livro na Wikipédia: "Tem-se especulado sobre a identidade de seu 'pai rico' e mesmo se esse indivíduo chegou a existir, amparados pelo raciocínio de que tal homem, que Kiyosaki descreve como 'um dos mais ricos do Havaí', e sua família que continuam sua tradição, teriam sido bem conhecidos em um estado pequeno como o Havaí. Na edição de fevereiro de 2003 da revista americana *SmartMoney*, Kiyosaki recuou quanto a afirmação de que seu

descobrisse o poder de gerar dinheiro, em vez de aprender a trabalhar por dinheiro. Meu pai rico disse: "Se você não precisar de dinheiro, ganhará bastante dinheiro. Quem precisa de dinheiro jamais fica rico de verdade. É essa necessidade que lhe tira o poder" (2001: 56-57).

Embora esse tipo de mentalidade, que relativiza a importância da formação educacional tradicional, esteja ganhando força no Brasil, é importante destacarmos que, por mais que os livros que pregam esse discurso granjeiem bastante sucesso, a instrução formal continua tendo bastante prestígio no país. Em sua pesquisa de mestrado, Julia Salgado (2011) analisou as representações da juventude em dois programas televisivos brasileiros: *Confissões de adolescente*, que foi a ar em 1994, e *Ger@al.com*, de 2009/2010. Uma das diferenças mais significativas analisadas pela pesquisadora diz respeito ao avanço do empreendedorismo como prática juvenil e o surgimento de alternativas para a formação clássica que envolve o caminho escola-universidade-mercado de trabalho. No entanto, de acordo com a autora:

(...) é importante que figue claro que, em nenhum momento durante a análise, foi percebido qualquer indício ou fala que deslegitime ou desvalorize o estudo acadêmico como importante via para a formação profissional - via esta, diga-se de passagem, cada vez mais longa e contínua, e determinante nas condições de empregabilidade (Boltanski e Chiapello, 2009). Ao contrário disso, o estudo é reconhecido hoje pelos jovens como importante caminho de crescimento e formação individual, como mostra a análise dos quase 500 comentários de jovens estudantes sobre a pergunta lançada no site de Ger@l: "Escola pra quê?". A grande parte dos adolescentes que efetivamente se propuseram a responder à pergunta vê a escola sob a perspectiva do caminho necessário, ou melhor, fundamental para a formação daqueles com grandes pretensões futuras. Dessa forma, não se trata de *tirar* o estudo e o aprendizado formais como meios para a obtenção de reconhecimento e dinheiro, mas sim de acrescentar fatores que antes eram pouco demandados à maioria das profissões, e hoje se configuram essenciais para a formação de um corpo não mais dócil e prosaico, mas acima de tudo criativo, autônomo e extraordinário (Salgado, 2011: 28-29).

Em *Filho rico, filho vencedor* (2001), por mais que defenda uma mudança no campo das ideias, tais como não mentalizar a frase "não tenho condições de comprar tal coisa" e sim "Como posso ter condições de comprar ou fazer isso?", e assim "despertar a pessoa rica que existe dentro de você" (2001: 67), com o desenrolar do livro, o autor fornece informações mais concretas sobre a educação financeira que recebeu de seu pai rico. No capítulo "Se quiser ficar

rico, faça o dever de casa", Kiyosaki transcreve um diálogo revelador que travou com seu mentor:

- Bem, uma de minhas melhores fórmulas para a riqueza encontra-se aqui nesse tabuleiro de Banco Imobiliário – disse pai rico, apontando para o tabuleiro.
- Que fórmula? perguntei
- Bem, como você ganha o jogo? indagou pai rico.
- Você compra vários imóveis, depois começa a botar casas dentro deles respondeu Mike [um amigo que participava da conversa].
- Quantas casas? perguntou pai rico.
- Quatro eu disse. Quatro casas verdes.
- Bom − disse pai rico. − E depois que você tem essas quatro casas verdes, o que faz?
- Você devolve as quatro casas verdes e compra um hotel vermelho eu disse.
- E é essa uma das fórmulas para uma grande riqueza disse pai rico. Bem aqui no tabuleiro do jogo Banco Imobiliário você tem uma das melhores fórmulas do mundo para a riqueza. É uma fórmula que muitas pessoas seguiram para se tornar mais ricas do que jamais sonharam ser. (...) Funcionou para reis e rainhas da antigüidade e ainda funciona hoje. A diferença é que hoje você não tem a nobreza de ser dono de propriedades.
- Então você esteve jogando Banco Imobiliário na vida real? perguntou Mike.

Pai rico concordou. (2001: 76).

O que, em linguagem lúdica, pai rico chama de "jogar Banco Imobiliário" pode ser traduzido como especulação imobiliária. Para tornar ainda mais clara a mensagem, o autor narra uma aula prática que teve com o "empresário": em meio aos seus ensinamentos, o homem convidou Kiyosaki e outra criança para "dar uma volta de carro" (p. 77). Ao chegarem a um grande terreno repleto de pequenas casas, pai rico informou que se tratava de "vinte acres de imóveis de primeira qualidade" (Idem). Escolado pelas lições de vida que lhe haviam sido passadas, Kiyosaki desconfiou: "Imóveis de qualidade? — eu disse, cínico. Apesar de ter apenas 12 anos, sabia quando via um bairro de aluguel barato. — Esse lugar parece terrível" (Idem). Pai rico solicitou que os meninos imaginassem que aquelas casas eram as casinhas verdes do jogo. Quando questionado sobre como surgiria ali um "hotel vermelho", explicou:

Está chegando. Mas não será um hotel vermelho. Nos próximos anos, nossa pequena cidade crescerá nessa direção. A cidade anunciou planos de construir o novo aeroporto no outro lado dessa propriedade. (...) Assim, quando chegar o momento certo, demolirei todas essas casas que alugo e

transformarei essa terra em um pequeno parque industrial. E então controlarei uma das terras mais valiosas dessa cidade. (Kiyosaki, 2001: 78)

Não há nenhuma menção ao destino das pessoas que viviam em tal terreno. É provável que elas não tenham aprendido, na tenra infância, a jogar Banco Imobiliário. Mais do que uma passagem anedótica, todo o argumento desenvolvido a respeito desse jogo é importante para que o autor consiga transmitir seu ponto de vista sobre todos os assuntos abordados no livro. Em um trecho bastante elucidativo, ele defende que o passatempo seja utilizado na educação infantil como forma de tornar o estudo mais atrativo (e útil), ou, se nos basearmos na reflexão proposta por Sibilia (2012), mais conectado aos anseios da sociedade de controle (Deleuze, 2008):

Acredito que muitas crianças estariam mais interessadas no estudo, se começassem a jogar Banco Imobiliário no primeiro grau e depois perguntassem quais delas desejariam ter o currículo "Quem quer ser um milionário depois de formado?". Se uma criança quisesse realmente ser milionária, você ainda poderia proporcionar-lhe o mesmo currículo que tive quando criança. A criança realmente estaria disposta a estudar, pois a recompensa final seria emocionante e *valeria a pena estudar por ela* [grifo meu] (p. 83)

Fiel aos seus ensinamentos, Kiyosaki não ficou só na teoria: depois do sucesso de seu primeiro livro, o autor lançou o seu próprio jogo de tabuleiro, chamado CASHFLOW, e um portal da web¹⁰⁴ (com a versão *online* do *game*). 'É um negócio de milhões de dólares que fabrica e licencia produtos educacionais do pai rico em todo o mundo" (p. 86). No capítulo "Criança aprende brincando", o autor cita o depoimento de um jovem aluno¹⁰⁵ de uma escola de Indianápolis que usava o jogo em suas práticas de estudo:

Eu era uma pessoa que gostava de farra, ou seja, fumar maconha, me embebedar etc. e agora sou um estudante de segundo grau bastante concentrado e determinado, com ambições de um dia ser tão bem-sucedido quanto o autor do jogo que eu estava jogando e com o qual estava aprendendo! (...) CASHFLOW era um jogo maravilhoso que explicava como ganhar dinheiro, (...) abriu portas inéditas em minha vida até então

¹⁰⁴ richdad.com

¹⁰⁵ Esse mesmo aluno teria ajudado Kiyosaki a desenvolver o projeto "CASHFLOW for kids", que consistia em levar os ensinamentos do jogo para crianças de 7 a 9 anos de idade, mediante monitoria de alunos do Ensino Médio: "quando os estudantes do ensino médio estavam partindo, muitas crianças correram e abraçaram ou apertaram as mãos de seus novos professores. Essas crianças da Escola Fundamental haviam acabado de encontrar novos modelos" (2001: 163).

(...). Como você pode ver, o jogo iluminou meu caminho para o sucesso. (2001: 162)

Uma rápida busca na Internet nos permite afirmar que Kiyosaki não é uma voz dissonante quando o assunto é o ensino infantil. A junção das expressões "escola" e "educação" com o nome "Banco Imobiliário" mostra, por meio de *sites* de escolas e matérias jornalísticas, que, em vários colégios do Brasil, o jogo vem sendo usado como um meio de instituir educação financeira nas crianças. Já foram vendidas mais de 35 mil unidades do brinquedo no país. Em uma matéria de *Istoé Dinheiro* (ed. 658, 14/05/10) intitulada "Muito além do Banco Imobiliário", somos informados que

No próximo mês, o saldo em conta-corrente de Mariana Lima de Paula voltará a ficar azul. No início do ano, ela fez um empréstimo para comprar um netbook e agora a dívida finalmente está perto de ser quitada. Até aí, nenhuma novidade. Mas há um pequeno detalhe nesta história: Mariana tem só 10 anos.

A matéria segue nos advertindo que as primeiras lições sobre finanças recebidas por Mariana se deram pelo site *Brincando na Rede*, iniciativa criada pelo Banco Real e hoje mantida pelo Santander e que conta com mais de 600 mil crianças cadastradas. Segundo a publicação: "foi depois de navegar no endereço eletrônico e aprender conceitos como 'financiamento', 'dívida' e 'crédito' que Mariana decidiu pedir dinheiro para o patriarca da família", que confirma a história, orgulhoso: "Minha filha começou a ter noção de finanças e eu acabei funcionando como um banco para ela". Como é de costume em matérias com viés de aconselhamento, há um quadro de "10 lições" sobre "como incluir o dinheiro na rotina das crianças", onde são ensinadas práticas como: informar aos filhos a partir de 2 anos de idade que é preciso dinheiro "para comprar qualquer coisa"; ensinar "assim que elas forem alfabetizadas" a assinarem um cheque; levar os maiores de 10 anos a bancos e caixas eletrônicos e deixá-los fazer "alguma movimentação"; além de incluir no dia a dia dos pequenos livros como *A galinha dos ovos de ouro* e, como não podia deixar de ser, jogos como Banco Imobiliário. 107

-

¹⁰⁶ Informação obtida no site: www.estrela.com.br

Atenta às questões contemporâneas, a marca Estrela lançou outras versões do jogo, como o Super Banco Imobiliário, que vem com uma máquina de cartão, já com a bandeira da Mastercard – nesta versão, os participantes podem comprar ações de empresas do mundo real. Na imagem da caixa, podemos ver lojas das marcas Renner, Vivo, Nivea e Tam Viagens, além de um banco Itaú e um posto Ipiranga. A outra novidade é o Banco Imobiliário Sustentável. Sobre este, Marcelo Rubens Paiva comentou em seu *blog* no site do Estadão: "A

A despeito de soar como algo inócuo, a importância desse jogo no best-seller de Kiyosaki (2001) e nas práticas educativas levadas a cabo, recentemente, no Brasil é repleta de sentido. Assim, me parece oportuno relembrar o texto Brinquedos presente na clássica obra Mitologias, de Roland Barthes (2007: 61). No livro, o autor se propõe, em linhas gerais, a desmistificar uma série de questões que classifica como mitos, encampados pelos meios de comunicação e pelo senso comum, que se faziam presente na vida cotidiana dos franceses. Analisando-os como um sistema de significação, que mascara a natureza construída de diversos aspectos da realidade, fazendo-os passar por algo natural, o autor elenca uma série de questões que considera problemáticas, dentre elas os jogos infantis:

O fato de os brinquedos franceses prefigurarem literalmente o universo das funções adultas só pode, evidentemente, preparar a criança a aceitá-las todas, construindo para ela, antes mesmo que possa refletir, o álibi de uma natureza que, desde que o mundo é mundo, criou soldados, empregados do Correio e lambretas. (...) Simplesmente, perante este universo de objetos fiéis e complicados, a criança só pode assumir o papel do proprietário, do utente, e nunca do criador; ela não inventa o mundo, utiliza-o (Barthes, 2007: 60).

Todos os produtos que surgiram a reboque de *Pai rico*, *Pai pobre* (1997) receberam o selo "Guia do pai rico". Nesses produtos, e, especificamente, em *Filho rico*, *filho vencedor* (2001), impera a ideia simples e direta de que nada tem sentido se você não for autossuficiente financeiramente, e só passa a valer a pena de verdade se for rico, se possível milionário. Nesse sentido, é interessante recuperarmos, como contraponto, o discurso de Smiles ([1859] 2012) que desconstrói a associação direta entre boa vida, felicidade, sucesso e dinheiro:

É o amor pelo dinheiro – e não o dinheiro em si – que é a "raiz do mal", um amor que restringe e contrai a alma e fecha contra a vida e a ação generosas (...). Aquele que não reconhece lógica alguma mais alta do que aquela do xelim pode se tornar um homem rico e ainda assim permanecer uma criatura excessivamente pobre. Pois as riquezas não são prova do valor moral, e seu brilho serve, muitas vezes, para chamar a atenção para a falta de valor de seu possuidor, assim como a luz do vagalume revela a larva (Smiles, [1859] 2012: 348).

(http://blogs.estadao.com.br/marcelo-rubens-paiva/banco-imobiliario/)

_

era dos jogos corretos chegou. Já nas prateleiras a edição especial do Banco Imobiliário Sustentável. Possui mecânica semelhante à clássica versão do jogo MONOPOLY, mas com regras e temática relacionadas à conservação do meio ambiente e peças de material biodegradável. O objetivo final? Deter todas as propriedades. A ecologia está preservada. O capitalismo, o livre mercado, a propriedade e a concorrência, idem. Sem-teto e sem-terra estão fora do tabuleiro. E não utiliza pilhas".

No livro de Kiyosaki, a concepção sobre a suprema importância do dinheiro aparece por vezes de forma indireta e, na maioria delas, de modo bastante explícito. O dinheiro, no entanto, não seria fundamental apenas em si mesmo, mas capaz de trazer todos os elementos necessários a uma boa vida: "Sabemos que a inteligência financeira está aumentando se, à medida que envelhecemos, nosso dinheiro compra mais liberdade, felicidade, saúde e opções de vida" (p. 36).

Se a liberdade e a felicidade podem ser compradas, isto também se pode dizer do poder político, o que é demonstrado por Kiyosaki pelo exemplo de seu "pai rico": "em vez de reclamar de políticos e se sentir impotente para mudar o sistema, os políticos vinham até ele em busca de conselhos (e de contribuições para a campanha). Adorava ter poder sobre eles" (p. 37).

A relação entre política e dinheiro proposta pelo autor fica ainda mais evidente quando ele narra, em tom de reprovação, uma passagem da vida de seu pai "pobre": indignado com os níveis de corrupção que encontrou no governo, e que afetavam o sistema público de educação, seu pai biológico – que era professor – resolveu abrir mão de seu emprego e concorrer "pela consciência moral" (2001: 32) ao cargo de vice-governador do estado do Havaí. Como o impulso do pai seguiu apenas seu engajamento político e seu dever cívico, o autor considerou que a atitude "não foi das mais inteligentes" (Idem).

A dicotomia entre os dois personagens do primeiro livro permanece e pode ser interpretada como uma disputa entre dois protótipos de conduta: por um lado, pai pobre, sujeito acostumado a contar com a segurança provida por um Estado mantenedor, e que, apesar de sempre ser citado no livro como um homem trabalhador, flerta com a ideia do parasita social e do fracassado. Por outro lado, o pai rico, verdadeiro herói do livro, homem bem-sucedido, responsável por passar a Kiyosaki a sua "fórmula para o sucesso" (2001: 82), a ensinar a forma de pensar dos ricos, que o livrou de precisar de um "emprego seguro ou de uma empresa ou do governo" (2001: 83). Já no livro de Smiles, a concepção sobre essas duas realidades aparece de forma bastante distinta:

O homem pobre pode ser um verdadeiro cavalheiro em espírito e na vida diária. Ele pode ser honesto, verdadeiro, correto, educado, moderado, corajoso, respeitar-se e ajudar-se, isto é, ser um verdadeiro cavalheiro. O homem pobre com um espírito rico é, em todos os aspectos, superior a um homem rico de espírito pobre. Tomando as palavras de São Paulo emprestadas, esse homem pobre de espírito rico: "não tem nada, embora

tenha tudo", enquanto o outro, embora tenha tudo, não tem nada (Smiles, [1859] 2012: 446).

Ao longo do livro, são recorrentes as críticas às noções de "beneficios" como licenças médicas e aposentadoria. O sétimo capítulo de *Filho rico, filho vencedor* (2001) recebe o inquietante título: "Seu filho vai conseguir se aposentar antes dos 30?". A ideia de autonomia aqui ganha delineados ainda mais incisivos, e o argumento é que a criança deve ser ensinada a buscar, o quanto antes, os próprios meios para se manter, com o objetivo de garantir o autossustento, de preferência antes dos 30 anos, tornando-se, dessa forma, independente de planos de aposentadoria. Como costuma fazer em todo o livro, Kiyosaki ilustra seus argumentos com alguma pílula de sabedoria do pai rico: "Um dia perguntei a meu pai rico por que ele era tão rico. Sua resposta foi: 'Porque me aposentei cedo. Se você não precisa ir trabalhar, tem muito tempo para ficar rico" (2001: 115).

A existência da figura do empresário como o herói do livro não é exatamente uma novidade no universo da autoajuda. Muitos dos grandes sucessos de venda no Brasil e no mundo são obras que narram as histórias de vida de empreendedores de sucesso, figuras muito distantes da clássica visão de exploradores da mão-de-obra alheia, muitas vezes escritas de próprio punho (embora seja dificil afirmar que tais livros tenham, de fato, sido escritos por eles). A biografia de Eike Batista, por exemplo, ficou na lista dos mais vendidos da revista *Veja* durante 32 semanas, na categoria Autoajuda e Esoterismo, por vezes em primeiro lugar.

Outrora representado no cinema e na literatura como personagem ganancioso, com frequência moldado como vilão e, conforme nos lembram Boltanski e Chiapello (2009), ligado à tradicional imagem do burguês "sempre associado ao pesadume (nas caricaturas ele é sempre gordo)" (p. 190), o "homem de negócios" atual já parece bastante distante de estereótipos negativos, tanto em relação à sua imagem quanto ao seu caráter. Amiúde, os heróis contemporâneos são empresários de sucesso, pessoas que, com ousadia, perspicácia e visão empreendedora, foram capazes de "mudar o mundo" (Castellano & Bakker, 2013).

Uma das características problemáticas dos livros de autoajuda é que eles descrevem um mundo em que virtualmente todos os leitores teriam a possibilidade de, ao menos, tentar aplicar os seus ensinamentos — ou seja, supõem que há, na sociedade, uma igualdade de condições que abriria a todos as mesmas oportunidades. Não que a estrutura social seja de todo negada, mas subjaz nesse discurso uma ode ao critério meritocrático, o mesmo que fundamenta o modelo de

competição esportiva, no qual todos os jogadores disporiam, *teoricamente*, de uma mesma chance para competir. Nesse sentido, Ehrenberg (1991) argumenta sobre uma influência exercida pelo esporte no mundo do trabalho, onde é possível identificar uma ênfase cada vez maior sobre noções como competitividade, aventura, desempenho, tomada de riscos. Para o autor, esse discurso, na verdade, extrapola o universo das corporações e se espalha por todas as esferas da sociedade, o que acompanha um progressivo alargamento da noção de esporte, que deixa de significar apenas a ideia de exercício físico para se tornar um estado de espírito, um sistema de condutas de si, que implica o individuo na construção de sua autonomia e de sua responsabilidade.

Tal situação reflete em boa medida o ideal de justiça que compartilhamos atualmente (e que tem no livre mercado a arena que onde se dão essas disputas). Assim, a busca por igualdade já não seria buscada no aparelho Estatal – à espera de políticas públicas capazes de construir um Estado de Bem estar social. O que se percebe é a construção de um modelo de igualdade voltado para a competição, calcado no ideal de meritocracia, onde cada um responsável por si mesmo, e a gerência dos riscos também é privatizada (Ehrenberg, 2010). É diante deste cenário que a representação da sociedade em termos de classe já não se apresenta como algo suficientemente explicativo das mazelas sociais. É nesse contexto que desponta a figura do empreendedor,

epítome da subjetividade neoliberal, paradigma do "indivíduo conquistador" (Ehrenberg, 1991), um apologista da autonomia, assumidamente responsável por sua segurança e por seu sucesso, capaz de realizar-se unicamente por meio de sua iniciativa pessoal, sem o apoio (suposto ou genuíno) de antigas redes de proteção urdidas e sustentadas socialmente (Freire Filho & Castellano, 2012: 193).

Desta forma, o "espírito da empresa", ao unir eficácia à responsabilidade, passa a ser também o meio mais indicado para se obter o bem comum, gerindo não só instituições públicas e privadas, mas também aparecendo como um modelo para gerência de si mesmo. "Empreender" já não seria mais um termo restrito às dinâmicas das empresas, ele estaria disposto por todo corpo social, apresentando-se também como solução "mais justa e mais eficaz de lutar contra a exclusão e as desigualdades de todas as ordens" (Ehrenberg, 2010: 117). Neste sentido, ao mesmo tempo em que suas conquistas pessoais e profissionais são experimentadas por meio da autorrealização e da autonomia, os fracassos também reverberam como uma questão pessoal (Castellano e Bakker, 2014). De acordo com Cristiana Ituassu (2012), a cultura do

empreendedorismo pode ser entendida como um processo pelo qual a empresa se tornou modelo de governo para a sociedade e de conduta para o indivíduo:

o empreendedorismo assumiu valor universal e passou a fazer parte da realidade das mais diversas organizações, levando a elas princípios empresariais que apregoam ousadia, flexibilidade, autonomia, disposição para correr riscos e perseguir objetivos. Nesse cenário, o indivíduo se percebe só e responsável pelo seu futuro, o que traz a necessidade de que assuma a gestão de si mesmo: cabe a ele combater a concorrência, determinar metas para si e avaliar seu próprio desempenho. A figura do empreendedor, o herói que faz tudo isso com eficiência, passa a ser exaltada: num mundo produtivista, transformar todo homem em um mostra-se essencial (Ituassu, 2012: 23).

Em um curioso movimento que alia a liberdade e a autonomia dos sujeitos sobre o rumo de suas vidas, teríamos como resultado uma forte autorreferência e a exaltação de um modo de vida autêntico, como propõe Ehrenberg (2010):

Hoje, cada um, independentemente de onde venha, deve realizar a façanha de tornar-se alguém por meio de sua própria singularização. Essa exigência implica não em uma identificação com um modelo superior estabelecido a priori, mas — com o pobre sendo livrado de sua indigência e o capitalista do capital — em forjar seu próprio modelo: ser bem-sucedido em ser alguém é empreender tornar-se si mesmo (2010: 172).

Absoluta em nossos tempos, a urgência em prosperar já não recorre somente à dignidade de um oficio bem feito ou à retribuição de esforços por meio de salários bem pagos. O que percebemos é a coexistência de duas novas dinâmicas que alteram o panorama do mundo laboral: por um lado, uma ênfase na possibilidade de autorrealização por meio do trabalho 108, tornando a atividade não só prazerosa, como também uma fonte de autoconhecimento e prestígio social. Por outro, a dissociação entre ser bem-sucedido, ter sucesso e riqueza e a necessidade de execução de uma atividade tradicional de trabalho. *Filho rico, filho vencedor* (2001) é um exemplo de como essa segunda característica também tem sua representação na miríade de temas tratados pela autoajuda. Se grande parte desse segmento editorial está impregnada de ideias sobre "autorrealização", "busca por um eu autêntico", "ser você mesmo" e outras imposições características da produção de uma subjetividade bastante singular,

-

¹⁰⁸ Para uma análise aprofundada sobre o ideal de felicidade no trabalho e sua representação no cinema, ver Bakker, 2012.

publicações na linha do aconselhamento financeiro se voltam expressivamente para uma das qualidades disseminadas no conjunto da autoajuda: a autonomia. Nesses livros, o ideal de autenticidade passa a estar a serviço, apenas, do enriquecimento (Castellano e Bakker, 2013).

4.2 – A mulher bem-sucedida

Se utilizarmos a oferta de livros de autoajuda como termômetro para medir as principais aspirações dos sujeitos contemporâneos, não seria muito dificil avaliarmos o quê, afinal, querem as mulheres. Elas querem um homem com quem possam construir um relacionamento amoroso estável. E elas também querem ficar magras e bonitas. A impressionante maioria dos títulos de autoajuda voltados especificamente para o público feminino gira em torno dessas duas temáticas, com forte predominância da primeira. É interessante a quase inexistência de livros desse filão dedicados especificamente aos homens. Aparentemente, os dilemas do coração são atributos exclusivos delas. Se os títulos que falam de sucesso e felicidade parecem ser unissex e trazem em seu bojo ensinamentos que servem, indistintamente, aos dois gêneros e às infinitas identidades sexuais — embora usem, obviamente, o gênero masculino genérico em sua linguagem — as obras destinadas ao aprimoramento da vida amorosa/conjugal têm um público bastante definido: as mulheres heterossexuais.

A procura por títulos voltados exclusivamente para o público feminino levou também a outra constatação: muitos livros de autoajuda trazem a marcação de gênero apenas como apelo mercadológico, pois o conteúdo, na maioria dos casos, não faz distinção entre os sexos, apenas insere, em determinados momentos, boxes com breves apontamentos dirigidos especificamente a elas.

Como vimos no primeiro capítulo, apenas no início do século XX as mulheres passam a ser protagonistas da literatura motivacional ensejada pelo mito do *self made-man*. Até então, sua participação nesse imaginário era vicária, normalmente a partir de algum papel importante na vida de um homem bem-sucedido: a mãe zelosa, a esposa dedicada, a filha amorosa... De acordo com Micki McGee (2005), a ideia de que as mulheres deveriam, por conta própria, buscar o sucesso, atrelado a uma carreira que lhe garantisse não só o sustento, mas algum tipo de compensação pessoal, só vai aparecer de maneira clara a partir da década de 1960, com a publicação de duas obras seminais: *Sex and the single girl*, de Helen Gurley Brown e *The feminine mystique*, de Betty Friedan.

O livro de Brown, um *bestseller* à sua época, inaugura a contradição que, como veremos adiante, é uma das marcas indeléveis da autoajuda feminina. Embora afirmasse que as mulheres solteiras deveriam perseguir sua própria satisfação, e não necessariamente o casamento, ele sugeria que o trabalho poderia ser mais do que uma forma mais ou menos prazerosa de passar o tempo, mas, principalmente, o contexto ideal para se conhecer um homem:

Agora vamos nos desligar dos homens por um momento e falar sobre o seu trabalho. (Não se preocupe, nós vamos voltar a eles!). O que você faz das nove às cinco tem tudo a ver com os homens, de qualquer forma. Um trabalho é uma maneira de chegar a eles. Ele também fornece o dinheiro com o qual você irá se vestir para eles e decorar o seu apartamento para eles... E o mais importante: um trabalho dá à mulher solteira algo para ser. Uma mulher casada já é alguma coisa. Ela é esposa do banqueiro, a esposa do *gangster*, a esposa do *cowboy*, a esposa do estrangulador, a esposa do condutor (do bonde ou da orquestra)... A mulher solteira é conhecida pelo que ela faz e não pelo fato de pertencer a alguém (Brown apud McGee, 2005: 39)

4.2.1: Vencedora de batom: o lugar do feminino

No princípio eu era a Eva Criada para a felicidade do Adão Mais tarde fui Maria Dando luz àquele Que traria a salvação Mas isso não bastaria Para eu encontrar perdão. Passei a ser Amélia A mulher de verdade Para a sociedade Não tinha a menor vaidade Mas sonhava com a igualdade. Muito tempo depois decidi: Não dá mais! Quero minha dignidade Tenho meus ideais! Hoje não sou só esposa ou filha Sou pai, mãe, arrimo de família Sou caminhoneira, taxista. Piloto de avião, policial feminina,

-

Tradução da autora. No original: Now we're going to turn off men for a while and talk about your job. (Don't worry, we'll get back to them!) What you do from nine to five has everything to do with men anyhow. A job is a way of getting to them. It also provides money with which to dress for them and dress up your apartment for them... Most importantly, a job gives a single woman something to be. A married woman already is something. She is the banker's wife, the gangster's wife, the wrangler's wife, the strangler's wife, the conductor's wife (streetcar or symphony)... A single woman is known by what she does rather than by whom she belogs to.

Operária em construção...
Ao mundo peço licença
Para atuar onde quiser
Meu sobrenome é COMPETÊNCIA
E meu nome é MULHER...!!!
(Sleiman, 2008: 15-16)

O poema acima foi retirado da introdução do livro *Marketing de B.A.T.O.M: atitudes que fazem da mulher uma vencedora*. Nele, Fádua Sleiman dedica um capítulo para cada característica que julga fundamental ao sucesso na vida profissional e cujas iniciais formam a palavra batom: batalha, assertividade, testosterona, orientação profissional e "marketing de guerrilha feminino". A personagem principal da publicação é apresentada como a "mulher Batom", aquela que "trabalha a auto-estima, acredita na família, zela pela prosperidade do país, é pró-ativa, amiga, companheira e deseja deixar para as próximas gerações frutos prósperos e sabedoria" (Sleiman, 2008: 107).

No capítulo "batalha", o discurso aborda o ambiente competitivo. Se esta é uma realidade que, como já comentamos, extrapola o âmbito profissional, a tática proposta pelo livro também não faz distinção entre as diferentes esferas: "No nosso cotidiano, seja na atividade social, profissional, familiar, no relacionamento humano, enfim, a todo instante, devemos empunhar as armas de que dispomos, na busca pela vitória" (Sleiman, 2008: 17). Embora não deixe claro o que pretende dizer com vitória na "atividade familiar" ou no "relacionamento humano", o livro segue tratando esses domínios indistintamente: "Qualquer parceiro, seja ele chefe, namorado, colaborador, empregado de casa, amigo. Se não está bom, demita! Sim, você pode demitir ou tirar da sua vida pessoas que, de alguma forma, o incomodam" (2008: 32).

Como é comum nos livros de autoajuda, a autora entremeia um discurso subjetivo a respeito da importância de uma mentalidade específica com dicas mais diretas sobre negócios e também incide em diversas contradições na construção dos argumentos, algo também corriqueiro nesse filão editorial. Depois de discorrer sobre a importância do empreendedorismo para os brasileiros, e antes de rechear o discurso com metáforas militares 110, ela propõe uma tomada de consciência em relação ao papel social que deve ser desempenhado pelo empreendedor:

_

¹¹⁰ Tais como: "Procure sempre sinalizar o foco do teu trabalho através de cores, bandeiras, flâmulas, *post-its* e outro recursos visuais. É o que fazem os generais que vão à frente de seus comandados. A flâmula que carregam é o significado maior do objetivo de guerra e o estímulo maior da batalha" (Sleiman, 2008: 21).

Questões de ordem ética se fazem cada vez mais urgentes. Como, por exemplo, saber se quem extrai a matéria-prima ou produz o insumo para o fornecedor está envolvido com a mão de obra infantil ou escrava. Esta é uma realidade que, devido ao acesso quase irrestrito à informação, revela-se com muita força no mundo atual. E devemos estar atentos, inclusive denunciando-a.

Um bom produto satisfaz não apenas ao cliente final, mas também à sociedade. A busca de uma sociedade justa é uma preocupação do empreendedor de sucesso, algo que hoje ainda é considerado um diferencial, mas que a cada dia se tornará requisito indispensável para as empresas (Sleiman, 2008: 18-19).

Em capítulos anteriores, argumentamos que a moral entendida como um elemento fundamental na consecução de uma vida de sucesso, ideia constante na literatura de autoajuda do século XIX, se torna rara nos livros publicados atualmente. Em alguns momentos, no entanto, esse conceito reaparece, transformado em algo que pode ser usado como moeda de troca, a partir de um uso instrumental. "Se nosso passado ou presente nos condena, como liderar uma equipe altamente eficaz?", indaga Sleiman (2008: 20).

A contradição no discurso da autora também pode ser percebida na abordagem do tema sucesso *versus* fracasso. Ao mesmo tempo em que lista entre as características comportamentais que determinam o sucesso da mulher empreendedora a capacidade de lidar de maneira positiva com o fracasso, entendido como uma possível "mola propulsora para se reerguer" (Sleiman, 2008: 106), na página seguinte, ela sugere como pensamento que "ajuda a firmar nossa mente e colabora com nosso crescimento" (Idem: 107) a frase "a dor e o fracasso são elementos estranhos à minha vida" (Idem).

No capítulo sobre Assertividade, a autora discorre sobre um período de sua juventude, quando morava na cidade de Mogi das Cruzes, interior de São Paulo. Sleiman conta que ela e a irmã eram proibidas pelo pai de passarem em frente às repúblicas ali instaladas, para não ficarem "na boca do povo" (2008: 25), "faladas" (Idem). Havia uma menina de sua escola, no entanto, que era "grande freqüentadora das fatídicas repúblicas dos alunos de engenharia e medicina" (2008:24), "conhecida de todos os rapazes" (2008:25). A história de Pamela, esse era o nome da moça, é contada no livro apenas para sermos informados de que hoje ela está "muito bem, obrigada. A Pamela está muitíssimo bem casada, é mãe de quatro filhos e é chamada de senhora". (2008: 25, grifo meu).

Em um livro voltado para o sucesso feminino publicado na primeira década do novo milênio é bastante peculiar que o conceito de felicidade utilizado pela autora passe pelo bom casamento, pela maternidade e pela controversa distinção de ser chamada de *senhora*. É difícil estabelecer alguma relação entre o tema do capítulo e a história narrada. A própria autora reconhece que a passagem nada tem a ver com assertividade, o que, segundo ela, poderia ser explicado pela dificuldade que as mulheres têm de ir direto ao assunto. Quando resolve falar sobre assertividade, porém, o exemplo que escolhe também é sintomático:

Não aceitem situações que a deixem angustiada, mesmo que sejam pequenas coisas. Quando a amiga pede emprestado aquele batom importado que já está acabando, não se acanhe em dizer: — Fulana... estou com receio de que o batom esteja acabando, pode ser outro?" (Sleiman, 2008: 27).

Aparentemente, no mundo da autora, as aspirações das mulheres passam por serem chamadas de *senhora* e suas angústias giram em torno do fim de um batom importado.

Em T de testosterona o livro embarca na concepção de *self neuroquímico* (Rose, 2007) e propõe explicações sobre a ação dos hormônios na conduta das mulheres. Buscando compreender o comportamento feminino não através de suas próprias peculiaridades, mas a partir da *falta*, a autora discorre sobre os problemas associados a uma baixa quantidade dos *bons hormônios* (abundantes nos homens) como a serotonina e a própria testosterona ("Alguns cientistas a chamam de Super-T. Sugestivo, não? Nós traduzimos essa sigla como Super Tesão" Sleiman, 2008:29). Somos informados de que esse hormônio é o responsável pelos traços masculinos de personalidade, como "confiança, agressividade, tendência dominadora, espírito aventureiro, alto grau de competitividade e uma grande tendência ao risco" (2008: 29). O raciocínio é concluído com a constatação de que se nós mulheres tivéssemos mais testosterona em nosso organismo nos sairíamos melhor em nossos empreendimentos "familiares e empresariais" (2008:29). Seríamos mais homens, em suma. "Quem diria que um dia precisaríamos ter 'aquilo roxo' como uma das ferramentas para nos sobressairmos no ambiente de trabalho?" (2008:28).

O tom equivocado da explicação fisiológica fica evidente quando Sleiman afirma que é devido à influência do estrogênio que encontramos poucas mulheres em posições de chefia nas grandes empresas. Toda a construção social que, durante séculos, definiu papéis específicos para os diferentes gêneros e ajudou a projetar uma explícita desigualdade em termos de poder é

descartada em nome da ação dos hormônios. Já as recentes transformações nesse quadro são descritas pela autora como "quando o homem passou a delegar a ela mais poder e responsabilidades" (2008: 43).

Algumas ações de marketing voltadas para o público feminino são elogiadas ao longo dos capítulos. "Uma das mais inteligentes (...) dos últimos tempos" (Sleiman, 2008: 28) teria sido a da empresa Porto Seguro, que, consciente da falta de capacidade das mulheres em apreender distâncias, implantou a venda de aparelhos de GPS para seus clientes, estabelecendo pacotes especiais para as mulheres, "que além de passarem a se familiarizar com a quilometragem, conseguiriam ficar de olho nos seus maridos" (2008: 29). Outra campanha digna de nota pela autora é a da Águas Ouro Fino, que lançou uma garrafa cor de rosa com a palavra "Woman" impressa.

Em um capítulo intitulado "Ken e Barbie", Sleiman exalta o que considera conquistas femininas, tais como a existência de eletrodomésticos voltados especificamente para elas e de carros com "design mais feminino" e com "espelho e luz no quebra-sol" (2008: 88). O automóvel, a propósito, é apresentado como "bem de consumo que é o sonho de qualquer sexo ou classe no mundo" (Idem). A explicação para a referência aos clássicos bonecos da Mattel aparece no parágrafo final da seção: "O mundo da Barbie retrata em muito o desejo da mulher contemporânea: chegar aos cinqüenta anos bonita, feliz, rica, independente, em seu próprio automóvel e com o Ken... sentado no banco ao lado!" (Sleiman, 2008: 89).

O empoderamento contemporâneo da mulher, de acordo com a autora, passaria por sua atitude diante do consumo, tal como propõe o chamado pós-feminismo. A partir dos argumentos apresentados no livro, a independência que deve ser buscada pelas mulheres envolve, basicamente, sua capacidade de dirigir o próprio carro, de comprar os próprios bens, de bancar seu luxo – afinal, elas "admitem o gosto pelo luxo e pelas marcas caras, mantendo sempre entre seus pertences algum produto de alto valor, pelo simples fato de poder 'exibir' às pessoas" (Sleiman, 2008: 54). O apego das mulheres ao consumo aparece na retórica do aconselhamento desde os tempos das histórias *rags-to-riches*, apresentadas no capítulo 1. Naquele contexto, ele aparecia através das esposas esbanjadoras que funcionavam como empecilho à prosperidade do marido.

Hoje, com a prerrogativa de decidir sobre a compra de produtos para a casa e também de influenciar as escolhas de parceiros e filhos, as mulheres são apresentadas por Sleiman como

"deusas do consumo" (Sleiman, 2008: 61). "Homens são de Marte. Mulheres são do Shopping" é o título do capítulo dedicado exclusivamente a avaliar esse tipo particular de empoderamento.

Além de tecer comentários gerais sobre a situação da mulher na contemporaneidade, Sleiman aconselha as leitoras que atuam especificamente na área de marketing e vendas:

A mulher BATOM precisa ter a mente orientada 100% ao marketing. Respirar estratégias de sucesso, lucro e receita o tempo todo, em todos os lugares. Este é o marketing de guerrilha feminino. Então vamos à luta! Separe suas armas, ou melhor, seus BATONS mais eficazes e fique atenta às seguintes dicas (Sleiman, 2008: 36).

As dicas listadas a seguir vão desde mensagens diretas como "Mantenha sua equipe uniformizada. Use o logotipo nas roupas e estimule seus funcionários a usarem, mesmo fora do seu horário de trabalho" (2008: 42), "use sempre palavras que influenciem positivamente as pessoas, tais como sucesso, agradável, poderoso, presente, maravilhoso, positivo, agradável, brilho" (Idem), até conselhos mais subjetivos "respire vendas o tempo todo, mesmo que as outras mulheres te achem uma chata" (2008: 40), passando por sugestões *nonsense* como "quando se tratar de vendas, utilize valores que finalizem com 9 e 5. Ex.: Juan Penedo" (2008: 42).

Em obras como essa, é comum a análise da concorrência por uma boa colocação no local de trabalho a partir da ideia de que as mulheres disputam as vagas apenas com outras mulheres. A competitividade, tão anunciada, e muitas vezes celebrada, nesses livros, é interpretada nesse segmento como uma característica particular do sexo feminino. A explicação, como de costume, passa pela necessidade primitiva de disputar um bom parceiro. Desde os tempos das cavernas as mulheres precisam se digladiar para conseguir o melhor *partido*, isso explicaria a falta de solidariedade verificada entre elas. É relevante que mesmo em publicações escritas por mulheres uma série de estereótipos associados ao gênero sejam reafirmados. A falta de controle, por exemplo, é uma constante: "Ao ser confrontada, a mulher tende a racionalizar como disputa pessoal, vê perigo eminente na disputa por um cargo, por um *macho* ou até pela relação com uma pessoa de cargo superior" (Sleiman, 2008: 68, grifo meu), assim como a atitude histérica e a falsidade, presentes da descrição de um encontro entre mulheres: "Somos um bando de gralhas. Gritinhos, beijinhos, chamados de querida, elogios, muitos deles falsos. Todas falando ao mesmo tempo, cada vez mais alto, para cobrir o som da mesa ao lado" (2008: 69).

A autora também lanca mão de uma das características mais comumente associadas ao universo feminino: o uso distinto das emoções. "Dá pra notar que este livro foi escrito com o coração: o órgão vital pelo qual circulam somente a verdade e a transparência durante nossa existência" (Sleiman, 2008). Se as atitudes dos homens são pautadas, sobretudo, por cálculos mentais e pelo uso predominante da razão, no caso das mulheres, as emoções seriam o preponderante. Nos livros que analisei no capítulo 3, as principais demandas apareciam através de conceitos como autonomia e responsabilidade, já no caso da autoajuda voltada para mulheres é outro termo que ganha força: o controle. A mulher vencedora precisa, antes de tudo, se controlar. Controlar as emoções, grandes vilãs às quais as mulheres são associadas de maneira sistemática – controlar, nesse sentido, o nível de autoestima, a insegurança, a raiva, a inveja, o ciúmes. Controlar os gastos, afinal, as mulheres são as deusas do consumo, como vimos acima, "mas vermelho, só no esmalte, não no saldo bancário" (Sleiman, 2008: 80). Controlar o peso – o que também é uma forma de autocontrole. Controlar as relações amorosas para que deságuem no destino desejado: o bom casamento. Controlar o marido, nem que seja com o GPS oferecido pela Porto Seguro. Controlar os filhos e a dinâmica da casa e daí por diante. A mulher descontrolada, assim, é a melhor representação da mulher fracassada 111.

A partir da leitura de diversos títulos e da análise específica deste livro, fica evidente que a literatura de autoajuda voltada para as mulheres torna ainda mais explícita a contradição como marca deste filão editorial. Embora reconheça a existência de um novo momento vivido pelas mulheres, e proponha a adoção de comportamento condizentes com esses novos papéis (associados a uma maior participação feminina em todas as esferas de poder), tais livros ainda alimentam uma série de estereótipos de gênero, sobretudo os associados aos arranjos familiares. A profissão da mulher, de acordo com o discurso apresentado por esses livros, deve ser pensada sempre em tensão com a importância que o relacionamento afetivo heterossexual desempenha em sua vida. É interessante, nesse sentido, como a heteronormatividade é presente nessas obras.

-

¹¹¹ Em um artigo em que analisa a reprodução de alguns estereótipos na autoajuda feminina, Brunelli (2012) cita títulos de capítulos do livro *Mulher em primeiro lugar: mãe de família ensina como cuidar da família, manter a boa forma e ser feliz no casamento*, de Kathryn Sansone, publicado no Brasil pela Sextante: "Por esse subtítulo notamos que o discurso de autoajuda também associa às mulheres os mesmos temas de sempre: cuidados com a família (maridos e filhos) e com a beleza. Alguns dos títulos das seções do livro também se referem à mesma temática. Por exemplo, sobre o tema da beleza temos: "Inclua a malhação na rotina diária" (Sansone, 2008: 64), "Mantenha-se em dia com o básico da beleza" (Sansone, 2008: 71); sobre o tema do casamento, há seções como: "Demonstre admiração por seu marido" (Sansone, 2008: 95), "Resgate a sensualidade dos tempos de namoro" (Sansone, 2008: 122); por fim, vejamos algumas seções sobre o tema da família: "Reúna a família" (Sansone, 2008: 161), "Crie um lar seguro" (Sansone, 2008: 162), "Faça das refeições um momento de alegria" (Sansone, 2008: 157), "Ensine as crianças a organizar a própria vida" (Sansone, 2008: 171)" (Brunelli, 2012: 113).

Em momento algum, nenhum dos livros analisados para esta tese cogitou a possibilidade de o relacionamento amoroso do leitor envolver pessoas do mesmo sexo. No caso do filão feminino isso é ainda mais evidente.

Partindo de uma percepção semelhante, Prado (2013) avalia o que chama de convocações biopolíticas em diversos artefatos midiáticos. Ao analisar as revistas femininas, em especial a *Nova*, o pesquisador destaca o quão enquadrados em um padrão muito específico estão os modelos de *feminino* apresentados pela publicação, o que corrobora o que vimos argumentando a respeito dos livros de aconselhamento:

Nas diversas colunas, no editorial, nas reportagens, nos anúncios, a leitora é convocada a se tornar sujeito desse discurso da mulher ativa, não submissa, embora um exame mais detido nos revelasse que essa submissão, se negada num primeiro momento, mais explícito, é devolvida num segundo, pois nem toda *atividade* cabe nesse discurso. Alguns modelos de atividade feminina estão fora dessa identidade da mulher de *Nova*. Ela não pode ser gorda, *queer*, tímida, socialista, detestar maquiagem, ser despreocupada com a moda ou politizada demais (Prado, 2013).

Uma das principais peculiaridades dessa categoria da autoajuda dedicada ao público feminino é o destaque dado às relações amorosas. Enquanto nos livros que não possuem marca de gênero essa questão aparece de forma bastante periférica, acessória, no caso do discurso direcionado às mulheres, a consecução e a manutenção de um relacionamento amoroso surge como o eixo central, a partir do qual podem ser desenvolvidos outros setores da vida. Vale destacar que não me refiro aos livros que oferecem aconselhamentos afetivos, que compõem certamente o filão de autoajuda feminina mais proficuo, e sim aos que teoricamente se propõem a turbinar a carreira das leitoras com o propósito de torná-las *vencedoras*.

Curiosamente, no livro *Como alcançar o sucesso* (Marden, 2011), publicado pela primeira vez em 1896, e que analiso no capítulo 2, Marden, em uma das raras passagens em que se dedica a falar sobre o sexo feminino, faz uma explanação que vai no sentido contrário do que percebemos nos livros contemporâneos a respeito da questão carreira *versus* casamento. Em um capítulo dedicado ao tema da vocação e do talento, ele, em tom de repúdio, dirige-se a elas:

Se precisam ganhar dinheiro, ficam satisfeitas em ficar de pé atrás de um balcão, ou dar aulas ano após ano para a mesma série, enquanto os homens que se formaram com vocês sobem os degraus rumo a magistérios e

melhores salários, e depois partam para o direito, a física, ou talvez o firmamento legislativo, ultrapassando todos as dificuldades e os obstáculos em seu caminho. Vocês, meninas, satisfeitas com a mediocridade, só têm olhos para a "grande chance": o casamento. Se você se casar com um homem rico – que significa casar bem, de acordo com o senso comum moderno -, você se veste mais elegantemente e cultiva um círculo de amizades de bom gosto, deixando que seu marido e seu pastor pensem por você, tornando-se, na economia da vida, uma pessoa suscetível e sem importância. Se você for fiel à grande paixão e aceitar com ela a pobreza, você cozinha, faz café, esfrega o chão, dá palmadas nas criancas e fala com sua vizinha por cima da cerca do quintal por diversão, passando os anos literalmente como um cavalo na esteira, tudo pela falta de propósito - um propósito suficientemente poderoso para converter o talento latente em uma pedra preciosa de beleza viva, uma forca criativa que torna todos os adjuntos secundários, como planetas ao redor de seu Sol central. Escolha um caminho ou chamado e domine-o em todos os seus detalhes, e, se for coroada com um casamento, ele apenas adicionará uma nova glória a seu trabalho (Marden, 2011: 61-62).

Em que pese, dentre outras questões, a falta de consideração do autor ao contexto histórico que explica a diferença de status vivenciada entre mulheres e homens, que ele prefere atribuir unicamente a uma falta de empenho ou ambição feminina, e também o desdém reservado a algumas ocupações, é significativo que um livro escrito em 1896 seja mais incisivo ao falar sobre a relação entre trabalho e vida conjugal do que algumas publicações do início do século XXI.

Muitas comparações propostas pelas publicações contemporâneas usam como contraponto as questões conjugais, a competição por um cargo, por exemplo, aparece frequentemente descrita como muito similar à luta pelo "homem ideal".

No mercado de trabalho, achar a vaga perfeita é o mesmo que encontrar o príncipe encantado montado num cavalo branco! Este é o sonho de toda mulher: um homem sem defeitos, uma família maravilhosa, o corpo sem celulite e o cargo de diretoria! Acorda, Cinderela! (Sleiman, 2008: 46).

A ordem em que os sonhos femininos são apresentados (homem > família > corpo > trabalho) não me parece aleatória. O chamamento ao final do parágrafo (Acorda, Cinderela!) dá a impressão de que a autora vai propor um questionamento a respeito de tais ideais que, segundo ela, conformariam a expectativa de vida feliz do público feminino em geral. Não é, no entanto, o que ocorre logo no parágrafo seguinte:

Mas isso é possível sim... Em ambas as situações, a mulher deve procurar se destacar das concorrentes, causando sempre o impacto necessário para se fazer notar de forma positiva. Ter autoconfiança, desenvolver as habilidades, ter comprometimento, buscar qualificação e acima de tudo, perceber a importância do marketing pessoal (2008, 46).

É significativo que todos os livros de autoajuda analisados para essa tese abordem a questão familiar principalmente a partir da concepção das famílias nucleares. De acordo com Gilberto Velho (1987), a ênfase nesse tipo de arranjo familiar ocorreu no período conhecido com o do Milagre Brasileiro (final dos anos 1960 e início da década de 1970), quando, em meio à vigência de uma ditadura militar, o país experimentava altas taxas de crescimento econômico. De acordo com o autor, tal conjuntura histórica reforçava o projeto individualizante de família nuclear, a partir da ampla veiculação de uma propaganda que ressaltava o consumo e o sucesso material. Assim, esse modelo de família desponta como paradigma da sociedade capitalista moderna: a família que compra, viaja, investe... Velho (1987) argumenta que, paralelamente a esse momento, ocorreu o enfraquecimento dos laços sociais com um universo mais amplo de parentes, amigos e vizinhos. Os dois fenômenos, desse modo, podem ser explicados a partir de um mesmo movimento.

Ainda de acordo com Velho (1987), a ideologia do individualismo pode ser percebida não apenas através do indivíduo biológico propriamente dito, mas, sim, também em sua relação com essa família nuclear, que está diretamente ligada a ele, em seus sucessos e fracassos. Essa situação, obviamente, é muito mais visível entre a classe média, que tem a possibilidade de habitar em casas e apartamentos separados, em moradias onde costumam viver apenas pais e filhos. Em regiões mais pobres das cidades, onde o acesso à moradia própria é difícil, muitos núcleos familiares vão se agrupando em torno de um mesmo terreno, nos famosos "puxadinhos", o que favorece o convívio de um número maior de parentes, que compõem uma espécie de concepção estendida da família. Não por acaso, também nessas localidades os laços estabelecidos com vizinhos costumam ser mais fortes.

A existência de um contexto social tão diferente entre as camadas médias urbanas, marcadas, dentre outras coisas, pela predominância da família nuclear, e as classes mais empobrecidas poderia sugerir uma limitação ao próprio espraiamento do imaginário propagado pela cultura da autoajuda. Tal mentalidade, no entanto, parece querer desafiar inclusive as barreiras materiais. Em um artigo que escrevi com o professor João Freire Filho e com a pesquisadora Isabela Fraga (Freire Filho, Castellano e Fraga, 2008), analisamos o programa de

TV *Casos de Família*, um *talk-show* vespertino que ia ao ar no SBT e tinha como propósito resolver imbróglios afetivos e domésticos de indivíduos oriundos da população paulistana de baixa renda.

Na edição do dia 08/09/2008, cujo tema era "Você passa muito tempo no banheiro", o problema abordado envolvia uma grande quantidade de pessoas vivendo sob o mesmo teto. Embora essa configuração doméstica apresentasse uma discrepância em relação ao modelo familiar privilegiado pela autoajuda, era a partir de uma de suas dimensões, o aconselhamento terapêutico, que as possíveis soluções eram buscadas. Em vez de mirar na questão material causadora dos desentendimentos, a apresentadora e o psicólogo convidado preferiam mudar o foco, sugerindo, dentre outras coisas, que os entrevistados "se ouvissem mais", fizessem uma "reflexão mais profunda", mesmo quando o caso versava, objetivamente, sobre 13 pessoas e um só banheiro (Freire Filho, Castellano e Fraga, 2008). Essa passagem ilustra, de forma bastante contundente, um movimento que vimos traçando ao longo de toda esta tese, ou seja, a transformação de problemas de base social em questões individuais, pessoais, que, como tal, devem ser resolvidas de forma particular, através do acionamento de capacidades e habilidades subjetivas, muitas delas promovidas pela cultura da autoajuda.

Conclusão

Quando Deus perguntou a Caim onde estava Abel, Caim replicou, zangado, com outra pergunta: "Sou por acaso o guardião do meu irmão?". O maior filósofo ético do nosso século, Emmanuel Levinas, comentou que dessa pergunta zangada de Caim começou toda a imoralidade. É claro que sou o guardião do meu irmão; e sou e permaneço uma pessoa moral enquanto não pergunto por uma razão especial para sê-lo. Quer eu admita, quer, não, sou o guardião do meu irmão porque o bem-estar do meu irmão depende do que eu faço e do que me abstenho de fazer. E sou uma pessoa moral porque reconheço essa dependência e aceito a responsabilidade que ela implica. No momento em que questiono essa dependência, e peço, como fez Caim, que me dêem razões para que eu me preocupe, renuncio à minha responsabilidade e deixo de ser um ser moral. A dependência de meu irmão é o que me faz um ser ético. A dependência e a ética estão juntas, e juntas elas caem (Bauman, 2008: 96).

No trecho supracitado, podemos perceber a ideia de que a medida do padrão ético de uma sociedade pode ser dada pela responsabilidade que as pessoas assumem pela humanidade dos outros. De acordo com essa percepção, a moralidade poderia ser estimada a partir do quanto um indivíduo se sente implicado pela condição de outrem. Talvez essa passagem ajude a explicar o fator subjetivo da minha atração por esse tema específico de pesquisa. Ao desonerar os sujeitos da responsabilidade pelas trajetórias alheias, impondo como única e sagrada preocupação a responsabilidade consigo mesmo, a autoajuda contribui para a criação de uma ética particular. Embora não seja, decerto, a única formadora da mentalidade contemporânea, a autoajuda desempenha um papel fundamental na produção da subjetividade a partir da qual julgamos nossa própria *performance* no mundo e avaliamos os sucessos e fracassos dos outros.

Com isso, não pretendo afirmar em tom de denúncia moralista quão *má* pode ser a autoajuda, o que resultaria, certamente, em uma simplificação da argumentação que venho construindo ao longo de todo este trabalho. A questão que está na base desta tese não é a discussão sobre o quanto egoístas a autoajuda pode nos tornar, mas, sim, que tipo de moralidade ela privilegia e quais modelos específicos de sujeito, em detrimentos de outros, ela ajuda a consolidar. Busquei, nesse sentido, analisar criticamente os efeitos de poder associados

aos padrões de comportamento estipulados como problemáticos e adequados por esse gênero editorial e destacar o processo de diminuição da atribuição coletiva e política dos transtornos e aflições compartilhados socialmente.

Um dos pontos principais da minha alegação se refere ao modo como os valores difundidos pela autoajuda, tais como a responsabilidade individual, a autonomia financeira e o autocontrole, servem como práticas de governamentalidade na construção de homens e mulheres "responsáveis" e altamente engajados na condução da própria vida a partir de um ponto de vista estritamente racional e quantificável, além de favorecerem o comprometimento com uma série de práticas de autorreflexão e autocontrole. A ideia de normalidade promovida pela autoajuda, dessa forma, é bastante diferente daquela verificada no contexto das sociedades disciplinares. Mais do que simplesmente um desejo de "normalização", essa noção aparece cada vez mais associada a uma vontade de superação, à busca por um "eu ideal", um "eu vencedor".

Logo no início da tese, argumentei que a noção contemporânea de vencedor é um dado novo na nossa história ao destacar a inexistência da versão subjetivada do termo nos dicionários mais prestigiosos do nosso país até os anos 2000, o que torna mais fácil a percepção de sua condição de construto social.

Além da própria noção maniqueísta que subjaz nessa divisão dos indivíduos entre vencedores e fracassados, pareciam-me muito equivocadas as formulações feitas a respeito desses dois modelos de conduta. A ideia de vencedor tal como nos apresentam esses livros é bastante recente e suas origens, como vimos, datam do momento de ascensão de um tipo de cultura empresarial que teve como mérito a capacidade de transpor para outras esferas suas premissas sobre o que seria uma vida bem sucedida.

Essa concepção estrita e institucionalizada de sucesso tem sua dinâmica original circunscrita aos processos de *management* (e, portanto, ligada a questões como mercado, metas, lucro, concorrência) e sua base geográfica nos Estados Unidos. A chegada desse imaginário ao Brasil foi favorecida pela propagação de um discurso imperativo sobre a necessidade de modernização e progresso do país, sobretudo no que se referisse aos processos organizacionais, o que trouxe no seu bojo não apenas imposições sobre questões práticas, mas também novos valores, formas de pensar, crenças e visões de mundo. O período em que essas práticas desembarcaram no Brasil, portanto, é fundamental para entendemos como uma

mentalidade surgida nos Estados Unidos e fortemente baseada na questão do protestantismo ascético conseguiu prosperar em um contexto tão diferente.

É importante destacar, nesse sentido, que, ao se disseminar por aqui, tal imaginário já estava em uma fase em que as questões religiosas, ligadas, por exemplo, à crença no trabalho orientado pela vocação, haviam perdido força. No final do capitulo 1, quando abordei o mito do self-made man, tratei das transformações pelas quais passou a concepção de sucesso nos Estados Unidos, que pode ser representada de maneira esquemática pela passagem da noção de caráter para a de personalidade. Quando chegam ao Brasil, portanto, tais ideias já estão transformadas e perderam em muito sua característica inicial, com roupagens laicas e adaptadas a demandas específicas de uma nova etapa do capitalismo. Dessa forma, conclui-se que se a formação dessa mentalidade, nos Estados Unidos, contou com uma conjuntura social e religiosa bastante peculiar e dificilmente transponível, sua adoção no Brasil e em outras partes do mundo se dá em um contexto completamente diferente, não só pelas especificidades locais, mas, principalmente, porque as mesmas práticas e imaginários já estavam transformados, embora trouxessem decerto a marca de sua gênese.

Se os conceitos ganham novos significados ao longo do tempo, é certo que as características que conformam, hoje, essa mentalidade apresentam uma dimensão ainda mais expressiva graças a um movimento que transformou a autoajuda em algo maior do que um mero filão editorial. O que venho chamando de "cultura da autoajuda" refere-se, em suma, à configuração de um ethos, no sentido proposto por Geertz (1978), como uma forma de estar no mundo, uma representação dos aspectos morais e estéticos valorativos de uma cultura determinada, que sai do domínio das grandes corporações e passa a configurar, também, e crescentemente, o ambiente escolar, as práticas terapêuticas de cuidado do corpo e da alma, a criação dos filhos, os relacionamentos amorosos, a manutenção de laços de amizade, e, o que talvez seja mais significativo, as políticas públicas.

Sobre fracassos e vitórias

Na ocasião das Olimpíadas de Londres, em 2012, o atleta Diego Hipólito cometeu um erro em sua apresentação de solo e acabou desclassificado da competição. O atleta, um dos maiores nomes do esporte no Brasil, 17 vezes campeão mundial, saiu do ginásio pedindo

desculpas aos brasileiros por "mais um fracasso", 112. Nas Olimpíadas de Pequim, quatro anos antes, havia cometido uma falta parecida. Diego, no entanto, não foi o único atleta brasileiro a pedir desculpas ao país após perder uma competição naquelas Olimpíadas. Por que nos pediam desculpas aqueles que haviam perdido uma competição que prevê perdedores? Que contexto social pode ter transformado o fracasso em algo tão terrível?

Se o fracasso não pode estar no campo das possibilidades, onde ele parece sempre figurar, temos um problema. Mas esse não é o único. Vários autores que se dedicam a analisar a contemporaneidade falam do mal-estar causado pela exigência do *self ideal* que cria a sensação de uma linha de chegada que está sempre se afastando. Ao mesmo tempo, esse mesmo imaginário estipula a linha de chegada como o único fim possível, já que é importante ser um *vencedor*, e quem vence não apenas completou a prova, mas chegou em primeiro lugar, o que nos leva a uma situação paradoxal. "O importante é competir" parece não fazer mais tanto sentido, talvez porque competir já não seja uma mera opção. Em momento algum, todavia, é questionado o fato de não caber todo mundo no pódio.

Um dos aspectos problemáticos dessa concepção de vitória é que ela pressupõe a quantificação do sucesso, através de um exercício constante e intensivo de ranqueamento de tudo. A questão é que na vida poucas coisas que importam, ou deveriam importar, são passíveis de classificação. Logo, tais coisas ficam de fora do espectro do que *interessa*, do que pode ser colocado no currículo. É esse mesmo tipo de raciocínio que explica o que pode haver de tão contestável em se entender a meritocracia como ideologia e não somente como critério lógico de ordenação social.

Resultados práticos dessa divisão entre fracassados e vencedores podem ser percebidos, por exemplo, no estigma criado por parte das classes médias brasileiras (e a mídia que a representa) sobre os usuários de programas sociais do governo como o bolsa família. Afinal, fracassado, como vimos nas obras analisadas nesta tese, é aquele que imputa aos outros a responsabilidade por suas derrotas, que prefere se "acomodar" na rede de proteção oferecida pelo Estado, que fica esperando as boas oportunidades aparecerem, que se contenta com pouco, que prefere o papel de vítima, de *sujeitado* etc. Como muito bem descreveu Bourdieu em seu clássico *A distinção* (2008), a classe média sempre esteve às voltas com questões de legitimidade, ou, para nos atermos ao imaginário que analisamos, com *problemas de*

-

¹¹² Em um artigo publicado na revista *Carta Capital* (edição de 29 de julho de 2012), intitulado "Diego Hypólito e a falácia do perdedor", o jornalista Fernando Vives analisa os significados que podem ser aferidos a partir dessa fala do atleta, como a nossa dificuldade em lidar com a derrota.

autoestima. Nesse sentido, podemos interpretar a vontade latente de classificação do outro como o fracassado a partir de um processo reflexivo e constante de exclusão e legitimação. A representação do fracasso contemporâneo, comparada às verificadas em outros contextos históricos, é, a propósito, o tema a partir do qual pretendo dar continuidade a esta pesquisa.

Cabe ressaltar, no entanto, que o imaginário aqui analisado tem seus vencedores. O receituário do sucesso e da felicidade dispõe, certamente, de ótimos garotos-propaganda. Muitos deles chegaram ao tão sonhado topo, transformaram *proatividade* e *atitude* em rendimentos, e, *independentes* e *autônomos*, posam sorrindo em capas de revista. Alguns, inclusive, escrevem livros de autoajuda. A mentalidade do empreendedorismo, da vida encarada como uma eterna competição, não é só uma grande dissipadora de sofrimento e ansiedade. Ela pode ser estimulante e até mesmo recompensadora. Resta verificar a proporção de campeões e derrotados e saber se tal proporção é destacada ao se vender tal modelo indistintamente.

É certo, por fim, que existem áreas de escapes. A autoajuda, embora seja uma mentalidade que apresenta um invejável fôlego mercadológico e uma impressionante capacidade de influenciar outras esferas, não atua como um vírus que se espalha e contamina mentes e corações por onde seus livros – e ideias – circulam. Embora não tenha figurado entre os objetivos desta tese uma pesquisa de recepção para entendermos como, de fato, a autoajuda é percebida pelos seus leitores, a simples observação de como os indivíduos levam suas vidas e constroem suas sociabilidades cotidianas mostra que a ideia foucaultiana de que todo poder produz sua própria resistência também pode ser verificada aqui. Ainda há – felizmente – espaço para as relações humanas desinteressadas, para os amores não-instrumentais, para o ócio nada criativo, para os pais pobres heróis, para significativos encontros entre *sujeitos* e *sujeitados*, para a solidariedade sem julgamento com os que não conseguiram.

Em termos macro, podemos pensar nos recentes movimentos tais como o Occupy Wall Street ou o dos jovens europeus autointitulados "indignados" que foram pras ruas em 2011¹¹³— e suas repercussões mundo afora — como um sinal de que talvez as pessoas não estejam exatamente felizes com os rumos que as sociedades capitalistas ocidentais estão tomando. Ao ocuparem as praças públicas, esses movimentos mostram que não será tão fácil a materialização de alguns pressupostos da autoajuda que se pretendem hegemônicos, traduzidos de maneira lapidar pela profecia de Margareth Thatcher, já citada nessa tese, quando afirmou que "essa tal de sociedade não existe, o que existem são pessoas e suas famílias".

_

¹¹³ El País, 29/04/2011.

É bom lembrar, porém, que décadas atrás, outros movimentos de questionamento à ordem também tiveram força e, embora tenham conseguido fomentar algumas mudanças sociais, não impediram que determinadas mentalidades seguissem suas marchas. A reversão desse cenário, com a ampliação e não o encolhimento das possibilidades de resistência, a meu ver, passa, necessariamente, pela complexificação da discussão a respeito desse imaginário, pela relativização de suas demandas e pela análise crítica de seus propósitos. Meu principal intuito ao longo deste trabalho foi justamente esse: propor uma contextualização da emergência dos sentidos atribuídos ao conceito de vitória como algo que se encerra em si mesmo, um fenômeno localizado historicamente, embora seja vendido (literalmente) como uma aspiração natural do seres humanos, um desejo latente no *self* de todos, esperando ser revelado a qualquer momento, sobretudo a partir das "lições de vida" contidas em algum livro de autoajuda. A desnaturalização de determinados pressupostos a respeito do que é, em suma, ser um vencedor (ou um fracassado) nos dias de hoje é um exercício constante e, a meu ver, necessário. Espero que este trabalho tenha contribuído nesse sentido e que a ele se juntem outros, com outras perspectivas, orientações, mas ensejados pelo mesmo mal-estar.

Bibliografia:

Fontes primárias:

ALEMANY, Cristina. Para uma garota vencedora. São Paulo: V&R Editoras, 2005.

AUSTIN, Dra. Linda. O que está te segurando? 8 escolhas decisivas para as mulheres conquistarem o sucesso. São Paulo: Cultrix, 2008.

BEATTIE, Melody. Co-dependência nunca mais. Rio de Janeiro: Nova Era, 2009.

CARNEGIE, Dale. *Como fazer amigos e influenciar pessoas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1985.

CHOPRA, Deepak. As sete leis espirituais do sucesso. Rio de Janeiro: BestSeller, 2009.

CURY, Augusto Jorge. *Você é insubstituível: este livro revela a sua biografia*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

FREITAS, Tony de. *Jovens vencedores. Aprendendo como conquistar o que se quer.* São Paulo: Celebris, 2004.

GALO, Carla. Sucesso de A a Z. *Vocabulário dos vencedores*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

KIYOSAKI, Robert T. e LECHTER, Sharon L. Filho rico, filho vencedor. Como preparar seu filho para ganhar dinheiro. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

_____. Pai rico, pai pobre. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

LERMEN, Eneida. O despertar do espírito dos vencedores. São Paulo: Cultrix, 1995.

LYLES, Dick. *Hábitos vencedores. 4 segredos que irão mudar sua vida*. São Paulo: Editora Landscape, 2004.

MARDEN, Orison Swett. Como alcançar o sucesso. São Paulo: Rai, 2011.

MARINS FILHO, Luiz A. Socorro! Tenho medo de vencer. São Paulo: Editora Harbra, 1998.

MORAIS, Daniel de. Sucesso ou fracasso? 21 leis do poder. Curitiba: Editora Vista, 2007.

MORGAN, Thomas. Só é fracassado quem quer. São Paulo: Ediouro, 1989.

MORSCHITZKY, Hans. Como vencer o medo de fracassar. Petrópolis: Vozes, 2007.

OKAWA, Ryuho. *Pensamento vencedor. Estratégias para transformar o fracasso em sucesso.* São Paulo: Cultrix, 2008.

REGINA, Gilclér. A essência dos vencedores. Maringá: Editora Ideia, 2010.

ROMÃO, César. Rota dos vencedores. São Paulo: Editora Academia da Inteligência, 2009.

SIEGER, Robin. Vencedores natos. Lisboa: Actual Editora, 2007.

SLEIMAN, Fádua. *Marketing de B.A.T.O.M. Atitudes que fazem da mulher uma vencedora!* Curitiba: Coração Brasil, 2008.

SMILES, Samuel. Ajude-se. São Paulo: Rai, 2012.

TOLLE, Eckhart Tolle. *Um novo mundo. O despertar de uma nova consciência*. Rio de Janeiro: Sextante, 2007.

URBAN, Marisa. S.O.S. Sujeito ou sujeitado. Definindo seu sucesso ou seu fracasso. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2010.

VENETIANER, Tom. Sucesso pessoal. O segredo dos vencedores. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

VENTAJA, Osvaldo Godov. Templo dos Vencedores. São Paulo: DPL, 2002.

Revistas e Jornais:

VEJA. A descoberta da ambição. Ano 39, n. 8, ed. 1945, 2006, p. 54-61.

O GLOBO. Sri Sri Ravi Shankar comanda meditação coletiva na Cinelândia. Publicado em 02/09/2012. Versão digital disponível em: http://oglobo.globo.com/rio/sri-sri-ravi-shankar-comanda-meditacao-coletiva-na-cinelandia-598 0355

FOLHA DE S. PAULO. O século de Max. Caderno Mais!, 11 de abril de 1999.

FOLHA DE S. PAULO. Partidão. Perfil Thor Batista. Mercado, 13 fev. 2011.

Fontes secundárias:

ARGÜELLO, Katie. O mundo perfeito: nem possível, nem desejável. Racionalidade, ética e política na sociologia jurídica weberiana. In: SOUZA, Jessé (org.). *O malandro e o*

protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999, p. 137-170.

ARRUDA, Maria Martha Bruno de. Conexão, informação e bem-estar: imaginários de sucesso na propaganda de *smartphones* no Brasil. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

BAKKER, Bruna. Trabalhando para si: felicidade e capital humano no cinema dos anos 2000. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura. Escola de Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

_____. Greed is good (and legal): mercado, empreendedorismo e caráter nos filmes *Wall Street*. Artigo ainda não publicado, 2011.

BARBOSA, Livia. *Igualdade e meritocracia. A ética do desempenho nas sociedades modernas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

BARROS, Eduardo Paes de. A Construção do Sucesso na Revista Veja. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Semiótica, PUC-SP, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. Sociedade individualizada. Vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

. A arte da vida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BECK, Ulrich. Risk society: towards a new modernity. Londres: Sage, 1992.

BECKER, Dana. *The myth of empowerment: women and the therapeutic culture in America*. Nova York: New York University Press, 2005.

BELLAH, Robert et al. *Habits of the heart: individualism and commitment in American life.* Nova York: Harper and Row, 1985.

_____. Comunitarismo ou liberalismo? Brasil e Estados Unidos em debate. In: SOUZA, Jessé (org.). *O malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999, p. 295-317.

BEST, Amy. Prom night: youth, schools, and popular culture. New York: Routledge, 2000.

BEZERRA, Benilton. O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica. In: PLASTINO, Carlos Alberto (Org.). *Transgressões*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002. p. 229-239.

_____. A psiquiatria e a gestão tecnológica do bem-estar. In: FREIRE FILHO, João. Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BLACKMAN, Lisa. Self-help, media cultures and the production of female psychopathology. *European Journal of Cultural Studies*, no 2, p. 219-236, 2004.

BOLTANSKI, Luc e CHIAPELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

BRUNELLI, Anna Flora. Estereótipos da mulher no discurso de autoajuda. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 13, n.2, 2012.

BURCHELL, Graham et al (orgs.). The Foucault effect: studies in governmentality. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

CÂNDIDO, Antonio. Prefăcio. In: HOLANDA, Sérgio Burque de. *Raizes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARRARA, Sérgio Luís e RUSSO, Jane Araújo. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a auto-ajuda. *História, Ciências, Saúde*. Rio de Janeiro, vol. 9(2): 273-90, maio-ago. 2002.

CASTRO, Edgardo. Vocabulário de Foucault. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CATANO, James V. *Ragged dicks. Masculinity, steel, and the rhetoric of the self-made man.* Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press, 2001.

CHAGAS, Arnaldo. *O sujeito imaginário no discurso de auto-ajuda*. Ijuí, Rio Grande do Sul: Unijuí, 2002.

COSTA, Jurandir Freire. O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004; p. 185-202.

CRUZ, Mareska Roberta. *Contracultura e religiões alternativas*. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/graduacao/anais/mareska_cruz.pdf. Consultado em maio de 2010. DA MATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

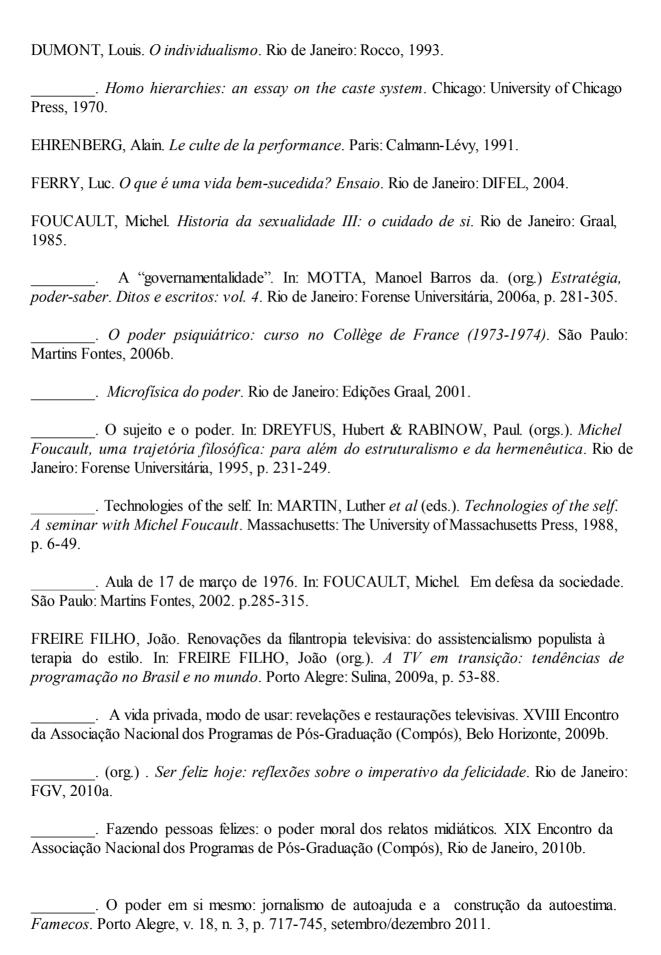
D'ANDREA, Anthony A. F. O self perfeito e a Nova Era: individualismo e reflexividade em religiões pós-tradicionais. São Paulo: Loyola, 2000.

DECKER, Jeffrey Louis. *Made in America. Self-styled success from Horatio Alger to Oprah Winfrey.* Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum*. Sobre as sociedades de controle. In:_____. *Conversações*. São Paulo : Ed. 34, 2008, p.219-226.

DRESSER, Horatio. *A history of the New Thought movement*. Cornerstone Publishing, 2001. Disponível em: http://www.surrenderworks.com/library/downloads/dresser.pdf

DUARTE, Luiz F. E CARVALHO, Emilio N. de. Religião e psicanálise no Brasil contemporâneo: novas e velhas *Weltanschauungen. Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 48 nº 2, 2005.



_____. "Autoestima é tudo!": anotações para um *Dicionário de ideias feitas sobre a felicidade*. In: FREIRE FILHO, João; RIBEIRO, Ana Paula Goulart e HERSCHMANN, Micael (orgs.). *Entretenimento, Felicidade e Memória: Forças moventes do contemporâneo*. Rio de Janeiro: Anadarco, 2012.

_____. Apologias da ambição: a ética e a ciência do sucesso em *Veja* e *Istoé*. XXII Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação (Compós), Salvador, 2013.

FREIRE FILHO, João, CASTELLANO, Mayka, FRAGA, Isabela. "Essa tal de sociedade não existe...": O privado, o popular e o perito no *talk show Casos de Família. E-Compós*, v. 11, n□ 2, 2008.

FREIRE FILHO, João e CASTELLANO, Mayka. Eike Batista, "o bilionário popstar": um estudo sobre a celebração midiática do empreendedorismo. In: FRANÇA, Vera e OLIVEIRA, Luciana de. (orgs.) *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FREIRE FILHO, João e COELHO, Maria das Graças Pinto (orgs.). *A promoção do capital humano: mídia, subjetividade e o novo espírito do capitalismo*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FUREDI, Frank. *Therapy culture. Cultivating vulnerability in an uncertain age.* Londres: Routledge, 2004.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

GORZ, André. O imaterial: conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.

GRISWOLD, Alfred. New Thought: a cult of success. *American Journal of Sociology*, v. 40, n. 3, nov., 1934.

GROS, Frédéric. O cuidado de si em Michel Foucault. In: RAGO, Margareth & VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 127 – 138.

HACKING, Ian. Ontologia histórica. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009.

HAZLEDEN, Rebecca. Love yourself: the relationship of the self with itself in popular self-help texts. *Journal of Sociology*. v. 39, no 4, p. 413-428, 2003.

HOLANDA, Sérgio Burque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOOVER, Herbert. American individualism. Honolulu: University Press of the Pacific, 2004.

ILLOUZ, Eva. Saving the modern soul. Therapy, emotions, and the culture of self-help. Los Angeles: University of California Press, 2008.

IMBER, Jonathan (ed.). Therapy culture: triumph and defeat. New Jersey: Transaction, 2004.

ITUASSU, Cristiana Trindade. O sentido do sucesso: uma construção social *made in USA*. Tese de doutorado. Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, 2012.

JAMES, Oliver. *Juvenile violence in a winner-loser culture*. Nova York: Free Association Books, 1995.

LASCH, Christopher. A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperança em declínio. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LIPOVETSKY, Gilles. A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos. Barueri, SP: Manole, 2005.

_____. A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LUCKMANN, Thomas. The invisible religion. Nova York: Macmillan, 1967.

LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O Brasil da Nova Era. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MARKETDATA. The U.S. Market For SelfImprovement Products & Services. Press Release. 2010. Disponível em: http://www.marketdataenterprises.com/pressreleases/SIMkt2010PR.pdf

MATOS, Patrícia. De vergonha a orgulho: consumo, capital simbólico e a ressignificação midiática da cultura *nerd*. Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fortaleza, 2012.

_____. O *nerd* virou *cool*: identidade, consumo midiático e capital simbólico em uma cultura juvenil em ascensão. Anais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. São Paulo, 2011.

McGEE, Micki. Self-Help, Inc. Makeover culture in American life. Nova York: Oxford University Press, 2005.

MILLER, Toby & MCHOUL, Alec. Helping the self. Social Text 57, v. 16, no 4, 1998.

MOOG, Clodomir Viana. *Bandeirantes e pioneiros*. Lisboa: Livros do Brasil, [s.d].

MOREIRA, Roberto. Weber e o mal-estar colonial. In: SOUZA, Jessé (org.). *O malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999, p.195-210.

MORONE, James. Good for nothing. *London Review of Books*, v. 27, n. 10, may 2005, p. 18-20.

MORRIS, Robert John. Samuel Smiles and the genesis of Self-Help: the retreat to a petit bourgeois utopia. *The Historical Journal*, v. 24, n□ 1, p. 89-109, 1981.

NISSLEY, Tom. *Intimate and authentic economies: the American self-made man from Douglass to Chaplin*. New York: Routledge, 2003.

OLIVEIRA, Luciana. Nódulos de dádiva: religião, individualismo e comunicação nas sociedades contemporâneas – as redes da Nova Era. Dissertação de mestrado (Sociologia). Universidade Federal de Minas Gerais, 2000.

OLIVEIRA, Luís R. Cardoso. Entre o justo e o solidário: os dilemas dos direitos de cidadania no Brasil e nos Estados Unidos. In: SOUZA, Jessé (org.). *O malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999, p.264-294.

ORTEGA, Francisco. Neurociências, neurocultura e autoajuda cerebral. *Interface*, v.13, n□ 31, p. 247-260, 2009.

PAIVA, Angela. Luzes weberianas na comparação entre as esferas religiosas do Brasil e dos Estados Unidos. In: SOUZA, Jessé (org.). *O malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999, p. 257-263.

PRADO, José Luiz Aidar. O perfil dos vencedores em Veja. *Revista Fronteira* (UNISINOS), Porto Alegre, v. V, n.2, p. 77-96, 2003.

_____. Experiência e receituário performativo na mídia impressa. *In Texto* (UFRGS. Online), v. 1, p. 34-47, 2009.

_____. De navios a estrelas: a construção biopolítica do eu capital. In: FREIRE FILHO, João e COELHO, Maria das Graças Pinto (orgs.). *A promoção do capital humano: mídia, subjetividade e o novo espírito do capitalismo*. Porto Alegre: Sulina, 2011a, p. 51-72.

_____. Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2013.

PRADO, José Luiz Aidar e MOASSAB, Andréia. O programa Bolsa Família na revista *Veja*: assistencialismo governamental ou ressentimento midiático? *E-Compós* (Brasília), v. 14, p. 1-19, 2011b.

RAMAGE, John. Twentieth-century american success rhetoric. How to construct a suitable self. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2005.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIESMAN, David. A multidão solitária. São Paulo: Perspectiva, 1995.

RIMKE, Heidi Marie. Governing citizens through self-help literature. *Cultural Studies*, v. 14, nº l, p. 61-78, 2000.

RISÉRIO, Antonio. Duas ou três coisas sobre a Contracultura no Brasil. In: RISÉRIO, Antonio *et al. Anos 70: Trajetórias.* São Paulo: Iluminuras/ Itaú Cultural, 2005, p. 25-30.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel (Org.). *Cultura e Subjetividade*. Campinas, SP: Papirus, 1997. p. 19-24.

RONSINI, Veneza Mayora. A crença no mérito e a desigualdade. A recepção da telenovela do horário nobre. Porto Alegre: Sulina, 2012.

______. A ideologia meritocrática na novela das oito e a reprodução das desigualdades de classe. Anais do XX Encontro Nacional da Compós, Porto Alegre: UFRGS, 2011a.

______. Apontamentos sobre classe social em um estudo de recepção. In: FREIRE FILHO, João e BORGES, Gabriela (orgs.). Estudos de televisão - Diálogos Brasil-Portugal. Porto Alegre: Sulina, 2011b, p. 373-403.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos selfs: psicologia, poder e subjetividade. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu.* Petrópolis-RJ: Vozes, 1998, pp. 30-45.

______. *Powers of freedom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
______. Psicologia como uma ciência social. *Psicologia & Sociedade*, n. 20, v. 2, p.155-164, 2008.

. Governing the soul: the shaping of the private self. London: Routledge, 1990.

_____. The politics of life itself: biomedicine, power, and subjectivity in the twenty-first century. Princeton: Princeton University Press, 2007.

RÜDIGER, Francisco. *Literatura de auto-ajuda e individualismo*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996.

RYAN, Richard & DECI, Edward. On happiness and human potentials: a review of research on hedonic and eudaimonic well-being. *Annual Review of Psychology*, v. 52, p. 141-166, 2001.

SALGADO, Julia. De Confissões Pessoais ao Compartilhamento Geral: mudanças nas representações midiáticas da juventude. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura. ECO/UFRJ, 2011.

SANDAGE, Scott A. *Born Losers: a history of failure in America*. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

SANTANA, Geisa Daniela de Carvalho Landim. A ilusão do discurso de auto-ajuda: um receituário para a manutenção do status quo. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Vale do Rio Verde, 2007.

SENNETT, Richard. <i>O declínio do homem público: as tiranias da intimidade</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
A corrosão do caráter. Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2007.
SIBILIA, Paula. O show do eu: A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
Felicidade lipoaspirada. In: FREIRE FILHO, João (Org.). Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
A escola no mundo hiperconectado: Redes em vez de muros? <i>Matrizes</i> , ano 5, nº 2 jan./jun, p. 195-211, São Paulo, 2012.
SOARES, Luiz Eduardo. A duplicidade da cultura brasileira. In: SOUZA, Jessé (org.). <i>O malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira</i> . Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
SONTAG, Susan. A doença como metáfora. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
SOUZA, Jessé (org.). <i>O malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira</i> . Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.
(org.). <i>Multiculturalismo e racismo: uma comparação Brasil e Estados Unidos.</i> Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
SUSMAN, Warren. Culture as History. The transformation of American society in the twentieth century. Washington: Smithsonian Institution Press, 2003.
TAYLOR, Charles. <i>As fontes do self: a construção da identidade moderna</i> . São Paulo: Loyola, 2005.
A ética da autenticidade. Lisboa: Edições 70, 2009.
<i>Uma era secular</i> . São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2010.
TOCQUEVILLE, Alexis de. Democracia na América. São Paulo: Nacional, 1969.
TRAUBE, Elizabeth G. Secrets of Success in Postmodern Society. <i>Cultural Anthropology</i> , vol. 4, n. 3, Aug., 1989, pp. 273-300.
TRILLING, Lionel. <i>Sincerity and authenticity</i> . Londres: Oxford University Press, 1972.

TUCKER, James. New Age religion and the cult of the self. Society. Janeiro e fevereiro, 2002.

TURMINA, Adriana Cláudia. Mudar para manter: a auto-ajuda como a nova pedagogia do capital. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

VAZ, Paulo. A vida feliz das vítimas. In: FREIRE FILHO, João (org.). Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: FGV, 2010, p. 135-164.

______. Doença mental e consumo nas revistas semanais brasileiras. *E-Compós* (Brasília), v. 15, p. 17-33, 2012.

VAZ, Paulo e PORTUGAL, Daniel. A felicidade é química e pode ser vendida? Anais do XXI Evento anual da Compós, Juiz de Fora, 2012.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura. Notas parar uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

. A utopia urbana: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

VILLA, Fernando Gil. *Individualismo y cultura moral*. Madrid: Siglo veinteuno de España Editores, 2001.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Martin Claret, 2009.

WOODSTOCK, Louise. All about me, I mean, you: the trouble with narrative authority in self-help literature. *The communication review*, v. 9, p. 321-346, 2006.

ZIMMERMAN, Toni Schindler *et al.* A decade of advice for women and men in the best-selling self-help literature. *Family Relations*, v. 50, no. 2, p. 122-133, 2001.